

JEFFERSON RAFAEL DA FONSECA

NOSSA SENHORA DO ATERRO.
FLORIANÓPOLIS A PARTIR DAS
CRÔNICAS LIGEIRAS DE
BETO STODIECK
(1971-1980)

Trabalho apresentado ao curso de Pós-Graduação
em História da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre

Orientadora: Profª Drª Sandra J. Pesavento

Porto Alegre
2008

AGRADECIMENTO

Quero aqui agradecer o apoio e a confiança de um grande número de pessoas, sem as quais certamente me faltaria ânimo e energia para colocar a última pedra. Por isso, quero compartilhar com todos os méritos desta dissertação. Quanto aos erros, falhas e problemas, só a mim pertencem.

Começo agradecendo ao Prof^o Reinaldo Lohn, que fez a primeira ponte para que o projeto desta pesquisa fosse apresentado a Prof^a Sandra Pesavento. Da primeira conversa com a, então, futura orientadora, vieram a confiança e a força que possibilitaram o sucesso na seleção do mestrado. Assim, felizmente tive a felicidade de ser orientado por uma das melhores historiadoras do Brasil, pela qual minha admiração só fez crescer no período em que trabalhamos juntos. Por isso fica aqui meu sincero e carinhoso agradecimento pela orientação, pela paciência e pela parceria diante de algumas pedras (colocadas) no caminho.

Aos amigos e parceiros Bruno e Cláudia; à Alessandra pelo carinho com que me recebeu em sua casa nas primeiras semanas de aula e pela amizade que cultivamos depois disso. Ao pessoal do famigerado “Mocoção” e a toda turma do mestrado. Ainda, um agradecimento especial ao Osvaldo pela conversa, pelo apoio e pelo carinho com que me recebeu na sua casa.

De volta à Ilha, agradeço aos funcionários da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, Setor Santa Catarina, que mesmo diante da falta de recursos e das condições necessárias de acondicionamento, higienização e conservação mantêm uma das melhores hemerotecas do país.

Aos meus pais, que mais uma vez fizeram tudo o que podiam pela minha formação, e à minha sogra pelo apoio sempre presente.

Finalmente, agradeço à Mariana e Luiza, luzes da minha existência e colunas do meu templo interior. E a Deus, razão e sentido da vida, Senhor da História.

Poema I. Do Tempo

O dia desdobrado
em natureza viva
sobre a tolha bordada
do acaso.

O dia cotidiano
entre as horas
e as frutas na mesa.

O dia-a-dia
devorado na incoseqüência temporal,
entre mel silvestre
e o pão da casa, a louça herdada
e o talher de sempre,
entre a palavra, o gesto
de servir o prato
e o trocado olhar sobre a mesa
madurando a infância vegetal.

O dia abre a boca,
verde trevo
entre os dentes.

O dia
entre as cercas vivas,
entre a ponte
mastiga o poente.

O dia abre a porta.
Porto de partir e repartir.
Dentro e fora,
é espera
e novelo.

(Lindolf Bell, 1978)¹

¹ BELL, Lindolf. In: JAMUNDA, Theobaldo (org.). **Contos e Poemas**: vencedores dos prêmios Virgílio Várzea – contos – 1978 e Luiz Delfino – poesias – 1978. Florianópolis : Fundação Catarinense de Cultura, 1980. p.98.

RESUMO

Temos aqui um estudo de caso onde se exercita, dentro do partido teórico-metodológico da história cultural do urbano, a aplicação do conceito ‘trajetória social’ aos estudos históricos, Visa estabelecer as condições que possibilitaram ao jornalista Beto Stodieck assumir a condição de porta-voz de uma parcela dos jovens da elite florianopolitana, cuja posição apoiava-se principalmente no capital cultural e social – acesso à educação, à cultura erudita e nas redes de relações sociais – herdados de família. Centrando a atenção num indivíduo e na formação do seu ‘*ponto de vista*’ - entendido como o universo das posições no interior do qual o agente estava situado e onde se definiu sua ação – o registro das transformações morfológicas e culturais, conforme foram registradas nas crônicas diárias, ajudou a buscar a cidade real através das representações formuladas por Beto Stodieck. A análise dos escritos e das práticas sociais ali retratadas apontou que o alcance da coluna social desse jornalista, tratada aqui como um conjunto de *crônicas sociais ligeiras*, foi resultado de três características fundamentais: o estilo do escritor; a capilaridade e importância social do veículo (principalmente o jornal *O Estado*); e a multiplicidade de temas ligados ao cotidiano de leitores das mais diversas posições sociais.

Palavras-chave: trajetória social; crônica; colunismo social; Florianópolis; anos setenta.

RESUME

This work presents a study of case, within the party theoretical and methodological of the urban cultural history, in which applies of the concept 'social trajectory' to historical studies; seeking to identify the conditions that allowed the journalist Beto Stodieck become the spokesperson of a portion of the young elite of Florianópolis, whose position was supported mainly in the cultural and social capital – access to education, to erudite culture and networks of relationships social - inherited the family. Focusing on a individual and the making of their 'point of view' - understood as the universe of positions within which the agent was located and defined his action – the record of morphological and cultural transformations, as were registered in chronic daily, helped to understand the real city, through the representations made by Beto Stodieck. The analysis of the writings and social practices there portrayed, pointed out that the reach of the social columns of the journalist, treated here as a set of '*slight social-chronicles*', was the result of three basic features: the style of the writer, the capillary and social importance of vehicle (mainly the newspaper *O Estado*), and the multiplicity of themes related to the daily lives of readers within different social positions.

Keywords: social trajectory; chronicles; gossip columns; Florianopolis; seventies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. "Panorama de Florianópolis" - 1975 (Pintura de Martinho de Haro).....	36
Figura 2 - Kioski.....	49
Figura 3 – Promoções do Studio A/2.....	67
Figura 4 – A explosão da cidade.....	69
Figura 5 - Sanitário Público.....	80
Figura 6 – Felipe Schmidt.....	84
Figura 7 – As Frenéticas.....	104
Figura 8 - Dizzy.....	104
Figura 9 - Fever.....	107
Figura 10 – Beto Stodieck.....	139
Figura 11 – Beto Stodieck.....	139
Figura 12 – Retrato da crise.....	146

SUMÁRIO

Introdução	8
A cidade dia-a-dia: Florianópolis nas Colunas do Beto.	25
1. Colunismo como gênero literário: as crônicas ligeiras.	27
<i>Onde inserir Beto Stodieck?</i>	29
1971-1976 Metamorfose	35
1. A cidade (re)sentida.	35
<i>Crisálida</i>	36
<i>“Cadê assunto?”</i>	39
2. Começa o “boooooom florianopolitano”	46
<i>“O quiosque: esse mundo de transas dentro de Florianópolis”</i>	49
<i>“Sorry periferia, como dizem uns e outros”: As promoções da coluna</i>	57
<i>“Fofice é estado”: as fofas do Beto.</i>	60
<i>“Studio A/2, a transa total que Florianópolis há muito esperava”</i>	64
3. Explosão.	69
<i>“Eu, modestia parte, sou um progresso”</i>	71
<i>“Que mania de destruição!”</i>	77
4. Felipe Schmidt, Felipe, “Felipa”: a rua-personagem de Beto Stodieck.	84
<i>Da rua ao calçadão</i>	88
<i>Invasão</i>	92
<i>“Já não conheço mais ninguém!”</i>	96
1976-1981 Novidade	102
1. “Dançantes Dias”	103
<i>“Os assaltos nossos de cada dia”</i>	107
2. “Xenofobia só porque tu queres, ô”	111
<i>“eletrosuís” e outros “de fora”</i>	116
<i>Invasão argentina</i>	120
3. “À sombra do brilho”.	124
<i>“Censura livre? Só nas sessões da tarde do cine Cecomtur...”</i>	136
<i>A crise não borbulha em champã</i>	144
<i>Homenagem do “crioulo doído”</i>	150
Considerações finais	156
Referências	162

INTRODUÇÃO

Na década de noventa do século passado, o discurso xenófobo que permeia as relações entre antigos e novos moradores de Florianópolis, foi amplificado devido seu uso como ferramenta publicitária eleitoral. Logo no início da década, em 1992, o gaúcho Sérgio Grandó foi eleito prefeito da cidade levando a Frente Popular – composta de maneira semelhante à frente que na época administrava a prefeitura de Porto Alegre – pela primeira vez ao paço municipal A oposição, percebendo essa característica, resolveu utilizá-la a seu favor apostando no potencial de aglutinação do localismo para reforçar seu arsenal nas eleições seguintes. Em 1996, a propaganda oposicionista destacava o fato de que uma parte expressiva dos membros da administração não era de Florianópolis e assim, concluía, a cidade estaria entregue aos “estrangeiros”. Com a vitória dessa oposição, os derrotados creditaram o fracasso à polarização entre os “nativos” e os “de fora”, incentivada pelo marketing político. Não há comprovação empírica dessa influência decisiva. Ainda assim, o ressentimento rendeu livros militantes onde se avaliava como e porque a cidade se dividiu de tal forma.

A assimilação política do conflito influenciou também pesquisas acadêmicas. Como exemplo: comparando dois trabalhos de destaque, um em cada década, nota-se que – além do abandono do rigor metodológico em proveito de uma militância mal dissimulada – o foco migrou das relações culturais, isto é, a luta entre diferentes representações do mundo, para as divisões políticas e entre estratos de classe. O trabalho de Maria Bernadete Ramos, sobre a prática da “Farra do Boi”, analisa o embate entre uma expressão da tradição local e as novas sensibilidades exigidas pela cidade que crescia. A autora nos leva a ver como diferentes representações da realidade podem dar origem a conflitos de grande dimensão e é um exemplo das preocupações dos anos 80 com as relações entre culturas diversas numa sociedade cada vez mais complexa.²

O outro exemplo do interesse da academia nas disputas políticas que marcaram as últimas décadas na capital catarinense é o livro “Cidade Dividida”³, resultado de tese de doutorado defendida no departamento de Antropologia Social da Universidade de São Paulo (USP), em setembro de 1999. Nele, Márcia Fantin analisa as contradições vividas na cidade nos anos 70, 80 e

² RAMOS, Maria Bernadete. **Teatros da vida, cenários da História**: A farra do Boi e outras festas na Ilha de Santa Catarina. Tese (Doutorado em História) – PUCSP, São Paulo, 1991.

³ FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida**: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis. Florianópolis : Cidade Futura, 2000.

90 do século passado, concluindo que os principais conflitos políticos e simbólicos na cidade desse período ocorreram em função da incapacidade dos habitantes de resolver a disputa entre duas fortes “culturas”: a dos “nativos” e a dos “estrangeiros” – que representam os novos moradores, provenientes de Estados, como o Rio Grande do Sul, e de países vizinhos, como Argentina e Uruguai. A isso soma a reutilização feita pelas elites locais do termo “manezinho”, que, em sua opinião, ganhou uma roupagem “mais conservadora” a fim de compor a estratégia eleitoral desse grupo.

A autora optou por analisar espaços onde os conflitos fossem mais evidentes. Identificou esses locais como sendo: na relação entre nativos e estrangeiros; dada na “experiência urbana” de cada um, nas festas, nos impasses em torno de grandes empreendimentos turísticos; no processo de resignificação simbólica da palavra ‘*manezinho*’, antes tida como chacota e termo pejorativo e depois positivada; e, finalmente, no espaço político institucional, com a construção do discurso de xenofobia, refletindo o provincianismo e o cosmopolitismo. A partir destas várias “janelas”, montou o cenário para demonstrar que a divisão entre nativos e estrangeiros, entre os “de fora” e os “do contra”, seria uma constante nos discursos da cidade.

Mas não era apenas na política e na academia que o assunto estava em pauta e mudava seu enfoque. Para qualquer pessoa interessada na questão urbana seria impossível passar ao largo de tais discussões. Não tanto pela circulação de livros tratando do assunto, mas porque a preocupação com o crescimento desordenado, a explosão do turismo, a publicidade que a cidade ganhava na imprensa nacional, eram questões prementes que tomavam conta das conversas nas ruas, nas escolas, nos bares...

Esse era o “clima” quando escolhi o tema da pesquisa que resultou na monografia apresentada na conclusão de minha graduação na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.⁴ Minhas questões, incidiam na influência das lutas de representação sobre a cidade na formulação dos seus três Planos Diretores e ainda no papel do Instituto de Planejamento Urbano, voz autorizada que se sobrepunha aos debates políticos. Como resultado, constatei que o projeto do atual Plano Diretor pouco mudou desde a primeira formulação em 1984 até sua aprovação em 1996; não importando o grupo que estivesse no comando da Prefeitura. A conclusão conseqüente foi que, no caso específico do planejamento oficial da cidade, não seria válida a rígida divisão, apresentada por Márcia Fantin, entre “nativos” e “de fora”, defensores de

⁴ FONSECA, Jefferson Rafael da. **“Longe demais das capitais”**: a tempestade do progresso em Florianópolis, S.C. Monografia (bacharelado em História) – FAED, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

visões diferentes e excludentes sobre a cidade – a “grande” contra a “média”. Os resultados indicaram que os discursos dos diversos segmentos sociais se unificavam na idéia de superação do atraso e do provincianismo de Florianópolis, incorporada no Plano Diretor de 1996. Portanto esta representação social seria uma das mais fortes na capital catarinense, moldando as demais visões sobre o urbano.

No decorrer daquela pesquisa, encontrei Beto Stodieck no livro escrito por suas duas antigas parceiras, Bea Porto e Fernanda Lago. “É tudo mentira: a história segundo Beto Stodieck” é o título pretensioso, porém desafiador, do livro que me despertou a curiosidade e o interesse. A partir daí, comecei a ler as notícias da vida fútil com outros olhos.

Referenciais teóricos

Em passagem muito conhecida do seu “O grande massacre dos gatos”, Robert Darton afirma que: “Analisando o documento onde ele é mais opaco, talvez se consiga descobrir um sistema de significados estranhos, o fio que pode conduzir a uma maravilhosa visão de mundo”.⁵ Qualquer um que se proponha a trazer à tona o passado, entrando nas representações do mundo que os homens de outras épocas elaboraram a partir de suas experiências sensíveis, vê num elo de significação perdido – “um provérbio, uma piada, um ritual ou um poema” não compreendido – uma janela e um desafio para sua empreitada. O mesmo deve ocorrer quando os sentidos pretéritos nos são demasiadamente claros.

Isso porque duas atitudes mentais devem colocar atento o investigador quando diante do passado: o estranhamento e a absoluta afinidade. Como a opacidade hermenêutica de um documento, que pode ser a porta para um mundo de significados escondidos no passado, da mesma forma é de se estranhar que atitudes e pensamentos de personagens imersos em contextos tão distantes nos pareçam naturais. Nos dois casos há um mal-entendido flagrante.

Para o fato ocorrido num passado recente, o risco de naturalização de atitudes e significados é maior do que o de estranhamento. Por isso, ao tratar destes tempos o investigador deve problematizar mais intensamente sua posição diante do objeto, historicizar seu olhar e considerar seus próprios preconceitos como variáveis da pesquisa. Tal atitude ajuda a diminuir a possibilidade de entendimento perturbado.

Logo, é posto o desafio de construir o espaço dos possíveis, do passado e do presente,

⁵ DARTON, Robert. **O grande massacre dos gatos**. Rio de Janeiro : Graal, 1986. p. XV.

levando em conta o quanto seu próprio ponto de vista é diretamente influenciado pelos acontecimentos que se pretende investigar. Superá-lo incrementa a possibilidade da correta interpretação de uma mensagem que apenas aparentemente é clara. Sem esquecer ainda que, mesmo remontando o ponto de vista do agente investigado, é impossível reviver uma situação plenamente, haja vista a existência de elos irrecuperáveis – formas sensíveis que só uma arqueologia hermenêutica poderia resgatar, com sucesso nem sempre garantido.

A presente pesquisa trata da história recente de Florianópolis, capital de Santa Catarina; aborda um período que dista pouco mais de um quarto de século do tempo atual e cujos reflexos ainda estão presentes no imaginário dos moradores da cidade. O recorte temporal foi delimitado entre os anos 1971 e 1980. Ou seja, o foco está centrado na década de 70 do século passado, momento em que a cidade passou por um surto de metropolização, ganhando muito do aspecto físico que possui hoje e delimitando espaços de conflitos simbólicos até então inexistentes. Por isso, na escolha do modelo teórico necessário para abordar o período, as preocupações levantadas acima foram levadas em conta.

As representações, produzidas pelo contato de uma inteligência sensível com a realidade material, assumem formas que possibilitam seu compartilhamento entre os seres humanos. Tais formas, representações de um conteúdo mental, podem ser sons, imagens, palavras, ações, fórmulas... ; estudá-las permite atingir o elemento gerador, ou seja, o modo de apreensão da realidade, que antecede a racionalização da experiência. As sensibilidades, à medida que são socialmente condicionadas e podem ser compartilhadas por contemporâneos, constituem este elemento determinante na introjeção de estilos de vida e visões de mundo – não obstante sua manifestação em escala individual. Conforme indica Sandra Pesavento:

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, idéias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos através da sua inserção no mundo social, na sua relação com o outro.⁶

Portanto, a experiência pessoal é a escala ideal para tentar compreender as motivações que geraram, em determinado momento do passado, ações sociais – que também podem ser entendidas como expressão das representações da realidade criadas pelos agentes. Alcançar tal nível de compreensão é algo complicado, o que justifica um grande número de mal-entendidos.

⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Sensibilidades: escrita e leitura da alma”. In: PESAVENTO, S. e LANGUE, Frédérique. **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre : Ed. Da UFRGS, 2007. p. 14.

Diante do quebra-cabeça multidimensional que é o passado, é mais fácil remontar um cenário do que o rosto e a fala do ator. Felizmente, o historiador – nisso lembra colunistas sociais – prefere falar da vida alheia e não apenas de cenários. Mas, levando em conta que todos têm vidas que merecem ser contadas, nesta “fofoca científica” importa que as personagens, além de interessantes, sejam relevantes para responder questões que o presente coloca ao passado. Assim, nos parágrafos seguintes, procurar-se-á deixar claro: como determinada trajetória social será pesquisada; por que merece ser alvo de investigação e por que é representativa do seu entorno social.

Esta pesquisa é um estudo de caso onde se exercita, dentro do partido teórico-metodológico da história cultural do urbano, a aplicação do conceito ‘trajetória social’ aos estudos históricos. Este conceito é tomado das reflexões de Pierre Bourdieu, no seu conhecido texto sobre biografia⁷, aqui usado como ferramenta. A proposta consiste em destacar do conjunto de posições ocupada por determinado agente no percurso de sua vida, os estágios no qual sua ação no espaço social contribua na visualização das demais posições deste espaço. Outros elementos de sua trajetória serão considerados somente à medida que sirvam para elucidar tomadas de posição e a formação do seu ponto de vista.

Nosso marco teórico, uma história cultural do urbano, consiste em buscar a cidade real através de suas representações, conforme a síntese de Sandra Pesavento. Neste caso, a tarefa do historiador é “captar a pluralidade dos sentidos e resgatar a construção de significados que preside o que se chamaria ‘representação do mundo’”.⁸ Metodologicamente, essa postura nos impele a cruzar “dados objetivos – obras, traços, sinais ou ‘cacos’ da passeidade que nos chegam, sob a forma de imagens ou discursos, com as possibilidades de leitura que a cidade oferece”.⁹

Dentre outras possibilidades, foi escolhida a trajetória de um jornalista que atuou no principal veículo da imprensa escrita catarinense na década de 1970, o jornal *O Estado*. Personagem que ganha relevo quando se leva em conta o alcance de suas opiniões proporcionalmente ao espaço ocupado por elas no referido veículo: publicava notas numa coluna, que no decorrer de sua existência poucas vezes, somente em ocasiões especiais, ocupou

⁷ “Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações e deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura e da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado.” [BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2000. p.190.]

⁸ PESAVENTO, Sandra J. “Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano”. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV.

⁹ *Ibidem*. p.285.

mais que um terço de página. Assim, cabe acrescentar que o presente estudo parte do princípio e da intenção de contribuir para uma análise mais ampla da possibilidade de utilização do colunismo social como fonte para o estudo de elites locais e difusão de valores que homogeneízam as elites nacionais.

A opção por uma pesquisa focada na ‘trajetória social’ foi definida por não se pretender o garimpo e o encaixe, numa escala meramente cronológica, de eventos da vida do pesquisado. Mais que isso, deseja-se informar o leitor sobre o contexto e o processo de formação do seu ponto de vista no período em tela. Por não se ligar à rígida cronologia – à chamada ilusão biográfica – o conceito permite escolher momentos e papéis destacados e trabalhar com eles de forma isolada. Como diz Chartier, tratando da importância da visão de biografia de Bourdieu para a historiografia:

O importante é a maneira como Bourdieu pensa as trajetórias de vida, porque não escreveu, como os historiadores, biografias, exceto a sua própria, talvez, nos últimos momentos. Pensar a articulação entre trajetória de vida e o conceito de campo ou de espaço social antes dos campos, é fundamental. É a idéia de que o indivíduo que pode produzir uma mudança, é o indivíduo que muda segundo a sua trajetória social, a sua condição, o seu estado, a sua profissão, as suas produções durante toda a vida. [...] Desta maneira, seria a lição principal de Bourdieu: não se pode pensar a vida de um indivíduo sem situá-la, de forma relacional, dentro do espaço global ou no específico no qual se encontra.¹⁰

Seguindo tal contribuição, deseja-se registrar a trajetória de Beto Stodieck como colunista no período que inicia na publicação de sua primeira coluna em solo catarinense e vai até sua demissão do jornal *O Estado*, em 1980, destacando as relações dialógicas entre sua posição social, seu discurso e suas práticas.

Enfim, o objetivo é mapear as motivações das tomadas de posição do colunista nas lutas de representação citadas anteriormente. Cada ação social sendo tratada como índice das representações elaboradas por esse grupo a partir da percepção da realidade. Destarte, tenta-se entender a reação daqueles indivíduos diante das novas situações e como essas representações tomaram forma através de discursos e práticas. Efetua-se para isso um diálogo teórico entre a teoria social hermeneuticamente referenciada de Bourdieu – que serve de arrimo para esta pesquisa – e alguns termos da ‘hermenêutica metodológica’ de Emilio Betti.

Segundo este filósofo italiano, um agente comunica aos outros o conteúdo de sua mente, isto é, o modo pelo qual vivencia e representa a realidade, através de formas representacionais. Essa objetivação é consequência da necessidade fundamental de ser reconhecido e compreendido

¹⁰ CHARTIER, Roger. “Pierre Bourdieu e a história. Debate com José Sérgio Leite Lopes.” In: TOPOI, Rio de Janeiro, mar.2002, p. 174.

por uma comunidade. O objeto da interpretação são essas formas, que podem ser: (1) sensíveis (tátil, visual ou auditiva); (2) recuperadas exclusivamente pela memória; ou (3) puramente inteligíveis (fórmulas, conceitos, etc.), sem suporte material que não seja a escrita ou a tradição oral.

A função representacional participa da vida social, sobretudo pela linguagem, seja por meio de palavras estruturadas em discursos, ou por outras expressões tais como fórmulas, imagens, figuras ou sons. Porém a interpretação não pressupõe necessariamente que o pensamento seja expresso por símbolos com o objetivo explícito de representar. As práticas rotineiras, despidas de tal interesse podem também se tornar objetos de interpretação. O fato de um comportamento não estar direcionado para a função representacional não o impede de ter valor expressivo:

Em particular, há inerente em qualquer forma de atividade prática um valor representacional implícito, ou talvez sintomático, de onde alguém pode inferir, por dedução indireta, um índice para a personalidade atuante, sua maneira de conceber e compreender, que aqui é traída e a qual – para o interprete - é matéria para ser escavada e representada explicitamente, enquanto se reflete sobre ela.¹¹

Conclui-se que o texto escrito e a oralidade são as formas mais difundidas para a comunicação de sentido, sem que, no entanto, estas formas apresentem em relação às práticas vantagens comparativas para a análise do ambiente sócio-cultural do passado. Sendo que o universo social e suas representações, individuais ou coletivas, estão presentes em todas as interações, as práticas podem ser interpretadas como uma linguagem particular e privilegiada de comunicação entre os seres humanos.

Assim, um comportamento se revela índice da concepção de mundo e dos valores dos quais o indivíduo está objetivamente imbuído. Em termos metodológicos, a dedução de um conteúdo mental a partir de uma ação social seria inviável no caso de atos isolados das circunstâncias, do contexto, dos antecedentes e das conseqüências de sua efetuação. A corrente de entendimento, segundo Betti, apenas pode fechar contando com todos estes elos. O interesse do historiador pelo valor representacional implícito nos comportamentos provém do fato de que estes, pela ausência de finalidade representacional consciente, são os mais genuínos e sinceros índices ou sintomas da mentalidade do seu autor.

¹¹ BETTI, Emilio. “The epistemological problem of understanding as an aspect of general problem of knowing”. In: SHAPIRO, Gary. SICA, Alan. **Hermeneutics: question and prospects**. Boston: The Univ. of Massachusetts Press, 1984. p.33. Tradução do autor. [In particular, there inheres in any form of practical activity an implicit, or perhaps symptomatic, representational value, insofar as one can infer from it, by indirect deduction, an index to the personality at work, its manner of conceiving and of understanding, which is betrayed there and which – for the interpreter – it is a matter of digging out and of representing explicitly, while reflecting upon it.]

Na teoria de Bourdieu, as maneiras pelas quais os seres humanos comunicam uns aos outros suas idéias ganham significado apenas quando imersas no seu espaço de produção e recepção. Daí que os dados históricos que nos permitem tornar compreensível uma ação social distante no tempo sejam as formas representacionais e também os dados objetivos como estatísticas, entrevistas, séries... Ambos avaliados conjuntamente, no objetivo de aperfeiçoar a interpretação. Abrindo mão dos dados objetivos cairíamos no puro subjetivismo, abandonando assim a teoria social.

No entanto, é importante ter claro que, mesmo aliadas aos dados objetivos, formas representacionais não possibilitam a recuperação da experiência individual da maneira exata como esta foi apreendida pelo sujeito da ação. Isso implicaria, caso fosse possível, assumir totalmente o papel do agente em questão, ao ponto de confundir-se totalmente com ele, possuindo o mesmo *habitus* e colocando-se no mesmo espaço de ação. Bourdieu e Betti rechaçam a possibilidade de alcançarmos o que Dilthey chamou de “formas superiores de entendimento” – recriar ou reviver – um tipo de empatia que possuiriam por essência todos os seres humanos, o qual possibilitaria compreendermos uns aos outros. De acordo com o enfoque interno/psicológico da proposta de Dilthey – aprofundada, neste ponto específico, pela sociologia fenomenológica de Alfred Schütz – a compreensão completa seria resultado do aprimoramento da capacidade humana de se transpor psicologicamente para o interior da experiência de outrem: “Nas bases dessa empatia ou transposição, ali surge a mais elevada forma de compreensão na qual a totalidade da vida mental é ativada – re-criando ou re-vivendo”.¹²

Bourdieu, por sua vez, nos diz que “[...] não se pode reviver ou fazer reviver o fato vivido dos outros, e não é a simpatia que leva à compreensão verdadeira, é a compreensão verdadeira que leva à simpatia [...]”.¹³ Na hermenêutica de Betti o argumento para a refutação é que o objeto da interpretação nunca é a vontade em si, mas a forma na qual ela é expressa e realizada. Uma interpretação puramente empática, de maneira psicológica, não prescindiria de formas representacionais, o que seria um absurdo lógico.¹⁴

A reatualização seria possível mediante a reconstrução de todo o contexto social e das

¹² DILTHEY, Wilhelm. “Awareness, Reality: Time”, “The Understanding of other persons and their life-expressions”. In: MULLER-WOLLMER, Kurt (org). **The Hermeneutics Reader**. New York: Continuum, 1988. [“On the basis of this empathy or transposition there arises the highest form of understanding in which the totality of mental life is active – re-creating or re-living”]. Tradução do autor.

¹³ BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p.338.

¹⁴ BETTI, *op. cit.*, p. 34.

condições de entendimento individual. Mas essa reatualização não pode corresponder totalmente à experiência. Isso é impraticável, pois o leitor/pesquisador, mesmo diante de todas as informações não pode se desvencilhar de seus preconceitos a não ser reconhecendo-os e procurando a compreensão fora deste quadro.

“A des-historicização mais ou menos determinada pela ignorância ativa ou passiva do contexto histórico associa-se a atualização sempre mais ou menos anacrônica que, salvo esforço especial, toda leitura opera inconscientemente apenas pelo fato de relacionar os textos aos espaços dos possíveis do momento e à problemática filosófica inscrita nesse espaço (...) Em suma, ali onde a compreensão histórica historiciza, relativiza, a compreensão ‘autêntica’ apreende uma verdade arrancada ao tempo no e pelo ato destemporalizante de compreensão”.¹⁵

Em suma, é impossível viver a vida dos outros, mas é possível tornar compreensível a ação social, por meio das ciências humanas.

Colunismo e Espaço Social

O colunista social é um agente especial nas lutas de representação. Tem a capacidade de visualizar o campo de forças existente na construção do espaço urbano e do mercado de bens simbólicos aí constituído e possui um discurso legitimado pela posição social que ocupa, podendo atuar através de suas atividades, principalmente no campo cultural, não apenas num trabalho de descrição do existente, mas também na prescrição do porvir e na criação de novas representações do mundo social.¹⁶ Portanto, não é à toa que Beto Stodieck é uma das personagens marcantes de Florianópolis na segunda metade do século 20.

Filho de família que circulava entre os detentores do poder local, o jornalista Beto Stodieck¹⁷ escreveu, durante as décadas de setenta e oitenta, nos jornais catarinenses *O Estado* e *Jornal de Santa Catarina*, a coluna *Beto Stodieck*, que influenciou toda uma geração de florianopolitanos. Cacau Menezes, um conhecido colunista catarinense da atualidade, dá um exemplo dessa influência: “Beto não era apenas um colunista. Era o guru da Ilha. Influenciava seu séqüito a ser ousado nas roupas e no comportamento. Odiava caretas. Ninguém teve maior importância na quebra de preconceitos como esse cara, gordinho e careca, porém bonito e muito,

¹⁵ BOURDIEU, *op. cit.*, p.343.

¹⁶ Bourdieu nos diz que a eficácia de um discurso extrapola a necessidade de compreensão do que é dito. É preciso que, mais que isto, o receptor reconheça a legitimidade que o emissor de um discurso precisa ter para o proferir. [BOURDIEU, Pierre. “A linguagem autorizada” In: **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: USP, 1996 . p. 89.]

¹⁷ Sérgio Roberto Leite Stodieck, filho de Henrique Stodieck e Maria da Graça Leite Stodieck, cursou direito no Rio de Janeiro no final da década de 60, iniciando na “cidade maravilhosa” sua carreira jornalística. Com 25 anos, estreou a coluna em solo catarinense na página 2 do jornal *O Estado*, no dia 11/07/1971. Morreu no dia 06/08/1990.

mas muito inteligente e perspicaz”.¹⁸

Ao ler suas notas, o olhar num primeiro instante pode repousar na superfície de uma aparente contradição. Se por um lado Beto era defensor da modernização dos costumes, combatendo o que identificava como o provincianismo e a mentalidade conservadora de Florianópolis, por outro desvanecia esse ideal cosmopolita em palavras de xenofobia e na defesa da manutenção da cidade pequena que conheceu quando criança. Assim, o desejo de que a cidade ganhasse nova cara contrastava com o combate à destruição do patrimônio histórico, haja vista que sua coluna foi um dos principais veículos de defesa da preservação da arquitetura e da paisagem da região central de Florianópolis na década de 1970. Era como se Stodieck tentasse mostrar para a geração que o elegeu como um dos expoentes que o provincianismo da cidade não estava em suas construções físicas, mas em estruturas simbólicas que regulam o dia-a-dia das pessoas.

As permanentes críticas aos “estrangeiros” mostram a resistência da população local não apenas à invasão cultural, mas à série de mudanças nos hábitos da cidade. Para Beto esse tipo de mudança supostamente prejudicava os antigos habitantes ou, pior, colocava-os em posição de inferioridade, chegando ao ponto em que o grande problema era a participação dos novos moradores na decisão dos rumos da cidade: “A coluna simplesmente não agüenta mais esses “estrangeiros” que aqui chegam e querem cheirar nossa água (como exemplo mais à boca) – que é para sacar se é bebível... Tomara que esteja envenenada”¹⁹; “[...] E o colunista não tem nada contra gaúcho não (esse povo valoroso etecétera e tal) – tem é contra aqueles blefes que pra cá vêm (independente donde), ditar normas conforme muitos adoram e se enroscam [...]”²⁰

Assim, Beto entrava em confronto com uma parcela da elite local – e o seu projeto de cidade baseado na exploração do mercado imobiliário – e com “os de fora”, que queriam, nas palavras do autor, dar ordens aos “catarinás”. Contudo, sua resistência tem uma característica que não permite colocá-la dentro do mesmo movimento que criou uma identidade para o ilhéu: o ‘manezinho da ilha’. Em uma coluna de 1988 – cujo título, “Mané é quem é”, diz tudo – Stodieck escreveu que o verdadeiro manezinho da Ilha, “quando assim chamado, responde furioso, xingando a mãe do interlocutor. O restante é falso charme”. Essa postura *sui generis* mostra que a luta pela cidade e sua identidade nas décadas de setenta e oitenta não pode ser reduzida à

¹⁸ MENEZES, Cacau. “Beto Stodieck foi um dos homens da minha vida”. Disponível em <<http://www.marcocezar.com.br>>. Acesso em: 27 jul. 2003.

¹⁹ STODIECK, Beto. **JSC**, 23 jun. 1987.

²⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 22 jun. 1988.

dicotomia entre os que queriam uma cidade grande e os que queriam uma cidade média, cada qual com seus interesses e grupos de pressão.

Os indivíduos não são naturalmente coerentes. Assim, não é anormal a um jornalista – um ‘leitor especial da cidade’, conforme a definição de Sandra Pesavento²¹ – expressar a confusão que atingiria os habitantes diante da grande velocidade das transformações. Mas também é certo que, por ser lugar da ação dos seres humanos, a cidade sempre se transforma. A realidade material e os sujeitos mudam um ao outro o tempo todo. Por isso, não se pode justificar um pelo outro. Neste trabalho, espera-se fugir dessa armadilha que consiste em tentar compreender as atitudes tomadas por determinado indivíduo ou grupo de indivíduos como reflexo de mudanças conjunturais, como se as mudanças ocorressem sem a ação do homem, por obra de um demiurgo inspirado.

Outro erro seria desconsiderar que a aceleração das mudanças no mundo contemporâneo dá às ações aspectos cada vez mais díspares e contraditórios. Na história ocorre variação da velocidade da transformação, a qual influencia a apreensão do universo material pelos indivíduos. Conseqüentemente, as representações da mudança são diversas conforme a época e conforme a mente que a apreende, não constituindo, contudo, base sólida para compreender práticas de agentes coletivos e individuais. Ou seja, a mudança, em si, não serve de motivação já que é o resultado da ação. A percepção da velocidade com que as coisas mudam condiciona a ação social somente no sentido de exigir maior celeridade nas tomadas de posição e maior capacidade de adaptação da parte dos agentes. Condicionar a velocidade da ação, nesse caso, não significa condicionar o seu conteúdo.

Toma-se como exemplo o caso de Beto Stodieck no contexto do processo de metropolização de Florianópolis, no último quartel do século 20. Suas opiniões, aparentemente contraditórias, poderiam ser apresentadas como exemplo do imaginário formado a partir dos múltiplos referenciais de modernidade que chegavam à cidade. Essa explicação nos parece insuficiente e superficial, principalmente por ser demasiadamente homogeneizadora. Afinal, numa sociedade complexa podemos considerar que toda uma população possa assumir sem conflitos e sem violência, ainda que simbólica, a mesma representação da realidade?

Coloca-se a seguinte questão: poderiam os membros das classes populares, diante de novas oportunidades de emprego, aumento no salário, etc., compartilharem naturalmente com a

²¹ PESAVENTO, Sandra J. “Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano”. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV, 1995. vol. 8, n.16, p.288.

elite local a mesma avaliação negativa sobre essa realidade? Se as mudanças na cidade fossem suficientemente motivadoras de tomadas de posição poderíamos crer que sim. Entretanto, aqui consideramos que as motivações partem de locais diferentes, visto que: “[...] as imagens urbanas têm o seu lado simbólico consensual, imposto e/ou atribuído, mas, paralelamente às assimetrias sociais, a desigual apropriação do solo os distintos posicionamentos políticos podem, por sua vez, colocar outras questões e levar a outros entendimentos”.²² Por isso, seria de se estranhar caso as motivações da xenofobia popular fossem as mesmas de Beto Stodieck e seus colunáveis.

Esta pesquisa iniciou com a hipótese de que a resistência da elite local aos chamados “estrangeiros” poderia ter assumido formas representacionais que, ao circularem por meio da imprensa e de outros mecanismos de dominação simbólica, teriam se incorporado ao imaginário da cidade. Todavia, a realidade se demonstrou, como sempre, mais complexa do que nossos enquadramentos e, no contato com as fontes, ficaram cada vez mais nítidas as diferenças internas da elite local.

Por conta disto, se resolveu centrar a atenção num indivíduo e na formação do seu ‘*ponto de vista*’, aqui entendido como ponto do espaço social a partir do qual se forma uma visão do mundo; isto é, o universo das posições no interior do qual o agente estava situado e onde se definiu o que ele quis fazer. Contudo, seguindo neste aspecto a postura e as restrições de Bourdieu indicadas anteriormente, considera-se que a possibilidade de alcançar e compreender este ponto de vista só é possível “com a condição de reapreender a situação do autor no espaço das posições constitutivas do campo”.²³

Dada a relevância que as notas de Beto Stodieck ganhavam no contexto daquelas décadas, a pesquisa poderia ter se concentrado na análise do conteúdo dessas colunas sociais e no discurso da parcela da sociedade ali retratada. Uma espécie de análise semiológica poderia dar conta dos símbolos de *status* e valor representativos para o público da coluna social. Porém, o colunismo, mais que discurso ou gênero jornalístico, deve ser entendido como uma espécie de *performance*, onde tão importante quanto o texto é a capacidade que o colunista deve possuir de se mostrar à altura de orientar seus colunáveis – criando espaços de visibilidade e instâncias de consagração das práticas, estilos e do modo de vida que promove. Isso é ainda mais certo no caso de um centro-periférico, como Florianópolis na década de 1970 onde, além de servir como um

²² PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002. p. 17.

²³ BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p.113.

planificador do *habitus* de classe da elite nacional, o jornalista necessitava criar assunto para alimentar uma coluna diária.

Nossa pesquisa visa estabelecer as condições que possibilitaram a Beto Stodieck assumir a condição de porta-voz da juventude de uma parcela da elite florianopolitana, cuja posição apoiava-se principalmente no capital cultural e social – acesso à educação, à cultura erudita e nas redes de relações sociais – herdados de família. Essa geração, para se afirmar, criou uma nova matriz de significações – estabelecendo expressões de distinção diferentes daquelas da elite financeira e também das dos seus pais – que tinha na coluna de Beto Stodieck um privilegiado meio de circulação e legitimação. Sendo assim, remontar o espaço desse colunista, cruzando indicadores externos e internos ao seu texto, ajudará a explicar o papel preponderante da sua atuação na cidade, pois conforme aponta Sergio Miceli, em seu pioneiro trabalho sobre cultura de massas no Brasil:

[...] uma série particular de bens simbólicos integram uma determinada classe, reconhecível tanto por indicadores externos capazes de evidenciar a composição do ‘público’ e os demais consumos culturais desse mesmo ‘público’, como pelos indicadores internos capazes de apontar na linguagem total do bem simbólico a matriz de significações por ele atualizadas.²⁴

A hipótese formulada aqui é a de que, naquele momento, a geração supracitada entrou em campo disputando espaço, simultaneamente, com a geração que a antecedeu e com um novo grupo que chegava para ocupar espaços importantes da cidade, com destaque para as repartições públicas recém instaladas em Florianópolis. Com os primeiros ocorria uma típica crise de sucessão entre gerações, onde os mais jovens buscam se afirmar através da apropriação do capital simbólico dos mais antigos e sua adaptação a novas condições. Com os segundos a relação foi diferente. Conforme tentaremos demonstrar, a presença dos “estrangeiros” inflacionava o mercado de bens simbólicos, reduzindo o valor relativo de cada posição no universo social.

Compartilhamos ainda o ímpeto que levou Antônio Dimas a resgatar crônicas de Olavo Bilac, até então sujeitas ao esquecimento: “A simples intenção de trazer à tona um material imerso nas estantes das bibliotecas tem a pretensão de colaborar para um desenho mais nítido de um período e de uma figura que lhe foi central”.²⁵ Nossa personagem está no centro de uma ampla rede de relações e é fundamental para entendê-la. As lutas pela apropriação dos espaços, físicos e simbólicos, no interior desta rede influenciaram as representações da cidade, identidades assumidas por seus moradores, lutas políticas no terreno institucional e a formação da memória

²⁴ MICELI, Sérgio. **A noite da madrinha**. São Paulo : Ed. Perspectiva, 1972. p.24.

²⁵ DIMAS, Antônio. **Bilac, o Jornalista**: Ensaios. São Paulo : EDUSP : Imprensa Oficial do Estado, 2006. p. 32.

coletiva dos grupos envolvidos. O que leva a questões que precisam ficar claras nesta introdução.

A primeira delas diz respeito exatamente à já citada aparente contradição esboçada por Beto. Afinal, conforme pretendemos demonstrar, ambas as posições – xenofobia e cosmopolitismo – partem do mesmo ponto de vista e, se são contraditórias em discurso, têm muito em comum como práticas de afirmação e distinção. A segunda questão recai sobre as estratégias empreendidas pelo grupo de Beto para promover essas práticas. E é a avaliação da aplicação e do funcionamento dessas estratégias que nos ajudará a entender a circulação dessas representações, auxiliando a solucionar uma terceira questão: qual foi o alcance deste discurso?

Como produto cultural, a identidade urbana é resultado de um processo de produção simbólica que faz parte dos conflitos pela definição da realidade. Ainda,

[...] uma formulação identitária da cidade é, fundamentalmente, resposta a perguntas, inquietudes, indagações e desejos. Significa, sobretudo, que a cidade é formulada como problema e é pensada e expressa como discurso e como imagem. A pergunta que se coloca, contudo, é de como, quando e por que o problema da identidade urbana se apresenta.²⁶

Nossa hipótese é de que na década de 1970 as relações existentes entre as diversas identidades dos grupos sociais constituintes da cidade foram desestabilizadas pela entrada em cena de um novo grupo. Então, o coletivo que se colocava como vanguarda do moderno e contraponto ao suposto atraso da cidade foi atingido pela instabilidade provocada pelo processo de metropolização, onde foram abertas brechas para a inversão de valores e a mudança na posição de hegemonia cultural desse grupo. Sobre esses novos personagens da cena ilhoa, destacam-se três pontos que colocavam os “estabelecidos” em situação incômoda.

Em primeiro lugar, boa parte destes novos moradores chegaram em bloco e com os mesmos objetivos. Essa foi o caso dos trabalhadores da Eletrosul, para os quais a sensação de estar na mesma situação evitou que fossem engolidos pelo espaço estruturado e colaborou com a construção de um sentimento de grupo, do tipo “estamos todos no mesmo barco, precisamos nos unir!”. Em segundo lugar, parte dos recém-chegados ocupava posição de destaque no mercado de trabalho da capital e possuía instrução e bagagem cultural que rivalizava ou superava a média da elite local.

O terceiro elemento para o qual chamamos a atenção reforça a característica anterior: muitos dos “estrangeiros” vinham de metrópoles regionais – Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre, principalmente – constantemente mencionadas como modelo de modernidade a ser

²⁶ PESAVENTO. **O Imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre : Ed. da UFRGS, 2002. p. 17.

seguido pela provinciana Florianópolis. Pode-se pensar no efeito desse fato levando em conta que no campo cultural de escala nacional a elite florianopolitana era periférica e assimilava modelos de comportamento, modas e trejeitos dos grandes centros para onde eram enviados seus filhos em busca do diploma de curso superior. De repente, representantes do centro e da periferia da elite cultural brasileira – produtores e consumidores de símbolos de distinção – estavam em contato cotidiano na pequena capital catarinense.

As características dos recém-chegados listadas acima refletiam-se de formas diversas em suas relações com os grupos locais: nos espaços onde poderiam ter mantido relações por afinidade de origem e gosto de classe, existiu certa resistência, que resultou em isolamento, por conta das reações de ambos os lados.²⁷ Com os grupos de menor capital cultural, por sua vez, a relação com os novos habitantes foi mais direta, mediada pela prestação de serviços.

As pessoas deste segundo grupo ocupavam as funções que exigiam menor qualificação. Trabalhavam como empregados nas casas dos “estrangeiros”, vendiam-lhes peixe no Mercado Público e serviam café nas repartições... Muitos eram migrantes das áreas rurais do município que abandonaram seus tradicionais afazeres em busca de melhores oportunidades no serviço público – na época ainda visto como uma boa possibilidade de ascensão social para os estratos economicamente mais baixos – ou no comércio. Portanto, em termos objetivos e puramente econômicos, pode-se afirmar que a presença desses novos personagens em Florianópolis ampliou a oferta de emprego e a renda da população mais pobre, mas causou aumento nos preços de produtos e serviços consumidos pela classe média.

As críticas aos “estrangeiros” – permanentes nas colunas de Stodieck, principalmente na segunda metade da década de 70 – expõem que a resistência da população local não era apenas à invasão cultural, da qual gaúchos e cariocas eram os principais acusados. Uma série de mudanças nos hábitos da cidade e nas relações entre os seus diferentes segmentos acabava supostamente prejudicando antigos habitantes ou, ainda pior, colocando-os numa posição de inferioridade.

No outro lado, recém-chegados estavam em posição vantajosa e independente diante dos grupos populares e da elite local, respectivamente. Os “eletrosuis” – nome dado por Stodieck aos trabalhadores da Eletrosul – inflacionavam o comércio e o setor de serviços da cidade. Com seu nível aquisitivo superior, simultaneamente, prejudicavam a manutenção de alguns símbolos de *status* da classe média de Florianópolis e melhoravam a oferta de emprego aos grupos populares.

²⁷ No caso da ELETROSUL, por exemplo, os funcionários tinham seu próprio clube (Elase), montaram sua própria escola de samba (Consulado) e moravam em bairros específicos, (Carvoeira, Santa Monica, Parque São Jorge).

Como novos habitantes reduziam o valor relativo das competências específicas da elite cultural. Não era apenas o custo de vida que inflacionava, o mercado de bens simbólicos também sentia o impacto dos novos bens circulantes. Outros moradores que aportavam na Ilha expulsavam os moradores de suas terras por meio do poder econômico e da fraude – mecanismos da especulação imobiliária.

Tal processo não ocorreu sem reação dos prejudicados. Bela Feldman-Bianco exemplificou como a chegada de novos personagens na cena urbana fez com que elites locais tenham a necessidade de criar locais de memória, inventar tradições como forma de manter o *status quo* ameaçado pelos forasteiros.²⁸ Situação semelhante parece ter acontecido na capital catarinense.

Neste conflito para delimitar uma fatia do espaço social ocupada pelos dois grupos e obter os lucros em termos de distinção decorrentes dessa posição, compreende-se como a coluna *Beto Stodieck* e outras promoções deste jornalista tornaram-se locais privilegiados de consagração, verdadeiras armas nas lutas simbólicas travadas daí para frente e fontes importantes para a compreensão das conseqüências desse processo.

Ao pesquisar a trajetória de Beto Stodieck, procura-se perceber as estratégias de defesa, afirmação e distinção desempenhadas por jovens oriundos de um estrato específico da elite de Florianópolis diante da chegada dos “estrangeiros”. Como dito anteriormente, a posição desse estrato no espaço social se apoiava majoritariamente no capital cultural e social acumulado por suas famílias. Pretende-se ainda, identificar os locais onde essa elite cultural afirmava sua autonomia, justificava sua posição e articulava redes de sociabilidade.

Enfim, conforme indicado acima, nos parece que o conflito entre identidades instaurado em Florianópolis nesta década não se originou na oposição nativos *versus* estrangeiros. Essa classificação é produto e não produtora dos conflitos simbólicos. O que a leitura das crônicas levou a crer no início da pesquisa foi que dois grupos igualmente recém-chegados disputariam espaço no interior da elite cultural florianopolitana: de um lado, empregados públicos qualificados, vindos de outras cidades e, do outro, neófitos do campo do poder local: os filhos da elite cultural já estabelecida, dos quais Beto foi um dos representantes mais influentes. Sendo assim, a pesquisa poderá colaborar para o entendimento das lutas pela produção, apropriação e circulação de bens simbólicos na capital catarinense durante a década de 1970.

²⁸ FELDMAN-BIANCO, Bela. “História e poder local”. In: ARANTES, Antônio Augusto (org). **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense, CONDEPHAAT, 1984.

O título deste trabalho incorpora a brincadeira feita por Beto Stodieck numa nota em que sugeria a mudança do nome da cidade, em homenagem ao grande benefício que o aterro representaria para a cidade (p. 74). Conforme ficará claro no trabalho, tal sugestão era um meio retórico de, entre a euforia “progressista”, chamar a atenção para a transformação de todo um modo de vida que aquela obra significava. Realmente, após a década de 1970 a cidade surgiria remodelada.

Até os dias atuais, como não poderia deixar de ser, a cidade acumulou mudanças sobre as bases da morfologia e do imaginário urbanos estabelecidos naqueles anos, que tiveram a intensa cobertura do nosso pesquisado. O aterramento continua, conforme previa o colunista. O Saco dos Limões foi aterrado; o do Estreito está em curso. A cidade permanece crescendo e tomando espaço das águas que a ilhavam; das águas do Desterro. Se antes o que a identificava era a relação com o mar, agora, é a visão do Aterro.

Ainda, dentro das limitações do pesquisador, presta-se uma homenagem ao historiador catarinense Osvaldo Rodrigues Cabral e o seu magistral livro “Nossa Senhora do Desterro”. Os dois volumes que compõem a esta obra foram lançados na década que esta pesquisa coloca em tela, por isso, em alguns momentos as fontes nos levaram ainda que indiretamente, a passar os olhos por suas páginas. Contudo, somente na reta final, no momento em que o trabalho empreendido nos últimos anos tomava forma, percebeu-se o pioneirismo do grande historiador catarinense no resgate das pequenas crônicas esquecidas na Biblioteca Pública do Estado. A empatia foi imediata.

“Notícias” e “Memórias” foram os títulos que Osvaldo Cabral deu às partes do seu livro. Nos capítulos a seguir as notícias da cidade – suas fofocas e boatos, eventos sociais e culturais, perseguições políticas e histórias pitorescas – registradas por um talentoso colunista social, são as formas representacionais utilizadas para trazer ao leitor um olhar sobre o passado. Fica aberta a necessidade de registrar a memória dos que viveram aqueles anos de intensas transformações. Mas isso, bem como a análise da produção de Stodieck na década de 1980, fica como um desafio a ser completado em breve.

Então, a partir de agora, entramos, pela pena de Beto Stodieck, na cidade de Florianópolis da década de 70 do século 20.

Não vá se perder por aí!

A CIDADE DIA-A-DIA: FLORIANÓPOLIS NAS COLUNAS DO BETO.

Em cada dia ocultam-se infinitos enredos. Ao olhar distraído, insensível, pouco resta que não a aparente imobilidade cotidiana, vez ou outra rompida pelo extraordinário. Aos atentos, o tesouro da História ao rés-do-chão, onde a própria vida, sempre renovada e pulsante, faz-se personagem. A cidade é palco deste espetáculo, cujo programa se desconhece e a trama não é clara. É preciso encontrar um fio solto nesta meada de representações concorrentes.

Talvez tenhamos conseguido. Sigamos então.

Formaríamos uma imagem superficial da produção de Beto Stodieck se nos limitássemos a tratá-lo como colunista social simplesmente. Evidentemente, não busca tal afirmação diminuir a coluna social como gênero jornalístico-literário, trata-se apenas de marcar a distinção entre o estilo do jornalista catarinense e o “colunismo clássico”, o qual tem como mote o aspecto frívolo da vida do chamado *high society*. Para José Henrique Rollo Gonçalves, na forma clássica,

[...] as colunas recendiam puro glamour e desprezo pelo populacho e até pela classe média. Eles [os colunistas] não escondiam sua adesão ao ideário aristocrático. Muitos compartilhavam intimidades com os colunáveis, confundindo-se com seus objetos de reportagem. Tomavam partido. Defendiam com unhas e dentes o direito da elite ser um espetáculo em si mesmo. E, sobretudo, tinham um enorme e variado poder. Aliás, nutriam uma consciência profunda de sua capacidade de influenciar diferentes meios sociais.²⁹

Este modelo, o clássico, entrou em declínio com a mudança no mercado de bens simbólicos e capital social que envolve as grandes fortunas. Quando a ostentação deixou de ser uma atitude “chic”, passando a ser atribuída aos novos ricos e aos deslumbrados, aquele universo que presenciou o surgimento das grandes estrelas da crônica da vida fútil cessou de se expandir. O decréscimo na oferta daquela forma de glamour ocorreu paralelamente ao decréscimo no interesse dos leitores pelo assunto, não cabendo no âmbito da presente pesquisa determinar o que aconteceu primeiro.

A cobertura da vida mundana não desaparece das colunas, todavia abre-se espaço para que diferentes assuntos ganhem destaque na escrita dos colunistas. Igualmente é preciso lembrar

²⁹ GONÇALVES, J. H. Rollo. “Escavando o chão da futilidade: colunas sociais, fontes para o estudo de elites locais”. In: **Revista de História Regional**. Vol. 4, n.º. 2. Inverno 1999.

que a multiplicidade de assuntos, principalmente o comentário ligeiro sobre comportamento e o cotidiano da cidade, já faziam parte do *métier* daquele que é considerado o pioneiro do colunismo social, exaltado pelos pares e reconhecido pelo público, Ibrahim Sued.

O Turco, alcunha de Sued, iniciou no jornalismo como fotógrafo, logo assumindo o colunismo e impôs ao texto um estilo pessoal e inovador, tendo como uma de suas características a junção entre informações da vida mundana e notícias de política, economia, cultura ou questões internacionais. Alguns jornalistas que permanecem em destaque hoje em dia foram formados diretamente no interior da “escola”. Outros aprenderam indiretamente. Beto está entre estes.

Nos primeiros anos de sua coluna, o modelo Ibrahim Sued parece tê-lo ajudado a vencer o desafio da escrita de uma coluna diária, tantas vezes motivo de lamurias nas suas notas (ver: “*Cadê assunto?*”, p.39). O catarinense classificou o livro *20 anos de Caviar*, de Ibrahim, como “o ABC do colunismo verde-amarelo”; quando terminou a leitura do livro, recomendou: “Para quem se propõe, hoje em dia, escrever coluna diária, é indispensável a leitura do dito”.³⁰ Afirmara ainda, um ano antes, ao noticiar a grande vendagem da obra, que “Ibrahim é o cara mais bem informado do Brasil, sabe coisas do arco da velha – e por isso o admiro. É um tremendo cara de pau, está em todas, vivo-vivíssimo”.³¹ Além disso, expressões criadas pelo carioca eram usadas constantemente nas colunas do Beto – especialmente as famosas expressões “*sorry* periferia” e “de leve”.

Outra influência clara na coluna do Beto vinha do criativo e inovador jornalista que em 1969 inaugurou coluna no *Jornal do Brasil*, Zózimo Barroso do Amaral, também um marco na consolidação do colunismo como gênero particular de jornalismo e da coluna como diário da cidade. Como Beto, Zózimo era um jovem diante de uma grande responsabilidade e ciente do grande poder que dela advinha. Porém a experiência do carioca ao inaugurar seu espaço no JB era maior.

Aos vinte sete anos Zózimo acumulava cinco de jornalismo, tendo sido responsável pela coluna de Carlos Swann no *Jornal O Globo*, quando assumiu seu espaço próprio. No dia da estréia de sua coluna, a capa do JB frisava que Zózimo fazia “questão de esclarecer que não é colunista social e que sob sua assinatura o leitor encontrará noticiário diversificado, voltado para a vida da cidade”.³²

³⁰ STODIECK, Beto. **JSC**, 09 e 10 nov. 1973. “Vinte anos de Caviar: o ABC do colunismo verde-amarelo”.

³¹ STODIECK, Beto. **JSC**, 28 nov. 1972. “A novíssima história brasileira: o livro de Ibrahim Sued, o turco”.

³² *Apud*. RIBEIRO, Belisa. **Jornal do Brasil**, de 16 de nov. de 2001. “O estilo Zózimo de ser”.

Ibrahim Sued, Zózimo e Beto são exemplos, entre outros, da maneira como o colonismo de assuntos diversificados – muito próximas nos conteúdos das crônicas opinativas³³ –, onde assuntos do dia-a-dia da cidade – cultura, política, esporte – com o atrativo das notícias do *grand monde*, criou e tornou famosos e influentes colonistas atentos à cultura urbana, aos boatos, curiosidades da cidade e aos assuntos populares. Ambos os cariocas ganharam estátuas de bronze, de corpo inteiro, em sua cidade.

Esses colonistas escreveram verdadeiros diários urbanos; sem saber, foram a campo e nos trouxeram um pouco do cotidiano vivenciado em suas andanças. Nas colunas de Beto Stodieck, como veremos, encontram-se informações sobre as transformações e problemas na cidade (o semáforo que demora, a rua intransitável, o excesso de multas...), brigas familiares, o clima (se chove, se venta, se dá sol...), a movimentação cultural (lançamento de livros, público nos cinemas, o sucesso ou fracasso de espetáculos...), as opções de lazer, os boatos mais difundidos, e assim por diante.

1. COLUNISMO COMO GÊNERO LITERÁRIO: AS CRÔNICAS LIGEIRAS.

Lauro Jünkes, pesquisador e crítico literário que há mais de vinte anos dedica-se ao estudo da produção literária catarinense, afirmou em artigo publicado no jornal *Ô Catarina*, da Fundação Catarinense de Cultura, que a crônica prosperou em Santa Catarina apenas durante as últimas décadas do século 20, mais precisamente a partir dos anos 60. Tal afirmação é feita após, com muita precisão, o autor ter resumido as características do gênero que, segundo ele, “em sentido literário, comporta dois sentidos: um histórico, outro mais jornalístico”. Sobre esta última acepção, comenta:

A crônica jornalístico-literária é gênero ou forma desenvolvido sobretudo no Brasil, para registrar facetas do cotidiano, com reflexões pessoais. Sem preocupar-se com a estrita verdade dos fatos, resulta mais de uma visão pessoal na captação das sugestões subjetivas, registrando a ressonância espontânea do histórico-social sobre o sentimento do cronista.³⁴

Partindo desta definição, pode-se afirmar, discordando do autor citado, que desde o início da imprensa catarinense existiram cronistas em Florianópolis escrevendo sobre a cidade e o comportamento dos seus habitantes. Além de Horácio Nunes Pires, único cronista do século

³³ DIMAS, Antônio. **Bilac, o Jornalista**: Ensaios. São Paulo : EDUSP : Imprensa Oficial do Estado, 2006. p.40.

³⁴ JÜNKES, Lauro. *A Crônica. Ô Catarina*. Florianópolis, julho e agosto de 2001, nº47. p.03.

XIX citado por Jünkes, em meados do século XIX existiam cronistas exercendo – ao menos, tentando – função civilizadora e disciplinar na Ilha de Santa Catarina e suas adjacências. Nos jornais bi-semanais *O Mensageiro* e *O Argos da Província de Santa Catarina*, jornalistas provenientes da emergente classe média desterrense, destilavam suas reprimendas e conselhos civilizadores aos membros – principalmente às senhoras e senhoritas – da elite local.

Para Itamar Siebert, que versa sobre esses escritores em sua dissertação de mestrado, aquelas crônicas seriam “o sucedâneo burguês para os livros de civilidade do passado absolutista”, ao estilo do que foi demonstrado por Norbert Elias em *O processo civilizador*.³⁵ Por sua vez, Celestino Sachet – em publicação organizada pelo Departamento de Cultura e UDESC no início da década de 1970, na busca por uma “cultura catarinense” – com pesar, enquadra tais crônicas entre as primeiras manifestações da literatura catarinense, dizendo: “Quando Gonçalves Dias iniciava a sua fértil produção literária, os jornais do Destêrro limitavam-se a publicar tertúlias pessoais, polêmicas, intrigas, fofocas (parece que as gostosas fofocas daqui nasceram naquele tempo)”.³⁶

Se os boatos e fofocas, sempre lembrados como parte da identidade florianopolitana, tiveram desde o princípio lugar cativo na imprensa local em divertidas e polêmicas crônicas, com o aparecimento do colunismo social o espaço do diz-que-diz foi consolidado.

O colunismo denominado ‘social’ não aparece antes de 1955 na capital catarinense. Até então existiam espaços para a divulgação de eventos “sociais”, como festas, enterros, viagens ou recepções, porém com notas impessoais, sem assinatura, limitando-se à divulgação. Zury Machado é tido como primeiro colunista social, *stricto sensu*, da imprensa florianopolitana. No final da década de 1950, inovou dando contornos particulares à narrativa da vida frívola da Ilha de Santa Catarina.³⁷ Passaram-se alguns anos até surgir Beto Stodieck trazendo novidades e movimentando o colunismo local.

³⁵ SIEBERT, Itamar. **Um biênio de provações e entusiasmos nas origens do jornalismo catarinense (1855-1856):** entre a polemica política e o processo civilizador. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 1995.

³⁶ SACHET, Celestino. *Fundamentos da literatura catarinense*. In: DEPARTAMENTO DE CULTURA DA SEC. **Fundamentos da Cultura Catarinense**. Rio de Janeiro: Editora Laudes, 1970. p.84.

³⁷ SANT’ANNA, Mara Rúbia. **Aparência e poder:** novas sociabilidade urbanas, em Florianópolis, de 1950 a 1970. Tese (Doutorado em História) – PPGHIST, UFRGS, 2005.

ONDE INSERIR BETO STODIECK?

Seu estilo era totalmente diferente daquilo que o leitor estava acostumado a ler nas seções dos jornais catarinenses dedicadas à vida em sociedade. Ele reintroduziu em Florianópolis o espaço para circulação de boatos e comentários sobre o dia-a-dia da cidade em seus diversos aspectos – econômico, político, cultural, esportivo... Beto registrava as “facetas do cotidiano, com reflexões pessoais”; escrevia, muitas vezes sem “preocupar-se com a estrita verdade dos fatos”, e assim registrou “a ressonância espontânea do histórico-social sobre o sentimento do cronista”. Ou seja, seus textos preenchiem todos os critérios de uma crônica elencados por Lauro Jünkes.

Ainda assim, Beto não foi citado entre os cronistas do fim do século 20 no artigo que abre a edição dedicada à crônica do jornal da Fundação Catarinense de Cultura – sem dúvida, um espaço de consagração no interior do campo artístico literário. Entre os autores da década de 1970, onde a presente dissertação coloca Beto Stodieck, foram nomeados por Jünkes: Nilo Imhof, Lausimar Laus, Marcos Konder Reis, Adolfo Ziguelli, Maura de Senna Pereira, Pedro A. Grisa, Theobaldo Jamundá, Vicente Impaléa Neto, João Rogério Vaz Sepetiba, além de Gustavo Neves e Amaro Seixas Neto. Sendo que, estes dois últimos deixaram suas crônicas registradas no jornal *O Estado*, onde Beto escreveu a maior parte dos anos de atividade em sua coluna.³⁸ Qual seria o motivo da exclusão?

Certamente a classificação genérica de “colunista social” nubla a riqueza literária das pequenas notas diárias, o que talvez tenha levado o estudioso a deixar de lado nosso pesquisado ao publicar sua lista de cronistas catarinenses. Talvez por isso, ciente do certo menosprezo do colunismo como gênero literário, Beto tenha tantas vezes tentado se desvencilhar desse rótulo.

Referindo-se ao ofício de jornalista, não deixava de dizer-se “colunista”. Afinal, efetivamente era numa coluna de jornal que ele escrevia e ser colunista, grosso modo, significa ter um espaço assinado em jornal ou revista, onde o autor pode versar temas variados. Assim, há colunistas para os mais diversos assuntos: política, esporte, crítica cultural, gastronomia, astrologia, música, além dos cronistas e ficcionistas, entre outros. Todos esses temas, evidente, são sociais.

Se o colunismo define o campo e a forma do trabalho de um jornalista, o que faz, então,

³⁸ JÜNKES, Lauro. *A Crônica. Ô Catarina*. Florianópolis, julho e agosto de 2001, n°47. p.04.

de alguns colunistas mais “sociais” que os outros? Nos colunistas clássicos o adjetivo “social” refere-se ao foco nos bastidores da futilidade, do glamour e das fofocas daquilo que Ibrahim chamou de *Café Society*. A sociedade, neste caso, está delimitada: acontecimentos na esfera pública – às vezes privada – da alta sociedade. No colunismo de variedades, praticado por Beto, o leque social é muito mais amplo. O limite é dado pela perspicácia do autor em perceber – ou criar – e comentar o que há de mais interessante no cotidiano. Todos os assuntos lhe são permitidos, nem todos lhe convêm, é claro.

Beto, por sua vez, definia-se como um colunista anti-social – “Se for pra ser social, talvez seja social-fato sociológico e não social-soçaité”³⁹ – e classificava seu espaço de “coluna lítero-social (com todas as variações que a sociedade pode lhe dar)”⁴⁰. O estilo inovador causava algumas confusões, por isso há em diversos momentos de sua obra diária um esforço para explicar a proposta da coluna: “Tenho recebido cartas de pessoas que insistem em definir esta coluna como “coluna de gozação” dentro da seriedade do Jornal de Santa Catarina. [...] não creio que a ironia possa ser confundida com simples gozação”.⁴¹ Chegando a negar totalmente o colunismo social:

Uma das mais colunáveis figuras de Santa Catarina passou e cumprimentou-me “pela excelente coluna social que você está fazendo”. No que eu retruquei: não é coluna, muito menos social. Coluna é pilar cilíndrico que sustenta abóbadas, entablamentos, etcétera, etcétera e tal. E, quanto ao fato de ser ou não social, é das transas mais discutíveis. Social – soçaitchi ou social fato-sociológico? Prefiro a segunda hipótese. De leve e em frente senão a coluna de lá bate na de cá, a de cima cai na de baixo.⁴²

Acreditamos que a presente pesquisa satisfaz, no mínimo, a imagem que Beto tinha do seu ofício. Excetuando algumas colunas que se limitam a informes sobre assuntos que lhes são pertinentes – no formato de notas e breves indicações de fatos, sem narrativa ou autoria explícita –, aqui seus textos são tratados como *crônicas sociais ligeiras*. Este termo, retirado da obra de Sandra Pesavento, define o texto curto no qual o cronista registra e nos fornece “*flashes* do viver em cidade” de uma época, fragmentos do cotidiano que o olhar do historiador transforma em fonte histórica.⁴³

Pesavento fornece também a aceção de crônica aceita nesta dissertação: “narrativa curta,

³⁹ STODIECK, Beto. **JSC**, 24 out. 1972. “Ensinando a quem precisa aprender: não confunda soçaité com fato sociológico”.

⁴⁰ STODIECK, Beto. **JSC**, 22 set. 1973. “Você sabia?”

⁴¹ STODIECK, Beto. **JSC**, 16 maio 1973. “A quem interessar possa”.

⁴² STODIECK, Beto. **OE**, 29 jan. 1975. “Notas que não são notas, são soluços”.

⁴³ PESAVENTO, Sandra. “Crônica: fronteiras da narrativa histórica”. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 8, n. 10, 2004. p.65.

difundida pelos jornais, frente a um mundo transformado pela modernidade urbana e pelos meios de comunicação de massa, tal como se processou na civilização ocidental a partir do século XIX. [...] artigo de consumo diário, rápido e preciso, que se apresenta como produto a ser consumido por um público leitor de jornal”.⁴⁴ Portanto, crônica – na acepção que lhe damos atualmente no Brasil – e coluna social podem ser considerados produtos nacionais fabricados da mesma matéria-prima, o folhetim. Mas, se por um lado, no Brasil, devido à qualidade de seus autores, a crônica foi retirada do rol dos gêneros inferiores e assumiu características antes atribuídas ao ensaio, distanciando-se do sentido original de “registro de acontecimentos diários”, por outro lado o colunismo social de variedades promove um retorno às origens folhetinescas.

Em artigo no qual aborda as características do gênero ensaístico e as particularidades da crônica, Afrânio Coutinho destaca que no Brasil a crônica modificou-se na forma e objetivos, convertendo-se num tipo de ensaio e empurrando o ensaio propriamente dito para o espaço acadêmico ou especulativo.⁴⁵ No mesmo sentido, tratando deste deslocamento, Antônio Candido se refere à crônica salientando sua particularidade nacional, resultado, segundo ele, de uma bem sucedida aclimação:

[...] ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há uns 150 anos. No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu. ⁴⁶ [grifo nosso]

Nos primórdios, antes de habituar-se aos humores, à terra e aos leitores brasileiros, o gênero a que Antônio Cândido se refere era denominado folhetim. Nos pés-de-página dos primeiros jornais brasileiros teve início a metamorfose do *feuilleton* francês em *chrônica* brasileira. Conforme mostra Marlyse Meyer, esta transformação ocorreu primeiramente no país de origem do gênero. Lá, no sentido original, *feuilleton* designava o espaço vazio no rodapé de jornais e revistas, com o objetivo de entretenimento. Aos poucos, aquele espaço foi fatiado em seções de variedades – onde se encontrava de tudo um pouco – e em *roman-feuilleton*, o romance em pedaços, consagrado também no Brasil.⁴⁷

⁴⁴ *Ibidem*, p.63.

⁴⁵ COUTINHO, Afrânio. “Ensaio e Crônica”. In: COUTINHO, A. (org). **A literatura no Brasil**. v.4. Rio de Janeiro : José Olympo; Niterói : UFF, 1986. p.117.

⁴⁶ CANDIDO, Antônio. “A vida ao rés-do-chão”. In: CANDIDO, A. [et al]. **A Crônica** : o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas : Editora do Unicamp; Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 14.

⁴⁷ MEYER, Marlyse. “Voláteis e Versáteis: de Variedade e Folhetins se fez a Chrônica”. In: CANDIDO. *op. cit.*, p. 99.

Então que, importado e “aclimatado”, o folhetim assumiu o nome de crônica, conforme corrobora este outro trecho de Coutinho:

Ao que parece, a transformação operou-se no século XIX, não havendo certeza se em Portugal ou no Brasil. Publicavam então os jornais uma seção, via de regra semanal (daí Machado de Assis ter adotado o pseudônimo de “Dr. Semana para as crônicas de *A Semana*). O uso da palavra para indicar relato e comentário dos fatos em pequena seção de jornais acabou por estender-se à definição da própria seção e do tipo de literatura que nela se produzia. Assim, a “crônica” passou a significar outra coisa: um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e a argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. ‘Crônicas’ são pequenas produções em prosa, com essas características, aparecidas em jornais e revistas. A princípio, no século XIX, chamavam-se as crônicas ‘folhetins’, estampados em geral em rodapés de jornais (*feuilletons* – folhetins).⁴⁸

Em suma, do folhetim derivaram alguns “produtos”. Entre eles as crônicas e os romances de folhetim, que por sua vez foram os precursores das telenovelas diárias. Desse mesmo caule brotou a coluna social. Daí que o gênero seja exclusividade nacional, segundo nos diz Sérgio Miceli em artigo intitulado “A lisonja da elite”, onde rapidamente esquadrinha origens e características desse formato aparentemente típico da nossa imprensa: “registro matreiro, intrometido e idiossincrático do poder, o colonismo social brasileiro não possui pares no mundo”.⁴⁹

Os registros de comportamentos e os relatos da vida fútil, que também tinham seu espaço nos folhetins, transformaram-se num gênero particular do texto de imprensa, batizado “coluna social”, cujo universo retratado Sergio Miceli definiu como “simulacro de corte”, comparando, *mutatis mutandis*, a exposição da vida de uma parcela reduzida da sociedade à situação das cortes absolutistas, com todo seu cotidiano de luxo, banalidade e um pouco de filantropia.

Retomando o dito anteriormente, tal comparação seria perfeitamente válida se aplicada ao colonismo social clássico já que o próprio colonismo passou por transformações e entrou em outras esferas do “social”. Assim, as palavras usadas para a crônica brasileira que antes “de ser crônica propriamente dita foi ‘folhetim’, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias”⁵⁰, poderiam perfeitamente ser aplicadas às colunas de Ibrahim Sued, Zózimo Barroso do Amaral e do nosso pesquisado, Beto Stodieck, por exemplo.

Com um texto, a maioria das vezes, rápido e curto, ligado a acontecimentos efêmeros e de importância prática duvidosa, mas que informam sobre o dia-a-dia nas cidades e no círculo

⁴⁸ COUTINHO, *op. cit.*, p.121.

⁴⁹ MICELI, Sérgio. **Carta Capital**, 28 dez. 2005. “A lisonja da elite”. p.54.

⁵⁰ COUTINHO. *op. cit.*, p.121.

interno dos que ditam a moda e o poder, a coluna social, gênero tipicamente brasileiro, faz jus ao antepassado europeu. Por isso afirma-se aqui que, enquanto modalidade de crônica é a que mais se aproxima – no formato, estrutura e apresentação – do antigo *feuilleton* francês. Especialmente as que retratam o cotidiano e os costumes do urbano, indo além das notícias de casamentos, batizados, recepções das altas rodas da sociedade.

O rodapé virou coluna. Assim, retornando ao sentido original – “folhetinesco” –, permite ao pesquisador tratá-lo como crônica no seu sentido primevo, conforme a definição do Frei Domingos Vieira: “Anais pela ordem dos tempos, por oposição à história em que os fatos são estudados nas suas causas e conseqüências. – Atualmente, nos jornais, parte em que se contam os principais acontecimentos e se reproduzem os boatos numa terra (...)”.⁵¹

Considerando o modelo tradicional de colunismo– dedicado aos “anais” da vida frívola, diário da corte produzido no interior de um mundo de poucos, para o consumo de muitos – desde o princípio o gênero carrega uma função de formação, fiscalização e divulgação dos códigos comportamentais da elite que retrata. Mesmo as colunas que tratam de assuntos da cidade, de política, futebol, cultura, sem se restringir ao dia-a-dia dos “bacanas”, são escritas desde o ponto de vista daqueles que tiveram o espaço para ali estarem, dificilmente fugindo da reprodução da lógica dominante. Isto porque,

As crônicas não são um simples eco da ‘memória coletiva’, mas uma seleção, com cortes, silêncios e ênfases sobre certos sujeitos, lugares e tempos da experiência coletiva que produzem uma imagem do passado, uma explicação sobre a passagem do tempo, as transformações sociais, culturais, econômicas e da paisagem urbana. Uma memória social que está ligada ao lugar social, cultural e temporal de quem fala (escreve) e para quem se fala (escreve).⁵²

Recorrendo à Margarida Neves de Souza, Charles Monteiro diz que a partir das crônicas:

Podem-se problematizar as pontes entre a percepção subjetiva do cronista e a construção social de explicações sobre o tempo presente e sua relação com o passado, no sentido de que o cronista traduziria em sua escrita uma construção social – de seu grupo, de uma camada da sociedade – da percepção do tempo.⁵³

Dessa maneira, a crônica torna-se uma construtora de memória, estando para a cidade como a História está para o país. Tem, portanto, dupla importância: como registro dos valores, dos hábitos, dos “estilos e gostos” das elites locais, conforme citado anteriormente, e como registro cronológico da história da cidade ou do país, no caso das colunas dos grandes centros.

⁵¹ *Apud*, COUTINHO, *op. cit.*, p.121.

⁵² MONTEIRO, Charles. “Histórias e memórias da cidade nas crônicas de Aquiles Porto Alegre (1920-1940)”. In: **História Unisinos**. São Leopoldo. Vol. 8. n° 10. jul/dez. p.85.

⁵³ *Ibidem*, p.83.

Registros que o olhar do historiador transforma em fonte histórica ao procurar respostas às questões colocadas ao passado.⁵⁴

Olhando para Florianópolis na década de 1970 entende-se perfeitamente a expressão de Sandra Pesavento quando se refere aos escritores – entre eles os cronistas – como leitores especiais da cidade e do social, que recolhem e cruzam fragmentos do cotidiano, “formando o que se poderia chamar o referencial de circunstâncias de uma época”:⁵⁵

Assim, passear pelas ruas, prestar atenção ao detalhe, conversar com os variados tipos, recolher os cacos do passado e observar a multiplicidade de gestos do cotidiano se convertem na pressuposição de uma nova reflexão sobre o urbano, revelada pela literatura, ante uma cidade que se transformava de grande urbe em metrópole.⁵⁶

Florianópolis não chegava a tanto. Modestamente, deixava para trás o seu clima “provinciano” para ganhar ares de verdadeira capital. Mas, como as cidades retratadas pela historiadora gaúcha no livro *O Imaginário da Cidade*, que encontraram seus espectadores privilegiados, capazes “de traduzir, em forma literária – romance, crônica ou poesia – um urbano que ‘poderia ter sido’ e que assume um ‘efeito de real’”,⁵⁷ a metamorfose da ilha-capital encontrou em Beto Stodieck um dos seus principais narradores, na forma literária da coluna social. Suas notas, um farto material, são tão importantes para uma visão abrangente⁵⁸ do período quanto o são, para outras cidades, as visões literárias impressas em romances, crônicas ou poesias.

⁵⁴ PESAVENTO, Sandra. “Crônica: fronteiras da narrativa histórica”. In: **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 8, n. 10, 2004. p.62.

⁵⁵ PESAVENTO. **O Imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre : Ed. da UFRGS, 2002. p.53.

⁵⁶ *Ibidem*, p.52.

⁵⁷ *Ibidem*, p.14.

⁵⁸ DIMAS, Antônio. **Bilac, o Jornalista**: Ensaios. São Paulo : EDUSP : Imprensa Oficial do Estado, 2006. p.49.

1971-1976

METAMORFOSE.

A indústria da construção civil permanece em franco progresso na capital, onde novos edifícios são erigidos com a rapidez de Brasília. [...] Os saudosistas não gostam, mas o progresso é inexorável.⁵⁹

1. A CIDADE (RE)SENTIDA.

Chamando para si o olhar, antigas construções, algumas do tempo de Nossa Senhora do Desterro, se distribuem em blocos que têm ao centro o prédio da Alfândega, ladeado à esquerda por um dourado e chamativo Mercado Público e à direita pelo colorido casario. Na parte inferior da obra de Martinho de Haro, “*Panorama de Florianópolis*”, enquanto o mar agitado atira-se contra barreiras que limitam seu avanço, um pequeno barco a motor tenta alcançar o trapiche, temendo a tormenta que se anuncia.

Incrustada nesta faixa de cores vivas, a força mórbida do cinza edifício do IPESC, construído em outra etapa de impulso modernizante de Florianópolis, parece abrir espaço para os gigantes sem cor que se erguem ameaçadores sobre as construções que remontam à antiga cidade. Nesta luta – do mar com a Ilha, do antigo com o novo – os campanários das três igrejas do centro de Florianópolis sobrevivem na paisagem. Vê-se, da esquerda para a direita, a Igreja de São Francisco; atrás do acinzentado e destoante edifício, um pequeno pedaço da Igreja do Rosário; bem ao fundo, no lado direito, uma das torres da Catedral Metropolitana.

Para dominar a capital, grandes prédios surgem desordenados e apáticos. A cor, ausente, remete o observador à falta de senso estético e humano. Quase no centro da obra, um grande andaime mostra que outros gigantes virão.

Mau agouro: como o mar agitado, o céu que escurece e o vento que lança longe a fumaça do barco que chega, aquela armação metálica é sinal de que algo ainda está por vir. Outra tempestade se formava: a cidade continuaria crescendo – “o progresso é inexorável”...

⁵⁹ FLORIANÓPOLIS e o contraste do progresso. **OE**, 01 out. 1971. Capa.



Figura 1. "Panorama de Florianópolis" - 1975 (Pintura de Martinho de Haro)

Enquanto lança a memória em cores sobre a tela, o artista ressent-se do fim daquela paisagem que o inspirava, da cidade que escolheu como musa. Nessa pintura em especial, o idílio das imagens que retomam o passado abre espaço para o infortúnio que o presente lhe apresentava. Os últimos anos da antiga Florianópolis foram os momentos de formação da cidade que hoje existe. A cidade antiga, que absorveu o crescimento vertiginoso da década de 70, não teria mais condições de ir adiante. Precisaria sair do casulo.

CRISÁLIDA

A metamorfose é uma imagem recorrente no trabalho do sociólogo e folclorista Nereu do Vale Pereira sobre a modernização pela qual a cidade passou entre 1950 e 1960. A obra *Desenvolvimento e Modernização (um estudo de modernização em Florianópolis)*, publicada inicialmente em 1974, abordou o processo histórico de crescimento da região central de Florianópolis de forma inovadora para a época em que foi escrita. Acima de ter trazido à baila novas questões, a obra é uma expressão da sensação de instabilidade daqueles anos, traduzida em pesquisa sociológica.

Apresentada para a obtenção do título de Livre Docente em Sociologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), segundo o autor, a pesquisa reflete angústias relativas às mudanças na estrutura da sociedade florianopolitana a partir da metade da década de 60 do

século passado, a qual “parecia sacudir os alicerces de um comodismo histórico e idiossincrático em relação ao desenvolvimento da capital do estado barriga-verde e, particularmente, em relação à pesquisa e aos estudos catarinenses”.⁶⁰ E parte para a indagação: “Como explicar o aparente (ou real?) desenvolvimento de Florianópolis, numa verdadeira explosão de construção civil, quando não surgem atividades econômicas consideradas dinâmicas, especialmente dentro do setor secundário da economia?”⁶¹

Deste ponto se encaminha para a análise, sob um enfoque que o autor considera “totalmente novo”, pois não se fundamenta na relação modernização-industrialização, tradicionalmente utilizada em pesquisas do gênero. A hipótese apresentada é a de que a modernização de capital catarinense teria base no setor terciário da economia, notadamente o comércio e os serviços públicos, responsáveis pelo desenvolvimento econômico.

Apesar de levantar o problema da modernização enquanto experiência e como produção de práticas e sentidos, o autor enfoca o crescimento da estrutura física da cidade relacionada a momentos de prosperidade econômica, baseados no comércio e na ampliação do setor público, tendo como “termômetro” a construção civil. Usando como fontes, pinturas e fotos retratando a cidade, dados estatísticos, jornais e revistas (artigos e anúncios imobiliários) além de questionários formulados e aplicados por ele, o autor identifica quatro surtos de desenvolvimento em Florianópolis intercalados por períodos de estagnação ou depressão e chama nossa atenção para os efeitos na economia de Florianópolis da substituição em larga escala, no escoamento da produção, dos serviços de transporte marítimo pelo rodoviário.

A partir da década de 30, esta mudança levou Florianópolis ao isolamento em relação aos pólos estaduais e nacionais de desenvolvimento econômico provocando um período de estagnação que durou até a década de 60 do século passado. Foi quando, impulsionado pela implantação da UFSC no bairro da Agrônômica, começou, segundo o autor, o último surto de desenvolvimento de Florianópolis até então.

No momento em que realiza a pesquisa, final da década de 60 e princípio da década de 70 do século 20, vivendo em loco o reaquecimento da economia local, o autor identifica elementos que lhe possibilitam falar de uma verdadeira modernização de Florianópolis.

Foi a partir deste marco [os anos de 1961 e 1962] que o “velho” passou a ser contestado. Que se mobilizaram recursos os mais diversos. Que a mentalidade do

⁶⁰ PEREIRA, Nereu do Vale. **Desenvolvimento e Modernização**: um estudo de modernização em Florianópolis. Florianópolis : Lunardelli, 1974. p.10

⁶¹ *Ibidem*.

florianopolitano se abre para novos padrões de comportamento. É neste momento que o processo de modernização se evidencia. A cidade transforma-se numa crisálida. Inicia sua metamorfose.⁶²

O fluxo de pessoas e idéias proporcionado pela implantação das universidades federal e estadual, a verticalização da cidade e a ampliação da área urbana são constatações utilizadas para comprovar a hipótese. O dilema entre a preservação do “velho” e a superação do atraso através de um novo modelo urbano para o centro – verticalizado – é apenas um dos que se apresentava aos moradores. Conforme será visto adiante, como em outras épocas, a mudança exigiu o sacrifício da paisagem da área central, o chamado centro histórico.

Entre 1971 e 1976, o velho centro da cidade perdeu seu contato com o mar, modificando a sociabilidade marítima dos florianopolitanos. A nova ponte, apoiada no aterro, modificou o trânsito na região e possibilitou que a movimentada Rua Felipe Schmidt ganhasse um calçadão. Vários edifícios surgiram, casarões que marcaram época deram lugar a edifícios e centros comerciais. Pouca coisa conseguiu salvar-se. Uma capital, que, segundo a publicidade das construtoras, não tinha o direito de ser apenas patrimônio histórico, erguia-se das areias trazidas à superfície pela draga “Sergipe”.

Algumas pessoas – artistas, jornalistas, intelectuais... – conseguiram captar e expressar essa reviravolta em formas representacionais que nos permitem, hoje, entrar no imaginário urbano daquela época e ir além dos dados frios dos gráficos de crescimento populacional ou das plantas da cidade. Uma dessas pessoas foi o pintor Martinho de Haro, o qual referencia boa parte da sua obra na cidade de Florianópolis, onde passou a morar a partir de 1944.

A paisagem de cidade, o clima, a tranqüilidade e cultura que encantavam o pintor era justamente aquilo que desmoronava nos anos iniciais da década de 1970:

Os antigos e ricos sobradões, dos mais bonitos do Brasil, já não existem mais. Florianópolis era um parque, as residências eram chácaras. O conforto do Homem, a árvore, o jardim, fazem parte da cultura, como a boa alimentação faz parte do requinte do Homem.⁶³

Numa luta por salvar, usando a arte, a memória sensível da cidade-parque, Martinho – no estilo que lhe é particular⁶⁴ – pinta quadros que retratam o casario, as festas, o panorama da

⁶² *Ibidem.* p.77

⁶³ **Jornal do Brasil**, 16 set. 1974.

⁶⁴ O crítico de arte do *Jornal do Brasil*, Walmir Ayala, define o estilo de Martinho no catálogo da exposição individual, montada na Galeria Chica da Silva no Rio de Janeiro, em 1972 [este catálogo, entre outros documentos sobre exposições de Martinho de Haro, encontra-se na biblioteca do Museu de Artes de Santa Catarina]:

Usando a opacidade da tinta, transportou fora do tempo real do registro velhos esboços trinta anos recolhidos, submetendo os croquis às regras da composição, violando os detalhes físicos da paisagem em função de uma emoção sempre, nova e inventiva.

região central vista a partir do mar, o ponto-de-vista daqueles que chegam e saem do trapiche ao lado do Mercado Público, região do antigo porto de Nossa Senhora do Desterro. *Panorama de Florianópolis* é um indício das representações formadas desde a aparente metamorfose da capital catarinense naqueles anos, os quais também presenciaram um jovem estudante de Direito, filho do eminente advogado e professor Henrique Stodieck, converter-se no influente colunista Beto Stodieck, num processo gradual de fixação de estilo, assuntos e linguagem.

“CADE ASSUNTO?”

Quando Beto Stodieck começou a escrever n’O Estado, o diário era repleto de colunistas, que escreviam sobre os mais variados assuntos, cada um em sua área. Em 1971 o jornal contava com diversos colaboradores freqüentes e alguns esporádicos, não sendo exagero afirmar que aí residia sua qualidade. Entre seus colunistas estavam: Maurício Cibulares, Gustavo Neves, Paulo da Costa Ramos, Sérgio Lopes, Gilberto Nahas, Zury Machado, Walter Lange, A. Seixas Netto, Teixeira da Rosa, Mauro Júlio Amorin, Augusto Buechier, Gervásio Luz. Era uma equipe de peso, com textos que transitavam da política à astronomia, da economia ao espiritismo, passando pela filatelia, pelas artes e por problemas cotidianos.

Em julho daquele ano, *O Estado* apresentou à cidade mais um escritor. Num espaço que nitidamente tinha os traços de uma coluna social, o novato dividiu muitas vezes a mesma página do jornal com o já consolidado Zury Machado, colunista por excelência da vida frívola florianopolitana. Provavelmente sentindo a necessidade de um diferencial e certamente influenciado pela leitura das colunas de Zózimo e Ibrahim Sued,⁶⁵ Beto, aos poucos, conquistou seu espaço e criou uma marca muito particular no jornalismo catarinense.

Lendo seus primeiros escritos como colunista, percebe-se que não foi fácil aliar uma idéia

Sua visão técnica não transfigura à maneira dos metafísicos, mas delinea uma atmosfera fora do tempo, uma memória de imagens temprais rarefeitas. O ar ambiente é visto como se através de um vidro antigo, como se a poeira e a separação tivessem manchado de morte a nitidez do tempo perdido.

Sobre esta exposição, Beto escreveu, no dia 11 de outubro de 1972:

As cores de Martinho, as formas das mulatas, sucesso na exposição carioca. A exposição de Martinho de Haro, na Galeria Chica da Silva, no Rio [...]. A paisagem urbana de Florianópolis, revelada através do forte lirismo de Martinho de Haro, levou os cariocas a maior perplexidade. Foi o maior trabalho de promoção estética e, pode-se dizer, até mesmo turística que a nossa cidade já teve na capital do Brasil.

⁶⁵ Em diversas notas percebe-se a leitura freqüente do “Jornal do Brasil” por Beto Stodieck. Algumas notícias do jornal carioca eram reproduzidas em sua coluna. E, por vezes, eram feitas referências diretas ao Zózimo. Ver: STODIECK, Beto. **OE**, 22 jul. 1971. “Desconhece”; 10 set. 1971. “Festival no JB”; 19 set. 1971. “Optantes x Optados”; 16 set. 1971. “Morreu de Branco”; entre outras.

de coluna “sócio-político-cultural” à dificuldade em encontrar o tom ou, talvez, de adaptar a fórmula que dava certo no Rio de Janeiro à pequena Florianópolis. Tanto pior se o público alvo fossem os jovens catarinenses. Para começar, em 1971, a noite florianopolitana deixava a desejar para alguém que tentasse buscar nela notícias cotidianas. Menos pela falta de opções de locais para freqüentar do que pela baixa participação dos florianopolitanos e sua mania de “malhar”, conforme mostram as notas abaixo:

Noite. Quem se queixa da atual vida noturna de Florianópolis deveria ver o que ela era há uns anos atrás. | O negócio era somente para o fim de semana: bate-papo regado a birita em algum botequim ou “footing” pela calçada do palácio – de um lado os mais granfinos, de outro os pretos, empregadas e marinheiros. [...] Depois ganhou uisquerias, os clubes evoluíram – deixaram de ser somente salão de dança – barzinhos e excelentes restaurantes foram montados. E a noite tomou ar de quem está querendo evoluir. Mas isso é um outro papo para amanhã.

Noite II. A noite florianopolitana está querendo evoluir. Ainda existe certos ranços provincianos, é verdade [...]. A noite é sua. Sirva-se e faça dela o que quiser, menos malhar, dizer que não há nada para se fazer [...].

A Noite em crise. Florianópolis é engraçada. A gente está no maior embalo, com mil locais prá curtir, dançar, beber e comer, quando, sem mais nem menos, dá uma de desânimo, desânimo coletivo. As casas noturnas estão vazias, as pessoas sumiram sem deixar vestígio e a noite, triste, sem motivação [...]. Mas essa decadência noturna não há de ser nada. Podem crer. [...] é só chapar o verão. Conclusão: a cidade não está preparada para uma curtição constante.

Sub-Noite. A noite florianopolitana está caminhando para o gênero engraçado. Explico: as pessoas estão querendo fugir do tumultuo, da agitação, da agonia de muita gente reunida. Então, o que fazem? Procuram os interiores dos carros – tem que ter por perto um drive-in ou trolley com comida e birita – ou os bares de beira d’água, com batida, cerveja, comidas do mar e violão (no caso, o bar Lãs Piedras, em Itaguaçu). É o tipo do local “underground” – ou udigrudi – próprios para os freqüentadores da sub-noite. ⁶⁶

Contudo, os problemas da cidade eram prato cheio para um observador atento, incluindo a fraca noite. Os problemas – ou “grilos” na gíria da época – a povoavam de norte a sul, com especial predileção pelo centro, onde a prática instituída e difundida da fofoca, tão criticada pelo colunista, colaborava com a difícil tarefa diária da notícia.

Os principais alvos destas críticas eram a Companhia Telefônica do Estado (COTESC) e a Prefeitura Municipal. Esta, principalmente pelo precário estado de ruas e vias de ligação do centro da cidade com o interior da Ilha; aquela por conta da dificuldade em comunicar-se por telefone em Florianópolis, principalmente nas ligações interurbanas. Em 1971 o DDD ainda não havia chegado à Ilha e os telefones públicos inexistiam. Aliás, causaram comoção quando apareceram, conforme Beto registrou:

⁶⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 22 jul. 1971. “Noite”; 23 jul. 1971. “Noite II”; 05 set. 1971. “Noite em Crise”; 19 out. 1971. “Sub-Noite”.

Muito engraçado a reação do florianopolitano diante de um telefone público. Outro dia, na Farmácia Vitória, notei um bolo de pessoas, admiradíssimas, vendo um cara colocar uma fichinha no telefone e depois discar. Quando falou, houve um ah! de admiração e não aplaudiram por pouco. Todos tinham os olhos molhados de emoção por esse excelente bem público que a Cotesc proporcionou.⁶⁷

No caso de Beto Stodieck é possível ver nesse prelúdio um resumo da obra futura. Suas crônicas desde o início trataram de assuntos variados: problemas da cidade, dicas de cultura e lazer, futebol, eventos. O trânsito caótico, o estado de conservação das ruas, o horário em que o lixo era recolhido, a destruição do casario e mais uma lista infindável de “grilos” eram repassados ao Prefeito, quem quer que fosse, através do jornal. De maneira que é possível perceber desde os primeiros escritos, quando o colunista ainda busca seu espaço no campo jornalístico, o indicativo da personalidade que assumiria nos jornais por onde ele passou desde então.

Contudo, nos primeiros meses da coluna ainda é patente a falta de desenvoltura e o peso da responsabilidade que a coluna diária representa para o jornalista iniciante. Sente-se que o autor tateia as paredes de uma sala escura, os temas se esgotam e o jornalista quer sempre trazer coisas novas, mas não consegue:

Pego na máquina e cadê assunto? A imaginação voa, as notícias não chegam e há preguiça em procurá-las. Falar – dizer ou escrever – sobre o quê? Dar uma de puxar papo e dizer do tempo: que o Seixas [Neto] tem ou não acertado, que o dia está cinza, há ameaça de chuva e o vento é do Sul. | Que não há programa para hoje. Que o filme é ruim ou bom. Escrever sobre o Tritão, Scorpius, Roca ou Escrache: já escrevi. E o que é ou não é boko-moko: já encheu. | Falar que Chacrinha, Cidinha ou Flávio estão no ar? Prá quê? Todo mundo sabe, todo mundo – cada vez mais – vê.

Dizer da vida e da morte. Quem nasceu, morreu, casou ou desquitou. Se o fulano é isto ou aquilo. Fazer fofoca. Querer dizer da desgraça dos outros. Escrever críticas ou elogios. Ou que o elogio já era – nunca. | Querer dizer das coisas e o povo reclamando. Dizer que não tenho compromisso com ninguém e quero liberdade. E que é fogo ficar inventando assunto em cima da máquina. Escrever sobre a verdade, do que precisa ser dito.

Quê mais? Que Florianópolis é uma beleza ou que é a Ilha dos Casos e Ocasos Raros. Ou a Terra de Sol e Mar. Que 42 duas praias nos rodeiam (Eram 43, a do vai-quem-quer já era). | Falar das aulas que começaram e do pampeiro que acabou. Que a vida está cada vez menos vida e que a cidade está zero em notícias. Enfim, dizer da inexistência. Pego na máquina e cadê assunto? ...⁶⁸

Mantendo o estilo da fala direta e quase-confidente, chegava a assumir que a auto-reflexão profissional através do jornal servia de muleta quando faltava notícia:

Mais uma vez a falta de assunto me domina. Não sei o que dizer, estou por fora. Não sei o que escrever. Escrever o que? Que a chuva passou e que o verão está chegando. Que a Fainco inaugurou e que a estrada tudo estraga? Falar da vida e da morte? Ou da Gincana do Doze que foi sucesso[...]. Dizer o que? Reclamar o que? Da falta de notícias? Das pessoas que nada fazem – apenas falam da vida? São fatos corriqueiros

⁶⁷ STODIECK, Beto. **JSC**, 17 ago. 1972.

⁶⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 06 ago. 1971. “Cadê assunto”.

que dão no saco. Dizer das pessoas que se destroem, provocando a tal da hemorragia geral do mundo? Ou da futilidade do dia-a-dia: a fulana é mais bonita e elegante do que a sicrana? Ou escrever sobre concurso de miss – disso ou daquilo – essa história que já era? Que é necessário, mais do que urgente, uma lavagem cerebral [sic] nas pessoas burras – será que têm cérebros? Dizer que é chato fazer isso por que não se faz, ou que não vai a tal lugar por falta de roupa? Abaixo convenções e caretices. Abaixo a chatice. Abaixo a luta pela sobrevivência. Este cotidiano melancólico. Esta burguesia falida e despeitada.

Mas meu Deus, dizer o que? ⁶⁹

Para depois reconhecer que “não deixa de ser uma maneira de encher lingüiça”, no dia seguinte divagava:

Engraçado: as pessoas são instáveis. Não estou dizendo nenhuma novidade. Todos são ou já tiveram seus momentos de instabilidade. Mas o que eu quero dizer é que ontem eu estava triste, com medo (é só ver o meu artigo sobre o Mêdo), na fossa, até. E hoje estou alegre (será?), ao menos mais leve, sem aquelas preocupações de sobrevivência. Isto, creio, é questão de tempo. Tempo metereológico: hoje há sol [...]. E assim, divagando, comecei a minha coluna de hoje. [...] ⁷⁰

Estas notas são exemplos que comprovam o afirmado por Sandra Pesavento quando reafirma a amplitude da capacidade imaginária de reconstrução do mundo que possui a crônica: “até a falta de registros – a terrível falta de assunto – dá margem a uma narrativa sobre o vazio do acontecimento, ou sobre a banalidade da vida, ou ainda sobre o próprio ato da escrita, operando como porta, janela ou soleira para o ingresso em outras dimensões.” ⁷¹ Em nota de mais de um ano depois Beto esclarece que divagar sobre a falta de matéria pode ser, inclusive, um método:

Florianópolis é uma terra terrível para quem é jornalista: não acontece nada – ou quase nada – coisas que a gente possa contar, passar adiante através da coluna. Ou melhor, os lances acontecem, mas são negócios que não se pode sequer [sic] abrir o bico.

Creio que nestes quase um ano e meio de coluna já disse tudo o que tinha pra dizer – reclamar, focar, [...?]. E por isso hoje, cansado, sem qualquer assunto que desperte o interesse do leitor, fico nessa de divagar sobre a falta de notícia. É uma maneira de transformá-la em matéria. A cidade está linda, o céu está o mesmo, o sol mais ainda – felizmente – é domingo, dia de muita barriga pra cima, de continuar curando a ressaca da festa das fofas (notícias about, na terça) e de pensar um pouquinho na vida. ⁷² [grifo *nosso*]

Quanta coisa se pode descobrir nestes escritos “sem assunto”: sobre o clima da cidade, sua cultura urbana ou mesmo sobre o ponto de vista de autor que assim, numa linguagem simples e deixando à mostra suas dificuldades, criou com o leitor a cumplicidade necessária para, pouco a pouco, estabelecer uma boa rede de informantes pelo Estado. Para tanto, diversas vezes teve que clamar pela participação dos leitores, a ponto de dividir com eles a responsabilidade pela notícia:

⁶⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 16 set. 1971. “O que escrever?”

⁷⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 17 set. 1971. “Divagando”.

⁷¹ PESAVENTO, Sandra. “Crônica: fronteiras da narrativa histórica”. In: **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 8, n. 10, 2004. p.65.

⁷² STODIECK, Beto. **JSC**, 15 out. 1972. “Papo de domingo [...] meio furado dizendo as coisas”.

Já está em tempo de dar outras férias aos meus leitores. Qualquer hora dessas me mando para o Rio e São Paulo, em busca de novidades. Acho que a coluna está precisando de coisa nova – remodelação.

Inclusive, às vezes, ela está um pouco vulgar, por fora daquilo que realmente quero dizer. Aliás, terão de concordar comigo que é fogo fazer uma coluna diária. Se ainda houvesse colaboração – dêste ou daquele. Mas qual, poucas pessoas me informam (e não é por falta de pedidos). [...] Chegou a hora de renovar (até parece propaganda política), por isso parto – a renovação tem de ser feita num centro mais desenvolvido (infelizmente é verdade).

Vou, não amanhã ou depois, mas daqui uns dez dias. Por enquanto continuarei neste lenga-lenga. Portanto, paciência (se ainda, repito, houvesse colaboração).⁷³

Se Beto tinha razão nestas reclamações não se sabe, é fato que muitas vezes a presença dos leitores no texto é explícita, quase sempre apontando uma crítica aos serviços urbanos ou ao comportamento de alguma pessoa – ou algo menos corriqueiro, como uma “velhinha” que pediu por uma nota solicitando um ascensorista para a Galeria Comasa, por exemplo.⁷⁴

Em setembro de 1971 – um mês antes do pedido de ajuda acima, portanto – encontramos exemplos deste tipo de participação. Reclamações, das mais variadas – seguindo a também ampla gama de problemas da cidade – chegavam por carta, telefone ou pessoalmente num encontro pela Felipe Schmidt. Ao apontar os “grilos” da cidade, colaboradores esporádicos tomavam o colunista como porta-voz e a coluna como meio de comunicação com o poder público, o que a tornava de “utilidade pública”:

[...] Na medida do possível procuro atender à todos. [sic] Hoje, por exemplo, andando pela rua fui abordado por um homem que me solicitou reclamar do baixo nível de determinado locutor de televisão. [...] ⁷⁵

Entre outras coisas, um leitor de assinatura ilegível reclama de alguns empregados da Auto-viação São José. Diz êle: [...] ⁷⁶

[...] A minha coluna é de utilidade pública. As mais diversas pessoas escrevem pedindo para reclamar dos mais diversos assuntos. É uma estrada ou uma ponte; são problemas de estudantes; ou um bar e restaurante que não funciona como deveria. Enfim, uma série de serviços, os mais variados, que incomodam os habitantes da cidade [...]. ⁷⁷ [grifo *nosso*]

Como um prólogo, a primeira etapa da coluna do Beto apresenta os elementos que fariam parte nos vinte anos seguintes. Misto de denúncia com graça, inconformismo e defesa da cidade, além de comentários sobre cultura, política e esportes em linguagem coloquial e permeada de gírias juvenis. O somatório disso tudo: a cidade como personagem principal.

⁷³ STODIECK, Beto. **OE**, 21 out. 1971. “Se ainda houvesse colaboração”.

⁷⁴ STODIECK, Beto. **JSC**, 02 mar. 1973.

⁷⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 05 set. 1971. “Locutores”.

⁷⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 19 set. 1971. “Carta”.

⁷⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 06 out. 1971. “Coisas que incomodam”.

Seus textos eram escritos de forma simples, com tiradas típicas do dia-a-dia do autor e expressões datadas, que exigem de quem hoje os lê um esforço de compreensão, não era de leitura mais fácil para todo público contemporâneo de Beto. Era no mínimo confuso para quem estivesse “por fora” daquele linguajar. Para facilitar – para aqueles e, sem querer, para nós – apresentou uma espécie de dicionário para a coluna, explicando este modo de escrever:

[...] geralmente uso palavras ou expressões que muita gente não entende. Podem crer que não é forçado: no meu papo diário é constante o emprego delas – as palavras ou expressões. E é por isso que, as pessoas que me conhecem, quando lêem a coluna, têm a sensação de estarem falando – cara-a-cara comigo.

[...] Para os que estão por fora – creio que poucos – aí uma ou outra coisa do meu vocabulário (não só meu, mas de toda uma geração): **curtir** – quer dizer do cara que está afim [*vié*] de uma sensação – rápida ou longa, não interessa a duração. Tem gente, inclusive, que leva a vida curtindo. **Transa** – é uma troca de tudo. De olhar, de objeto, de sensação e, até de fluídos (geralmente só há transa entre os caras de fluídos positivos, os negativos tão por fora).

(*) – aquela palavra proibida que deu o maior rôlo porque saiu aqui na coluna dia desses, quer dizer entregar os pontos. Para os mais antigos a expressão que acabei de usar – entregar os pontos – é o mesmo que entregar para os paraguaios, tão usada pelos nossos antepassados. **Entregar** – é o mesmo que dedurar, delatar. **Bicho** – é uma forma carinhosa de se referir ou chamar um amigo. **Grilo** – trata-se de uma situação incômoda. A pessoa incomodada, chateada, está grilada. Já **bode** é o que incomoda muito mais. Estar com bode – é estar numa tremenda fossa. **Careta** é o cara – ou situação – por fora. O fulano careta é um chato que está sempre dando mancada.

E por aí vai, o pessoal jovem sempre teve a capacidade de inventar, criar. É um dos dons da juventude. Assim sempre foi [...].⁷⁸

Ao definir a linguagem utilizada o autor define também seu público alvo, aqueles que mais se identificariam com o escrito. Dessa forma, não é preciso ir muito longe para perceber que a coluna do Beto a princípio era escrita para os jovens. Nesse sentido, além de “conversar” com a juventude florianopolitana diariamente – ou quase – sobre assuntos da cidade, o colunista, aos poucos assumiu também o papel de defensor:

Tem muita gente. [...] criticando o comportamento da juventude. Criticam o cabelo comprido, as roupas coloridas e extravagantes, a displicência e o modo de ser. Essas pessoas, geralmente, pertencem a uma outra geração, inconformadas [...].

O jovem. [...] de hoje é descontraído, não dá bola às formalidades nem etiquetas. É sincero, quase puro. Sensível às coisas e às pessoas. [...] Evita aquela fofoca ou intriga. [...] Sim, o velho quase sempre procura tirar o mais jovem da cartada [...].

Por que digo isto? [...] Digo por que me deu vontade. Quero ter a liberdade de poder dizer o que sinto, o que acho. E acho a juventude a coisa mais importante da vida. [...]

Acabei. [...] de reler o que escrevi para hoje e notei que estou meio amargo, dizendo coisas que talvez doam a certas pessoas. Mas o que posso fazer se a vida é isso, se nós a transformamos nisso? Gostaria de dizer negócios alegres, bons [...] Mas, o que fazer?⁷⁹

Isso o afirmou como um colunista da nova geração, que cobria e comentava eventos e

⁷⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 22 dez. 1971. “Geralmente” e “Para os que estão por fora”.

⁷⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 23 dez. 1971.

comportamentos daqueles que não apareciam nas colunas que cobriam batizados, casamentos e jantares entre casais. Uma conquista de espaço e uma abertura de campo, haja vista os colunistas Cacau Menezes e Ricardinho Machado, que surgiram no seu rastro e ainda hoje atuam – e que, por sua vez, já tem seus próprios “seguidores”.

A reflexão sobre o ofício do colunista também foi uma constante. Desde quando a contagem do tempo de publicação era medida em meses, a autocrítica e o auto-elogio aparecem entre uma e outra nota:

Já fiz seis meses de coluna. E nesse tempo, sei lá se correspondo às expectativas, em todo caso tentei fazer todo o possível – sem modéstia. Se bem que, olhando para trás e vendo meus primeiros escritos para a página 2 – aqui – chego a ficar sem graça pelo dito – mal dito. Mas o negócio é não curtir o passado e mandar em frente.

As notas às vezes têm sabor ácido, poucas vezes adocicado, mas eu não estou aqui para jogar confete nem dizer coisas que não interessam ao leitor. Isso ‘tá por fora.

O leitor quer estar informado, saber das coisas. Quer, através da coluna, poder fazer uma reclamaçãozinha, uma reivindicação. Quer saber da verdade verdadeira do que doer, os fatos crus e não enfeitados, bordados.

Quer ler sobre o povo, o que ele diz, pensa e age. Porque o leitor é povo e quer saber onde pisa. É isso que faço escrevendo, às vezes ridicularizando as coisas e situações que não tem que ser. E por dizer o que digo, certas pessoas se grilam – e digo que as que assim fazem, se incomodam por outras, sempre por outras (eu sei o que escrevo: diversas vezes deixei de dizer as coisas por causa de situações).⁸⁰

E, novamente assumia: “Mas, enfim, lá estou eu enchendo lingüiça, para comemorar os meus seis meses de página 2”.⁸¹

Porém, não obstante a aparente popularidade que havia atingido, a coluna não apareceu n’*O Estado* a partir do dia 06 de janeiro de 1972. O tom informal conferia charme à coluna e facilitou a penetração no público jovem. Contudo, às vezes transparecia certa irresponsabilidade e falta de profissionalismo, o que poderia ser prejudicial no momento de fixação do espaço conquistado na imprensa. Naqueles primeiros momentos, o autor parecia não estar sujeito às pressões de um jornal diário. Liberdade apenas aparente, caso contrário não existiria a pressão do colunismo diário expressada em algumas notas, conforme visto acima. Beto chegava a justificar sua falta de animação por conta de uma ressaca⁸² ou explicar a ausência da coluna num domingo – o dia de maior circulação do jornal – alegando a preguiça “que caracteriza a tarde de sábado”: “O sol estava forte, o movimento nas praias enorme e resiste quem há de. Me mandei para o mar e para a calma. Deixei de lado o compromisso para com os leitores (mil desculpas) e não resisti a

⁸⁰ STODIECK, Beto. *OE*, 16 dez. 1971. “Já fiz seis meses”; “As notas”.

⁸¹ *Loc. cit.*.

⁸² STODIECK, Beto. *OE*, 30 jul. 1971. “Chato”.

esta primavera com ar – sol, mar, brisa e tudo de verão”.⁸³

O afastamento aparentemente o pegou de surpresa, pois ao deixar vazio seu espaço pela primeira vez por um longo período – outros afastamentos viriam, como vamos ver – Beto ficou em dívida com os leitores. Deixou em suspenso a publicação da lista e das fotos das “fofas”, adaptação ao seu estilo das famosas listas promovidas por diversos colunistas no Brasil. Enfim, a soma da irresponsabilidade, insegurança e das reclamações de alguns espíritos sensíveis às críticas e ao sarcasmo o derrubaram, temporariamente. O jornalista teve que esperar ainda um pouco para revelar-se e matar a curiosidade dos “assíduos leitores e leitorizes”.

2. COMEÇA O “BOOOO MM FLORIANOPOLITANO”.

Em 1972 Beto consolidou seu público e o seu estilo. Para começar, encontrou aqueles que seriam seus personagens principais: a própria cidade, a Felipe Schmidt e os “kioskianos”. Mas a locomotiva de sua inserção na “explosão” de Florianópolis foram os artistas e agitação cultural promovidos pela coluna. Beto percebeu que poderia criar seu próprio assunto e, ao mesmo tempo, ajudar a movimentar a modorrenta cidade.

No dia 25 de janeiro, depois da parada abrupta em suas colunas n’*O Estado*, Beto reaparece na página 11 do *Jornal de Santa Catarina*, sediado na cidade de Blumenau. Ao re-estrear mandou ainda um recado para aqueles que não o conheciam: “Esse negócio de apresentação ‘tá por fora’: ou as pessoas me conhecem ou passarão a conhecer pela coluna. Em todo caso, anuncio que estarei todos os dias aqui na página 11, dizendo das coisas e das pessoas, dando continuação ao meu trabalho iniciado há algum tempo”.⁸⁴

A mudança de domicílio profissional exigiu um esforço para estadualizar os temas da coluna. Para isso o jornalista pediu algumas vezes que os leitores do interior contribuíssem mandando cartas contando “qualquer grilo ou fatos engraçados” das suas cidades, para que a coluna deixasse de ser tão florianopolitana.⁸⁵ O máximo que Beto alcançou, com certa frequência, foram notas sobre outras cidades litorâneas – como Laguna, Garopaba e Imbituba. E mesmo os assuntos da capital pareciam rarear. Impelido pela força destas circunstâncias, é perceptível que a

⁸³ STODIECK, Beto. **OE**, 05 out. 1971. “Ausência”.

⁸⁴ STODIECK, Beto. **JSC**, 25 jan. 1972.

⁸⁵ STODIECK, Beto. **JSC**, 02 fev. 1972. “correspondência, para a sucursal”; 10 fev. 1972. “Florianópolis, mas é só Florianópolis”.

performance do colunista se aprimorou após a mudança de jornal e diante da óbvia necessidade de criar fato, visto que pouca coisa para contar surgia naturalmente:

Fazer uma coluna diária, em Santa Catarina, é fogo. Principalmente se a gente estiver naquela de querer manter o mesmo padrão, o mesmo nível de uma espécie de jornalismo começado há quase um ano: o colunismo-verdade (aquilo que há de mais avançado em termos colunísticos), sempre dizendo aquilo que tem que ser dito, muitas vezes entrando pelo cano pelo fato de – desagradando ou ferindo sensibilidades deste ou daquele (mas o que fazer? Deixar de falar?) “A verdade dói”, dizem todos e há séculos. Portanto...

Certas gírias lançadas aqui, hoje, estão na boca de toda uma juventude (e porque não de certos coroas?) e, por causa disso, já estão um tanto o quanto comuns, mesmo enchendo o saco de quem me lê todos os dias. Outra coisa que já deve estar chateando, é o excesso de notícias da Capital (mas, queiram ou não, Florianópolis é quem lança as modas e a badalação em Santa Catarina). Mesmo assim gostaria – ou melhor, queria – que pessoas de todo o Estado – indiferente de qualquer tipo de vida ou classe (sem essa de preconceitos burros e medievais) mandassem coisas de seus lugares: grilos, fatos engraçados, mesmo notícias, dessas que estão acostumados a ver aqui neste canto de página 13 – inclusive fotos (boas, por favor) de fofinhas: alô, alô Lages (na minha volta do Rio, estarei aí), Joinville, Chapecó, Laguna, Tubarão, Criciúma, e todas as cidades onde o Jornal de Santa Catarina entra (e como entra). Pois é, a coluna existe em função do leitor – o leitor anônimo (parece demagogia, mas podem crer que é papo sincero) – ela está aí, continuará pacas.⁸⁶

Algumas pessoas já tentaram me analisar – o meu comportamento, a minha [*ilégivel*] – através da coluna. [...] não sei pra que tanta preocupação com o que escrevo. Não é (ao menos penso assim) nenhum caso de frustração – como pretendem que seja. Por que seria um frustrado? Creio que não há razão pra isso: quem me conhece tá sabendo, tá por dentro de tudo aquilo que penso, do que gosto de fazer – não há o que analisar. O que acontece é o seguinte: eu apenas curto, além de ser um tremendo curioso: adoro analisar as pessoas e os comportamentos das próprias.

Às vezes chego a conclusões tão óbvias e engraçadas que não posso deixar o leitor por fora dos meus pensamentos (logo, não sou egoísta). Daí, ter me metido em tanta fria. Mas deixa isso prá lá. Legal?⁸⁷

Para melhor compreender o ponto de vista do escritor, seguindo sempre o conselho de conhecê-lo pela coluna, inicialmente é preciso ter em mente que tipo de experiência representaram para ele aqueles primeiros anos 70.

1972 ainda foi carregado de otimismo com as mudanças na cidade. Os problemas (grilos) eram questões locais, da gestão pública ou da não adaptação de algumas pessoas ao progresso que chegava à Ilha. Já que ainda não se evidenciava a preocupação permanente com o aumento na velocidade das experiências, típicas de grandes centros, os problemas principais concentravam-se na forma do crescimento – “meio sobre o desordenado, sem urbanismo e estética constrói-se sem mais nem menos nos meios das ruas, as calçadas já eram – gordo não passa – e por aí uma

⁸⁶ STODIECK, Beto. **JSC**, 10 abr. 1972. “Papo variado em torno de uma coluna-verdade ou a participação ativa-viva do leitor é o principal”.

⁸⁷ STODIECK, Beto. **JSC**, 11 abr. 1972. “Prá que me analisar se eu sou isso que aí está?”.

série de coisinhas próprias – ou conseqüências – do nosso way of life português (descendentes de) meio maroto”.⁸⁸ Ainda assim, Beto estava ao lado dos entusiastas da modernização da cidade:

Florianópolis está crescendo, queiram ou não. Seria interessante que os incrédulos passassem a crer e que os fofoqueiros calassem as boquinhas malditas e arrasadoras. Florianópolis cresce pacas. [...]

Mas como estava dizendo, a cidade desenvolve-se, os serviços que surgem são do melhor gabarito [...]. Pois é, Florianópolis já é uma cidade extremamente habitável, das melhores deste Brasil: com todas as facilidades de uma cidade grande e todas as conveniências de uma cidade pequena.⁸⁹

Enfim, parece que a Velha Desterrópolis explodiu. Deu uma de bomba e explodiu com todas as suas forças – daqui e de fora. Depois de décadas estacionada, a cidade quer descontar o tempo perdido – correr, correr contra o tempo, o vento [...]. É claro que no meio deste progresso acontecem coisas lamentáveis, verdadeiros grilos como, por exemplo, a destruição, sem dó nem piedade do que ainda resta do passado. [...] o mais importante é que, a este discutível progresso material, está se juntando um inegável e maravilhoso ouriço de cucas. Na verdade o pessoal ilhéu sempre foi dos mais desligados e inteligentes (e mordazes) do Brasil. Só que, enquanto a cidade era menor, tudo era muito na moita, enrustido mesmo. Agora chegou a liberação, a hora do “botar pra quebrar”. E as cuquinhas maravilhosas da nova geração, sem compromisso com o passado, pode deixar rolar que o mar está aí mesmo e o sol chegou pra ficar.⁹⁰ [*grifo nosso*]

De tal forma, o período ficou marcado para o colunista também como o ponto de partida de uma mudança comportamental positiva em Florianópolis, conquista da nova geração, simbolizada na “turma do kioski”, promovida e defendida com unhas e dentes pelo colunista. Era a explosão da cidade que externava para o mundo uma energia há muito confinada. Este entusiasmo era apoiado ainda na certeza de que o próprio autor era um dos responsáveis pelo “boom” florianopolitano, imagem que se afirmou com os três primeiros grandes eventos promovidos por ele: as apresentações de Gal Costa, depois Caetano Veloso e, finalmente, a festa das Fofas.

⁸⁸ STODIECK, Beto. **JSC**, 13 maio 1972. “Aproveitando o sábado prá falar (bem) de Florianópolis”.

⁸⁹ *Ibidem*.

⁹⁰ STODIECK, Beto. **JSC**, 20 out. 1972. “O booomm florianopolitano. Deixem o enrustimento pra lá, vêm pra cá que o ouriço vai começar”.

“O QUIOSQUE: ESSE MUNDO DE TRANSAS DENTRO DE FLORIANÓPOLIS”.⁹¹

Toda a cidade tem o seu lugar da moda – onde os jovens vão, fazem as suas, curtem adoidado. O Rio tem Ipanema, com seus bares e sua praia, suas meninas, seus “boys”. São Paulo tem sua Augusta – da paulista para baixo – rua das mais conhecidas do Brasil, com todas as suas boutiques, “Drugstores” e aquela eterna badalação.

Florianópolis, em termos de transa, nunca ficou pra trás de qualquer cidade brasileira. E como isso – ou por causa disso – tem também, o seu ponto de encontro da juventude. Originariamente o lugar chama-se Largo Benjamin Constant, se bem que todos só conhecem por Quiosque – ou kioski -: Se pedirem a um táxi pra levá-los até lá, nunca digam que querem ir ao Largo Fulano de Tal, mas sim, ao Quiosque. O mesmo se referirem a um cara jovem qualquer. Largo Benjamin Constant não é do seu tempo.

[...] Podem crer: o barato, realmente, da cidade é essa tal de Quiosque. E tem mais, o pessoal que por lá está é um tremendo sarro, legal pacas, a verdadeira atração do lugar, lá não há crise, dizem todos.⁹²

Aquele quiosque o tempo transformou em divisa de uma geração. O lugar, em si, já não existe. A praça ainda está lá, o “kioski” não mais. No seu local, hoje uma floricultura. Mas a “turma do kioski” ainda se reconhece como tal; permanência de uma memória afetiva e social cujos alicerces a coluna Beto Stodieck ajudou a fixar.



Figura 2 - Kioski

Uma imagem do quiosque que deu um novo nome ao Largo Benjamin Constant

Fonte: STODIECK, Beto. *JSC*, 12 e 13 mar. 1972.

A categoria ‘geração’, tomada grosso-modo como separação entre grupos etários, pode assumir diversas acepções. Portando é necessário explicitar de que geração se fala neste trabalho.

⁹¹ STODIECK, Beto. *JSC*, 12 e 13 mar. 1972. [A fim de evitar mal entendidos, o sentido da gíria ‘transa’ na época é diverso do que tem hoje. ‘Transa’ indicava qualquer tipo de relação, ou troca entre pessoas, fora do sentido sexual, aproximadamente no mesmo sentido do ‘lance’, na gíria atual]

⁹² *Ibidem*.

Interessa aqui tratar ‘geração’ como elemento formador de identidade – entendida como idéia de pertencimento, compartilhamento de características comuns a um determinado coletivo. É uma representação formada a partir do fato biológico da sucessão de gerações, cujos marcos sociais são arbitrários. Podemos recorrer à Bourdieu para lembrar que “a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas”.⁹³ Assim, uma noção de geração, que atue como categoria identitária, exige determinadas operações onde a memória é ativada para formar pertencimento e distinção. A pesquisa intenta, portanto, explicitar as lógicas específicas que incidem na construção dessas referências comuns.

Importa perceber elementos e eventos intervenientes, que produzem a idéia de pertencimento ao serem dotados, *a posteriori*, de sentido pelos agentes. Como expõe Pierre Favre, nessa elaboração a questão é:

Por quais mecanismos sociais um evento é reconhecido por uma geração como constituindo ‘seu tempo inaugural’? Como a memória coletiva assegura a conservação e a transmissão – a transmutação – de uma certa imagem do evento? Quais são as variações do poder integrador da memória coletiva, da riqueza da representação do passado.⁹⁴

Essa aceção de geração filia-se também à proposta de Halbwachs, sendo resultado de uma operação da memória, alicerçada num determinado grupo social coeso, não homogêneo, definido por uma experiência partilhada e por um relato comum sobre o passado. Também se apropria do posterior desenvolvimento da questão promovido por Pierre Nora que propõe geração como um possível local de memória:

Os lugares onde ela [a memória] se condensa e se exprime têm em comum o fato de serem lugares comuns, centros de participação coletiva, mas passíveis de uma imediata apropriação pessoal [...] a memória geracional advém de uma sociabilidade de conjunto histórico e coletivo para se interiorizar até as profundezas viscerais e inconscientes que comandam as escolhas vitais e as fidelidades reflexas. O ‘eu’ é ao mesmo tempo um “nós”.⁹⁵

Pierre Favre, por sua vez, apresenta cinco fatores que podem ser tomados como indicadores de separação entre gerações, e que não necessariamente o são: (1) a ordem de entrada em cena; (2) número de membros de uma e de outra; (3) o sistema de *posições sociais*; (4) diferentes práticas entre gerações sucessivas; (5) a *linguagem*, que pode ser instrumento para distinguir as

⁹³ BOURDIEU, Pierre. “A ‘juventude’ é apenas uma palavra”. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 113.

⁹⁴ FAVRE, Pierre. “De la question sociologique des générations et de la difficulté à la résoudre dans le cas de la France”. In: FAVRE, Pierre e CRÊTE, Jean. **Génération et Politique**. Paris: Economica et PUL, 1996. p. 313.

⁹⁵ NORA, Pierre. “La Génération”. In: NORA, Pierre (org.). **Les Lieux de Mémoire**. V. 2. Paris: Gallimard, 1997, p. 3003.

gerações a partir do léxico que produz numa sociedade.⁹⁶ Coerente com os pressupostos teóricos e metodológicos tomados como orientadores desta pesquisa assumiu-se como indicador de distinção entre gerações o *sistema de posições* ocupadas por um grupo de agentes em diferentes domínios.

Partindo destas bases, as crônicas de Stodieck permitem traçar um esboço do processo de formação da memória geracional do seu grupo. Isto é, pensar como esses agentes que em determinado momento ocuparam posições análogas num mesmo espaço social, criaram códigos e práticas de diferenciação, vivenciaram experiências comuns e reproduziram-se socialmente, de forma a criar identidade de grupo no contexto da época.

Em 1972, uma reportagem do jornal *O Estado* captava a opinião dos jovens sobre a oferta de atividades para sua faixa etária em Florianópolis. Lia-se: “Os jovens que costumam dedicar boa parte do tempo na Rua Felipe Schmidt e outras “rodas” mais movimentadas do centro da cidade, são de opinião de que Florianópolis “em matéria de divertimentos, é muito boa para velhos e casados”.⁹⁷

No início daquela década, a falta de atrativos que a capital catarinense oferecia aos jovens era assunto recorrente nas páginas do jornal *O Estado*. Quando em quando, os esparsos locais de lazer eram eliminados sem maior resistência da população e alguém insurgia contra a situação. A nota de Mauro Júlio Amorin, motivada pelo fechamento do clube “Paineiras”, em 1971, é um exemplo:

[...] mas hoje, tendo em mente existir sempre uma exceção à regra [...] vamos tocar no tal assunto pesado, que não é política ou administração pública, mas que engloba toda uma série de atividades: iniciativa. [...] O progresso que se verifica na capital dos catarinenses não trouxe a sua companheira constante, o seu complemento, a sua conseqüência [...]. E a juventude, que é reconhecidamente inteligente, viva e prá frente, parece estar seguindo o mesmo caminho dos que a antecederam. O ‘deixa estar pra ver como é que fica’ é uma constante, ignorando apelos e chamados à razão e à lógica. Perdeu o seu clube exclusivo e, com exceção de uma meia-dúzia de esforçados, continua somente a lamentar o acontecimento.⁹⁸

Não são citados nomes, mas provavelmente na meia-dúzia de esforçados estivessem algumas figuras de uma turma que tomou iniciativa. Nos anos seguintes, esta turma, que se reunia a princípio num quiosque, abriu novos espaços na cidade e assim construiu parte da memória de uma geração florianopolitana.

⁹⁶ FAVRE, Pierre, *op. cit.*, p.294.

⁹⁷ PAQUERA é a opção do jovem ilhéu. *O Estado*, 12/08/1972. p.08.

⁹⁸ BALADA. *O Estado*, Caderno II, Florianópolis, 16/05/1971. p. 01.

A chamada “turma do kioski” não era a única do gênero. Existiam diversas delas, que se reuniam em locais mais ou menos fixos e aos poucos eram identificadas por sua localização. Havia a “turma da marquise”, que ficava na antiga rodoviária, no cruzamento das Avenidas Mauro Ramos e Hercílio Luz; a “turma de Coqueiros”, que ficava no continente, na região do então “badalado” balneário; a turma da Felipe Schmidt, que se postava no início desta rua, entre a Praça XV e a cafeteria *Ponto Chic*, para exercitar a arte da paquera. Porém, nenhuma delas ganhou tanta projeção quanto aquela. Fundamental para esta visibilidade foi a interpenetração entre o Kioski e a trajetória do colunista Beto Stodieck. Avaliar a presença desses personagens nas colunas ajuda a compreender a importância de um na formação da imagem do outro.

Vamos à praça!

O Largo Benjamin Constant é uma pequena área verde, localizada na área central de Florianópolis, cortada por uma rua que a divide em duas partes. Em 28 de novembro de 1961, numa terça ensolarada, um pequeno avião monomotor caiu no local, movimentando a rotina da capital catarinense. A ausência de grandes construções verticais naquela região repleta de chácaras e casas de famílias da classe média propiciou que a queda fosse vista de diversos pontos da cidade. Muitas pessoas correram para ver o estrago; as crianças que brincavam pelas ruas próximas ficaram maravilhadas. O fato marcante ficou registrado no apelido dado à praça, que desde então virou “pracinha-do-avião”.

No início da década de 1970 um grupo de jovens elegeu aquele espaço como seu. Ao redor de um quiosque – o barzinho do Leto – construído na parte maior da praça, reuniam-se adolescentes das famílias que residiam nas redondezas e outros que passavam por ali só pela paquera; afinal, segundo a coluna do Beto, ali estavam as mais “fofas” da cidade. O local tornou-se cada vez mais movimentado e a referência ao avião acabou dando espaço ao poder aglutinador do “Kioski”. Logo, os frequentadores do local passaram a ser identificados como a turma do kioski.

A turma começou a ser formada com a vizinhança da praça. Meninos e meninas de 13, 14, 15 anos que moravam próximo, se encontravam ali para conversar, brincar... Os mais velhos já prontos para a paquera. Logo o movimento aumentou. Com a construção do quiosque surgiu mais um atrativo na pracinha, que além de ser muito conhecida por conta do avião, agradava por sua localização.⁹⁹

⁹⁹ Ricardinho Machado diz que o Kioski era o “QG” porque ficava no centro, perto dos colégios, Catarinense e Coração de Jesus; perto da Escola Técnica; da Beira-Mar; do campo da Liga, onde antes jogavam tanto o Avá

Grande parte do material sobre comportamento, atitude e irreverência contidos nas colunas de Beto Stodieck tinha como figuras centrais os freqüentadores desta famosa praça. De acordo com Cacau Menezes, quando aquele colunista chegou do Rio de Janeiro, teria se surpreendido diante de uma “turma de garotos bonitos, modernos”: “era uma turma muito criativa, muito saudável. E o Beto quando chegou aqui logo caiu no Kioski, e a partir dali ele fez a carreira dele de sucesso em Florianópolis, nos usando, nos tendo como fonte de inspiração”.¹⁰⁰

Os primeiros anos da coluna confirmam em parte o depoimento. Neste período, a “patota” do Kioski foi um dos temas positivo de maior destaque. Seus “guris cabeludos” e suas “fofas” e “fofinhas” prestes e se transformarem em “super-mulheres”, mesmo após a dispersão da turma continuaram como os colunáveis principais de Stodieck. Contudo, a fixação do kioski como marco de memória de uma geração ocorreu num curto período, entre os anos 1972 e 73.

Vejamos o exemplo do mês em que a coluna completava seu primeiro ano de existência.

Conforme dito anteriormente, em 1972, Beto escrevia para o Jornal de Santa Catarina, sediado em Blumenau, mas seus temas não cruzavam a ponte Hercílio Luz no sentido Ilha-Continente. Pois bem: naquele mês, entre o dia onze de julho e o dia onze de agosto, foram não menos que dez notas, em dias separados, referentes ao Kioski. Quase tudo era motivo para o local e seus freqüentadores aparecerem na coluna: o trânsito na rua que cortava a praça¹⁰¹; jovens catarinenses detidos no Rio de Janeiro¹⁰²; animais que andavam soltos pela cidade¹⁰³; participação da equipe do Kioski na gincana comemorativa do centenário do Clube Doze de Agosto¹⁰⁴. E quando nada mais poderia ser dito, Beto deixa claro onde estava seu escritório: “Onde me encontrar? Ora, por ai: pelo Kioski, pela Felipe ou na minha casa, em horário de refeições”.

Mas, ao contrario do que disse Cacau, não parecia existir um “uso”, no sentido de ocupar-se de alguém. Cumplicidade parece traduzir melhor a relação entre a coluna e seus principais retratados. Tomando ainda o mês de aniversário de um ano da coluna como referência, temos um exemplo das notas em que Beto age como verdadeiro porta-voz da turma na imprensa:

quanto o Figueirense. MACHADO, Ricardinho. Depoimento tomado em 20 de abril de 2006. Entrevistador Jefferson da Fonseca. Florianópolis. (colhida em caderno de campo)

¹⁰⁰ MENEZES, Cacau. Depoimento tomado em 15 de novembro de 2005. Entrevistador Rafael Dias. Florianópolis.

¹⁰¹ STODIECK, Beto. **JSC**, 19 jul. 1972. “Esta rua tem mão dupla. Tomem cuidado ao transitar por ela”.

¹⁰² STODIECK, Beto. **JSC**, 20 jul. 1972. “Catarinenses em férias no Rio”.

¹⁰³ STODIECK, Beto. **JSC**, 21 jul. 1972. “De cavalos, bois e vacas: todos soltos pelas ruas de Florianópolis”.

¹⁰⁴ STODIECK, Beto. **JSC**, 29 jul. 1972. “Roxas e Amarelas”.

Primeiro: de uma certa implicância. Toda vez que um guri da turma do Kioski tem um probleminha com o Detran, podem crer que lá vem má vontade. Por parte do pessoal do Detran, é claro. [...] Explico: é que aquela turma tem uma fama terrível de pretensos fitipaldis e de infratores. E é só fama, porque na realidade o negócio é bem outro. O que acontece é que ali, no outrora Largo Benjamin Constant (hoje popular Kioski), é o único lugar onde as meninas curtem, paquerando ou sendo paqueradas. E justamente por isso – pela paquera – é que está o x da questão. (sic) [...] E tudo quanto é boyzinho quando pega o carango do pai, a primeira coisa que faz é dar uma voltinha [por ali]. E muitas vezes, é mais que lógico, fazem as mais primárias barbeiragens – ora se não... e no final quem leva a culpa é a patota do Kioski, que não tem nada a ver com o peixe (ela está ali, tranquilamente parada, discutindo corridas de kart, resultados de gincana, ou motor de automóveis). No mais é pura implicância.¹⁰⁵ [grifo *nosso*]

Se o teor da nota escancara o papel de defensor da “patota”, o trecho grifado sinaliza de maneira mais sutil a relação entre o ambiente do Largo Benjamin Constant e a pauta do colunista. O tema da corrida de kart é um bom exemplo. Por semanas consecutivas, notas na seção “Roxas e Amarelas” da coluna Beto Stodieck, destacavam o tal passatempo. Somente ali o tema teve destaque.

O resultado da “Ginkadoze”, ao contrário da corrida de *kart*, foi um tema que mexeu com a maior parte da juventude da elite florianopolitana. Afinal, como declarou Carin Machado, “toda a cidade se mobilizava para a gincana do Doze”.¹⁰⁶ Em verdade, a gincana “mobilizava” principalmente os sócios do Clube, e ganhava projeção maior devido à divulgação no jornal *O Estado*, instâncias – clube e jornal – de uma mesma rede político-empresarial, segundo a pesquisa de Patrícia May.¹⁰⁷

Percebe-se que, pelo depoimento citado, “a cidade” do ponto de vista da turma poderia ser resumida àquele conjunto de pessoas. Essa opinião emitida três décadas após o acontecido, carrega muito do que circulava na época. Mauro Júlio Amorin, que em 1972 escrevia a coluna “Paio!” n’*O Estado* e era diretor do Clube Doze, exaltava o evento escrevendo: “A Ginkana do Centenário do Clube Doze de Agosto se constitui, sem a menor dúvida, na maior festa da Ilha, depois do carnaval”.¹⁰⁸ A gincana do centenário, cronologicamente foi a “III Ginkadoze”. Cinco equipes foram inscritas, contabilizando um total de 547 participantes. Apesar da projeção que tomou naquele ano, a comparação com o carnaval de Florianópolis – considerado, na época, um dos melhores do sul do país devido à presença das sociedades carnavalescas e seus carros-de-mutação – era um exagero!

¹⁰⁵ STODIECK, Beto. **JSC**, 11 ago. 1972. “Em defesa da patota do Kioski”.

¹⁰⁶ MACHADO, Carin. Depoimento [14 de setembro de 2005]. Entrevistador: Jefferson Fonseca. Florianópolis. (tomada em caderno de campo).

¹⁰⁷ MAY, Patrícia Zumblick Santos. **Redes político-empresariais de Santa Catarina (1961-1970)**. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 1998.

¹⁰⁸ PAIOL. **OE**, 02 ago. 1972.

O evento, entretanto permaneceu com grandes proporções na memória da turma do Kioski. Foi o primeiro momento em que os guris e gurias que ficavam na pracinha curtindo, paquerando e jogando conversa fora, uniram-se sob uma bandeira – literalmente. A equipe “Kioski”, era composta por 77 pessoas, sob a coordenação de Ricardo Bassia; sua cor era o roxo; seu hino – do qual os entrevistados lembram algumas partes dispersas – falava do Largo, da queda do avião, das roupas estilo hippie, de paz e de amor.¹⁰⁹

A gincana durou quatro dias e ao final a equipe do Kioski ficou em terceiro lugar. Beto – que não participou da competição, pois estava em Lages, cobrindo um festival de teatro amador – não deixou de valorizar a suada posição conquistada por “sua” equipe:

Achei sensacional a vitória da Equipão na III Ginkadoze. [...] E o meu Kioski, em merecido terceiro. É bom dizer que esta equipe – o Kioski – não usou um só atleta considerado profissional: só competindo aquela turma que passa os dias curtindo na pracinha. Daí o maior mérito. Foi uma equipe na verdadeira concepção: uma única patota, sem a união de diversas.¹¹⁰ [*grifo nasso*]

A partir daí a “patota” ganhou a coesão que marcou o seu momento áureo, entre meados de 1972 e 1973. Momento em que um leitor desavisado da coluna Beto Stodieck poderia facilmente concluir que “a turma” sintetizava as mudanças culturais da cidade.

Tamanha exposição os colocava na linha de frente do “falatório”, ainda mais considerando suas roupas e comportamento nada ortodoxos para os padrões da cidade na época. Além disso, no final de 1972 a turma parecia atravessar uma maré de má sorte, conforme narra o colunista:

Como se não bastassem os constantes falatórios em que são envolvidos e paternidades que não tem nada a ver, a bruxa resolveu dar uma de Esquadrilha da Fumaça e fazer vôos rasantes, quase batendo no barzinho do Leto, centro da praça onde pinta todo o beautiful people ilhéu, deixando um rastro de grilos. E uma pá de acidentes começou a acontecer. Tudo como conseqüência do mau olhar do mau olhado que metade da cidade lança em cima dos caras. Mas isso, podem crer, é pura inveja: os kioskianos estão por cima mesmo, logo, sujeitos a toda sorte (ou azar?) de “acontecimentos”.¹¹¹

Passado o verão, em março de 1973 começaram a aparecer notas em que a euforia com o papel daquela geração nas mudanças culturais da cidade misturava-se com uma preocupação com os rumos que das “cuquinhas kioskianas”:

[...] Florianópolis, um dia, festejou a chegada dos novos tempos, das novas cuquinhas. Que dia foi, não sei. Deve ter sido há um ano, dois quem sabe – não importa. O

¹⁰⁹ Referências nos depoimentos de Carin Machado, Ricardinho Machado, Lílian Pederneiras Hülse (que participou da Equipão).

¹¹⁰ STODIECK, Beto. **JSC**, 05 ago. 1972.

¹¹¹ STODIECK, Beto. **JSC**, 09 nov. 1972. “O mau olhado e uma pá de grilos assim forçou: o Kioski atravessando a ponte e se mandando em direção à Malvina”.

essencial é que esta Ilha transformou-se. E cada dia há uma nova surpresa: toda uma geração tomou consciência de si. As coisas importantes tornaram-se realmente importantes. As outras coisas tomaram seu devido lugar.

Se no Rio o píer de Ipanema foi o ponto de reunião dos mutantes cariocas, aqui outro lugar não poderia ser, já estava predestinado: o Kioski. Não me perguntem, porque, eu também não sei. | E mais incrível é que não se perdeu o espírito de Florianópolis, de Desterro. As boas coisas permaneceram.

A partir de agora não se sabe o que acontecerá. Muitas coisas ainda têm que ser aprendidas pelas cuquinhas kioskianas e maravilhosas. Mas nós florianopolitanos, temos uma vantagem: moramos nunca cidade pequena, numa ilha – e eu tenho certeza, como 2 e 2 são 4, que de Florípedes, desta pracinha, surgirão muitas pessoas que tornarão o ato de viver (nesta cidade) numa eterna, grande, tranqüila e sensacional festa.

112

Em maio, numa coluna um tanto lírica, quase cifrada, aparece uma mensagem para a turma: “Vento sul. Vento sul. Saias pro ar, pernas prá que te quero. A formiga quando quer se perder cria asas. Deus me livre, Deus me guarde, mas o Kioski parece que precisa pensar, pensar”.¹¹³ Em julho, o local onde, para Stodieck, os “acontecimentos precipitaram-se em crescendo, transformantes-transformados, da realidade nova” já parecia ter passado por uma grande mudança. A dispersão se aproximava:

No princípio era um mundo novo que se abria para uns, e que outros recusavam. Tudo numa extremamente boa, apesar de ligeiros enteveros, que não causaram baixas. Depois, a paz de todos e de cada um. A vida continuada numa melhor. O Kioski não desapareceu, apenas mudou, passou para outra, bem mais acima. Outras transações passaram a ser curtidas. | Onde antes se vivia em função de bailes e brigas, passou a haver interesse pela música, desenhos, objetos, cucas abertas, estradas e natureza livre.

114

Assim, o saldo da movimentada praça parece ter apresentado um equilíbrio entre lucro e prejuízo; no final de 1973 ela já não era um tema central. Melancolicamente o kioski era lembrado por ter atrasado “a vida de muita gente”.¹¹⁵ O que deve ter causado um vazio para a turma que um ano antes acostumara-se a ter seu nome pontuando no jornal. A coluna que havia conquistado a juventude florianopolitana – ao menos aquela parcela – partia então para outros temas. Um comentário de Cacao Menezes motivou o texto abaixo, fazendo chegar até nós os motivos do colunista:

Cacao Menezes, que já ouriçou os éteres de Catarina, a nossa Santa, com seu falecido programa pop na rádio Jornal A Verdade [...] anda triste e chateado comigo. Diz que não está gostando da coluna, porque não mais falo quase do pessoal jovenzinho da city

¹¹² STODIECK, Beto. **JSC**, 17 mar. 1973. “Quando cabelo é mais cabelo, perna é mais perna. Quando festa é mais festa. Os dez anos que modificaram a humanidade”.

¹¹³ STODIECK, Beto. **JSC**, 05 mai. 1973. “Flóri, Flória, Floriano, Florípedes: eu sou teu. Eternamente. Mar-ave-ilha”.

¹¹⁴ STODIECK, Beto. **JSC**, 05 jul. 1973. “Foi Benjamin Constant que descobriu como transformar uma praça num kioski”.

¹¹⁵ STODIECK, Beto. **JSC**, 22 set. 1973. “Vocês sabiam que...”

[...]. Pode até ser verdade, mas que o pessoal tá atravessando uma fase meio engraçada, e isso nem há dúvidas. Acho que, de repente, começaram a entender muita coisa e, agora, ficam sem saber direito o que fazer de tudo o que Batalha nas imaginosas cabecinhas.

[...] todos estão passando por uma fase de transição. Uma fase importante, mucho important [sic]. E, evidentemente, enquanto isso acontece e todos rodam, rodam e rodam pela ruínas e caminhos de sempre, eu tenho que encher todo santo dia setecentos centímetros quadrados de jornal. Com assuntos que sejam de interesse de um grande número de leitores e leitoras; falando de coisas que julgo importantes [sic] e de pessoas. Logo logo, assim que as coisas voltarem ao normal, numa boa, tudo bem, tudo certo...¹¹⁶

“SORRY PERIFERIA, COMO DIZEM UNS E OUTROS”: AS PROMOÇÕES DA COLUNA.

AS PROMOÇÕES EM 72 DESTA COLUNA.

Em agosto, trouxe Gal Costa para três dias – de casa lotada – no Teatro Álvaro de Carvalho. Dia 13 haverá a “Festa das Fofas” no SantaCatarina Country Club (está prometendo ser o grande lance do ano). [...]. Dia 15 de novembro, será a vez de Caetano Veloso, numa única apresentação no Estado.¹¹⁷

A primeira grande promoção do colunista foi a vinda de Gal Costa a Florianópolis. Inicialmente anunciada como apenas um espetáculo¹¹⁸, devido à repercussão e ao sucesso da iniciativa, a presença da cantora foi ampliada para uma seqüência de três *shows* no Teatro Álvaro de Carvalho. O evento teve apoio de vários órgãos estatais (“Secretaria de Governo, Departamento de Cultura, BESC Turismo e Deatur”¹¹⁹). O que o preocupava era o risco de baixa participação do público florianopolitano, por isso ameaçava: “E tem mais, trarei Gal na próxima semana. Se houver algum grilo de público, juro que nunca mais farei qualquer coisa para o florianopolitano. Nem em pensamento”.¹²⁰

A ameaça surtiu efeito. Na manhã de terça-feira, 22 de agosto de 1972, a cantora recebeu uma calorosa recepção no Aeroporto Hercílio Luz, onde muitos fãs foram esperar por aquela que Beto Stodieck anunciava como “a maior cantora pop da América Latina”. Depois do almoço, em

¹¹⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 04 nov. 1973. “Eu e o young power”.

¹¹⁷ STODIECK, Beto. **JSC**, 11 out. 1972. “Falando um pouco de mim e de minhas promoções (sorry periferia, como dizem uns e outros)”.

¹¹⁸ STODIECK, Beto. **JSC**, 25 jul. 1972. “Rápidas e Rasteiras”.

¹¹⁹ STODIECK, Beto. **JSC**, 20 e 21 ago. 1972.

¹²⁰ STODIECK, Beto. **JSC**, 17 ago. 1972. “Está escrito aqui: se o público não cooperar, nada mais virá a Florianópolis”.

Coqueiros, Gal foi para o Hotel Royal, onde ocupou a suíte presidencial, saindo apenas para realizar sua primeira apresentação na capital catarinense: ¹²¹

Não é preciso dizer que o sucesso foi total. Gal, linda de não dar conta, estava com uma saia super baixa e um colete lá em cima com parte do corpo à mostra. Cantou sob o delírio de uma platéia colorida e jovem. O que tinha de gente não era normal. Pessoas por todos os cantos, no palco, nos camarotes, no chão, no balcão, até sentadas, comportadas, nas cadeiras havia. Um barato geral. Hoje tem mais e novamente, a enchente se repetirá – ora se não. ¹²²

Durante aqueles três dias, a cantora baiana foi o principal assunto da cidade, principalmente entre os jovens leitores da coluna que tiveram a primeira oportunidade de assistir, em Florianópolis a um dos grandes nomes da cena musical:

É incrível a reação do público diante de um mito – no caso, Gal. Se ela sorri, toda a platéia faz o mesmo, inconscientemente. A sua figura faz com que todos se calem, com se estivessem hipnotizados, como que captando uma mensagem transcendental. Um negócio verdadeiramente incrível. Depois dos espetáculos, a gurizada ligadona na cantora, subia até o camarote. Uns mais desinibidos, conversavam diziam coisas. Outros parados, como se estivessem vendo uma alucinação legal, uma coisa do outro mundo. Gal curtia, adorando ver todo aquele beautiful people na sua porta. E ela sendo olhada, todos maravilhados com a beleza de mulher – sem dúvida um novo conceito de formas, o que há de mais sensacional em matéria de linha feminina. ¹²³

Mesmo com algumas críticas às pessoas (aparentemente) de poder aquisitivo elevado que foram para a porta do teatro lhe pedir convites, o espetáculo foi um sucesso e, a partir dele, Beto assumiu o papel de promotor cultural, responsável por momentos marcantes para toda uma geração, como os passados por Milu Leite Garcia, Carin Silva e Cida Mattos, “tão kioskianas meninas”, quando da vinda de Caetano Veloso em novembro daquele mesmo ano.

No dia 19 de novembro cerca de oitocentas pessoas se acotovelaram no Ginásio de Esportes do Colégio Catarinense para ver outro sucesso musical daquele tempo, o então jovem cantor Caetano Veloso que junto com Gilberto Gil era “a grande figura do som brasileiro”:

[...] Muito dirão “e o Chico”. Sei lá, sabem. Chico Buarque de Holanda é do tipo já era, não faz meu gênero. Nem ele nem o Jorge Bem (sempre trabalhando em cima do “Mais que Nada”). Milton Nascimento é sensacional (deverá ser uma das próximas atrações da coluna. Aguardem). Edu Lobo é maravilhoso, mas um pouco antigo para os meus ouvidos. Simonal é o fim da picada (aliás não sei porque estou escrevendo sobre ele: não existe). Ellis morreu e não sabe... Gal é divina de não dar conta. O mesmo acontece com Bethânia (principalmente depois da análise e de Rosa dos Ventos). ¹²⁴

O gosto e as amizades do colunista direcionariam a escolha dos shows que produziria. Não por acaso os dois primeiros foram os baianos pelos quais ele tinha especial predileção (Gil

¹²¹ STODIECK, Beto. **JSC**, 24 ago. 1972.

¹²² STODIECK, Beto. **JSC**, 23 ago. 1972.

¹²³ STODIECK, Beto. **JSC**, 25 ago. 1972.

¹²⁴ STODIECK, Beto. **JSC**, 14 set. 1972. “De compositores e cantores. Opinião muito pessoal sobre a música popular brasileira”.

foi algumas vezes anunciado¹²⁵ para 1972, porém ficou só na vontade). E também não por acaso o colunista cobrava a participação ativa do público. Caso um destes primeiros eventos fosse um fracasso, dificilmente Beto conseguiria trazer outros grandes nomes, conforme explica esta nota:

Caetano vem aí. Conforme a reação do público, trarei ou não mais pessoas – e podem crer que são nomes da pesada e não qualquer Ellis Regina. É pessoal que vem a Florianópolis pela amizade, única e exclusivamente pela receita da casa. Se viesse por preço fixo, com um cachê pré-determinado, o cano estaria aí, tranqüilo, tranqüilo.¹²⁶

Muitas coisas foram complicadas na apresentação no Colégio Catarinense, desde a acústica – visto que um ginásio não é o local mais adequado para este tipo de evento – até o comportamento do público, que não parava se manifestar e demonstrou pouca paciência com momentos mais tranqüilos do show. A quantidade de público, contudo, foi a contento, não deixando o promotor no prejuízo. O que era essencial, pois, em suas próprias palavras, a “época de amor à arte já passou”:

Ao contrário do que muitos andam dizendo, e desejariam que fosse, não tive qualquer prejuízo com a vinda de Caetano Veloso para Florianópolis – não tive com ele, nem terei, com qualquer outro que, por ventura, pinte pelai [*sic*]. Por quê? É claro: não jogo em lances sem fins lucrativos (um mínimo de sangue judeu que corre nas veias é que fala mais alto...).

Caetano veio pela renda do espetáculo, coisa que artista normalmente não faz. Como é que consigo? Muito simples: Entra no negócio um lance chamado amizade. Não amizade pelo artista (se bem que também há), que nessas alturas é o que menos grita, mas pelo empresário, o dono de toda a situação. Amizade e confiança.

No mais é só esperar que uma pessoinha compre uma entradinha. A partir desse momento já estou faturando, ganhando o objetivo de muita transa hoje em dia: o rico dinheirinho...¹²⁷

E as meninas kioskianas? Para estas o espetáculo teve algo especial, já que elas “não desgrudaram de Caetano. Motivo: a cada intervalo, a cada saída ou entrada do cantor, lá estavam elas, batom numa das mãos, ruge na outra, retocando a boca e as bochechas de Cae”.¹²⁸ Na ocasião Caetano teria chamado Carin Silva – hoje Machado – de “Carin Carinhosa”, apelido que Beto usaria durante anos na coluna ao se referir a esta que foi uma das suas “fofas”.¹²⁹

¹²⁵ STODIECK, Beto. **JSC**, 07 out. 1972. “Uma notícia que eu gosto de dar [...]”; 11 out. 1972. “Falando um pouco [...]”. Por conta do alto valor exigido pelo cantor a apresentação não ocorreu naquele ano.

¹²⁶ STODIECK, Beto. **JSC**, 28 out. 1972. [grifo nosso]

¹²⁷ STODIECK, Beto. **JSC**, 07 dez. 1972. “O negócio é money, muito money. A época do “amor à arte” já passou”.

¹²⁸ STODIECK, Beto. **JSC**, 21 nov. 1972.

¹²⁹ O momento foi marcante para Carin, que em conversa com o pesquisador lembrou daquele momento como um dos mais representativos para a “turma do kiosk” e para ela em especial. MACHADO, Carin. Depoimento [14 de setembro de 2005]. Entrevistador: Jefferson Fonseca. Florianópolis. (tomada em caderno de campo).

“FOFICE É ESTADO”: AS FOFAS DO BETO.

Conforme dito acima, o cronista prestigiava a nova geração da elite florianopolitana, da qual fazia parte. Cada evento ou *performance* sua serviu para consolidar o papel de, como se usava dizer nas colunas sociais, “locomotiva” deste grupo. A terceira promoção que serviu para marcar o ano de 1972 neste processo de consolidação de posição no espaço social foi a esperada lista das “Fofas do Beto”, que começou a ser anunciada ainda na primeira fase da coluna – no jornal *O Estado* – e teve sua publicação atrasada em consequência da interrupção da coluna em janeiro de 1972. Porém, assim que começou a escrever no Jornal de Santa Catarina, Beto iniciou a publicação das fotos das escolhidas de 1971.¹³⁰

Havia grande expectativa e curiosidade nos leitores da coluna pela publicação dos nomes, do que nos dá prova o texto de anúncio da presença do jornalista, publicado na capa do jornal blumenauense no dia da primeira reestréia de Beto: “Beto Stodieck, de corpo inteiro, começa hoje no JSC: na página 11 o seu plá atual e suas fofinhas na medida”.¹³¹ Afinal, ser fofa era sinal de reconhecimento e uma garantia: reconhecimento pela beleza e posse de outros atributos subjetivos elencados por Beto e garantia de ter seu nome, volta e meia, na coluna. Tal importância tornava comuns os pedidos de entrada na lista, em busca de promoção.

Ainda antes da primeira publicação já havia sugestões de inclusão desta ou daquela menina na relação. Beto reagia aos pedidos com ironia e bom humor. Em novembro de 1971 avisava, para evitar mal entendidos que: “fofice não é gordura, é algo mais [...]. Fofice é estado”.¹³² Em 1972 mereceu destaque o pedido de uma “[d]ondoca que está acostumada em listas e mais listas, querendo que a ‘linda filinha’ [sic] continue na linha de frente do noticiário”. Esta senhora, no relato do colunista, ligou para a redação do jornal insinuando que sua filha – “linda de morrer” – deveria aparecer na relação de fofas “custe o que custar”. A resposta do fotógrafo das fofas, interlocutor da conversa:

– Como já lhe disse eu nada posso fazer. É uma lista escolhida a dedo, durante um ano inteiro e não é assim, sem mais nem menos que vai entrar uma menininha mesmo que seja “linda de morrer”.

¹³⁰ Entre as fofas de 1971 estavam: Ana Fernandes Rosa (Aninha Rosa), Anita Bittencourt, Cintia Campos, Ely Mara Vieira de Avila, Irene e Maria (Maritinha) Bastos, Júlia Ramos, Miriam Moellman Consoni, Sandra Lobato, Sandra Pinto, Vânia Moura Bridon.

¹³¹ STODIECK, Beto. **JSC**, 25 jan. 1971. [grifo nosso]

¹³² STODIECK, Beto. **OE**, 09 nov. 1971.

Pois é, nem o fotógrafo pode fazer nada, nem eu... Taí, tremenda cara de pau...¹³³

Neste caminho, em outubro de 1972, mais uma inovação vem colaborar. Já assumindo o colonismo como *performance* – inspirado pelo sucesso das apresentações de Gal Costa –, mais do que divulgar a relação das escolhidas, Beto organizou uma exposição de pôsteres feitos pelo fotógrafo Paulo Dutra – “o que é muito mais prático [do que um desfile] e não mexe com a inibição das menininhas (muito natural na idade: a mais velha tem 15 aninhos)”¹³⁴ – seguido de festa para apresentá-las à sociedade. Assim, no dia 13 daquele mês, uma sexta-feira, à beira da piscina do Santacatarina Country Club, com a animação do conjunto “The Saints”, todos puderam conhecer as escolhidas da segunda lista organizada por Beto.¹³⁵

Em 1973, com o jornalista já plenamente consolidado e ciente de seu papel de locomotiva social, o sucesso não foi menor. Em festa apresentada pelos colonistas sociais Iara Pedrosa e Celso Pamplona, mais uma lista foi declamada.¹³⁶ Rechaçada no ano anterior, desta vez a passarela montada sobre a piscina do Country Club foi o palco para o desfile das escolhidas. A pedido de Iara Pedrosa, até o colonista entrou na passarela: “[...] tentei me esconder (sou dos mais inibidos) mas qual nada; o spot me pegou e lá tive que eu assumir, desfilando pela mesma passarela. E até que me saí bem. Nunca na minha vida imaginei que chegaria a este ponto. Mas ser locomotiva dá nisso... De leve e em frente”¹³⁷.

A festa seguinte foi apresentada por Ricardinho Machado e Claudia Pop. Consolidado, o evento saiu do conservador Country Club e se alocou às margens da Lagoa da Conceição, no moderno e recém inaugurado Lagoa Iate Clube – LIC, cuja piscina presenciou no dia 13 de dezembro de 1974 o desfile das doze meninas escolhidas para aquela que foi a derradeira lista das “Fofas do Beto”.¹³⁸

¹³³ STODIECK, Beto. **JSC**, 13 out. 1972. “Mais uma de dondoca: ‘Se minha filha é linda, logo tem de ser fofa, custe o que custar’...”.

¹³⁴ STODIECK, Beto. **JSC**, 13 out. 1972. “Hoje no Santa, com as fofas (a festa que promete os maiores lances do ano)”.

¹³⁵ Fofas de 1972: Adriana Lauth, Ana Fernandes Rosa (Aninha Rosa), Beatriz Faustino da Silva, Carmen Lúcia Leite Garcia, Eliana Souza Ramos, Gladys Dorigatti (de Blumenau), Maria Alice Althenburg (de Rio do Sul), Maria Helena Gottardi (de Rio do Sul), Marion Pinho Remor (de Laguna), Maritinha Bastos, Patrícia Vasconcelos e Silvana Duarte. Detalhes da festa, incluindo fotos e o nome dos presentes, em: **JSC**, 16 out. 1972. “Dando uma de colonista social, contando da minha festa, a Festa das Fofas (sem dúvida o grande lance social do ano)”.

¹³⁶ Fofas de 1973: Ana Zendron, Ângela Orle, Cíntia Brandão, Claudia Campos, Denise Richard, Elizabeth Zavarizi, Kiki Richter, Maria Elizabeth Valério, Moema Bittencourt, Monique Douat, Rosane Koerich, Silvia Madeira Neves.

¹³⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 18 dez. 1973. “A Festa das Fofas: na opinião de todos, a festa do ano”. [grifo nosso]

¹³⁸ Fofas de 1974: Lílian Vidal, 16 anos; Clélia Castro de Castro, 15 anos; Eleonora (Lele) Cabral Cherem, 14 anos; Odisséia (Teinha) Machado, 13 anos; Rosângela (Zu) Correa, 18 anos; Débora (Debby) Campos, 14 anos; Patrícia

Promovidas pelo colunismo social, as listas são instâncias privilegiadas de consagração onde é possível perceber a negociação entre as demandas simbólicas do público e a oferta de representações, subjetivas ou sociais, oferecidas pelo colunista. Por meio delas podemos perceber com maior clareza o papel do jornalista na criação, circulação e promoção de produtos simbólicos. Beto atualizava este espaço tradicional de consagração do colunismo social clássico – a lista seja lá do que for – mudando os símbolos de *status* e alguns mecanismos de escolha. A valorização, simbólica e econômica, da imagem pessoal vinculada à coluna é um índice claro de reconhecimento do sucesso do seu autor e, para nós, indica também a conquista de uma posição estratégica no mercado de bens simbólicos.

Ao explicitar o contraste, Beto – de maneira inconsciente? – reforçava esta posição: o comentário às “listas e mais listas” que manteriam a filha da dondoca no noticiário é uma referência ao antigo modo de colunismo e reafirma a presença do novo no interior do campo. Revirando os critérios tradicionais de legitimação e visibilidade social, o colunista formava a imagem pública dos colunáveis e criava um novo repertório de qualidades, de referências de atributos. Tal repertório, restrito ao espaço social dos colunáveis, ganha maior dimensão e circulação devido ao alcance do meio (jornal) e da multiplicidade de leitores decorrente da variedade de assuntos característica da coluna enquanto crônica social ligeira. Através desta nota podemos concluir que Beto Stodieck atuava para ampliar o alcance do seu discurso:

O jornalista atuante escreve para a classe B, a que realmente lê jornais, a mais intelectualizada (duvidam?). Por isso, procurando ser atuante, faço nesta coluna uma mistura de assuntos: dos mais populares, aos problemas pais e filhos, passando por grilos de cidade, reações, probleminhas universitários e de serviços, conflitos de gerações, com um leve brilho que são as divinas mulheres. Apesar de popular é sofisticada... Sei lá – é, talvez, consequência da minha formação. [...]

“Para ser realmente lido, o importante é mostrar assuntos que despertem a atenção popular (polêmicos) numa linguagem cotidiana, usada pelo povo”, disse a minha experiência de, apenas, dois anos (experiência das mais válidas). Vou por a modéstia de lado: quem, quando pega o JSC, não lê a minha coluna? Mesmo não gostando... E por que ela é lida? E comentada? Não responderei... Sinto-me muito bem escrevendo para o povo – sem demagogia (o verdadeiro leitor, o que vibra com aquilo que gostaria de dizer – e aqui está).¹³⁹

Tal estilo, tratado aqui como crônica social ligeira, atingia um diversificado público dentro de um amplo espectro. Lia o jovem, que quer ser “descolado” – seja ele de classe média ou rico; lia os que circulavam pelo calçadão da “Felipa”, para saber das novas, dos boatos que foram parar no jornal; lia os políticos, os professores da UFSC, os artistas... Desta forma, o artista

Brandão, 15 anos; Carin Hahn da Silva, 16 anos; Ligia Helena Ramos, 17 anos; Claudia (Cacá) Orle, 14 anos; Christiane Coelho, 13 aninhos.

¹³⁹ STODIECK, Beto. **JSC**, 21 fev. 1972. “Uma coluna para a classe B mas é claro, ela é para todos...”.

sabia da rua que está esburacada, o engraxate da Praça XV tomava conhecimento de que o novo livro de Péricles Prade seria traduzido para as mais diversas línguas; o aluno do Instituto Estadual de Educação sabia que o Reitor da UFSC ainda não fora nomeado e o futuro Reitor saberia quem são as mais belas normalistas do ano... Tal *mix* de informação, coleta sistemática dos assuntos da cidade, por vezes encobre a autoria. Mas são estas notas, aparentemente menos autorais, as que mais definem a marca do colunista como formador de opinião, haja vista que o recorte acaba por pautar também as demandas simbólicas dos leitores – que vêm pela lente da coluna, aquilo que o colunista considera importante mostrar.

A conquista desta posição privilegiada promoveu e foi promovida pela ampliação das instâncias de consagração que, através da *performance* do jornalista como produtor cultural, excederam o espaço da coluna. O sucesso dos eventos de 1972 frutificou com a criação em 1973 do escritório de promoções e galeria de arte Studio A/2, onde Beto pôde incentivar, promover e legitimar artistas catarinenses e a cultura local. Isto sem deixar de lado os espetáculos que “explodiam” a antiga cidade imaginária, abrindo espaço para algo novo:

Eu pensava que conhecia Florianópolis e suas pessoas. Nasci, cresci e vivi aqui (passei cinco anos no Rio, é bem verdade – mas a maior parte da minha vida foi passada aqui, na Ilha). Sou parte e sei, ou sinto, tudo o que acontece. Assim, há dois anos e pouco percebi que alguma coisa muito importante estava acontecendo. As pessoas melhoravam, a cidade saía de sua casca sem deixar de lado, infelizmente, a maledicência e a vivacidade crítica de sempre.

Para participar do seu desenvolvimento deixei o Rio e prá cá me joguei com armas, bagagens, idéias, araras e samambaias. Estava louco prá fazer alguma coisa, ajudar no que fosse possível – e não apenas ficar de espectador das transas que, naquela época, apenas se anunciavam. Algumas pessoas começaram a sacar tudo, da vida, da morte, da cidade, do mundo. E Florianópolis começou a fazer parte do Brasil-Rio-Bahia. Não falo apenas da juventude – quase todos mudaram ou, pelo menos, foram adiante.

No meio de tudo, quando eu pensava saber das coisas, um espetáculo me desbundou: um conjunto pop pintou, fazendo som alucinante na última terça-feira. Os Mutantes – 2.600 wats de som. O teatro tremeu. O lustre mal agüentou e nunca se viu coisa igual. Quase mil pessoas – todas lindas e felizes. Os Mutantes perceberam a barra: Florianópolis era deles. O público se deixou dominar docilmente [...].

Agora eu tenho certeza. Nós moramos noutra cidade, noutra Ilha. Não é mais aquela Florianópolis de dez ou cinco anos atrás. É outra coisa – antes e depois dos Mutantes talvez. Não sei bem o que. Mas acho que Roberto tem razão quando diz que “quem sabe menos das coisas sabe muito mais que eu”. Posso não saber, mas sinto, sim: é forte.¹⁴⁰

¹⁴⁰ STODIECK, Beto. **JSC**, 07 abr. 1973. “Terça-feira, o dia em que Florípedes explodiu”.

“STUDIO A/2, A TRANSA TOTAL QUE FLORIANÓPOLIS HÁ MUITO ESPERAVA”.¹⁴¹

Antes da inauguração formal, a marca do Studio A/2 foi divulgada por Beto em vários eventos. O show dos Mutantes, por exemplo, foi uma promoção do Studio ainda em estágio embrionário. Por isso, no “dizer de um membro ativo da Felipa e arredores”, o Studio dava “uma de mãe solteira: produzindo, produzindo, antes de legalizar sua situação”.¹⁴² Uma feliz definição, visto que os planos para o escritório de produção começaram a ser traçados no início de 1973. Depois de Rita Lee e sua turma, em maio de 73, Gal retornou para mais um espetáculo; em julho foi a vez dos Novos Baianos. Também no final de julho, a coluna organizou um espetáculo com artistas catarinenses, o *Sassarúê/73*, que contava com a voz da conhecida figura florianopolitana, Nega Tide.¹⁴³ Quando foi inaugurado, mais do que um escritório de promoção cultural, o Studio A/2 incorporou galeria de arte, relações públicas e representação comercial. Uma “transa total”, enfim. Destas funções, merece destaque como meio de consagração simbólica, o papel da galeria.

Um dos assuntos presentes nas notas de Beto Stodieck desde a primeira fase n’O Estado foi a existência de uma “cultura catarinense” e a divulgação dos trabalhos de artistas locais, nas áreas da música, teatro e, principalmente, artes plásticas. Este tema incorporava-se à eferescente necessidade de afirmação de uma identidade regional, em voga naquele período. O desafio era encontrar um substrato unificador das ilhas de cultura existentes no território catarinense.¹⁴⁴ A cultura, manifestada numa produção artística de bases locais, poderia servir como argamassa para unir tais ilhas.

Beto era, a princípio, apenas mais um dos que conclamavam os barriga-verdes a colocar “toda sua catarinalidade pra fora”:

Parece que não temos personalidade própria, ou melhor que não estamos na nossa, ou ainda, não temos um sentimento de catarinalidade. Em outro papo, falta unidade

¹⁴¹ STODIECK, Beto. **OE**, 24 mai. 1975.

¹⁴² STODIECK, Beto. **JSC**, 05 set. 1973. “De como será o “début” do Studio A-2”.

¹⁴³ A idéia original, realizar um show ao ar livre, “o kioskistock”, foi transformada em feira de som, no Teatro Álvaro de Carvalho [STODIECK, Beto. **JSC**, 05 mai. 1973. “Feira de som para catarinense ver e ouvir”] e depois se materializou neste show, cujo nome homenageava o colonista Celso Pamplona [STODIECK, Beto. **JSC**, 07 jun. 1973. “O que é que Celso Pamplona tem a ver com tudo isso”].

¹⁴⁴ Esta visão de isolamento entre as diversas regiões do estado – fruto do histórico da colonização de Santa Catarina – era o mote para o curso “Fundamentos da Cultura Catarinense”, que na segunda metade de 1969 foi promovido pela Secretaria de Estado de Educação e Cultural. O curso percorreu diversos municípios, sendo ministrado por cinco iminentes intelectuais catarinenses: Walter Piazza, Victor Peluso Junior, Celestino Sachet e Paulo Fernando Lago. Transformado em livro, o curso sedimentou o conceito de “ilhas” – explicitado no texto de Celestino Sachet sobre os fundamentos da cultura catarinense. [DEPARTAMENTO DE CULTURA DA SEC. **Fundamentos da Cultura Catarinense**. Rio de Janeiro : Editora Laudes, 1970].

cultural, integração norte-sul-leste-oeste. [...] E Florianópolis? Bem, Florianópolis se considera um bairro da Zona Sul do Rio: se esqueceu que é Santa Catarina.

E nisso tudo, onde fica Santa Catarina? Santa Catarina está no interior da ilha, no primitivismo do povo do litoral das festas religiosas (leiam mais abaixo), no folclore colorido, na despreocupação com as coisas impostas pela sociedade de consumo. E disso não devemos nos envergonhar. Afinal de contas, aqui estão as nossas origens – boas ou más. Falei. || Ah, ia me esquecendo: Camboriú se esforça, faz o diabo pra parecer Copacabana.¹⁴⁵

Esta nota de 1972 é uma mostra de ‘catarinensismo’ que antecede em dois anos a publicação do livro com este nome – “preparado na ambição de constar como bibliografia de amor à terra de Santa Catarina” – de Theobaldo Jamundá.¹⁴⁶ Numa das apresentações que abrem esta obra, o ex-prefeito de Florianópolis Acácio Garibaldi repete, de certa maneira, com maior teor de erudição, as preocupações do colunista com o limitado espaço cultural catarinense:

Oportuno invocar a advertência de Toynbee: “qualquer civilização perece se não dá resposta adequada ao desafio mortal em que sua época a coloca”. Seria estultice falar em civilização sem o indispensável conteúdo cultural, pouco importando de onde os grupos humanos provêm, mas para onde vão, em termos de vocação e grandeza.

Os valores catarinenses gravitaram e ainda gravitam em limitadíssimo espaço cultural, sem a participação de todo o contexto nacional, o que os reduz, na maioria das vezes, a vozes abafadas no alarido ensurdecidor que estruge lá fora; não participamos, enfim, e condenamos as legítimas expressões do nosso alforje [sic] de valores humanos a fatal marginalização.¹⁴⁷

Popular e sofisticada, segundo a auto-definição vista anteriormente, a coluna tinha capacidade de conferir acesso permanente à visibilidade pública em diversos meios sociais. Beto Stodieck usava este potencial para abrir espaços para as “expressões do alforje” catarinense. Certamente, a ocupação deste espaço – que antes de tudo é local de consagração para o campo artístico – estava intimamente ligada à inserção na rede social e no gosto do colunista, que desta forma impunha ao conjunto da sociedade os princípios da sua visão de mundo, o seu ponto de vista. O que torna isso possível é o controle dos instrumentos de produção e difusão das informações, característica do campo jornalístico que lhe permite atuar sobre os demais campos da produção cultural.¹⁴⁸ Reforçando a visibilidade de alguns agentes, além de conseguir tornar sociais as representações formadas desde seu ponto de vista, Beto contribuía também para consolidar a posição dos artistas no seu campo específico.

¹⁴⁵ STODIECK, Beto. **JSC**, 04 abr. 1972. “Ah, se Santa Catarina pudesse arfar nos braços de todos os barriga-verdes ou desperte e ponha toda a sua catarinalidade pra fora”.

¹⁴⁶ JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. Op. cit. p.16.

¹⁴⁷ SAN THIAGO, Acácio Garibaldi. “Do velho baú de reminiscências”. In: JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. **Catarinensismos**. Florianópolis : UDESC/Edeme, 1974. p.22.

¹⁴⁸ BOURDIEU, Pierre. “A influência do jornalismo”. In: **Sobre a Televisão**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 101- 120.

Assim, nomes consagrados como Martinho e Rodrigo de Haro eram dos mais citados – Martinho inclusive sendo símbolo do potencial artístico catarinense. Na literatura, os poetas Lindolf Bell e Péricles Prade também eram recorrentes, de maneira mais intensa nos primeiros anos de coluna, mas nunca totalmente ausentes após. Neste período as notas traziam informações sobre a publicação de livros de autores locais, exposições individuais e coletivas – muito destaque para as exposições realizadas na galeria Açú-Açú do poeta Lindolf Bell, em Blumenau, para divulgar a produção local –, montagem de peças de teatro e da falta de espaços decentes na capital catarinense para todos estes eventos. Nas artes plásticas, interessa frisar, nenhuma das grandes coletivas realizadas em Santa Catarina ficou sem a cobertura da coluna, quais sejam: a 1ª Coletiva Catarinense de Artes Plásticas, em Brasília; a exposição “Artistas de Florianópolis na Assembléia Legislativa”; e finalmente a mostra organizada pelo promotor do A/2, Luiz Paulo Peixoto, na comemoração dos 250 anos da cidade: *Ars/Artis 250 anos de Cultura*.

A “falsa cultura”, “cultura de almanaque” típica da “dondoca”, era satirizada e desmoralizada em diversas notas; eram símbolos ultrapassados. Na ótica do jornalista, o crescimento físico e intelectual da cidade, antes de redundar num cosmopolitismo pastiche e pretensioso, deveria impor um novo sentido para o capital cultural, no qual as expressões locais fossem valorizadas.¹⁴⁹ O Studio A/2 pode ser compreendido como parte desta cruzada contra a “falsa cultura” e pela explosão das “novas cucas” florianopolitanas. A opinião e o gosto do cronista teriam outro espaço de visibilidade, onde puderam se aliar o lucro monetário e o lucro simbólico. Inicialmente a galeria seria aberta já definindo o “quem é quem” nas artes de Santa Catarina:

Muita gente ficará surpresa. Pessoas mais se chocarão. Vem aí a relação dos melhores em artes plásticas de Santa Catarina. Não há preferência por este ou aquele – vamos deixar briguinhas e intrigas de lado e partir para o lado sério da coisa. Mas o negócio é o seguinte: o Studio A/2, quando da sua inauguração, no dia 28 de julho próximo, mostrará o que de melhor se faz em Santa Catarina nas artes. Pintores, desenhistas, gravadores, escultores participarão da mostra – e, posso afirmar, que não mais do que 13 serão selecionados. Muito blefe será desmistificado. Muitos dos considerados “bons” pela “crítica especializada” cairão por terra. É que, na realidade, não passam de bons comerciantes (ou, quem sabe, chatos comerciantes [...]).

Para esta expo, que promete ser o começo de um grande movimento em nível nacional, os artistas já estão começando a ser manjados, vistos, revistos. Vamos ver no que dará isso. É uma coisa muito séria, um trabalho dos mais importantes. Aguardem, aguardem, aguardem.¹⁵⁰

¹⁴⁹ STODIECK, Beto. **JSC**, 22 set. 1972. “Marat Sade aqui? As pessoas ainda não aprenderam que quanto mais regional melhor”.

¹⁵⁰ STODIECK, Beto. **JSC**, 29 jun. 1973. “‘Who is Who’ nas artes de Santa Catarina”. [grifo nosso]

Esta primeira exposição ficou nos planos. Mas a função de legitimar, sob um manto de imparcialidade e profissionalismo, um conjunto de artistas locais seguiu em frete. O empreendimento foi inaugurado oficialmente em setembro de 1973, na Rua Padre Roma, 55, centro da cidade. Ainda neste ano, a casa abriu as portas para as exposições de Vera Sabino e Rodrigo de Haro, além de ter promovido a Festa das Fofas e um bazar de natal no mês de dezembro.

Após um recesso no início de 1974, o Studio A/2 promoveu uma seqüência de exposições: em março, Max Moura; em abril, Pléticos; em junho, Meyer Filho; e em novembro Martinho e Rodrigo de Haro. Além disso, organizou a Estoque Mobile A2, uma exposição de artistas plásticos de Florianópolis – Segundo a coluna, “Hassis, Eli Heil, Rico Stotz, Vecchietti, Max Moura, Vera Sabino, Meyer Filho, Silvio Pléticos, Rodrigo de Haro e Martinho de Haro são os artistas expositores”¹⁵¹, mas o Indicador Catarinense de Artes Plásticas aponta ainda que Janga e Jandira Lorenz participaram desta coletiva – que, além de capital catarinense, circulou por Lages e Joinville.¹⁵² Paralelamente continuavam as outras promoções da coluna, como um Festival da Pandorga (27 e 28 de julho) a Festa das Fofas (13 de dezembro).

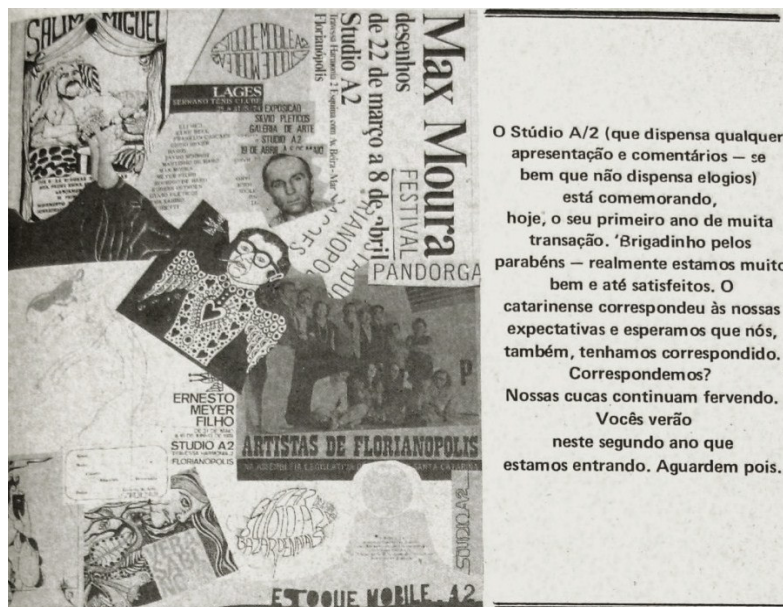


Figura 3 – Promoções do Studio A/2

Comemorando o primeiro aniversário do Studio A/2, Beto coloca na coluna uma montagem com os cartazes dos principais eventos promovidos pelo “escritório de arte”.

Fonte: STODIECK, Beto. **OE**, 14 set. 1974.

¹⁵¹ STODIECK, Beto. **OE**, 04 mai. 1974. “Joinville está olhando e adquirindo artistas da Ilha”.

¹⁵² STODIECK, Beto. **OE**, 06 jun. 1974. “A plasticidade vai bem, obrigado”.

Em 1975, a última referência que aparece ao Studio A/2 no seu período de atuação é quanto à montagem de uma apresentação de “Boi-Mamão”, no início do ano.¹⁵³ No dia 02 de abril de 1975, o colunista parou novamente de escrever, desta vez por quase um ano, retornando para as páginas do periódico somente em 01 de janeiro de 1976. Neste meio tempo o empreendimento cultural encerrou suas atividades, entrando para “o rol das coisas de saudosa memória”, como diria Beto Stodieck.

Nas suas palavras, “durante seus mil dias de fértil existência”, o Studio A/2 “procurou defender e promover os artistas plásticos catarinenses, frutos de nossa cultura e de nossa ambiência, embora sem desprezar as manifestações artísticas vindas de outros quadrantes do Brasil ou do exterior”.¹⁵⁴ Cumprindo esta função, a galeria também posicionou Beto Stodieck no campo artístico, tornando sua opinião autorizada e legitimadora. Tanto que ele sentia-se seguro para dar declarações muitas vezes demolidoras. Segue o exemplo: convidado para tomar posição quanto à exposição de artistas florianopolitanos, realizada em maio de 1974 no Hall da Assembléia Legislativa do Estado, escreveu um texto forte afirmando “Quem é quem na plasticidade de Florianópolis poderia ser o outro nome para esta exposição”. O texto provocou reações dos artistas excluídos. A resposta do jornalista:

E quem sou eu prá opinar? Não sou crítico de arte, sou um simples colunista. Exatamente. Me pediram pra dar uma opinião, prá tomar uma posição e como colunista, como dono de Galeria de Arte e como de reconhecido bom gosto (sorry) foi o que fiz. Doa a quem doer. De leve.¹⁵⁵

E todos os blefes da cultura catarinense estão contra a minha coluna. Por que será, hem? ...¹⁵⁶

Outra referência a este posicionamento do colunista no campo artístico encontra-se nas palavras de Adalice Araújo ao narrar o “clima” nas artes plásticas catarinenses na década de 1970:

A ação do museu [de arte de Santa Catarina] diminui gradativamente até se extinguir. [...] Galerias continuavam surgindo e desaparecendo, algumas excelentes como o Studio A2, e a Galeria Garagem [...]. Atuando regularmente, na crítica de artes plásticas: **Beto Stodieck**, elemento dos mais atuantes no setor plástico [...].¹⁵⁷

Não obstante o papel que a galeria teve na trajetória do colunista e dos artistas participantes de sua rede, após o encerramento de suas atividades, o espaço, aparentemente, caiu

¹⁵³ Existe também a indicação de uma coletiva de artistas catarinenses organizada em parceria com a Ars/Artis em 1975 em: ARAUJO, Adalice Maria de. **Mito e Magia na Arte Catarinense**. Florianópolis : Governo do Estado de Santa Catarina, 1979.

¹⁵⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 27 mar. 1973. “Nada a declarar”.

¹⁵⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 14 maio 1975. “Tomando posição”. [grifo nosso]

¹⁵⁶ *Idem*. “Manchete da colunete”.

¹⁵⁷ ARAUJO, *op. cit.*, pp. 59-60. [grifo no original]

no esquecimento e alguns – diz Beto Stodieck – faziam “questão de omitir o nome do ex Studio A2 quando da relação de locais onde já expuseram. [...] Afinal, o que é que há?”¹⁵⁸ O colunista referia-se especialmente a Rodrigo de Haro, cujo nome – já naquela altura – tinha maior poder de impor legitimidade do que o antigo centro de arte.

3. EXPLOÇÃO.



Figura 4 – A explosão da cidade.

Fonte: STODIECK, Beto. JSC, 18 jul. 1972.

O olhar do jornalista, debruçado sobre o dia-a-dia da cidade, torna-se tão apurado quanto a técnica do artista. Usando a palavra, sem intenção poética ou pretensões literárias maiores, cada coluna publicada ao longo de mais de vinte anos de atividade serve como peça num mosaico que forma uma rica imagem, cujo sentido e formas ficam mais bem definidas quando olhamos à distância o conjunto da obra. De perto, cada coluna é uma pedrinha que compõe uma enorme paisagem da vida urbana. Compare-se a nota abaixo com o *Panorama* de Martinho de Haro:

[...] Do quarto andar de um sólido edifício vejo a reconstrução da Vila de Nossa Senhora do Desterro. (Por reconstrução pode-se entender muita coisa mais do que urbanismo. Às vezes me torno radical, sabe).

Temos vergonha do passado. Não suportamos nossas origens, nosso arcabouço, nossa arquitetura física e espiritual. Negamos o Desterro, vivendo em perpétuo exílio. Não nos conhecemos e não amamos porque não há mais lugar para a fantasia e a

¹⁵⁸ STODIECK, Beto. OE, 04 jun. 1976.

imaginação. Existe apenas a gravata, o consumo e todos obedecem como bons filhos da ordem e do progresso.

[...] A Ilha ainda é refúgio, mas tem seu tempo contado. [...] Deus vigia a Ilha night and day. Cuidado, que Ele pode ser tomado de fúria e lançar terrível maldição sobre aqueles que não suportam a liberdade de conversar nas esquinas.

Lagoa, Armação e Joaquina são três mulheres douradas de sal e mel, vestidas de bilro. Logo afogarão suas areias sob o lixo de 1980. Mística e açoriana, esconderijo de piratas, acolhedora do outono e do vento sul, a Ilha bebe o último copo de vinho verde e esconde a nudez de seu primitivismo em túnicas de tergal.¹⁵⁹

A cidade, dotada de forma, movimento e personalidade deixa de ser mera construção, simples acúmulo de gente e construções. A cidade é um organismo, que carrega outras vidas em si. Mas é uma cidade onírica, vivente apenas na tinta que vai à tela ou ao papel jornal.

Nas crônicas ligeiras que Beto Stodieck escreveu entre os anos 1971 e 1976 a sensibilidade do jornalista capta algo além daquilo que o cientista social conseguiu apreender. Mais do que um novo surto de modernização a cidade passava, para o colunista, pelo momento mais importante da sua história; momento de uma transformação violenta “na sua natureza mais íntima”.¹⁶⁰

Conforme o próprio Beto indica, esta capacidade de traduzir o sentido da mudança mais profunda pela qual Florianópolis passava, que ia além do crescimento populacional e da construção civil, desenvolveu-se com a prática do colunismo diário:

Quando há dois anos atrás, comecei a escrever, o que mais se lia nesta coluna, eram críticas ao funcionamento dos serviços públicos de Florianópolis. Trânsito, telefones, buracos nas ruas, sei lá, essas coisas. [...] Aos poucos fui me cansando. [...] E passei a tratar mais dos problemas de cada dia, de cada um.

Me embrenhei pelos cantos e quebradas desta Ilha. Presencio a grande explosão de algumas gerações, participo dela, mas fico esperando. Esperando que as pessoas que tomam conta da cidade, compreendam o que está acontecendo. Não se trata somente de uma fase de crescimento. Trata-se de uma transformação geral de todos os nossos ancestrais valores e situações. E só tende a aumentar.

Eu, cá do meu cantinho de jornal tenho presenciado tudo isso, e procuro tornar lípidas algumas coisas que me parecem turvadas pela falta de visão clara de algumas pessoas. Não pretendi e nem quero saber de ficar feito uma cassandra maldita, renunciando catástrofes. Mas não custa esperar que alguém se toque.¹⁶¹

A destruição do antigo casario do centro da cidade aparecia em sua prosa (quase) diária em forma de protesto e lamentos. Este esforço solitário do colunista ajudou a fomentar uma mentalidade de defesa do patrimônio cultural da cidade, principalmente o arquitetônico. Como veremos, apesar da demora, algumas pessoas foram “se tocando” de que a cidade estava

¹⁵⁹ STODIECK, Beto. **JSC**, 09 abr. 1972. “Conversa desenfreada e frenética sobre uma cidade”.

¹⁶⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 07 nov. 1974. “Cada Macaco no seu galho, eu não me canso de falar”.

¹⁶¹ STODIECK, Beto. **JSC**, 12 jul. 1973. “Florianópolis: vai e volta, leva e trás. A vida continua na mesma apesar do ‘sprachtbuuuum!’”.

“morrendo”, para usar as palavras do nosso personagem.

Ele próprio adotaria, diante da “sanha progressista”, uma nova postura. Se naquela conversa desenfreada e frenética, citada acima, ainda usava o termo reconstrução, ao cabo de meses ficava mais claro que não se tratava de uma simples mudança cosmética, morfológica ou estrutural. Assim, a metáfora do assassinato tornou-se recorrente nestes anos em que o planejamento urbano mudou radicalmente as formas da cidade, parecendo, enfim, cumprir a vontade daqueles que a rebatizaram. Florianópolis, a nova, para nascer enterrava a antiga cidade.

¹⁶² O que surgia não era plenamente reconhecível, mas seus efeitos já pareciam claros:

Do alto do morro da Cruz, olhando a cidade lá embaixo, que pena, que dó, ela já não é minha pequena: uma antiga e engraçada cidade, quase uma vila, encravada entre o mar e a montanha, Nossa Senhora do Desterro, está sendo varrida do mapa. No seu lugar, um horror, mais uma das aberrações do século XX, uma americanizada city de não sei quantos andares, toda em cimento armado, de um mau gosto assustador, está sendo construída. [...] é apenas Florianópolis 1973 – quase 1974. Uma cidade assassinada.

Estão morrendo os casarões, antigos e históricos e românticos; as ruas já não mais aparecem, os paralelepípedos estão sendo substituídos, estão sumindo, como num passe de mágica, os últimos vestígios de uma tradição, de uma cidade que um dia existiu. Desconheço isso que aí está – não tem nada a ver. Se ao menos tivessem construído uma outra coisa, uma cidade planejada, urbanizada, dentro da tão comentada (e nunca aplicada) técnica moderna, na Trindade, no Campeche, ainda vá lá: é como se faz nos centros onde há inteligência e bom senso. [...] ¹⁶³ [grifo nosso]

Sinal de que este discurso teve eco é a carta de elogio e aprovação enviada por Rodrigo de Haro, publicada no dia seguinte e concluída assim: “A memória de um povo, a memória de uma civilização, de uma cidade e da Pátria é sua arquitetura; são os depoimentos levantados sucessivamente por várias épocas e respeitadas como a mais cara herança. Não somos arrivistas brotados do nada em qualquer deserto. Preservemos o que sobra”.¹⁶⁴

“EU, MODÉSTIA PARTE, SOU UM PROGRESSO”

É importante ter claro que os defensores do patrimônio arquitetônico do centro histórico nadavam contra a corrente desenvolvimentista que tomava conta da cidade, como de resto todo país. Contudo a situação de Florianópolis há tempos era especialmente receptiva ao discurso

¹⁶² STODIECK, Beto. **JSC**, 21 mar. 1972. “Não querem que Desterro continue: que mania de destruição”; 02 jun. 1973. “A cidade assassinada”.

¹⁶³ STODIECK, Beto. **OE**, 28 nov. 1973. “Quando progresso não é progresso, é mau gosto”.

¹⁶⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 29 nov. 1973. “Rodrigo de Haro: uma voz contra a destruição da cidade”

progressista.¹⁶⁵

Já no século XIX, durante o segundo surto de desenvolvimento da cidade definido por Nereu do Valle Pereira¹⁶⁶, quando a incipiente questão urbana da capital entra no rol das preocupações das elites locais, a *intelligentsia* desterrense tentava estabelecer pontes entre Desterro e o “mundo civilizado” criticando a organização do espaço e as práticas de sociabilidade da cidade através de crônicas e notícias. Certo projeto de modernidade chegava à Ilha de Santa Catarina realçando o *outro* que deveria ser superado: o atraso e o ultraprovincianismo.¹⁶⁷

Revirada e reforçada nos últimos anos do Império e primeiros anos da República, “a esquina de uma época” segundo a historiadora Rosângela Cherem, esta representação daquilo que a cidade deveria combater, cristalizou no imaginário de Desterro os valores característicos da virada daquele século: progresso e civilização.

Como sinal da força e permanência destas imagens, algumas das suas projeções acabaram tornando-se concretas em períodos subseqüentes através de signos de modernidade inseridos no espaço urbano. É o caso do cemitério, do nome da cidade e da ponte. Os dois primeiros representavam o atraso: um cemitério no portal de entrada não correspondia aos ideais estéticos e higiênicos dos homens modernos e o nome Desterro não representava o progresso e o desenvolvimento que se almejava. A ponte pênsil, ligando a Ilha ao continente, mais do que o seu caráter funcional teria um simbólico: serviria de ícone do progresso da cidade, um verdadeiro *local de modernidade*, que teve que esperar outro grande momento de desenvolvimento para se concretizar, mas que prova a permanência que essas idéias tiveram nas mentes dos homens e mulheres de então.

Contudo, no final do Império o progresso e a civilização não apenas lançaram sementes para a época seguinte, segregando grupos, redefinindo as relações de público e privado, criando espaços e personagens urbanos. Inseparáveis da idéia de higiene e salubridade estes dois

¹⁶⁵ FONSECA, Jefferson Rafael da. **“Longe demais das capitais”**: a tempestade do progresso em Florianópolis, S.C. Monografia (bacharelado em História) – FAED, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

¹⁶⁶ Compreendida entre os anos 1830 e 1880, após o nascimento da cidade, na verdade, esta seria a primeira fase de prosperidade se considerarmos, como nos sugere o autor, que no primeiro surto de desenvolvimento entre os 1738 e 1777 a urbe deixou de ser uma pequena vila e “nasceu” como capital ao ganhar importantes prédios destinados a equipamentos militares e às sedes do poder público e eclesial. (PEREIRA, Nereu do Vale. **Desenvolvimento e Modernização**: um estudo de modernização em Florianópolis. Florianópolis : Lunardelli, 1974. p.48-53)

¹⁶⁷ SIEBERT, Itamar. **Um biênio de provações e entusiasmos nas origens do jornalismo catarinense (1855-1856)**: entre a polemica política e o processo civilizador. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 1995.

conceitos transformaram a fisionomia da cidade e os hábitos dos seus moradores.¹⁶⁸

Com a proclamação da República novos atores sociais entram em cena e aparecem fissuras dentro da elite local. Entretanto, o desejo de civilização e progresso permaneceu e foi re-apropriado pelo novo sistema político que, ao relacionar a imagem do atraso em que vivia a cidade, ao Império, assumiu a tarefa, e a promessa, de colocar Desterro no mundo civilizado. Mesmo sem cumprir as promessas de transformações efetivas na cidade naquele momento, a República acabou criando diversos sentidos e desejos que marcaram o período iniciado após a estabilização do regime em Santa Catarina.

O fenômeno de re-ordenamento do país em função das determinações impostas pelo capitalismo e pelos seus valores agora cristalizados, ocorreu de maneira intensa nas duas primeiras décadas do século 20. Seguindo a ótica dos saberes médico-higienistas, que então ditavam as políticas de urbanismo, os espaços foram problematizados. Aproveitando um ciclo econômico favorável, mesmo sem a existência, em Florianópolis, de fatores como crescimento populacional ou desenvolvimento de indústrias, que explicariam as medidas tomadas pelos governantes de outras regiões do país, são realizadas intervenções junto à população mais humilde, seguindo os moldes de modernização e urbanização aplicada no Rio de Janeiro¹⁶⁹: construção de novos espaços públicos; produção de discursos ligados ao ideal de progresso e civilização, visando inserir novos hábitos e moldar as práticas do cotidiano; implantação de uma “racionalidade segregatória” onde higiene, circulação e rapidez são justificativas para uma nova configuração da cidade.

Assim, o traçado luso-brasileiro original da cidade não poderia corresponder a estas propostas remodeladoras. A Florianópolis que surgia no alvorecer do novo século teria que limpar os resquícios da velha cidade que, segundo os discursos emitidos por jornalistas, literatos e intelectuais em geral, carregava a imagem de “desintegração”, “atraso”, “decadência”, “isolamento”, “economia desarticulada”.¹⁷⁰

Naquele momento, em que em outras regiões do estado se industrializavam e criavam pólos de desenvolvimento, as mudanças fizeram-se necessárias também para que a cidade

¹⁶⁸ CHEREM, Rosângela M. **Caminhos para muitos possíveis: Desterro no final do Império.** Dissertação (Mestrado em História). USP, 1994; e **Faróis do tempos novo – política e cultura no amanhecer republicano na capital catarinense.** Tese (Doutorado em História). USP, 1999.

¹⁶⁹ PEREIRA, Nereu do Vale. **Desenvolvimento e Modernização: um estudo de modernização em Florianópolis.** Florianópolis: Lunardelli, 1974. p.55-56.

¹⁷⁰ ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral: Reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República.** Dissertação (Mestrado em História) – PUCSP, São Paulo, 1986.

mantivesse o *status* de capital. De origem germânica, a elite econômica da capital, que desde o final do século XIX ampliava seu espaço também no campo político, atribui então às características ao “homem do litoral” os elementos do atraso que pretende extirpar da cidade. O reverso do progresso e da modernidade, que para os republicanos era o Império, agora é o descendente dos açorianos que colonizaram o litoral catarinense.

Mudam os atores. Permanecem, porém, os adjetivos. Mas, após aquela intensa reformulação do primeiro quartel do século, teria a ilha-cidade superado o seu provincianismo aparentemente intrínseco? Reinaldo Lohn demonstrou que não: em meados do século 20, nos anos que seguem ao fim da Segunda Guerra Mundial, a modernidade e o progresso continuavam sonhos para os construtores da cidade – em especial a elite local. Sonho este que permanece sendo transportado para projetos urbanísticos.¹⁷¹

Esta panorâmica da história cultural do urbano em Florianópolis, apoiada em algumas obras fundamentais da nossa historiografia, permite identificar a permanência de determinados temas e afirmar que o conjunto de mudanças da cidade na década de 1970 ocorreu sob a égide de uma representação do mundo social que a ligava o passado ao atraso e à estagnação.¹⁷² O progresso sempre sonhado aparentemente chegara, mas esta representação social que durou tanto tempo não poderia desaparecer de uma hora para outra.

Mas ao menos em um espaço o progresso era uma representação em disputa. Em maio de 1972 a coluna Beto Stodieck, com um sutil sarcasmo, elogiava os ícones urbanos do progresso divulgado pelos órgãos governamentais:

O aterro da Baía Sul está pra começar: as tubulações já estão aí: a draga está sendo reparada num estaleiro do Rio (daqui a pouco estará por aqui) e todos se assanhando com a nova dimensão do Centro da cidade. E tem mais, com isto tudo: a nova ponte, salvadora e descongestionante. Muito legal tudo isso. Aproveito a nota pra dizer o seguinte: eu não gosto do nome da cidade – Florianópolis –, voltar ao antigo também não está legal, não diz muita coisa – Nossa Senhora do Desterro. Por que então, não chamar a cidade de **Nossa Senhora do Aterro?** Seria uma maneira de homenagear tamanho benefício pra cidade. Fica a sugestão pra ser aproveitada pelas autoridades.¹⁷³ [grifo no original]

¹⁷¹ LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Pontes para o futuro**: relações de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2002.

¹⁷² Esta cidade-atraso, no entanto, não era a propriamente a “velha Desterro” como Beto muitas vezes sugere. O trabalho de Hermetes de Araújo assinala que foi no início do século 20 o momento em que a face física da cidade sofreu as modificações que formaram a paisagem daquela área central defendida pelo colonista. Mesma definição é corroborada por Eliane Veras da Veiga, cuja pesquisa vai até o terceiro decênio do século passado por entender também que ali a morfologia desta região se consolida. Cf. VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis: Memória Urbana**. Florianópolis: Editora da UFSC e Fundação Franklin Cascaes, 1993.

¹⁷³ STODIECK, Beto. **JSC**, 09 maio 1972. “O aterro e a ponte: soluções salvadoras em ação ou um novo nome pra cidade: aqui a sugestão”.

Note-se o jogo. Entrando na discussão sobre o nome da cidade, cruelmente imposto por Floriano Peixoto segundo aqueles que defendiam o retorno ao nome antigo, Desterro, o cronista traz à baila a descaracterização da cidade pelo aterro. Sugerindo a troca do nome brincava com a mudança: como se insurgir com as palavras e fechar os olhos às coisas?

Beto não desmerecia o orgulho muito menos a necessidade do florianopolitano diante do progresso. Porém, tentava mostrar que sua fonte de contentamento era falsa. Um exemplo, quando ele chamava a atenção para o paradoxo da cidade que crescia, porém continuava pequena:

Não estou falando só da maneira das pessoas serem por aqui. Isso já é outro papo. É que ninguém consegue fazer nada, nem viver, sem estar à sombra da protetora catedral. Todo mundo quer o centro. O centro que eu falo é o triângulo formado pela Beira-Mar, Mauro Ramos e Francisco Tolentino. Claro que outros lugares, fora disso, aí estão, habitados, mas as transações todas, só aqui dentro.¹⁷⁴

Quando resolveu crescer, a cidade aumentou o “triângulo” aterrando “um pedaço do mar, exatamente em frente à dita catedral”. Mesmo assim, este espaço central devido ao adensamento populacional e a verticalização, a cada dia ficava menor. A solução seria construir diversos outros centros: “Assim perderíamos a fissura de só querer ficar à sombra da catedral e sempre a poucos metros da figueira”.¹⁷⁵

Utilizando de outro sentimento muito forte do florianopolitano, a nostalgia, por vezes o colonista partia para um conformismo provocador, como quando conclamava o leitor a aceitar os efeitos colaterais do progresso (ruas esburacadas, neurose, barulho), pois afinal, “devemos sofrer em silêncio: é a nossa sina, sina de cidade que está crescendo. Se bem que preferia ela pequenina, sem essa de progresso, sem essa de buraqueiras”.¹⁷⁶ Mas, em geral o diálogo com o leitor “progressista” se dava pela contestação ampla do tipo de “progresso” em curso:

E lá se foi a vista da minha última janela... Ontem a tarde descobri que mais um grande prédio havia nascido, cobrindo a vista da minha janela. [...] Que pena que tem que ser assim, que pena que tenha tanta gente querendo morar na cidade, que pena que o centro da cidade seja tão pequeno para abrigar tanta gente. E é mesmo uma pena, porque Florianópolis, que era uma ilha linda, cheia de ruazinhas estreitas e casinhas cheias de graça, está ficando uma cidade apertada, sufocante, sem espaço, sem jardins, sem nada, só um amontoado de prédios feios, de janelas pequenas, igual a qualquer cidade feia do mundo. E o mais triste de tudo é que ninguém pode fazer nada, a não ser ficar olhando os monstros crescendo, subindo, poluindo, destruindo a beleza de Desterro e daqui a algum tempo não vai dar nem mesmo para imaginar como foi lindo Florianópolis, a terra de Floriano. Progresso, não é, minha gente?¹⁷⁷

¹⁷⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 05 jul. 1974. “Uma cidade portuguesa, com certeza”.

¹⁷⁵ *Ibidem*.

¹⁷⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 06 nov. 1973. “Uma municipal”.

¹⁷⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 06 abr. 1974. [grifo nosso]

Florianópolis, a louca (nem tão mansa assim). Florianópolis, pobre cidade: está ficando neurótica. “Um analista, por favor, é urgente”, é o que parece que ela está pedindo. Suplicando. Prá que? Quem vai resolver seus problemas? É a consequência do tão decantado e aguardado “progresso” que, de uns dois anos prá cá, se apoderou da mente florianopolitana, até então considerada sã.

Necrológio de uma praça. A casa da família Cherem, na Praça Pereira Oliveira, umas das duas últimas daquele local que resistia bravamente a fúria das imobiliárias da Ilha, será, finalmente derrubada para a alegria daqueles que curtem a “progressista” Florianópolis. No seu lugar, surgirá imponente edifício de escritórios – e só “não será residencial porque não tem garagem”... [...] Aliás, dêem uma olhadinha ao derredor e vejam o que fizeram com aquela que um dia foi uma das mais bonitas e arborizadas praças da cidade e que hoje só existe nossa saudade. [...].¹⁷⁸

A cidade, a cada semana que passa. [...] estou de volta a Florianópolis, enfrentando uma cidade cada vez mais congestionada e louca. [...] Loucura de cidade grande, cidade essa que muitos estão se orgulhando e dizendo de boca cheia que “finalmente o progresso está chegando”.¹⁷⁹

Aqui fica clara a aparente contradição daquele que se sente atraído pelo novo, porém resiste à sua chegada. O conceito de progresso pode ter múltiplos sentidos e diferentes leituras. A publicidade das construtoras e imobiliárias, certamente ciente do desejo de modernizar-se que fazia parte do imaginário da cidade, que promovia incansavelmente a verticalização como um avanço – “É uma pena, mas uma capital não tem o direito de ser somente patrimônio histórico”¹⁸⁰ – encontrou nas colunas de Beto Stodieck um contraponto: “Sinto Muito, Mas Ninguém Tem o Direito de Destruir o Patrimônio Histórico de uma Capital”.¹⁸¹

¹⁷⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 14 ago. 1974. [grifo nosso]

¹⁷⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 21 ago. 1974. [grifo nosso]

¹⁸⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 15 jun. 1974.

¹⁸¹ STODIECK, Beto. **OE**, 19 jun. 1974.

“QUE MANIA DE DESTRUIÇÃO!”

Hoje é dia da maré-de-sete anos. Eu li no jornal que o Sol, a Lua e nosso azulado planetinha estarão em linha reta, o que fará nossos mares subirem atraídos pela força atrativa daqueles conhecidos corpos celestes. O jornal diz que se houver muito vento, pode até ser perigoso pra quem vive a beira-mar.

Foi então que eu fui me deitar com a maré-dos-sete-anos na cabeça e sonhei. Sonhei que o mar subiu muito e caiu um vento sul daqueles de rodopiar papel mais alto que a catedral; e apareceu uma nuvem muito escura sobre a cidade que despejou sobre a terra muita água e muitos raios. O vento zuniu a noite inteirinha e quando era de manhã cedo, as pessoas notaram que as casas e as ruas estavam branquinhas de areia, uma areia muito fina como as dunas da Lagoa. Os carros nem se atreveram a sair nas ruas porque todo mundo sabe que eles atolam na areia.

Eu saí de casa descalço e fui pisando aquela areia toda até o centro da cidade passando pelas ruas branquinhas, lindas, branquinhas.

E cheguei na praça quinze que estava vazia de carros e de barulho. Ainda era cedinho, mas o sol já ia alto e quente. Foi quando vi uma porção de gente no Miramar e muitos até tomando banho, outros só olhando, outros sentados em mesinhas bebendo cerveja, beliscando salgadinhos, tudo gente conhecida de agora e de outros tempos, todo mundo muito contente que o mar tinha voltado. Ai o telefone tocou.¹⁸²

O debate sobre a preservação do passado e o futuro da cidade, como indicam as citações anteriores, intensificou-se no final de 1974. Com a proximidade da conclusão do aterro da baía sul e a implantação de um novo sistema viário no centro da cidade, adaptado às necessidades criadas pela nova ponte, ficava mais nítido o rumo das intervenções.

A derrubada do Miramar foi emblemática, colocou em disputa aberta diferentes concepções de progresso e a preservação do patrimônio histórico, tendo de um lado um pequeno grupo de “preservacionistas” e do outro os agentes da especulação imobiliária, somados, para maior indignação do colunista, a servidores públicos que deveriam defendê-lo. A criação do Serviço de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural em Florianópolis, foi recebida de maneira cética, merecendo uma provocação em caixa alta: “A CIDADE ESTÁ COMEMORANDO A CRIAÇÃO DO SERVIÇO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO. COMO? DERRUBANDO OS MAIS BELOS CASARÕES QUE SÃO CONSIDERADOS “COISAS VELHAS”... PATRIMÔNIO É OUTRA COISA...”¹⁸³

Tinha razão quanto à visão dos gestores do patrimônio histórico. Em setembro de 1974 entrou em conflito com Wolney Millis, então Diretor do Patrimônio Histórico do Município que já dizia: “Não vejo a história do Miramar”. Ao que Beto respondia: “Pois eu vejo. A partir do

¹⁸² STODIECK, Beto. **OE**, 07 fev. 1974. “The Dream is Over”.

¹⁸³ STODIECK, Beto. **OE**, 04 mai. 1974.

momento que ele deixou de ser Miramar para mirar o aterro, passou para a história”.¹⁸⁴

A semana em que o Miramar foi demolido, para Beto, nada havia deixado para a cidade, “muito pelo contrário, tirou”:

[...] Florianópolis esta semana sofreu um abalo irreparável. Todos nós sofremos. Foi quando um enorme trator investiu contra o Miramar, o velho trapiche, agora cercado de terra, onde nossos avós tomavam a lancha Zuri para ir ao Streitcho. Nesse momento, ficou perfeitamente claro o nível intelectual daqueles que teriam obrigação de zelar pela nossa cidade. O Miramar foi parte inseparável da ilha durante muitas décadas. E seu sacrifício foi a coisa mais inglória e inútil que já fizeram contra Florianópolis. Será que a falta de imaginação é tanta a ponto de acharem que não haveria outra solução? Porque, my God? Quando é que as pessoas vão começar a entender que “progresso” não é nada disso que estão pensando? Auto-pistas e arranha-céus?

Hoje, todo mundo está sentindo falta. É só passar por ali e sentir um vazio terrível. Um vazio que aumentará se a sanha demolidora de alguns conseguir seu intento de destruir o mictório público pela vaga razão de que não foi tombado como monumento histórico por nenhuma burocrática e sonolenta repartição pública.¹⁸⁵

Essa demolição não apenas resultou numa experiência de perda de identidade, fundamentalmente expôs a falta de critério e planejamento dos gestores públicos. No local onde antes existia a construção ficou somente o vazio. Depois, naquele espaço surgiu um estacionamento, seguido por um gramado, então uma praça e, atualmente, um memorial... do Miramar. Nenhuma pista para automóveis para facilitar a circulação na região central, que era a justificativa dada pelos planejadores da cidade.

Meses depois o assunto retorna à coluna, motivado pela entrevista dada por Sara Regina Silveira de Souza, então membro da Comissão do Patrimônio Histórico Municipal, responsável pelos pareceres sobre a demolição de edifícios que pudessem ser considerados patrimônio. Na reportagem, Sara Regina legitimou com sua fala autorizada de historiadora e professora universitária a clara apologia da demolição do sanitário público municipal, antiga estação de elevação mecânica. A elevatória da praça XV, como era originalmente chamada, era parte do primeiro sistema de esgoto sanitário de Florianópolis, iniciado antes de 1914:

[...] situada a beira mar, na Praça XV de novembro foi construída com requintes especiais de acabamento pela firma Brando & Cia de Florianópolis [...], tais requisitos foram necessários em virtude de o prédio possuir dupla função: a de servir como Mictório Público e a de bombear os esgotos para a estação depuradora, próxima a ponte Hercílio Luz.¹⁸⁶

Ainda assim, a historiadora declarava que o mictório, tal e qual o antigo Trapiche

¹⁸⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 23 set. 1974. “Florianópolis está triste: o Miramar está agonizando”; **OE**, 25 set. 1974. “Desculpem, estou voltando ao assunto”.

¹⁸⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 27 out. 1974. [grifo nosso]

¹⁸⁶ RAMOS, Átila Alcides. **Memória do saneamento Desterrense**. Florianópolis : Ed. CASAN, 1986. p.103.

Municipal, do ponto de vista histórico ou mesmo arquitetônico, não apresentaria nenhuma característica que o colocasse na lista dos monumentos a serem conservados. Palavras reforçadas pelo presidente da Comissão e pela legenda das imagens que acompanhava a reportagem: “O único impecilho [*sic*] para um perfeito fluxo dos veículos que usam as vias do aterro é o velho sanitário”; “Embora só atrapalhe, não se sabe ainda se será derrubado”.¹⁸⁷

A resposta foi imediata. Beto retomou a situação do Miramar, que “bem que poderia estar mirando a grama”:

A gente não pode mesmo ter descanso nesta vida. Primeiro derrubaram o Miramar, antigo Trapiche Municipal, onde, antes da construção da Ponte Hercílio Luz, atracavam as lanchas que faziam a travessia ilha-continente. Puseram abaixo para facilitar, segundo fontes governamentais, o trânsito em direção à nova ponte. E onde era o Miramar existe hoje, por melancólica ironia, um gramado. [...] Aqui desta coluna muito se falou nisso, mas ninguém ligou porque a sanha demolidora e “progressista” (revisor favor não esquecer as aspas que elas são indispensáveis para este tipo de progresso que não ousa declarar o seu verdadeiro nome) não tem ouvidos, é cega e surda.

Agora, como se não bastasse, leio com tristeza uma professora de história da UFSC declarar que o Miramar não tinha nenhum interesse histórico. Como não tinha? [...] Quer dizer, porque o Miramar não foi construído por nenhum arquiteto rococó do fim do século e porque nele viveu nenhum dos chamados figurões que fazem as delícias dos “historiadores”, ele não tem (tinha) significado algum para a cidade? É claro que tinha. Só que ele não existe mais. Foi derrubado e virou um gramado artificial.¹⁸⁸ [*grifo nosso*]

No mesmo veículo de imprensa, duas vozes tão diferentes. A sensibilidade dos leitores é trabalhada não apenas no direcionamento do olhar, mas também quando aponta o lado falso dos problemas apresentados pelo discurso oposto. O leitor que no dia anterior olhara a imagem do sanitário (Figura 5, abaixo) e, conduzido pelo texto, notava a posição da construção no meio da via, após ler a crônica acima provavelmente perceberia melhor o gramado ocupando o espaço do antigo Miramar. Isto pode dar uma dimensão da capacidade que o colunista possui de construir representações sobre a cidade, atuando sobre a forma como seus leitores vêem e pensam a realidade e assim introduzir um novo imaginário social urbano.¹⁸⁹

¹⁸⁷ ESTÁ na hora de demolir o sanitário público: só atrapalha. **OE**, 15 mar. 1975. p.09.

¹⁸⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 16 mar. 1975. “O Miramar bem que poderia estar mirando a grama”.

¹⁸⁹ PESAVENTO. **O imaginário da cidade**. *op. cit.* p.162.



Figura 5 - Sanitário Público.

Fonte: Jornal O Estado, 15 mar. 1975. p. 09.

A falta de sentido e objetivo da destruição anterior foi aproveitada para tentar salvar esta edificação:

Agora fala-se em demolir o Mictório Público, uma das mais simpáticas e características peças arquitetônicas do centro da cidade. [...] Mas deixem-no aonde está [sic], como está. Para que nossos filhos não nos acusem mais tarde de que não temos memória, de que destruímos tudo o que havia do passado da cidade, SEM NECESSIDADE, apenas por vontade de por tudo abaixo, apenas por burrice. ¹⁹⁰ [destaque no original]

O apelo foi atendido. Se a derrubada do Miramar foi um duro golpe na campanha do cronista em defesa do patrimônio arquitetônico do centro da capital, a manutenção do Sanitário Público e sua posterior transformação em Museu, mais do que uma vitória foi um sinal da força e da importância das notas de Stodieck para a cidade. Certamente, neste caso, foi importante também a mudança de poder no paço municipal, que atrasou o processo de demolição permitindo novas colunas sobre o tema e, principalmente, mudando os responsáveis pelo patrimônio histórico.¹⁹¹

Do seu local privilegiado, o cronista percebia antes da grande maioria dos leitores os

¹⁹⁰ *Ibidem.*

¹⁹¹ Em 02 de setembro de 1983 tiveram início os trabalhos de restauro, executados nas áreas interna e externa, cobertura e subsolo do “castelinho”. Em maio de 1985 o espaço foi aberto ao público como Museu do Saneamento, contando com um pequeno acervo de itens relacionados ao tema. [RAMOS, Átila Alcides. op. cit., pp. 103-128.]

golpes na identidade urbana de Florianópolis, representados tanto pelo desaparecimento de pequenos marcos, como o Sanitário, quanto pelo afastamento do mar em decorrência dos aterros da região central. Desta maneira, captava na prática aquilo que Sandra Pesavento nos ajuda a teorizar:

[...] a identidade de uma urbe tende a apoiar-se em marcos de referência preciosos, visuais e sensíveis, que, se por um lado compõem a unicidade do padrão identitário, permitindo o reconhecimento da cidade, por outro estabelecem a diferença em face de outros centros urbanos. Via de regra, estes elementos individualizantes – monumentos, traçado urbano, tipo de construção arquitetônica, paisagem, costumes, proceder – são observáveis no centro da cidade, *locus* da origem da urbe e, quase sempre, núcleo histórico, religioso e político. ¹⁹²

Era justamente para a perda dessa identidade que tornava Florianópolis atraente não só por sua natureza exuberante que Beto chamava a atenção. Com a imagem da cidade assassinada, que sangrava a olhos vistos diante imobilidade de todos, ele alertava que ao final sobraria apenas uma cidade sem alma, “uma cidade modernosa, como tantas outras que existem por aí, pelo Brasil e pelo mundo”¹⁹³: “[...] Florianópolis pede socorro. SOS para uma cidade que está sendo fragorosamente morta – pouco a pouco. Daqui a pouco nada mais restará. Florianópolis ficará sendo uma cidade a mais – sem história, sem estória prá contar.” ¹⁹⁴

A destruição aconteceu tão rapidamente que turistas que voltavam à cidade após dois, três anos ficavam alarmados com a mudança e não entendiam a finalidade de uma cidade que andava na contramão de outras capitais que, naquele período, faziam questão de conservar seu patrimônio arquitetônico.¹⁹⁵

O fato é que a Florianópolis estava em descompasso e lhe faltava a experiência do “bota abaixo” e seus efeitos deletérios nas sociabilidades da urbe. Enquanto outras capitais – em especial aquelas que serviam de modelo para Florianópolis: Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo – passaram pela fase de modernização na primeira metade do século 20, a modernidade alcança Florianópolis apenas na década de 1960, momento em que seus habitantes começam a enfrentar seus dilemas e fascínios característicos: fragmentação, atomização, ambivalência, polifonia, anonimato...

Haja vista que “uma formulação identitária da cidade é, fundamentalmente, resposta a

¹⁹² PESAVENTO, Sandra J. **O Imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002. p.163.

¹⁹³ STODIECK, Beto. **OE**, 19 jan. 1974. “Linhas e mais linhas para a cidade assassinada”.

¹⁹⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 28 nov. 1973. “Quando progresso não é progresso, é mau gosto”.

¹⁹⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 06 mar. 1974. “A cidade assassinada”;

perguntas, inquietudes, indagações e desejos”¹⁹⁶, o principal referencial simbólico da identidade florianopolitana era seu provincianismo; um referencial negativo que permeava os projetos sobre o futuro da cidade, alimentando o desejo do novo e do progresso que as imagens de outras cidades “modernosas” inspiravam. Sendo que “a cidade é formulada como problema e é pensada e expressa como discurso e como imagem”¹⁹⁷, o discurso do colunista Beto Stodieck tenta reformular o problema mudando a posição de algumas variáveis. Não se tratava de esperar e desejar o progresso, que todos desejavam, mas de definir o progresso aceitável.

É neste ponto que a ambigüidade aparente do cronista se esclarece. Sua visão da cidade era muito clara: o progresso era necessário e inevitável; a cidade precisava e tinha espaço suficiente para crescer sem precisar destruir seu centro histórico. Porém só a visão do conjunto de suas colunas deixa isso claro. Acompanhando nota a nota, cotidianamente, conforme ocorre sua produção, fica complicado compreender como Beto Stodieck critica tanto o provincianismo da cidade e também o seu crescimento.

Os leitores diários, deveriam entender mal sua posição o que justificaria esse mini-editorial para colocar “os pingos nos iis”:

Progresso. Gostaria de saber o que é que muito entendem por progresso... [...] Cheguei à triste conclusão de que a minha (minha não, nossa) coluna não é entendida por muitos. Em conversa com uns e outros, alguns tentam analisá-la. Inutilmente. E fico sem graça por saber que ela é incompreendida. Por exemplo: muitos insistem em dizer que sou contra qualquer tipo de progresso – quando eu, modéstia parte, sou um progresso... Logo, a coluna não pode ser um contrasenso...

Não é engraçado? Tem gente que diz que, absolutamente, não permito que a cidade se expanda (quem sou eu?) quando, na realidade, penso o contrário: o que não quero é que a cidade continue se resumindo ao centrinho de sempre. E é onde estamos caindo... O que deveria ter sido feito há anos é um túnel através do Morro da Cruz (ou de outro morro que melhor conviesse) e um novo centro desenvolvido pros lados da Trindade. Ficaríamos com uma cidade antiga e outra nova. Aliás, turista (e ele será a redenção de Flops) quer a coisa típica, quer uma cidade característica (vejam o sucesso da Bahia). Não serão os horrorosos arranha-céus que a cada dia surgem, que despertarão a atenção do forasteiro – isso, a maioria tem de sobra onde vive. E se ele vem prá cá é exatamente prá fugir da loucura que suas cidades estão ficando – ou já estão, quase todas congestionada de tudo quanto é tipo de poluição. O cara de fora que prá cá vem, procura uma cidade, se não bucólica, ao menos tranqüila, sem agitações tão comuns na maioria das capitais brasileiras.

A nova ponte (e não sou contra) deveria estar lá pras bandas do sul, prá altura do aeroporto, como em princípio era a idéia. Lá haveria a possibilidade de desenvolvimento de um novo centro no Campeche, o que seria bem mais racional. A nossa Ilha é grande o suficiente prá esse aterro que aí está, mutilando o mar, tirando algumas das características que nos são mais caras. Pode ser que seja uma solução prá’gora. Duvido que, nesse ritmo em que estamos indo, se daqui a dez anos não estaremos precisando de um novo aterro... Uma nova ponte já está prevista...

¹⁹⁶ PESAVENTO, *op. cit.*, p.158.

¹⁹⁷ *Ibidem.*

Não sou contra o progresso – nem poderia. Longe disso. Gostaria, sim, que o progresso a que proponho se desenvolver-se [sic] nas inúmeras cabecinhas que controlam o desenvolvimento da minha Flops.¹⁹⁸

Certamente, Beto não seria propriamente antiprogressista. Bastariam enumerar os eventos que vieram para Florianópolis por conta do Studio A/2, misto de galeria de arte e escritório de promoção cultural criado pelo colunista. Mas a cidade estava muito envolvida com a reviravolta na paisagem do centro e a impressão que poderia ficar era a de que ele era um saudosista. A reação dos leitores nos chega pelo próprio comentário da coluna, que nos dá uma idéia da força que lhe atribuía.

Os edifícios, o aterro, a nova ponte. Tais elementos descaracterizavam a cidade, apagavam sua identidade ao modificar locais de sociabilidade e memória. Cada uma destas novas realidades atingia um pedaço da alma urbana. Os edifícios acabavam com as casas e sobrados que davam ao centro seu bucolismo; o aterro tomava da cidade sua principal imagem e razão de ser: o contato com o mar; e com a nova ponte ficava mais complicado monitorar quem entrava na ilha... para ficar.

No meio deste turbilhão, uma âncora. Uma rua que ainda sustentava a alma da cidade antiga e aquilo que era mais caro aos seus moradores. Garantia aquele elemento de unidade, reconhecimento e distinção nos quais se apóia a identidade urbana. Não por acaso, esta rua era mais um dos personagens da coluna: a Felipa.

¹⁹⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 28 dez. 1974. “Pondo os pingos nos iis”. [grifo nosso]

4. FELIPE SCHMIDT, FELIPE, “FELIPA”: A RUA-PERSONAGEM DE BETO STODIECK.

Toda cidade que se preze tem a sua rua da moda. O Rio tem a avenida Copacabana e a Visconde de Pirajá (Ipanema); São Paulo tem a sua rua Augusta; Curitiba a rua XV (ou Boca Maldita); Porto Alegre a rua da Praia (não há, nem por perto, praia alguma). Florianópolis tem na sua Felipe Schmidt o centro de suas transas, seu movimento. Ela é a principal da capital – e a mais central. Vai da Praça XV a avenida Beira-Mar, já na baía norte. Corta parte do centro Florianopolitano se bem que não é a maior (as avenidas Mauro Ramos, Rio Branco e a própria Beira-mar a ultrapassam). Frequentar a Felipe não é privilégio de ninguém; todos passam, se intrometem, freqüentam enfim. Ali acontecem os negócios mais incríveis, as negociatas mais alucinantes. Vende-se automóveis, rifas, babilhaques, gente (por algumas horas), “coisas”, essas coisas...¹⁹⁹

O coração de Florianópolis, nas crônicas de Beto Stodieck, fica no trecho entre a Praça XV e o cruzamento das ruas Francisco Tolentino e Felipe Schmidt. A cidade gravitava ao redor desta rua, centro difusor das fofocas – verdadeiras e não totalmente verdadeiras –, das informações, da moda e da paquera. Era o local para ver e ser visto. A rua era filtro e amplificador da cidade. Se uma figura qualquer fixasse residência em Florianópolis, o “povo” só acreditaria depois de vê-la flunar pela rua, passando pelo crivo das “ferinas línguas locais”. Neste local os boatos tomavam corpo antes de se espalharem e os problemas da cidade eram comentados e resolvidos no tempo de um café.



Figura 6 – Felipe Schmidt

“A Felipe Schmidt, uma rua, é eterna badalação (na hora que tiraram a foto ela não estava num de seus grandes dias, mas não faz mal), centro de todas as transas de Florianópolis. Venham e comprovem, depois curtam adoidado”.

Fonte: STODIECK, Beto. **JSC**, 28 mar. 1972.

¹⁹⁹ STODIECK, Beto. **JSC**, 02 fev. 1972. “A Felipe Schmidt”.

Logo no início, perto da Praça XV, ficava – ainda fica – o *Ponto Chic*. Também conhecido como “Senadinho”, este café era um dos termômetros do falatório no centro da cidade e palco de casos raros. Na mesma quadra, esquina oposta – ou seja, em frente à praça –, estava o *Vic’s*, lanchonete que, nas palavras de Beto, formava com o Ponto Chic o “centro estadual da fofoca”²⁰⁰, “o cérebro da imprensa ao vivo de Santa Catarina”.²⁰¹

Local de passagem e de estadia para diversos gêneros de desocupados, a rua era também o lugar onde a menininha, saindo da aula, desfilava com seu *short* – “o legítimo sucessor da mini-saia e o eleito da jovem-guarda”²⁰² – despertando o interesse da turma da paquera, aglomerada no trecho batizado pelo Senador Alcides Ferreira de “Rua dos Aflitos”, o mesmo local que Beto chamou “O Vale dos Machos”. Ali alguns florianopolitanos já tinham por hábito instituído marcarem presença para acompanhar a passagem das moças, esperando o momento certo para largar um “comentáriozinho”:

O trecho fica atolado de homens, das mais variadas idades e condições sociais – o que quer dizer todo mundo, ou quase.

Agora, o que não aparece é, exatamente, o material desejado: mulher. [...] Quer dizer: os caras fazem de tudo, menos paquerar – não há condição. Fofocam, contam faróis, boatos, nem tão boatos assim, descobrem coisas e gentes. Resolvem tudo numa conversa e tomam muito café (daí tanta excitação). Mas paquerar que é o que alegam, nada. Não há condição nem material.²⁰³

Talvez a falta de mulheres se devesse, justamente, à constante ameaça de cedo ou tarde a incauta tornar-se vítima de uma piadinha infame ou de uma fofoca maldosa. Assim, as moças até desfilavam pelo local, “ora se não”, mas não paravam para corresponder à paquera.²⁰⁴ Por conta disso, para não soar como mentira, Beto recomendava aos “tais da tal”, ou seja, aos desocupados da Felipa, que não dissessem que iam à rua paquerar “as gatas da Felipe”, dizia ele: “Que gatas? A única menina que conheço, na tal rua, é a própria que, por sinal, está prestes a mudar de sexo: vai virar calçadão. Prá não ficarem comprometidos, meninos, digam: ‘vou até a Felipe assinar o ponto’”.²⁰⁵

Seguindo o ritmo do restante da região central, a rua crescia “para o alto”, tomando o desenho atual. Impossível alargá-la, porque os prédios eram construídos rente à calçada

²⁰⁰ STODIECK, Beto. **JSC**, 02 fev. 1972. “Centro estadual da fofoca”.

²⁰¹ STODIECK, Beto. **OE**, 16 jun. 1974. “Sutilidade”.

²⁰² STODIECK, Beto. **OE**, 12 ago. 1971. “Descontração e juventude no ‘short’”.

²⁰³ STODIECK, Beto. **OE**, 10 out. 1971. “O Vale dos Machos”.

²⁰⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 02 set. 1971. “Mostrando”; **JSC**, 02 fev. 1972. “As mulheres da Felipe”.

²⁰⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 25 mar. 1975. “Os tais da tal”.

formando, para quem olhasse para cima, um verdadeiro “funil”, “como conseqüência de falta de um planejamento urbanístico para aquela e todas as ruas de Desterrópolis”. Naturalmente, diz Beto, “tem uma certa ilusão de ótica, mas se levamos para os cálculos matemáticos, chegaremos à conclusão de que a rua afina a medida que sobe”:

Aliás, falando na Felipe e em construções tenho a dizer que todas as principais ruas das principais cidades brasileiras (essas cidades com traçado português como é Florianópolis), de uns tempos pra cá estão sendo alargadas. Como é que fazem? Simples: ordenam (sim, ordenam) que todos os edifícios que estão sendo construídos, ou serão construídos, recuem uns tantos metros para que, futuramente, possam fazer da acanhada rua, uma larga e bonita avenida. E assim fizeram em todas as cidades brasileiras (as que pensam, é claro) menos em Florianópolis. E as conseqüências são as mais imprevisíveis. Uma? O congestionamento diário de alto a baixo é a mais irritante das conseqüências.²⁰⁶

Nos primeiros anos da década de 70, a Felipe carrega o fardo deste sério “grilo urbano” que é o trânsito. Afinal por ela se chegava à cabeceira da ponte Hercílio Luz, única ligação com o continente até 1975. Os congestionamentos intermináveis na rua estreita e a intensa circulação de pedestres já pareciam fazer parte da paisagem florianopolitana, dando aos seus moradores a “sensação de cidade grande”, usando as palavras de Beto.

Aliás, o trânsito era o sintoma mais visível do aumento populacional e da nova roupagem que a cidade estava assumindo. Inevitavelmente. Afinal, foi para os carros que os aterros foram feitos, ampliando a área e sacrificando a paisagem do núcleo urbano da cidade. Os edifícios no centro chamavam a atenção, mas era o efeito gerado na circulação da região que tirava o sossego de todos. E a Felipe Schmidt, como centro nervoso deste emaranhado de ruas e ruelas estreitas, simplesmente sintetizava o caos que se generalizava.

Com ou sem caos, ela continuava a ser o ponto de encontro de Florianópolis. Tanto que, depois de alguns anos sem frio intenso, no rigoroso inverno enfrentado pelo florianopolitano em 1972, após bem agasalhar-se e tomar sol, o melhor programa era circular por ali, conversar, saber das novidades:

[...] apesar do frio, o homem da ilha não deixa de aparecer na Felipe (ora se vai sumir?) pra fazer a sua fofuquinha, a fezinha no jogo do bicho, as transas e paqueras e dizer as piadinhas – a maioria na maior sem graça do mundo – no ouvido das meninas.

Mas o que eu quero dizer é sobre o frio na Felipe. Ela é uma rua protegida do vento, já que é paralela ao mar. Logo, nesta época fica muito mais procurada, principalmente nos rasgos de sol, onde se amontoam mil homens e quase nenhuma mulher – uma outra se aventura pelas bandas a procura de um cafezinho (há, naturalmente as que passam, e como passam). E parece que o pessoal, no inverno, fala mais, demais.

²⁰⁶ STODIECK, Beto. **JSC**, 16 jun. 1972. “E a Felipe está se transformando num tremendo funil (qualquer dia ele fecha)”.

Creio que seja pra esquentar a língua – o que não deixa de ser um excelente exercício. E se queixam de todas as mulheres deixaram o micro pro verão e só põem casacões, calças compridas, saias lá em baixo. Os bares por aquelas bandas andam superlotados. No “Japonês”, por exemplo, não há quem se mexa: mil transas acontecem por ali, mais de não sei quantas batidas são consumidas e todos os pastéis do mundo badalam de boca em boca. No “Vic’s”, todos procuram um lugarzinho quente na frente do forno-visual-galináceo (na falta de um nome característico, nada como inventar). E é um empurra pra cá, empurra pra lá, e no final todos cheirando gordura, assado, essas coisas.

[...] E a Felipe vai levando a sua vidinha, cada vez mais movimentada, as curtições sempre renovadas. Ela é um mundo a parte de Florianópolis. Uma vida. Gerações e gerações pegaram a rua, falaram, viveram. Mas um inverno como este, acho que nunca pegaram.²⁰⁷

Outra nota de 1974 também dá conta do cotidiano da rua em dias frios:

A Filipa não para. À medida que o frio vai apertando, que o vento sul cai com mais força, mais ela se agita. Quando o relógio da catedral vai chegando perto das cinco da tarde, ela fica indócil, impossível. É a hora da saída das escolas e até o cair da noite, ela se transforma numa incrível passarela para as minas e bofinhos, que vão e vêm muitas vezes, enquanto outro tanto se encosta nas paredes ou no poleiro das vitrinas da Caixa Econômica do Estado para ver o desfile, e, ao mesmo tempo expor-se. Muito muito se namora. Todos e todas com todos e todas. Não escapa ninguém. Muito cafezinho no Vics ou no Ponto Chic, muita garapa com pastel de queijo no japonês. Um só empapuço. Mas tem um detalhe: é só a noite ir chegando que não fica mais ninguém. Vai todo mundo pra casa jantar. E o ouriço novamente presente muito mais tarde, depois das dez, com a nova saída das classes noturnas e dos cinemas. Muito embora, no fundo, seja tudo a mesma coisa.²⁰⁸

A Felipe Schmidt tornou-se ente animado que sofria, sorria, ficava indócil, inquieta. Aos poucos, talvez com a intimidade, as formalidades foram abandonadas e a rua virou apenas “Felipe”. Então, como ruas e cidades são feminino, nada mais lógico do que virar “Felipa”: a rua personagem de Beto Stodieck, o centro da fofoca florianopolitana. Circular por ela mantinha-se um programa agradável, porém não tão fácil. Além do movimento de carros, nas calçadas a circulação também se complicara. O comércio tomava o espaço dos pedestres obstruindo a visão da rua. Ambulantes que vendiam desde pipocas aos mais diversos “babiliaques”, montavam bancas no meio do caminho tomando espaço dos transeuntes. Para reforçar, o comércio “regular” não ficava por menos:

[...] Tudo acontece, tem de tudo, compra-se o diabo (até gente). É a rua mais importante da cidade, logo do Estado. Agora, o que está de feia, não é normal. Parece um grande Mercado Público. Em princípio as lojas não têm uma única decoração, um único vestígio de vitrine: tudo pendurado, a mercadoria ali, nas portas, se sujando, se poluindo. E o povo passando a mão (ninguém consegue ver com os olhos).

E por aí segue todo esse mau gosto ferindo o bom senso e a vista das pessoas mais esclarecidas acostumadas às butiques engraçadas e bonitas. Nisso tudo eu só vejo uma coisa: falta de maiores esclarecimentos por parte de alguns comerciantes que querem,

²⁰⁷ STODIECK, Beto. **JSC**, 16 e 17 jul. 1972. “Uma curtida na Felipe é o melhor dos remédios contra o frio”.

²⁰⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 20 jun. 1974. “Felipe Schmidt, a Felipa, 17 horas”.

única e exclusivamente, ganhar dinheiro (o que não deixa de ser excelente objetivo) se descuidando da aparência de suas lojas (conseqüentemente enfeitando a cidade).²⁰⁹

Tudo concorria para o ambiente caótico da rua e “adjacências”. Por ali o colunista pescava situações para retratar o perfil da cidade, resumida naquele centrinho. Sendo o local “daqueles que apenas transam”, muito do chamado provincianismo florianopolitano, tão criticado, ali aflorava. Beto conta, por exemplo, de duas situações que não combinavam com uma “cidade universitária”, cujo índice de alfabetização era “elevadíssimo”:

[...] mesmo apesar disso, vê-se, a toda hora, reações incríveis. E para confirmar o que digo, contarei dois casos que aconteceram nesta semana.

1 – Outro dia um amigo desses que já andou meio mundo de carona – inteligente, culto, inclusive poliglota – encontrou um guri alemão auto-stop (caroneiro). Os dois se encontraram e ficaram no maior papo, em alemão, revivendo coisas e situações. Estavam naquela, o meu amigo de saudosista e o outro na dele, contando fatos de hoje, quando começou a juntar gente para ver os dois conversando... E o povo que fica pela Felipe (logo não tem nada o que fazer), foi-se [sic] aglomerando, rindo adoidado, gozando dos dois unicamente porque conversavam em alemão... Incrível, não? Mas é a pura verdade. Em plena Felipe, às 4 horas da tarde, em 1972, mil florianopolitanos quase pararam o centro pra ver dois caras conversando sobre as suas aventuras – se ainda estivessem entendendo, vá lá. Mas não, riam da própria ignorância...

2 – Na praça XV, embaixo da figueira, tem um cara, meio hippie, fazendo artesanato. Ele trabalha ali e quem estiver interessado em comprar bolsas, bolsinhas e artigos de couro é só puxar dinheiro que não tem problema: é oficina e loja ao mesmo tempo. Mas acontece que ele mal consegue fazer o que pretende. As mesmas pessoas do caso acima costumam ficar em volta e ver o sujeito trabalhando. Talvez seja interessante: assim eles tomam gosto e partam para algum serviço e deixem a Felipe de lado. Mas o negócio é que ficam em volta, quase sufocando o artesão. E como se não bastasse tanta curiosidade (nem comprar, compram), talvez meio mórbida (quem sabe não ficam ali esperando que o hippie seja preso ou espete o dedo na agulha?), o povo ainda critica a sua atividade.²¹⁰

DA RUA AO CALÇADÃO.

Deu no jornal: “Felipe Schmidt vai ficar só para pedestres”. Pergunto eu: “E já não é?????”²¹¹

As mudanças na Felipe foram grandes no período entre 1971 e 1976. Era esperado que a via mais importante da cidade refletisse também a modernidade que chegava com a renovação e o dito progresso. Esta expectativa não foi de todo frustrada, mas o perfil da rua no final do período ficou aquém das previsões iniciais dos florianopolitanos.

²⁰⁹ STODIECK, Beto. **JSC**, 14 jun. 1972. “E a Felipe Schmidt está se transformando num enorme Mercado Público”.

²¹⁰ STODIECK, Beto. **JSC**, 20 ago. 1972. “Quando pensam que estão curtindo da cara dos outros podem crer que estão pondo toda a burrice prá fora”.

²¹¹ STODIECK, Beto. **OE**, 12 jul. 1974.

A princípio Beto depositava muita fé na reforma pela qual passava Florianópolis, não obstante as críticas, vistas acima, ao modelo de cidade que o órgão de planejamento propunha. Acreditava o colunista que a rua seria transformada em jardim, um “enorme calçadão com árvores e flores” após a interdição para o tráfego.²¹² O que seria possível após a finalização do aterro da Baía Sul que, na esperança do colunista, por sua vez seria transformado em praia artificial em pleno “novo centro florianopolitano”. Com isso uma mudança de hábitos surgiria:

[...] a figueira seria trocada pelas meninhas com os “peitos desnudos” que transaram pelos sisudos funcionários públicos de terno e gravata – sim, porque quando tudo por ali ficar pronto já terão passados uns 10, 20 anos e a moda “topless” (só calçinha) será a coisa mais banal, não despertando maiores atenções.

O “people” ao invés de fazer ponto na Felipe (que nessas alturas será jardim e estacionamento) se deslocará para a beira d’água, não para o banho porque a poluição impedirá, mas para a paquera (se bem que é mais do que provável que nessas alturas já deva ter caído em desuso: assexuado como o mundo anda ficando...) e o banho de sol. E o centro florianopolitano voltará a ser Ilha – já que o povo anda se mandando lá pras bandas de Itaguaçu, que, jamais, foi ilha, mas continente e da pesada.²¹³

Eram idos de 1972 quando saiu a nota acima. A pequena praia da Beira-Mar não veio. A Felipe Schmidt também não viu concretizada a expectativa por árvores, bancos e jardim. O centro da sociabilidade no centro da cidade continuaria ali, onde as figurinhas carimbadas e as estereotipadas da coluna, todas, sem exceção, passavam.

Em 1974, quando a Ponte Colombo Sales dava sinais de ser concluída e a Beira-Mar tornava-se ponto de encontro e passeio nos fins de semana, a proposta de fechamento da rua ao tráfego de veículos automotores começou a ser mais que um sonho, virando notícia e promessa das autoridades municipais. Com isso a expectativa, os rumores e a curiosidade aumentaram e, ato contínuo, o colunista trazia para o jornal o pulsar das ruas: “A Felipa vai virar calçadão. Ou seria ‘sapatão’? A Conselheiro Mafra também quer mudar de sexo, ou melhor, de tráfego. Está formada a briga. Se fosse eu quem tivesse de decidir, daria calçadão pras duas e tiraria, o que desse, os carros do centro florianopolitano”.²¹⁴

Com a Colombo Sales inaugurada, no início de 1975, esperava-se que o fluxo pela ponte antiga e pela Felipe Schmidt diminuísse. Contudo não foi bem assim: ambas continuavam movimentadas e congestionadas, o que serviu de argumento adicional para as primeiras

²¹² STODIECK, Beto. **JSC**, 12 set. 1972. “Estão sacando o porquê de tanta falação sobre a cidade? Aí, o resultado: vejam o que farão (só não se sabe quando)”; **JSC**, 22 dez. 1972.

²¹³ STODIECK, Beto. **JSC**, 20 set. 1972. “No aterro, uma praia. Ao invés de figueira, meninhas com o ‘corpo total’. Vejam o que poderá acontecer no centro da cidade?”.

²¹⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 14 jul. 1974. “Uma semana, antes de mais nada, tem sete dias – e 168 horas. E leiam o que aconteceu nessas horas:”

experiências de fechamento das primeiras quadras da rua, com vistas a interrupção definitiva. Para Beto Stodieck, a opção dos motoristas por enfrentar aquele trecho em detrimento da nova ponte devia-se à atração da “Felipa”:

Dos 42 mil carros que passavam diariamente pela velha ponte, 30 mil continuam passando – os outros 12 mil optaram pela nova, é claro. O que é que há? Provável explicação: muitos dos carros que vão pro Continente, outra terra, outra gente, têm o velho hábito de, antes de ir pra casa, dar paqueradinha na já exausta Felipa, cansada de guerra e de outras batalhas. Como passam pela nossa mais importante rua, desta pra velha ponte, é uma reta – e como uma reta é o caminho mais curto entre dois pontos, estão a ver que o Streicho é logo alí. E Coqueiros um pouco mais adiante.

E, por causa disso, o Detran, querendo ver as duas pontes devidamente igualadas em movimento, 21 mil pra essa, outros tantos pr’aquela, deverá, a título de experiência, fechar as três primeiras quadras da dita Felipa a partir da próxima semana, no horário das 12 às 18 horas. Caso a coisa funcione, teremos em seguida, a rua fechada pra sempre. Forever, sussurrou Maria Amália, a minha professora de inglês do CEA. ²¹⁵

O fechamento definitivo, “forever”, não veio em seguida. Mesmo com a aprovação da população e dos lojistas a rua foi reaberta após a temporada de verão. A indefinição frustrava os sonhos de metrópole dos ilhéus. Quase um ano depois, em janeiro de 1976, a rua foi novamente entregue aos pedestres, “de quem, aliás sempre foi”, sem o esperado calçadão. A idéia, porém, não saía da cabeça do povo que discutia como seria ou deixaria de ser a futura obra:

[o povo] dá palpites, sugestões, as mais rocambolescas. Uns querem fontes luminosas, outros querem passarelas, há ainda os que querem escadarias de mármore, que é para passar o dia inteiro descendo e subindo. Enfim, todos querem alguma coisa.

O prefeito Dão diz que as obras (a cirurgia plástica) só serão possíveis depois que a Celesc, a Casan e Telesc, principalmente as duas primeiras, executarem obras de infraestrutura – sem as quais não haverá possibilidade de execução de tantos beneficiamentos, tais como o calçadão propriamente dito, jardins, bancos, bancas (de revistas, flores), coisas assim, para o conforto do ilhéu ou dos outros que por ventura por aqui aparecerem, principalmente para aqueles que não tem nada a fazer e que adoram um papo além.

Já imaginaram? O calçadão será, com toda certeza, um motivo a mais para o ilhéu não trabalhar o que, por natureza, tanto adora...²¹⁶

Com este fechamento definitivo os “diversos usuários da Felipa”, entram em conflito. Isto porque, apesar da proibição do tráfego, alguns veículos tinham o privilégio de transitar e estacionar no local reservado aos pedestres.²¹⁷ O que levou o colunista a sugerir um policiamento no local para coibir os abusos dos carros oficiais, táxis que serviam os hotéis da rua e caminhões que descarregavam mercadorias no local²¹⁸ e ainda pedir o fechamento total da rua (não apenas as

²¹⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 25 mar. 1975. “As pontes que me perdoem, mas a Felipa é que é a tal”.

²¹⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 15 jan. 1976. “A Felipa não mudou de sexo: ainda não é calçadão”.

²¹⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 24 jan. 1976. “Indignados pedestres perguntam: afinal, a Felipa é nossa ou não é?”

²¹⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 25 mar. 1976. “Pedestres ou carros, eis a questão”.

primeiras quadras), para evitar possíveis atropelamentos.²¹⁹

Em outubro de 1976, grandes vasos distribuídos, em grupos de três, no trecho interditado ajudaram a diminuir a sensação de rua interditada e a dar uma idéia de como seria o futuro *boulevard*.²²⁰ Se por um lado tais vasos agradaram, visto que dificultavam a circulação de carros, por outro criaram um desconforto quando surgiu o boato de que os mesmo seriam uma espécie de teste de civilidade:

O florianopolitano de uma maneira geral está sentido com o seu Prefeito. É que ele teria duvidado da civilidade dos seus munícipes. Segundo consta, o Dão teria declarado que mandou colocar aqueles floridos vasos ali na Felipa que é pra ver se o povo é ou não civilizado, se vai destruí-los ou não, se tem condições de ser um **boulevardier** – e pelo que parece, até agora só arrancaram umas mudinhas.²²¹

Na mesma nota, destaca-se a definição que vinha sendo dada ao futuro calçadão pelo poder público e pela imprensa em geral. Quando se referiam às obras de urbanização e paisagismo das quadras destinadas aos pedestres, *boulevard* era o termo corrente. Na coluna, por outro lado, o local desde os primeiros momentos foi chamado de calçadão. Esta posição foi defendida por Beto, que via no estrangeirismo outro sinal de falta de identidade com Florianópolis: “Abre parêntesis: por que **boulevard**? Será que não existe uma designação mais florianopolitana para o ajardinado passeio em que será transformado aquele pedaço? **Boulevard** – ou mesmo bulevar – não combina com a nossa simplicidade. Porque não calçadão? Fecha”.²²² Em outra nota pedia cuidado com a importação pura e simples do modelo curitibano: “Por favor: não se esqueçam que o que é bom para Curita de jeito nenhum é bom pra Floripa... Nunca foi – não vai ser agora”.²²³

Quando finalmente as necessárias obras de infra-estrutura para a execução do calçadão são anunciadas (para 05 de janeiro de 1977), fica patente que ele não seguiria o modelo curitibano e seria bem mais simples do que o inicialmente imaginado pelo colunista e outros florianopolitanos.²²⁴ A execução destas obras fechou a rua por pouco mais de quatro meses, o que para Beto era tempo “demais pra todos os que adoram saracotear (já que ali é a passarela preferida da cidade) e comentar, curiosos que estão pra ver como é que vai ficar. Pra depois

²¹⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 12 out. 1976. “Indivíduo x Máquina (já começou o primeiro round)”.

²²⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 23 out. 1976.

²²¹ STODIECK, Beto. **OE**, 27 out. 1976. “As petúnias do Prefeito”. [grifo no original]

²²² *Ibidem*. [grifo no original]

²²³ STODIECK, Beto. **OE**, 20 nov. 1976. “Um papo... puxa outro”.

²²⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 22 dez. 1976. “Antecipando o calçadão”.

elogiar ou criticar, o que não é maldade, mas hábito...”.²²⁵

Neste intervalo de tempo Beto fica sem escrever, deixando de comentar, no momento da inauguração, o resultado final do calçadão. Mas, quando retoma sua coluna diária no jornal O Estado, ele faz questão de emitir opinião sobre o assunto, que merece ser aqui reproduzida na íntegra, pois mostra um pouco da decepção não apenas com esta intervenção urbana, mas com a cidade a nova cidade que é Florianópolis a partir de 1977:

Como não tive oportunidade de me manifestar na época devida, aqui vai a minha opinião sobre o calçadão da Felipa – doa ao Dão que doer. É claro que é ótimo participar daquele povaréu todo que veio encher e enfeitar as três primeiras quadras da nossa principal passarela. Mas pra que isso acontecesse bastava fechá-la ao trânsito – e nada mais. Florianópolis é uma cidade que ainda não pode se dar ao luxo de se ver contemplada com uma obra supérflua que lhe custou Cr\$5.500,00 quando problemas, os mais variados, exigem urgência e muito dinheiro, é claro. Afora isso, já dito e redito por vorazes críticos (aliás, cada florianopolitano é um crítico em potencial) que por sinal fazem do próprio calçadão o seu habitat natural, a obra soa um tanto quanto provinciana, longe daquela imagem que poderia se prever da “nova Florianópolis”, tão decantada mas no entanto tão mal cantada.

Apesar de toda a grana empregada, o calçadão é pobre, sem graça (é bem verdade que há muita gente que está adorando – tudo bem), não dando nem o ar de Curitiba, tão desejado pelos seus idealizadores. Aliás, se Curitiba ou São Paulo se “enfeitam” de calçadões é porque são cidades que não apresentam maiores e naturais atrativos, tão ao contrário da nossa cidade, já em si belíssima mas que o homem faz questão de borrificá-la [*sic*].

E o que dizer do calçamento em si, a base de saladas de pedras, as mais variadas, que fazem a delícia dos comerciantes de calçados tal o desgaste de solas e saltos provocados pelo desregulado caminhar?

Valeu, naturalmente, a intenção do Prefeito Dão. Se bem que é capaz do nosso alcaide achar, também, que o calçadão não ficou lá essas coisas. Afinal, até agora não se viu placa alguma que indique para a posteridade o autor de tamanho mau gosto para com uma cidade que um dia foi tão bonita.²²⁶

INVASÃO

Os anos iniciais da década de 70 do século 20 não presenciaram apenas a mudança na paisagem natural e urbana da cidade. A paisagem humana também sofreu mudanças substanciais. A década de 60 fora um período de grande crescimento populacional da cidade, numa taxa geométrica de 4,57% ao ano segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.²²⁷

²²⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 14 jan. 1977. “Por conta do (dês)calçadão”.

²²⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 16 out. 1977. “Como hei de me calar se a sola de meu sapato já furou?”.

²²⁷ *Apud*. PELUSO JUNIOR, Victor Antônio. **Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina**. Florianópolis : Editora da UFSC: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1991. p.311.

Sabe-se que tal crescimento foi em muito impulsionado pela instalação da sede de empresas públicas em regiões da cidade até então fora do perímetro urbano, como a CELESC e a TELESC instaladas no distante Itacorubi. A criação da Universidade Federal de Santa Catarina (1960) e a conclusão da BR-101 também contribuíram neste processo que ampliou os limites do perímetro urbano da cidade. Tudo contribuiu para uma mudança na composição sócio-econômica e cultural da cidade, que nos anos 60 atingia principalmente as localidades do interior da ilha, que deixavam de ser sítios e davam lugar a loteamentos urbanizados e outros empreendimentos.²²⁸ Entretanto, mesmo apresentando um índice menor, foi na década de 70 que os efeitos deste crescimento se cristalizaram no imaginário da cidade. É desta cristalização que o texto de Beto Stodieck é, além de registro, sintoma.²²⁹

Como solução para os problemas do tráfego urbano, a opção pelo aterro e por uma segunda ponte – ambos na região central da cidade – abriu um rápido processo de descaracterização do centro histórico. O núcleo urbano, até então restrito aos limites do Morro da Cruz, perdeu sua peculiar relação com o mar; boa parte de suas antigas casas, monumentos e construções significativas deram lugar a edifícios, ruas e gramados. Esta renovação da paisagem da área central significou a supressão de valiosos marcos de referência da identidade urbana.²³⁰

Conforme o exposto, as crônicas de Beto Stodieck dão-nos a oportunidade de penetrar, como expectadores atentos, nas lutas simbólicas travadas pela definição (ou manutenção) da identidade apoiada no espaço urbano. Agora, tendo em vista que a cidade é, “antes de tudo, uma materialidade de espaços construídos e vazios, assim como é um tecido de relações sociais, mas o que importa, na produção do seu imaginário social, é a atribuição de sentido, que lhe é dado, de forma individual e coletiva, pelos indivíduos que nela habitam”²³¹, veremos como o discurso do colonista reforçou determinadas representações, que se cristalizaram posteriormente no imaginário da cidade.

Para melhor visualizar a matriz simbólica destas imagens, voltemos à Felipe Schmidt – termômetro da cidade – e iniciemos por alguns dos personagens arquetípicos que o cronista apresentava. Eles apareciam constantemente, servindo como carapuças que, pelo visto, encaixavam em diversas pessoas reais. Destes tipos, dois merecem destaque: o “cara comum” e o

²²⁸ *Ibidem*, p.320.

²²⁹ PESAVENTO. **O Imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre : Ed. da UFRGS, 2002. p.54.

²³⁰ *Ibidem*, p.163. (ver nota 81)

²³¹ *Ibidem*, p.32.

“fofoqueiro”.

O primeiro – diz Beto Stodieck – era o tipo “catarioca” florianopolitano, tinha hábitos e ações de carioca, “típicos habitantes da Zona Norte, incluindo os subúrbios”. Uma figura que, a princípio, não tem o que fazer ou é funcionário público. Seu horário na Felipe é matinal. Antes do almoço e após fazer uma fofoquinha pela vizinhança:

[...] arruma-se, pega o ônibus, reclama da demora ou do aperto (sempre reclama), do coletivo e se manda para a Felipe Schmidt e imediações. Novas fofocas, desta vez de âmbito mais amplo, às vezes internacional. Fala disso ou daquilo e sempre tem razão. Dá uma paqueradinha nas meninas dos colégios e se baba com uma pernocha de fora. Depois de dois ou três cafezinhos vai para casa almoçar “se não a patroa me pega.”²³²

Depois, segue com sua vida, batendo ponto na repartição e fugindo para um cineminha no meio da tarde. São “caras comuns” os que povoam a Rua dos Aflitos, entre a Praça XV e o Ponto Chic.

O segundo, ao contrário do cara comum – que passa, faz sua fofoquinha e volta pra casa – dedica mais tempo à arte de espalhar boatos e por isso era (é?) o freqüentador “mais perigoso” da “Felipa” na opinião de Beto Stodieck. O fofoqueiro é o grande irradiador que dá à rua o título de centro estadual da fofoca. Ele, o fofoqueiro, estava por todo lado, a espera de captar uma ponta de assunto e criar seu próprio enredo para a história. Todo cuidado era pouco, pois se “ele escuta A, espalha AB. Se ele não escuta, finge ouvir e sai dizendo as coisas mais absurdas”. Como o cara comum, também se revezava entre a repartição pública e os arredores da Felipe:

O fofoqueiro acorda cedo (não pode perder um minuto do seu dia), sai a pé, se bem que tem carro (para não perder os detalhes), vai a todas as lojas da Trajano e Felipe, em todas as butiques. Conversa muito, sempre muito simpático, conta o que viu durante a madrugada. Passa pelo Ponto Chic pra saber das mortes, dos desquites, quem casou, quem nasceu. Toma cafezinho no Vic’s e se manda pra debaixo da figueira. Aí já é meio-dia, “hora de almoço, depois o trabalho”. Almoça rápido e segue, correndo, pra repartição pública estadual. Assina o ponto e se manda, novamente, pros mesmos lugares de sempre. E passa a tarde entre necrófilos e santantonios casamenteiros, nas entradas e saídas de casamentos e enterros, contando pra todos que a noiva ‘estava assim, estava assada’.²³³

Porém a função diária ainda não estava encerrada. Afinal, o fofoqueiro típico, imaginado por Beto, é um profissional. Para, no dia seguinte, abastecer o Ponto Chic de informações, necessitava de um prolongamento de jornada:

Depois do jantar sai novamente, aí, de carro. Enche o carro de solteironas (“Só passa lá em casa depois da Selva de Pedra”, diz uma) e ficam naquela de percorrer as ruas tentando ver quem está com quem e quem não está com quem, o que é muito

²³² STODIECK, Beto. **OE**, 28 set. 1971. “O cara comum”.

²³³ STODIECK, Beto. **JSC**, 24e25 set. 1972. “Dize-me [sic] com quem andas que direi quem és” Se disseres que andas entre solteironas, logo, és um fofoqueiro. Com vocês, O FOFOQUEIRO.”

importante... Anotam tudo num livro de atas (cada semana é um livro novo), não se cansando de passar nos estacionamentos de Coqueiros e Bom Abrigo, atrapalhando o desenrolar de uma “corrida de submarino”. Quando reconhecem um carro (e sempre reconhecem porque sabem de todas as placas de Florianópolis) chamam pelo nome da namorada ou da mulher (que obviamente não está ali).

Depois de um lanchinho no Breke, declaram encerrada a “sessão”, lavram a ata, a “secretária” assina e vão dormir satisfeitos, com as cuquinhas super lotadas de acontecimentos.²³⁴

Curiosamente, os fofoqueiros são dos tipos mais combatidos por Beto, que quase sempre os relaciona com a falta do que fazer, a desocupação. Combate a fofoca, mas a reconhece como um patrimônio da cidade. Afinal, conversa vai conversa vem, Beto é um cara comum, que passa na Felipe para saber das coisas e abastecer-se para escrever a coluna. Além disso, estes “tipos” da Ilha faziam parte do seu *staff*. Afinal, como ele mesmo reconhecia, comparando-se com o Ibrahim Sued e os jornalistas que o apoiavam, “cada colunista tem sua equipe que bem merece”:

Eu também tenho minha equipe – das mais bem informadas por sinal. Todos os dias, antes de sentar a frente da máquina, antes de me comunicar com os meus queridos leitores e leitoras, dou uma passada pela Felipe para saber das últimas, o que aconteceu, o que deixou de acontecer. E a coluna sai. É claro que aliado a isso, uma boa dose de imaginação é indispensável. Mas, fundamentalmente, a Felipe (ou o seu espírito) é a minha equipe.²³⁵

Pelas crônicas, imagina-se que, com o fechamento, a capacidade da rua de produzir, divulgar e distorcer informações, foi amplificada:

Florianópolis viu-se, de repente (ou como sempre), numa onda de falatórios envolvendo as mais incríveis figuras, com ou sem razão, não se sabe, o que prova, por A mais B, que o ilhéu, de uma maneira geral e apesar do acelerado ritmo de vida que a cidade está levando, continua o mesmo. [...]

Vivemos numa cidade, talvez das poucas do mundo, onde há fumaça sem haver fogo... Mas, digam lá, aonde surge essa fumacinha? Na rua Felipe Schmidt, há de responder a maioria. Realmente, a concorrida e famosa Felipe (que já se chamou um dia rua Moinhos de Vento) está a mil, com três de suas quadras fechadas ao tráfego de automóveis, entregues ao rápido pensar do florianopolitano que voa a cada instante sem parar. Nunca a rua esteve tão freqüentada e fofoqueira como agora. Solta, livre, pensando (e falando) muito mais do que devia, sem censura, louca por novidades, desenfreada, sem segredos, se intrometendo pelos gabinetes, salas e quartos da cidade. Um perigo! Na Felipe comenta-se antes mesmo que o fato venha a acontecer... Que às vezes nem acontece – mas fica o dito pelo não dito [e] acaba sendo incorporado à vastíssima antologia das coisas ‘acontecidas’.²³⁶

O florianopolitano, de uma maneira geral (e não todos) faz fofoca por fazer, talvez por não ter nada o que fazer – aliás, a fofoca é uma coisa típica de pessoas desocupadas. Além disso, diz a história (ou seria estória?) que teríamos a quem puxar: afinal, somos descendentes de açorianos que para cá vieram desterrados (daí Desterro) exatamente por cometerem o crime da calúnia. Assim sendo...

²³⁴ *Loc. cit.*

²³⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 10 jan. 1971. “Cada colunista tem a sua equipe que bem merece”.

²³⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 28 mai. 1975. “Falar por falar”.

Mas depois que fecharam a Felipe Schmidt, como o povo solto no meio da rua, sem preocupações de maiores atropelamentos (sim, porque o maior medo do fofoqueiro é ser atropelado: é que quando começa a inventar, a cabeça vai tão longe que se esquece do corpo, logo aqui, no meio da rua – tanto é que quando a nossa principal rua era ocupada por automóveis, a cidade dava a idéia de que estava se civilizando) voltamos aos velhos tempos das intrigas, invenções e provincianismo que já imaginávamos passado. Sim, porque a fofoca nasce na Felipa. E morre onde? ²³⁷

O que se retira daí é que o centro nervoso da cidade mantinha sua particularidade, preservando algo que o colunista – jocosamente – colocava como herança cultural dos imigrantes portugueses. Interessa esta tradução do real que a crônica nos passa, mais do que índices científicos de fofoca, caso estes existissem. A cidade sofria uma reviravolta e tudo indicava, que deixaria para trás o ranço provinciano por décadas duramente combatido. Mas a “Felipa”, nas crônicas, seria uma ilha. Ali o progresso – materializado no calçadão – tinha o sinal contrário, ao menos no que concernia ao comportamento dos tradicionais tipos sociais retratados na coluna. Porém, se a rua continuava familiar tendo espaço para o fofoqueiro e o cara comum, o mesmo não poderia ser dito dos seus novos freqüentadores: os “desconhecidos”, “estrangeiros”, “de fora” que invadiam a cidade.

*“JÁ NÃO CONHEÇO MAIS NINGUÉM!”*²³⁸

[...] a quantidade de pessoas anônimas é absolutamente incrível. Antigamente era impossível atravessar a Felipa ou outra qualquer rua, sem parar e parar e conversar e conversar. Hoje passa-se tranquilamente por entre mil e uma pessoas sem sequer cumprimentar. Quanto mais parar e conversar. Se bem que ainda se fofoca. E muito se namora...”

“Florianópolis está recebendo, diariamente, levas e levas de gaúchos, paranaenses e outros afins – e estes estão invadindo todo o mercado de trabalho, fazendo com que o florianopolitano crie uma mentalidade de concorrência nunca dantes imaginada. E o homem da terra tem que sacar transas de cidade grande para poder sobreviver dentro de sua própria cidade”. E já existem os casos de solidão coletiva. E já existem aquele que falam sozinhos – coisa típica de outras cidades. E já há neurose em geral. Na geral”.²³⁹

A *Coluna do Beto* traz informações sobre a recepção do florianopolitano desta outra faceta do inchaço populacional e da transformação da cidade na primeira metade da década de 1970: a conseqüente sensação de anonimato, descrita no comentário ao pequeno diálogo imaginado

²³⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 11 jul. 1976. “Diz-que-diz”.

²³⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 13 nov. 1974. “Leiam correndinho, do princípio ao fim”.

²³⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 26 mai. 1974. “E a província desvairou de vez. Não sei se vocês sentiram, cheiraram viram ou ouviram: mas Florianópolis EXPLODIU!”.

numa “Felipa em dia de vento sul, saias curtas e sorrisos largos”:

- Como vasch?
- Vou levando. E tu?
- Assim assim, sabesch como é, não?
- Pois é.

- Quem é?
- Não sei...

É isso aí: cada vez mais a gente fala com pessoas que não se sabe quem é. [...] Mas a realidade é que não se conhece quase mais ninguém nesta terra da Santa. Antigamente, a gente só não conhecia, como sabia de quem era filho, de quem era avô; sabia detalhes íntimos da vida de todos. Hoje só saco detalhes dos mais colunáveis, a periferia está cada vez mais periférica. Felizmente. [...]

Flops cresceu ou diminuí eu? Crescemos os dois. Crescemos juntos – me sinto, inclusive e infelizmente, um tanto quanto responsável por esse desarvorado crescimento, principalmente no que se refere a dizer coisas nunca dantes imaginadas. De leve e em frente se não a língua de trás enrola na da frente...

Antes d’ontem à noite, quando me entretia com o cafezinho do Vic’s (por sinal não estava lá essas coisas), não consegui identificar ninguém a não ser Nelson Luiz Teixeira Nunes e Aldo Domingues, decorador paulista que não consegue mais sair de Florianópolis. Havia, naturalmente, alguns dos tais que a gente faz questão de não (re) conhecer... Felipa estava atoladinha de gente de fora, de pessoas que falavam as mais diversas línguas e, pela impressão, quase ninguém conseguia se entender. Na Felipa, uma torre de Babel. É que, infelizmente está acontecendo o que eu já havia previsto: Flops está na moda e não há quem não queira vir prá cá, dar uma espiadinha, saber o porquê desse sucesso. E não sei porque as pessoas estão vindo, se nem convidadas foram, além da falta da tão decantada infra-estrutura, não se faz a mínima propaganda de Florianópolis nos outros estados – a não ser o tradicional boca-a-boca e é aí que nós, que adoramos preservar a nossa intimidade, nos estrepamos.²⁴⁰

A frase destacada resume a sensação de encolhimento, decorrência da diluição dos referenciais identitários da cidade. Quem mudava: o indivíduo ou a cidade? A sensação de andar entre desconhecidos se traduzia em pânico para o colunista, que em outra nota, angustiado diante da cidade que recebia levadas e mais levadas de turistas e novos moradores, repetia a pergunta, “Florianópolis mudou ou mudei eu?”²⁴¹. A cidade parecia escorrer pelas mãos dos antigos moradores, que não mais sabiam “quem é quem”:

E o que interessa saber? Tem muito mistério envolvendo a Ilha, que não é mais somente nossa. É de tanta gente, que nem sei. De gente desconhecida, vinda não se sabe daonde [*viá*], de gente que veio prá ficar, prá se instalar, prá tomar conta da cidade. Prá domar, dizem pretensiosamente os que chegam. Domar o que? Hum, hum...

Antigamente, e não faz muito, a gente chegava lá no morro da Cruz, olhava o centrinho de sempre e sentia que aquilo ali fazia parte de nós. Que era nosso. Hoje... Não

²⁴⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 05 fev. 1974. [grifo nosso]

²⁴¹ STODIECK, Beto. **OE**, 13 nov. 1974. “Leiam correndinho, do princípio ao fim”.

reconheço o que ali está. E o que não está – está por vir. || é bem provável que Florianópolis mudou mais do que eu. É isso! [...] ²⁴²

Simbolicamente, a nova ponte, que já era uma necessidade diante do crescimento populacional da década anterior, seria também responsável por despejar na Ilha a multidão de desconhecidos. Por isso Beto concluía a coluna acima dizendo que iria assumir seu posto de sentinela da cidade, cujo ponto de vigília não era mais um dos diversos fortes construídos na época do Império para evitar a invasão da Ilha de Santa Catarina e sim a cabeceira da Ponte Hercílio Luz:

E aqui vou ficando, terminando a coluna. Vou m'embora, vou pra cabeceira da ponte que é prá ver quem está chegando, vindo prá ficar. Afinal, é importante fazer uma seleção. E é possível selecionar? Por enquanto acho que sim. Mas daqui a pouco, com as duas pontes, como é que eu vou fazer? O jeito é entregar os pontos e ir arrumando a Ilha que é prá dar lugar prá todos... | E o circo está chegando. Os palhaços estão por vir. ²⁴³

Foi neste período que o jornalista assumiu a postura anticosmopolita que contrastava com o perfil de promotor cultural e locomotiva social. A visão da cidade que Beto incorpora pode ser mais bem compreendida na imagem da ilha perdida pelo oceano destas duas pequenas crônicas:

Vai ser muito engraçado o dia em que a ilha, raivosa, se desprender, deixar o Estreito e as duas pontes pra trás e sair Atlântico à fora. Até que poderíamos bater com os costados na África... Ou, quem sabe, ficar no meio do Oceano, longe de tudo e de todos. Só nós. Já imaginaram a maravilha? É o meu sonho do momento.

Sonhem um pouco também. ²⁴⁴

[...] Chegará o tempo em que a Ilha, raivosa, se desprenderá da América do Sul (não se esqueçam que apenas duas pontes a prendem ao Continente) e sairá Atlântico afora em busca de paz e de tranqüilidade.

E é isso o que nós queremos. E nada mais. ²⁴⁵

A ligação com o continente era, senão causadora, a facilitadora da invasão. Até mesmo aquela que outrora fora símbolo da progressista cidade dos anos 20, não obstante toda a carga sentimental que mantinha no imaginário da cidade, agora era vista com relativa mágoa. Em meio às comemorações dos cinquenta anos da Ponte Hercílio Luz e da campanha pelo seu fechamento ao tráfego, a fim de evitar a – ainda hoje – possível queda, uma das figuras mais conhecidas da Felipe Schmidt, o “Senador” Alcides Hermógenes Ferreira, em declaração ao jornal *O Estado*, culpou o principal cartão postal florianopolitano pela descaracterização da cidade e do ilhéu. Por conta disso foi acusado de xenofobia. A coluna abriu espaço para suas explicações:

²⁴² *Loc. cit.*

²⁴³ *Loc. cit.*

²⁴⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 08 nov. 1974. “Uma coluna tem dezessete tópicos e duas fotos”.

²⁴⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 10 jan. 1975. “Umas e outras, as mais variadas”.

[...] O “Senador” [Alcides Hermógenes Ferreira] explica-se: “A Ponte Hercílio Luz identifica uma cidade que lutou para se afirmar como capital. Seus habitantes quiseram isso, sem pensarem que o que parecia bom podia ser um mal. Para eles, era o progresso. E o progresso, para mim, é outra coisa. Que, obviamente, não inclui a ponte. O problema é que as pessoas não se dão conta que, com a ponte, paulatinamente a ilha e seus habitantes foram sendo descaracterizados. Para eles, ao contrário, a descaracterização ocorreria com a perda da ponte. Se sentiriam roubados, perderiam seu símbolo de afirmação. Daí sua necessidade.

Hoje há uma certa falsidade na atenção com que o homem da ilha recebe as pessoas de fora e ele tem plena consciência disso, acredito. Porque todo ilhéu se sente um pouco roubado em sua intimidade, vivendo com estranhos. A sensação que ele tem é como se aos poucos sua casa tivesse sido invadida por alguém que não foi convidado. E quanto mais vê a casa encher, mais aumenta seu desejo, um pouco inconsciente, de expulsar a visita indesejável.

Até 1946, tudo continuou praticamente como era. Havia poucos carros, quase nenhum prédio alto. A vida corria mansa, calma, na Ilha. Até velhos e jovens conversavam entre si. Os pontos de encontro eram sempre as mesas das calçadas dos cafés, a praça, o mercado, o centro da Ilha. A vida então era boa. Era gostoso viver na Florianópolis daquele tempo.

Sem a ponte idealizada por Hercílio Luz (que por sinal era seu tio) Alcides diz que “nada teria se alterado. Continuaríamos todos ilhados, livres dessa horda que mais tarde atravessou a ponte”. No entanto, “eu a aceito tanto, que a perspectiva de a ponte ruir um dia me assusta. Seria lamentável olharmos a paisagem e não encontrarmos aquela estrutura tão conhecida. Muitas gerações cresceram vendo a ponte Hercílio Luz fazendo parte da vida da cidade. Por isso, eu acredito que se algum dia ela cair será um choque, vai traumatizar meia Florianópolis.

Por causa dessas suas declarações ele foi acusado pela reportagem de xenófobo, aquele que tem aversão às pessoas e coisas “estrangeiras”. Como essas suas palavras representam o pensamento de muitos ilhéus, podemos, sem susto afirmar que, conseqüentemente, muitos dos que aqui na ilha nasceram são também, xenófobos...²⁴⁶

Se a fala do “Senador” não foi bem recebida por alguns, como demonstram as acusações de xenofobia, a reação foi diferente em outros meios. Tanto que, depois de ser amplificada pela coluna *Beto Stodieck*, vieram cumprimentos e a cumplicidade de outros “ilhéus”, não pela posição relativa à ponte – muito mais polêmica do que sincera – e sim pela crítica à “invasão estrangeira”. Tal cumplicidade, para o nosso pesquisado demonstrou: “Há mais xenófobos em Florianópolis do que se pensa...”.²⁴⁷

Beto ajudou a reforçar esta tendência. Reclamava muito daqueles que vinham para cidade “prá ficar”; em 1974 passou a chamá-los de “estrangeiros” com mais freqüência, abrindo assim aquilo que nas suas palavras seria uma “delícia de guerra”. Mais do que uma constatação tal postura ajudava estabelecer o conflito. Como quando escrevia que, apesar da hospitalidade com que a população recebia as pessoas de outros lugares que viessem passear, trabalhar ou empreender, em Florianópolis o estrangeiro não se criaria: “Com o tempo, ah com o tempo, a coisa mudaria. É claro. Nada como dar tempo ao tempo. Os ditos [estrangeiros] não poderiam

²⁴⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 18 mai. 1976. “Xenofobia?”

²⁴⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 20 mai. 1976.

sequer aparecer na Felipa, o centro nervoso da Catarina, nossa Santa (nossa cá e não “nossa” deles)”. E tomava posição, assumindo mais um rótulo para a coluna: “Vocês acabaram de ler, sem dúvidas, uma coluna bairrista”.²⁴⁸

Os estrangeiros passaram a ser responsabilizados pelo congestionamento da cidade, não apenas o de carros – “que trafegam pelas suas poucas e estreitas ruelas, heranças de nossos ancestrais, os açorianos” – mas de gente estranha, como ele se refere, “vinda não se sabe daonde [sic], que está se metendo nas nossas vidas, nos trabalhos antes reservados ao pessoal da Ilha. São os ‘estrangeiros’ que vieram, não só prá tirar a nossa tranqüilidade, mas prá arrasar a nossa Florianópolis”.²⁴⁹ Não havia como frear a “invasão”, por isso restava ao colunista a pergunta: “Quem atravessou a ponte hoje vindo de fora pra ficar? A cada dia que passa, mais e mais são os “estrangeiros” que vêm invadir a nossa Ilha. Aliás, não é de hoje que Florianópolis vê-se invadida”.²⁵⁰

O que antes era um simples bairrismo provocativo, porém jocoso, a partir do segundo semestre de 1974 assume um tom mais agressivo. A fronteira que separava o nós e os outros diminui. Isso fica evidente quando Beto passa a utilizar com mais freqüência, em substituição ao “florianopolitano”, o adjetivo “ilhéu” para separar os antigos habitantes dos novos. A crônica abaixo é um verdadeiro libelo desta transição:

Florianópolis, Flo, Flor, Floripa, Florisa, ou, simplesmente, Flops que é como nós do litoral, rápidos e rasteiros, falamos. O que é que vocês preferem? Tem gente que não quer uma coisa nem outra: vai de Ilha de Santa Catarina mesmo que, afinal, não é só dela, mas nossa, somente nossa, dos ilhéus. Atravessou a ponte e não é mais Ilha (é claro, senão não haveria razão de ponte e pontes). Sou radical e digo: a Ilha não é dos outros – afinal, o Streitcho existe prá que? É claro que é permitido vir, trabalhar, até se divertir (afinal, muitos são os ilhéus que vão se divertir no continente) mas dizer que a ilha é deles também, é pura pretensão. Não é deles, nem de ninguém (só nossa, repito) e muito menos dos gaúchos que vieram prá ficar. Antes ficassem em Sombrio, onde também deve haver sombra e água fresca... Além: Sombrio fica pelas alturas da fronteira e pelo que se sabe, gaúcho não dispensa uma fronteira... [...]

Mas não tenho nada contra os gaúchos. Até que muito pelo contrário. Afinal, não é o gaúcho o centauro dos pampas? E como gosto de mitologia, vai daí que... Agora, gaúcho ou quem quer que seja, tem de estar no seu devido lugar. A não ser que esteja em Nova Iorque que é uma cidade cosmopolita e ninguém é de ninguém, muito menos de lugar algum. Mas Flops é uma cidadezinha de nada, é nossa, somos bairristas o suficiente prá impedir que os outros (gaúchos ou não) venham bater com os costados numa de nossas quarenta e três praias. Aliás, são por causa dessas (mal) ditas quarenta e três praias que vem todo mundo prá cá. Tirar a nossa paz, de saudosa memória. [...]

²⁴⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 25 jun. 1974.

²⁴⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 21 ago. 1974. “A cidade, a cada semana que passa”.

²⁵⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 21 nov. 1974. “Pout-pourri de coisas já ditas”.

Mas, por favor, não me levem a sério, que tudo não passa de brincadeirinha. || Pois é: brincando é que se diz as coisas...²⁵¹

Este manifesto parecia antever a chegada daqueles que, ao lado dos argentinos, seriam os representantes principais da tomada de Florianópolis pelos estrangeiros na metade final da década de 70. Na última coluna de 1974, “uma coluna histórica”, Beto anunciava a instalação da sede da ELETROSUL na capital catarinense:

Ainda agora fiquei sabendo que a Eletrosul se instalará, realmente, em Flops. Serão aproximadamente 1.500 pessoas que acompanharão tão importante mudança. Já imaginaram? Serão 500 famílias com salários que vão do média ao alto – com um poder aquisitivo dos melhores. É dinheiro do bom que entrará na Ilha, prá vir e ficar, prá melhorar a vida de muitos. Ainda: a Eletrosul aproveitará a mão de obra do florianopolitano[...].²⁵²

Como se lê neste anúncio, surpresa e otimismo se confundem. Sentimentos que dariam lugar à resistência e indignação diante da perda de espaços importantes no campo social, mas também de espaços físicos na cidade:

Verdade seja dita: o ilhéu, de uma maneira geral, só começou a valorizar a sua Ilha depois que os de fora chegaram – prá ficar... E aí era tarde: é que todos os terrenos, principalmente os de beira d’água, já haviam sido transados – para alguns poucos privilegiados daqui, para muitos de outros cantos e que a princípio nada tinham a ver com a Ilha que, conseqüentemente, deixou de ser só do ilhéu...²⁵³

²⁵¹ STODIECK, Beto. **OE**, 06 dez. 1974. “Sem título”.

²⁵² STODIECK, Beto. **OE**, 31 dez. 1974. “Uma coluna histórica”.

²⁵³ STODIECK, Beto. **OE**, 13 nov. 1976.

1976-1981

NOVIDADE.

A insólita cidade representada nas pequenas crônicas de Beto Stodieck continuava uma distinta senhorita, merecedora dos olhares lascivos e indiscretos de visitantes e recém instalados, que nem sempre nutriam por ela sentimentos tão nobres e elevados quanto o colonista – qual irmão cuidadoso – desejava. Mas a cidade agora estava solta na vida, não sendo mais possível aos ilhéus impedirem seu contato com estranhos.

É bem verdade que a moça ganhara uma verruga – o aglomerado de prédios no triângulo central, conforme Beto descreveu do alto do Morro da Cruz –, mas nem por isso era menos atraente, mostrando a todos outras partes de sua beleza cujo conhecimento era, até então, privilégio dos mais íntimos. De certa maneira, tudo era novidade para quem chegava e mais ainda para quem acompanhou a rápida mudança morfológica, populacional e cultural que marcou os anos da segunda metade da década de 60 e primeira da década de 70.

Os espaços de sociabilidade eram outros e marcos identitários foram destruídos, deslocados ou esquecidos. O mar não mais alcançava o Mercado Público e a Ponte Hercílio Luz tinha uma nova companheira para dividir a responsabilidade pela entrada dos “estrangeiros”. A Beira-Mar Norte, que facilitava a circulação, tornando mais rápido o acesso às praias distantes do centro, facilitava a ocupação de novas áreas da Ilha. Por conta disto, da poluição e da popularização, as badaladas praias do continente, nos bairros de Coqueiros e Itaguaçu, tornaram-se paisagens sem maiores agitos. O fervo deslocava-se para a Joaquina, descoberta pelos jovens, famosa pelos surfistas e, principalmente no verão, ocupada por diversos grupos – “farozeiros”, argentinos, “coroas”... – que acorriam ao pioneiro Bar do Chico para badalar e bebericar.

O som que embalava as festas agora era mais agitado e ritmado. Quando começou a escrever, Beto tinha como trilha sonora algo ao nível do filme *Hair* mesclado com certos resquícios do mítico Woodstock – *Led Zepellin*, *The Who*, *Pink Floyd* eram grupos musicais citados e recomendados na coluna no período. A trilha sonora dos “Embalos de Sábado à Noite” fechou a década de 70 do século passado. Era a onda da discoteca – ou *disco* para os mais descolados – que alcançou o Brasil, principalmente em 1977, 78 e 79, quando começou a desaparecer.

Novos assuntos preencheram o espaço da coluna, conseqüentemente. Beto Stodieck

diminui as promoções de eventos musicais e de artes plásticas. As pessoas do seu relacionamento próximo permanecem os personagens mais assíduos da coluna, não obstante o esforço mal-sucedido, segundo ele próprio, de se interiorizar. Quando Beto não escrevia sobre o seu *entourage*, escrevia sobre os “outros” já que a cidade passou a receber mais “outros” do que ele desejaria, muito foi escrito sobre eles.

No que tange aos problemas da cidade, Beto deslocou o olhar dos microproblemas cotidianos e passou a visar questões daquilo que ele próprio denomina “sistema local”. Sua crítica política tornava-se, na medida do possível para o tempo vivido na repressão, mais explícita e corrosiva.

1. “DANÇANTES DIAS”

A *disco* foi cenário e personagem de dois grandes fenômenos de massa destes anos. O já citado filme, pelo o qual o jovem John Travolta concorreu ao Oscar de melhor ator, e a novela *Dancing’ Days*²⁵⁴, até hoje um dos maiores sucessos da teledramaturgia brasileira. No filme, que chegou a Florianópolis em julho de 1978, o personagem Tony Maneiro, interpretado por Travolta, leva uma vida entediante cuja rotina é rompida aos finais de semana, quando o vendedor da loja de tintas do Brooklin transforma-se em exímio dançarino em busca da vitória num concurso de dança promovido pela boate que frequenta. As músicas do filme, a cargo do conjunto *Bee Gees*, rapidamente se transformaram em estrondoso sucesso, tendo como carro chefe *Saturday Night Fever*, homônima ao filme.

Por sua vez, a novela aproveitava o sucesso do filme, incorporando ao seu enredo uma boate, cujo nome era inspirado na *Frenetic Dancing Days Discothèque*, casa noturna do produtor musical Nelson Motta que funcionou por quatro meses, em 1976, no recém-inaugurado Shopping da Gávea. A protagonista Júlia, personagem interpretada por Sônia Braga, dava o tom da moda das ruas e discotecas que se viram invadidas por leves roupas de cetim, coloridas meias

²⁵⁴ Novela de Gilberto Braga, com direção geral de Daniel Filho. Produzida pela Rede Globo de Televisão, foi transmitida de 10 de julho de 1978 a 27 de janeiro de 1979, no horário das 20 horas.

de lurex e sandálias de tiras e salto alto.²⁵⁵ A trilha sonora contava com a performance *d'As Frenéticas*, grupo musical feminino originado na boate de Nelson Motta que já era sucesso na ocasião do lançamento da novela.

Tamanho sucesso que, no Clube XII, Florianópolis abriu 1978, nas palavras de Stodieck, regado a “Frenéticas, suor e champã”:

Cinco mil pessoas (record absoluto de público para qualquer show visto em Florianópolis) se acotovelavam e se transpiravam, todas ávidas em sacar, ao vivo, o som daquelas que, juntas, formam a atual sensação brasileira. Aliás, o Doze acertou em cheio contratando-as, pois não houve, apesar de probleminhas com a aparelhagem sonora, quem não curtisse. Mesmo os que não conseguiram ver ou escutar, como foi o caso de muitos dos que reclamaram mas se conformaram. E como o espetáculo era mais ao gosto dos teen-agers, os mais velhos abriram exceção dedicando-lhes espaços na frente de suas mesas para que todos pudessem dançar quando do show, que é como as Frenéticas gostam de se enroscar. A tal ponto que toda a borda do palco foi invadida pela rapaziada que não fez cerimônias sentando-se junto a todo o estonteante desenrolar.²⁵⁶

A noite dos festeiros terminou na boate Dizzy, “onde todos demonstraram ser de ferro, maleável ferro é bem verdade, e só queriam saber de rebolar”.²⁵⁷



Figura 7 – As Frenéticas

Fonte: OE, 03 jan. 1978. Coluna *Beto Stodieck*.



Figura 8 - Dizzy

Fonte: OE, 29 out. 1977. Coluna *Beto Stodieck*

A *Dizzy* foi uma das casas noturnas que serviram de palco para o “Dancin’ Days” florianopolitano, que para Beto Stodieck num mês era bem melhor do que o da novela – “essas pessoas que choram que a cidade não oferece fervura alguma, é porque ou está por fora ou é

²⁵⁵ In: Teledramaturgia. < <http://www.teledramaturgia.com.br> > acesso em 15 nov. 2007.

²⁵⁶ STODIECK, Beto. OE, 03 jan. 1978. “Frenéticas, suor e champã”.

²⁵⁷ *Loc. cit.*

desprovida do devido charme indispensável pra acontecer”²⁵⁸; no outro já nada mais trazia de excitante além do bar *Iron* e da própria *Dizzy*: “por isso, não é atoa [sic] que a tal noite já está sendo chamada de Saturday **Nada Fever...**”²⁵⁹

Inaugurada em 21 de outubro de 1977, foi a novidade daquele ano na noite florianopolitana. Considerando-a um presente para a cidade, Beto anunciou sua inauguração e, ao mesmo tempo, proclamou que a casa entraria para a “história noturna da cidade”.²⁶⁰ O entusiasmo do colunista era patente. Pra ele a boate era o primeiro lugar da cidade a ter “um nível internacional, onde a gente pode levar a Caroline de Mônaco, por exemplo, pra dançar que ela vai se sentir em casa”.²⁶¹ Logo ficando saturada, perdeu um pouco do holofote inicial que Beto lhe dispensou.

A boate, no ritmo da moda, era o local ideal para os “enfeitados travolteiros da Ilha e arrabaldes”²⁶² arriscarem os passos copiados de Tony Maneiro. Sendo que os mais confiantes poderiam entrar na disputa promovida pelo “esvoazante [sic] e platinado” apresentador Celso Pamplona que escolheria o rei e a rainha do *disco*: “Ou seja, o mais reboativo par de Travolta da cidade. [...] Rapaziada do Estreito, ourice-se, afinal é daí que deverá surgir o Tony Manero da cidade – Afinal o Estreito não está pra Ilha assim como o Brooklin pra Manhattan?”²⁶³

O que se depreende das notas sobre o tema, é que, apesar de acompanhar e narrar o modismo, Beto não caía de amores pelo clima e o som das discotecas. Entretanto compreendia sua aceitação pela juventude como resultado da “atmosfera” da década, mostrada nos *Embalos de Sábado à Noite*: “um ótimo e mui inteligente filme, que conseguiu captar toda atmosfera que bem caracteriza esses anos que aí estão: é tão vazio e babaca quanto esta rápida e decadente década que já está por terminar...”²⁶⁴.

O colunista lembrava ao ilhéu que o Brooklin – bairro onde morava Tony Maneiro – estava para Nova Iorque como o Estreito para Florianópolis; quer dizer, um subúrbio estava lançando a moda para o mundo: “assim uma espécie de Estreito, está influenciando o mundo

²⁵⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 20 ago. 1978. “Dançantes dias em cascata dominical”.

²⁵⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 05 set. 1978.

²⁶⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 19 out. 1977. “Um presente para a cidade”. [Curioso: já não fosse a boate parte da memória de uma geração, a profecia estaria se cumprindo agora neste trabalho]

²⁶¹ STODIECK, Beto. **OE**, 25 out. 1977. “Todo mundo together numa Nice”.

²⁶² STODIECK, Beto. **OE**, 15 jul. 1978.

²⁶³ STODIECK, Beto. **OE**, 29 jul. 1978.

²⁶⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 18 jul. 1978.

ocidental em toda uma maneira de se vestir, andar, se comportar e, principalmente dançar.”²⁶⁵ Felizmente, como toda moda, aquela seria passageira, ainda mais diante da avalanche que atingia o público das “discotecas aos filmes e as dançantes programas de televisão, um passo, um salto, um voleio: e dá-lhe hustle – que nada mais é do que a caipira quadrilha, o pernóstico minueto”.²⁶⁶ A preocupação de Beto era saber qual seria a próxima, porque a coluna não poderia ficar por fora.

Contudo, em termos de asseamento lhe agradou o fim da antecessora moda hippie, que fez com que a “rapaziada rasgada, cabeluda e despenteada, mal lavada”, mudasse de atitude – “para a alegria dos pais, professores, gerentes de cinema e de transas afim, dos mais velhos em geral, da geral”:

Hoje, por exemplo, é considerado ultrapassado, ameaçado até de ser taxado de careta, aquele que se apresentar à moda dos hippies – existe coisa mais antiga? – restritos a meia dúzia que se amontoam no coreto da Praça XV transando e vendendo artesanato.

Reparem nas ruas, nas discotecas, nos colégios, na hora do almoço, do jantar, se é que o hábito de almoçar e jantar em família ainda existe, como os cabelos estão cortados e tratados com shampoos, os dentes escovados os desodorantes ativados e as mão e os pés (principalmente os pés) lavados. [...] ²⁶⁷

Também lhe agradava a injeção de ânimo que subitamente recebeu o notívago florianopolitano, elevado assim “a uma inesperada categoria internacional, não ficando nada a dever aos que estão nos tomando de assalto, os que estão vindo pra ficar e brilhar. Brilhemos juntos, pois”.²⁶⁸

Injeção cuja segunda dose veio em abril de 1979, com a inauguração da *Fever*, a outra casa noturna que marcou os derradeiros anos de setenta. Sua inauguração foi recebida com elogios semelhantes aos dispensados à *Dizzy*: “Crivicazinhas construtivas à parte, o que a coluna mais tem a dizer é que é, sem dúvida, o maior empreendimento do gênero já feito em Santa Catarina e que nada fica a dever a disco nenhum deste ou doutro hemisfério”.²⁶⁹ A partir daí a noite da capital contava com outra opção para sua dançante juventude.

²⁶⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 23 jul. 1978. “Do outro lado de lá da ponte do Brooklin”.

²⁶⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 19 jul. 1978. “A moda vai e volta e passa adiante. Qual é a próxima?”.

²⁶⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 28 out. 1977. “Palmas ao banho”.

²⁶⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 01 nov. 1977. “Gente é feita pra brilhar (e não pra morrer de fome)”.

²⁶⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 21 abr. 1979. “Valeu a pena esperar tanto tempo”.



Figura 9 - Fever

“E a Fever já pegou, com o pessoal, saquem via foto de Paulo Dutra, tentando – e conseguindo – entrar pela saída de emergência. | Aconteceu no sábado agora, quando os seus frequentadores foram ficando, ficando e ficando a brilhar pelos diversos ambientes, até o sol se fazer presente. Eram sete da manhã os últimos foliões abandonavam a boate (pela porta convencional) que já está pondo pra quebrar.”

Fonte: **OE**, 24 abr. 1979. Coluna Beto Stodieck.

A noite da cidade oferecia opções para quem desejasse sair de casa, mas já não era tranqüilo transitar a qualquer horário por suas ruas, muito menos deixar a casa sem ter quem a vigiasse. A outrora pacata cidade via-se tomada por constantes notícias de assaltos e roubos a pessoas e residências. A violência tornara-se algo próximo e a coluna registrou também o clima de insegurança que se espalhava pela cidade.

*“OS ASSALTOS NOSSOS DE CADA DIA”.*²⁷⁰

Uma novidade sem dúvida e que atingia não apenas Florianópolis, mas também Joinville e Blumenau, por exemplo, era a insegurança vivida pelos catarinenses das áreas urbanas, definida por Beto como “uma negra nuvem de terror proveniente só lá Deus sabe daonde”. A maior atingida nem mesmo era a capital, haja vista que nela os crimes de morte ainda eram raros. Porém:

Florianópolis naturalmente que é vítima constante da sanha de assaltantes – mas assaltantes que apenas roubam e, para a polícia, não deixam vestígios se mandando em direções jamais desvendadas. (Rara é a casa florianopolitana que ainda não foi assaltada – e rara é que teve os frutos do assalto devidamente de volta...). O que em si já é um tremendo grilo, uma violação neurotizante, que força as pessoas a fugirem pra apartamentos – ao menos pra isso eles servem: dão uma certa segurança, principalmente pras pessoas solitárias.²⁷¹

Para ele, o resultado era que os assaltantes eram os que mais vendiam apartamentos na

²⁷⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 15 fev. 1978. “Os assaltos nossos de cada dia”.

²⁷¹ *Loc. cit.*

cidade, ganhando dos maiores corretores de imóveis – “dada única e exclusivamente a psicose do medo que estão injetando na população desamparada, forçando-a a abandonar suas casas, aparentemente frágeis, em favor de seguros apartamentos...”²⁷²

O “astral ilhéu”, transformado, oscilava entre altos e baixos, deixando a imagem de cidade bucólica, pacata e parada num passado que não aceitava retorno:

O astral ilhéu, neste final de semana que felizmente acabamos de passar, estava de uma maneira tal efervescente que, por pouco, a Ilha não afundou ou não saiu Atlântico afora em busca só lá Deus sabe de que... Altos e, principalmente, baixos astrais que bem demonstram que Florianópolis não é mais aquela coisinha de nada conforme muitos ainda tentam, nostálgicamente, mentir que existe. Mas uma Florianópolis desenfreada, louca, revoltada com certos estados que não tem mais a ver com a bucólica cidade de alguns anos atrás. Aliás querem saber de uma coisa? Desistam daquela época que jamais retornará, vocês sabem: estamos noutra, numa pior evidentemente, mas o que há de se fazer? a não ser enfrentá-la conforme a Santa nos legou... | O final de uma era está vindo aos galopes e, ao contrário do que se quer pensar, esse final, tão decantado em locais com tradições de violência, também chegou até nós. E só nos resta aceitar e procurar não se envolver – se retirar é o melhor remédio. Agora, quem está no rolo tem que se enrolar...²⁷³

E não era coisa de um fim de semana apenas. As notícias de assaltos proliferaram no ano de 1978 e a violência urbana, na figura do assaltado, tornou-se mais um dos personagens de Stodieck. Os assaltados apareciam como coisa corriqueira, como se já estivessem se tornando um dado da paisagem. No dia 07 de julho, o “conhecido Marco Aurélio Bobaid” foi escolhido como o assaltado do dia; no dia seguinte foi a vez de um casal que morava no bairro Coqueiros ter a história do assalto à sua casa e agressão ao proprietário narrada pelo colunista, que informava que aquilo era apenas uma parte dos relatos que lhe chegavam aos ouvidos:

Mas os assaltos não ficam aí. Entre os mil alarmantes relatos que chovem nos ouvidos da coluna, há o caso do João Gaspariano, [...] que amanheceu, ontem, com um revólver apontado pro seu rosto. E olha que ele não mora nos Coqueiros, o palco da maioria absoluta de tanto e desprotegido pânico, mas sim na rua Rafael Bandeira, pleno centro deste triângulo insular.²⁷⁴

Coqueiros, região continental da cidade, antes um ponto tranqüilo de balneário e moradia, tornava-se um local inseguro e principal foco dos assaltos, mas os bairros insulares não estavam seguros. A nota acima sugere que a violência também ocorria em plena região central. O fato, contudo, foi destacado dias depois pelo colunista, ao avisar que os “ladrões de Coqueiros” já estavam na Ilha:

Os telefonemas chovem contando casos e mais casos de assaltos em que estão sendo vítimas as mais bandeirosas (em termos de riqueza e bem viver) casas da cidade, agora

²⁷² STODIECK, Beto. **OE**, 20 fev. 1978.

²⁷³ STODIECK, Beto. **OE**, 23 mar. 1978. “Um bravo final de semana para a história”.

²⁷⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 08 jul. 1978.

não apenas restrito ao Coqueiros, aonde originou toda esta onda que está apavorando meio mundo florianopolitano – a outra parte do mundo está tranqüila, pois não possui [sic] nada que possa agradar aos assaltantes.²⁷⁵

Os relatos seguiam.

Ora era um distraído motorista que ao retornar para o carro estacionado, dava de cara com o veículo apoiado em quatro tijolos, sendo que os pneus lhe foram subtraídos;²⁷⁶ noutro dia poderiam vir histórias engraçadas, como o acontecido com a uma senhora – “já devidamente entrada em anos, irremediavelmente solteira por força das circunstâncias” – que ao perceber o assalto resolveu manter-se na cama de olhos fechados e ouviu o assaltante lhe dizer, “no pé do ouvido”: “fingindo que está dormindo, hem?”.²⁷⁷ Ou ainda da esposa que disse ao marido, que empunhava uma arma diante de um assaltante: “querido, pois não é que te esqueceste de colocar balas no teu revólver?! Elas aqui estão, oh”. O marido, na crônica de Beto, levou uma surra do meliante e o casal estaria se separando – “só por causa disso?”, brincava o colunista.²⁷⁸

Em outubro foi tempo de relatar sobre assaltos à mão armada, cujas vítimas eram mulheres. Uma foi atacada, discretamente, por um sujeito que sentou ao seu lado no ônibus;²⁷⁹ a outra – “senhora, vaidosa, [que] não dispensa um sábado de manicura e cabelos – nem dedos cheios de anéis, das mais finas e familiares procedências” –, no caminho do salão para casa.²⁸⁰ As duas, em plena luz do dia.

Até “a coluna” foi vítima. Primeiro com o próprio Beto, depois com o fotógrafo Paulo Dutra, que teve carro e máquina fotográfica roubados de uma só vez.²⁸¹ O titular teve sua casa assaltada, com os criminosos levando aparelhos eletrônicos e outras coisas menores, numa ação que – para ele – parecia ter sido rápida e executada por alguém que o conhecia:

De todo esse incômodo rolo, permaneceu um consolo: uma média de vinte aparelhos, entre televisores e de som, são roubados diariamente em Florianópolis – cidade que não dá conta da criminalidade cada vez mais crescente e arrasante: e haja ânimo pra enfrentá-la assim, tão desprotegida e galopante. | Como consequência, o Bala, o cachorro da coluna vilmente assassinado na semana passada (não haveria correlação?) já foi substituído por um cão bem mais violento (um terrível pastor alemão), bem de acordo com os sacanas que tem por hábito violar casa e vida alheias.²⁸²

²⁷⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 13 jul. 1978. “Os ladrões dos Coqueiros já estão na Ilha”.

²⁷⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 16 ago. 1978. “Pneu de tijolo não roda ladeira”.

²⁷⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 28 set. 1978. “Aconteceu com a senhorinha que mora sozinha”.

²⁷⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 30 set. 1978. “O tragi-cômico dos assaltos que continuam”.

²⁷⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 05 out. 1978. “Isso já acontece em Florianópolis”.

²⁸⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 11 out. 1978. “Meus dedos pelos anéis”.

²⁸¹ STODIECK, Beto. **OE**, 23 fev. 1979. “Aconteceu com o Paulo Dutra”.

²⁸² STODIECK, Beto. **OE**, 30 nov. 1978. “Quando a vítima é a coluna”.

Já naqueles dias, como ainda hoje acontece, a responsabilidade pela violência urbana era jogada na conta da “influência de gente de fora”. “Dada a colonização pacata e feliz que tivemos”, escrevia Beto, “não era pra acontecer transas semelhantes”.²⁸³ Entretanto, a própria coluna produziu registros de que por vezes o estrangeiro era vítima da violência gerada pela xenofobia, como nos dá conta esta nota:

Exatamente na hora em que o vento sul ameaçava-se a tempestade, chegava a praia da Joaquina, na tarde do domingo, um ônibus de turismo de procedência paulistana. Como o movimento era enorme, com pessoas apressadas em se mandar antes que desabasse um temporal, o que acabou não acontecendo, o enorme ônibus, ao tentar um impossível contorno no canteiro final, pressionado entre carros e pessoas, acabou não conseguindo o seu intento, destruindo canteiro, coqueiro, o escambau.

Não era, no entanto, motivo para acontecer o que acabou acontecendo: o povo, usando a destruição do canteiro como pretexto (se bem que o motivo é bem outro e que tanto sabemos), passou a agressão em palavrões e inflamados discursos por parte de curtidors birituns, contra isso e aquilo, ônibus e turistas, coitados, que não tinham nada a ver com o caso. Uma barra.

Os turistas fecharam as janelas, alguns passaram a rezar pressentindo que iam ser devorados por canibais, trataram de esconder seus rostos, apavorados com tanta animosidade. Quanto ao chofer, não teve resposta a não ser pôr o ônibus em movimento.

Foi quando despontou um outro coletivo igualmente cheio de turistas que, ao sacar o tumulto lá embaixo, roda pra que te quero e pôs-se de ré sem ver, no entanto, um carro atrás que teve o seu capô amassado.

O povo não quis saber de mais nada e do palavreado passou às pedras e a esvaziar pneus, porém não o suficiente para deixá-los a pé, nessas alturas dos dois ônibus – afinal mais um motivo existia. Os dois tiveram não tiveram saída, um na frente do outro, a não ser esperar, trancados, até que o rolo acalmasse para, então, se mandar, correndinho, ao deus dará.²⁸⁴

Quando era de se esperar, pelo ritmo da nota até aí, que Beto fosse solidário aos turistas e crítico à barbárie, aparece este desfecho para a nota: “Essa gente, garanto, tão cedo não vai querer ouvir falar em Florianópolis. Ainda bem.”

Seria isto o que chamavam xenofobia?

²⁸³ STODIECK, Beto. **OE**, 30 mar. 1978.

²⁸⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 22 nov. 1977. “Berro II”.

2. “XENOFOBIA SÓ PORQUE TU QUERES, Ô”.

O ilhéu, ilhado que é, de repente viu-se atacado pelo vírus da xenofobia, como consequência da invasão “estrangeira” proveniente dos mais disparatados cantos brasileiros. Xenofobia é a tal aversão a pessoas e/ou a coisas estrangeiras – e se Florianópolis está contagiada por esta súbita “doença”, convenhamos, os menos culpados são exatamente aqueles que pra cá vieram a fim de ficar e desempenhar. Verdade seja dita: num total contrasenso, o maior causador de tudo isso aí foi – e é – o próprio local que se deixou infiltrar por, pasmem, puro comodismo. Então não te contei?

Pela nossa irreversível situação geográfica, vocês sabem, somos chegados ao tal doce não faz nada – sempre gostamos que os outros trabalhem por e para nós. Digam lá se existe coisa mais gostosa do que se entregar ao descansado papo pro ar e ao desenfreado fofocar? bem de acordo com o nosso metralhado palavrear (Numas, essa fúria toda do açoriano cacarejar é exato pra dar tempo de contar tudo, bem rapidinho, antes que venha um outro e nos torne ultrapassados).

Atraídos pela beleza e tranqüilidade do povo e do lugar, o “estrangeiro”, mais vivido, mais pro sacana, foi se chegando pouco a pouco como quem não quer nada a não ser curtir igualmente essa dolência típica do pessoal de beira d’água. Foi vindo, foi vendo que a terra era virgem, “em se plantando tudo dá”, essas coisas, o escambau. O nativo, se não lhe dava bola, não lhe hostilizava: “contando que não se intrometa na minha casa”. E foi deixando o cara se entregar de corpo e alma (e bolso) a ex-nossa cidade, que cresceu a ponto tal que o local não consegue lhe acompanhar.

Como o de fora está acostumado a desempenhar, a lutar, depois de certo tempo se cansou de nada fazer. E foi à caça, foi tratar de pôr em prática os conhecimentos adquiridos e batalhados em cidades maiores e mais violentas, onde a lei é do mais forte... Como a situação apresentava-se aberta principalmente pro pessoal de outras plagas – já que o daqui, por razões que a própria razão desconhece, foi colocado num misterioso terceiro plano – “estrangeiros” pra que te quero...

O ilhéu continuou não se deixando incomodar: “afinal, enquanto os outros desempenham pra mim, vou batendo meu pontinho de sempre e me mandando pra sessão das três do São José”... Só que, quando saiu da sessão, não só lhe tinha tomado o assento, como estavam ganhando o que ele nunca imaginou ganhar...

E foi aí que ele despertou de um sonho que, sem mais nem menos, havia se transformado em irreversível pesadelo...²⁸⁵

O cronista, leitor atento e privilegiado do urbano, desde 1971 chamava atenção para o valor financeiro da cidade, tanto da sua região central – para onde a publicidade das imobiliárias atraía o “nativo” com as imagens de progresso e civilidade – quanto para as áreas ainda pouco povoadas e subproveitadas. Na segunda metade da década a especulação imobiliária colocou o centro em segundo plano e passou a olhar com interesse o interior da ilha.

A explosão de praias como Joaquina, Canasvieiras e Jurerê tornava lucrativa a posse de terras nestes lugares. Beto apontou a consequente expulsão dos nativos, ludibriados pelo poder econômico ou vítimas de sua ingenuidade; mostrava também como se dava a convivência entre os locais e os novos moradores.

²⁸⁵ STODIECK, Beto. OE, 07 set. 1978. “Xenofobia só porque tu queres, ô”.

Os “crimes contra os nativos”, configurados pela compra de suas terras por preços irrisórios ou pelo golpe, indignavam o colunista que via os “nativos e desinformados proprietários de grandes áreas no interior da Ilha” cair em golpes aplicados por pessoas físicas e por pelo menos uma imobiliária mal intencionada. Contou o colunista que o golpe da imobiliária – “dizem que sempre a mesma” – consistia em enviar representantes que, “com a melhor das lábias camuflados como elementos do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”, solicitavam aos proprietários acesso à “papelada referente aos terrenos”:

Como esses documentos, escrituras essas coisas, perdem-se no tempo, em papel amarelado, quase rasgado, sob a alegação que se trata de papel histórico, solicitam sob o pretexto de arquivamento em Museu.

Alguns, dos mais incautos, satisfizeram – coitados. Outros fecham-se em portas e janelas, sacando do que se trata: em poder dos papéis, automaticamente e com o tempo, transferem a propriedade em nome da imobiliária. [...] a enorme área é posta a venda a preços exorbitantes, logo após absurdo despejo de seus reais proprietários.

Sabiam que isso é crime? ²⁸⁶

O “roubo” não se limitava aos bens imóveis. Até os móveis e objetos, bens integrados na terminologia do patrimônio cultural, eram levados por decoradores – “principalmente paulistas” – que teriam “por hábito vir até aqui e comprar (entendam tapear), de ignorantes nativos, proprietários de engenhos que não dão mais farinha de mandioca nem açúcar de cana, lindas peças dos próprios, verdadeiras esculturas trabalhadas à mão, por preços pra lá de irrisórios [...]”. A conclusão diante do quadro por ele desenhado era que “Florianópolis é terra de ninguém”. ²⁸⁷

Tais eram as estratégias quando o nativo estava de posse e em uso de suas propriedades. Caso contrário, em hipótese de terra aparentemente sem quem a defendesse, relata o colunista que a invasão acontecia pelo simples cercamento e construção de “barracos”, seguida pela tomada de atitude de “senhores da terra”, da parte dos “invasores”. Prática que reforçava a ojeriza ao estrangeiro, visto que Beto concluía que “o pior é que esse tipo de gente quase sempre é forasteiro”. “Mas isso não é de hoje”, lembrava, “é de antes d’ontem, pois a melhor fatia, vocês sabem, sempre acaba ficando para os que aqui chegam e não para os que daqui são... Afinal, não é novidade, Florianópolis é péssima mãe, porém excelente madrastra...” ²⁸⁸

A nota abaixo dá noção de como era apreendida e representada por Beto Stodieck, até com certo humor, a relação dos nativos com esta porção de novos moradores – que, como veremos, eram diferenciados dos “eletrosuis”:

²⁸⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 25 nov. 1977. “Mais um crime contra os nativos”.

²⁸⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 20 abr. 1978.

²⁸⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 03 ago. 1978. “Péssima mãe, excelente madrastra”.

Latifundiário recente, pra não chamá-lo “nouveau latifundier”, está conclamando seus semelhantes a exterminar da região do interior da Ilha em que recém chegou montado em altas mansões, os “amarelos” que lá moram há séculos.

Inclusive, mesmo quando imploram, o homem não dá sequer carona aos seus vizinhos: “porque tu sabes né, o cheiro de peixe impregnado em suas peles é tanto que não dá para agüentar e como consequência, ou tu mandas o carro ou, até, trocá-lo por outro. Bah, tché!”, exclamou o cara tapando o nariz. Exagerado!²⁸⁹

Diante destas notas, que nos trazem um pouco do clima e do sentimento de invasão daqueles movimentados anos, cabe posicionar o necessário filtro. Certamente há nelas certo exagero, característico do estilo do colunista, especialista em dar à realidade cores mais fortes, o qual não escondia que, às vezes, preenchia a monotonia do vivido com um bocado de ficção. Como no artista plástico, aí reside muito da riqueza de suas notas, pois, desta maneira nos dão acesso a mais informações que dados de compra e venda de lotes de terra poderiam dar: permitem captar um pouco do significado da invasão conforme a sentia parte dos moradores “nativos” da Ilha de Santa Catarina e a sedimentação deste ponto de vista no público leitor da coluna.

Invasão que não era meramente territorial. Mostrava-se como uma real ameaça à cultura local. O fato do “nativo” abrir espaço para a influência dos recém-chegados é o tema da seguinte nota, onde, ao tranquilizar o “pessoal de fora” quanto à xenofobia local, Beto mexia com os acomodados brios do florianopolitano:

Esse pessoal de fora que veio pra morar (eu disse pra morar e não pra passear: pra passear tem de pagar entrada, conforme a coluna de ontem) não deve se espantar com certas raivosas agressões por parte do florianopolitano em geral que ele é assim mesmo: tudo não passa da boca pra fora: o coração está exultando com tantas novidades.

Ele finge que não gosta da invasão, do subsequente progresso que chega aos galopes, mas, na realidade, está adorando tudo e todos. Só fica nervoso diante do anonimato das pessoas, logo ele que sabia de cor e salteado o nome de toda a população... Afinal, foi-se o tempo em que todos se conheciam, todos se cumprimentavam – e hoje, mesmo que conheça, finge desconhecer que é pra dar a impressão que vive numa metrópole onde ninguém sabe quem é que acabou de passar...

Ao mesmo tempo em que, volta e meia, tem ataques de nostalgia invocando uma Desterro que jamais vimos (só através de fotografias), está achando ótimo a quantidade de edifícios horrorosos (mas que, bem lá no inconfessável íntimo acha-os lindos “parecendo Nova Iorque” – se bem que há quem diga que “somos mais San Francisco”), de congestionamentos (“tem hora que parece o Rio”), do constante vai e volta das calçadas e calçadas (“Buenos Aires perde”), se orgulha, muito pelas internas que é pra não dar bandeira, até dos assaltos: afinal, vocês sabem, é coisa de cidade grande.

Só fica triste porque ainda não pintou por aqui nenhum Esquadrão da Morte: aí sim, seria a glória das glórias, a nossa confirmação como metrópole nacional...

Argentinos, gaúchos, paranaenses, cariocas, carros e mais carros de todas as placas e paraguaias procedências, venham, vejam e vençam nesta cidade que não tem mais

²⁸⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 05 abr. 1978.

dono. Ela é de todos, é internacionalmente sul americana. Comprem, a Ilha está à venda: façam o que bem entenderem, afinal não temos mais fronteiras. E não se assuntem com a reação de certos florianopolitanos que eles são de paz: ladram mas não mordem.²⁹⁰

Desta facilidade de assimilação e disfarçada admiração dos costumes “de fora”, o sotaque é um ponto interessante. Como marca identitária do ilhéu, reproduzida muitas vezes na coluna, a maneira rápida e “cacarejada” do falar nativo era substituída por algumas pessoas, pela maneira de falar dos “estrangeiros”. Neste quesito, os cariocas eram os mais influentes:

Com essa inflação de cariocas que vieram pra ficar, um fenômeno muito curioso está acontecendo entre certas figuras ilhoas que já estão de transas com os recém-chegados. Parem e reparem: mas há alguns que não perderam tempo e já estão a mil, pensando, até, em carioquês – o que dizer cantar, rebolar e sibilar? [...] No entanto há o reverso. Sei de uma menina gaúcha que, dado o seu inconfundível e arrastado sotaque, faz o maior dos esforços para entrar no nosso chiado, com receio de destoar da geral...²⁹¹

Tem gente daqui que quando está na frente de cariocas só sabe se manifestar via sotaque e, até, gestos proveniente do Rio. [...] Agora, pior do que isso, é aquele nativo que adotou o sotaque proveniente dos pampas ou das araucárias – aí realmente não há quem agüente e não há humor que consiga piadar. Só mesmo se apiedar...²⁹²

Querer imitar o gaúcho era triste; o carioca sinal de provincianismo.

Principalmente porque, para Stodieck, o *affair* entre as duas cidades à beira-mar era coisa do passado. Florianópolis que por muito tempo admirou o Rio de Janeiro e quis fazer-se como ela, de repente, virava a noiva cobiçada:

No início era um amor unilateral, isto é, sem qualquer manifestação por uma das partes – aquela transa de fã com relação ao ídolo. Era até doentio: Florianópolis amava o Rio que amava Nova Iorque... a paixão era tanta que não havia quem agüentasse: como todo caso de amor, a influência do mais forte fazia-se acentuada: e eram muitos ilhéus pegando hábitos e sotaques daquela paixão impossível. Ativada principalmente pelas férias de julho quando boa parte da população se transferia para o Rio a fim de “adquirir hábitos” que muito influíram na descontraída formação da maioria.

Era até engraçado encontrar aqueles cacarejantes bandos, para lá e pra cá na avenida Copacabana (nas férias de 68, não sei quem contou mais de 500 ilhéus num único dia de avenida...), deslumbrados com as vitrinas e com os cariocas que passavam sem sequer se virar: afinal, éramos interioranos a mais, aparentemente sem emocionantes conseqüências.

E voltavam, todos, encantadaços, morrendo de nostalgia por não poder viver no Rio, economizando grana pra voltar no ano seguinte. Era um amor tal que chegaram a inventar um possível “catarioca”, como fruto duma fictícia união... Em contrapartida, oh tristeza, o Rio mal sabia aonde ficávamos: “Florianópolis, ah, no Paraná, eu to”...

Os tempos mudaram, Florianópolis fez-se mulher, passou a ser paquerada por gaúchos e paranaenses – paquera não correspondida, diga-se de passagem –, gostosona, impossível, se dando muito nas internas pra pessoas escolhidíssimas a dedos, meio sobre a Belle de Jour (se dando de dia, se escondendo à noite), enfim, desistiu do Rio já que, sentia, era uma transa impossível, o que fazer a não ser esquecer...

²⁹⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 10 mar. 1978.

²⁹¹ STODIECK, Beto. **OE**, 29 nov. 1977. “O chiado pelo cantado”.

²⁹² STODIECK, Beto. **OE**, 10 mar. 1979.

Mas eis que de repente, sem mais esperar, o Rio descobre, no sul, ilhada na noite, nada menos do que uma moça florescente, linda de viver, o que eles, os cariocas, até então jamais tinham tomado conhecimento. Sacam aquela menininha da tua casa ao lado (e que tu pensas que mora na casa da frente) que a última vez que viste apresentava-se tal qual patinho feio? quando encontras, anos depois, queres logo saber que é de tão linda? Dito e feito.

E sabem como é que Florianópolis (uma moça tão linda com um nome tão feio) reagiu diante deste súbito interesse? Com desdém, com certo desprezo, com ares de quem já foi preterida anos atrás. Isso porque, no momento sobre espelhadas baías se refletindo linda, está se auto amando e não quer saber de maiores paixões, de outras ligações – já bastam as duas pontes que nos ligam ao continente...²⁹³

Alguns preciosos elos entre o *ilhéu-de-uma-maneira-geral* e o *ilhéu-soçaita* passaram a ser mais valorizados após a invasão, como presenciaram os anos finais da década de 70 em Florianópolis. O sotaque foi um deles.

Não se falava ainda do ‘*manezinho*’, tal qual hoje é vendida a imagem do nativo morador da Ilha de Santa Catarina. Muito menos no ‘*manezês*’, o já dicionarizado falar ilhéu, como atributo distintivo da identidade do florianopolitano. O escritor, astrônomo e folclorista Seixas Netto, por exemplo, chamava os diversos falares do interior da ilha de “linguajar matuto” – e identificou pelo menos cinco diferentes formas nas comunidades mais isoladas do interior da Ilha:

A Ilha de Santa Catarina, hoje deformada geograficamente pelos aterros litorâneos que tomaram as Baías Norte e Sul [...] teve, desde os primórdios da ocupação alienígena, até 1950, uma composição linguística muito interessante, gerando na mesma e nos seus naturais, cinco co-dialetos distintos por área. [...] Os ilhéus se denominavam “matutos”, por conservarem o costume luso de “acordarem com a estrela Matuta”, ou seja, com Vênus Matutina, que equivale a dizer que os matutos acordavam, para as lides da roça e da pesca, alta madrugada, ou pelas 4 da manhã, indo o sol encontrá-los com o serviço quase completo [...].²⁹⁴

Não obstante a simpatia de alguns, o “chiado” e “cacarejado”, conforme definia Stodieck, modo de falar das comunidades tradicionais da ilha, era tido como sinal de baixa escolarização e falta de acesso à cultura erudita pelos habitantes da área urbana.

Isso até o momento em que cariocas, paulistas, paranaenses (curitibanos, especificamente) e gaúchos, que serviam como modelos de vida, comportamento e civilização, passaram a transitar e morar na cidade – e fizeram valer a posição de superioridade em que os próprios florianopolitanos os colocaram. Então a coisa mudou. Não era mais o catarinense que, em massa, se transferia para Copacabana, conforme indicam notas de 1971 e 1972. Os cariocas é que vinham para a Ilha, a fim de passear, trabalhar, morar ou, ainda, especular. Frente à transformação, a metáfora da história de amor entre as duas cidades carrega mais um desejo

²⁹³ STODIECK, Beto. **OE**, 12 abr. 1978. “Love Story”.

²⁹⁴ NETTO, A. Seixas. *Meteorologia matuta da Ilha de Santa Catarina*. In: **Boletim da Comissão Catarinense de Folclore**. Ano XVIII, nº33, dezembro de 1980. p. 19.

latente que uma postura passível de generalização – o que é confirmado pela adaptação de algumas pessoas ao falar “estrangeiro”.

Outro exemplo da nova postura do florianopolitano era dado pelo comportamento das meninas diante do flerte não metafórico. Em 1972, Beto registrava o seguinte “pensamento invencível da mulher florianopolitana”:

1 – “Você é uma rapaz muito bacana. Mas acontece que eu tenho um noivo que está em Curitiba e se eu sair com você, os amigos dele vão contar pra os meus amigos, que contarão para ele. Agora me deixa senão vou perder o ônibus para o Estreito”.

2 – “Você é daqui mesmo? Como dança bem. Você deve ser de Por... ah, de Biguaçu??? Com licença, estou exausta”.

3 – “Acho bárbaro o Rio. Você já esteve lá no verão? Em Copacabana? Ah, foi uma excursão e ficou onde? Em Cascadura???? Olha eu tenho que ir embora que a minha mãe me espera”.²⁹⁵

Pobres rapazes locais. Que chances teriam com as garotas tendo cariocas e curitibanos como adversários na paquera? Esta desvantagem, em 79, era lembrança de outros tempos, quando “a gurria ilhoa via carro com placa de Curitiba e lá se assanhava toda – e o que ela não fazia com o carinho daqui, se entregava pro prosa de lá”. As coisas teriam mudado: “Agora, com a graça de Deus, a coisa dá-se ao reverso, vêem um cara bonitinho a bordo de um carro qualquer, olham a placa e se é de Curitiba, não só desprezam com ainda dispensam piadinhas em contrário...”.²⁹⁶ Para Beto isto era sinal não de xenofobia, mas da evolução de Florianópolis!

“ELETROSUIS” E OUTROS “DE FORA”.

Pois não é que a Eletrosul vem mesmo prá Florianópolis. Foi o que o Ministro de Minas e Energia, Shigeaki Ueki, declarou ontem, para a alegria geral da geral e da especial. Afinal, serão 500 novas famílias que se mudarão prá Flops que, convenhamos, não está preparada prá acolher tanta gente (um mínimo de 1.500 pessoas). E haverá problemas de moradia, colégios, infinidades de coisas assim. Mas o bom é que o poder aquisitivo aumentará, haja visto que essas pessoas pertencem no mínimo, à classe média. Da média a alta. Logo, os preços de tudo quanto é gênero, só tendem a aumentar. Na realidade, a vinda da Eletrosul prá cá é boa e não é. Eu, como dono de galeria de arte, estou adorando. Como defensor do bem estar da cidade, estou, apenas, gostando um pouquinho.²⁹⁷

O primeiro grande bloco de “estrangeiros” a chamar a atenção do colunista e virar personagem freqüente da coluna foi o composto pelos funcionários da Eletrosul. Transferidos por força do emprego para a capital catarinense, muitos destes trabalhadores resistiram à

²⁹⁵ STODIECK, Beto. **JSC**, 19 ago. 1972. “O pensamento invencível da mulher florianopolitana”

²⁹⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 17 out. 1979.

²⁹⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 18 jan. 1975. “Uma nota bem daquelas e outras nem tanto: é a coluna de sábado”.

adaptação, ao ritmo e às – supostas – limitações da cidade. Outros viram na transferência um ganho em qualidade de vida e uma oportunidade de crescimento.

Para os moradores da cidade, também não estava claro se a presença dos eletrosuis era boa ou má. A princípio a notícia da transferência de tantas novas famílias trouxe a esperança de mais empregos para os trabalhadores, mais consumidores para os comerciantes e mais clientes para os prestadores de serviço – ou seja, um alento em época de crise.

Antecedendo os funcionários, o deslanche da especulação imobiliária foi o primeiro efeito deste sentimento na economia municipal;²⁹⁸ que levou a direção da Eletrosul a suspender qualquer anúncio contendo detalhes sobre a chegada da empresa – “a fim de evitar a especulação imobiliária (mais do que especulada) que estava (e está!) alcançando exagerados níveis”.²⁹⁹

Quando, depois de muito anúncio e de muito esperar, eles chegaram, vieram em pequenas doses. Até o mês de junho de 1976, somente uma leva de 350 pessoas – “sendo 220 cariocas e os restantes provenientes dos estados do Sul” – chegara à cidade.³⁰⁰ Muitos outros os seguiram, mas não ao ritmo divulgado pelos especuladores que vendiam imóveis prometendo renda garantida com o posterior aluguel para o pessoal da Eletrosul. Mesmo assim, a presença destas famílias não frustrou as apostas na mudança do perfil da cidade.

Não há pesquisa que informe deste fato, nem cabe aqui aprofundar o estudo do tema, mas há grande chance de que a propaganda realizada por estes novos moradores em suas cidades de origem tenha incentivado algumas famílias a escolherem Florianópolis como alternativa de moradia a cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, que já naquela época apresentavam sinal de saturação. O debate entre as diferentes opiniões dos “eletrosuis” acerca de Florianópolis, que teve espaço na coluna *Beto Stodieck* nos dá uma idéia das duas imagens que a cidade exportava na bagagem destes moradores.

Em julho de 1978 o jornal *O Estado* publicou matéria sobre os três anos de instalação da Eletrosul em Florianópolis. Alguns funcionários da empresa deram declarações reclamando das condições da cidade - “quando colocaram Florianópolis numa posição bem inferior aos subúrbios de onde uns e outros “nasceram” e vieram...” –, o que provocou reações negativas na cidade.³⁰¹

²⁹⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 26 fev. 1976. “A Eletrosul na terra de Malboro”.

²⁹⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 10 mar. 1976. “Especuladíssima especulação imobiliária”.

³⁰⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 03 jun. 1976. “Os 350 eletrosuis”.

³⁰¹ STODIECK, Beto. **OE**, 07 jul. 1979. “Eletro opiniões que acabaram em choque”.

Surgiu então um novo grupo: “os eletrosuis, de maneira geral”, que estariam “furiosos com as declarações de alguns de seus colegas”, fazendo questão em demonstrar sua discordância.³⁰² A leitura da coluna sugere, portanto, que estes – a maioria – seriam simpáticos à vida na Ilha, ao contrário dos entrevistados na mal-recebida reportagem, com os quais, em parte, Beto concordava.

“Naturalmente que em certos pontos eles têm razão – afinal vivemos numa cidade em desenvolvimento, carente de vida noturna e cultural (a coluna inclusive, é a primeira a reclamar, dispensando opiniões alheias)”, escreveu, aceitando parte das críticas apresentadas – que abrangiam desde a qualidade dos cinemas até a educação dada às crianças florianopolitanas, menos liberal que a carioca. No entanto, sentenciava, “a maioria está vivendo aqui melhor do que em seus lugares de partida...”; e se todos achavam que “o florianopolitano, de maneira geral” resistia em se relacionar com os recém chegados, “depois desta reportagem, mais ainda...”.³⁰³

Os *eletrosuis-de-maneira-geral*, na ocasião, defenderam Florianópolis. Duas das “eletrocartas” que “choveram” na redação d’*O Estado* acabaram publicadas. Nelas, cariocas se declaravam felizes em morar na capital catarinense e, seguindo a linha da coluna, mandavam os incomodados que voltassem para o local de onde vieram.³⁰⁴

As diferentes formas de encarar a vida na nova cidade faziam parte de etapas distintas da adaptação dos “*transferidos*” – os funcionários da Eletrosul, na particular classificação dos “estrangeiros” feita por Beto Stodieck; que incluía ainda os visitantes à jato, os “*en passant*” e “os que vem pra ficar”. De todos, o último era o que oferecia maior risco ao nativo, pois aportava na Ilha, “mais que depressa ia à caça de emprego” e, para o espanto do colunista, conseguia: “O de fora, vocês sabem, normalmente arranja emprego uma semana depois – é um espanto: só porque é de fora e a lábia é mais salivada do que a nossa, sobre os irrecuperáveis tansos.”³⁰⁵

Já os *transferidos*, após uma etapa de adaptação, passavam a curtir a cidade como ela era – viravam o *eletrosul-de-maneira-geral*. Antes, porém sofriam com a nova situação:

[...] os transferidos detestam a cidade logo de início. Não querem ir a nada nem saber coisa alguma, morrem de tédio nas noites sem fim, vivem se lamentando que aqui não tem aquilo, sequer assaltos à mão armada, tão emocionante. O passeio que mais fazem

³⁰² *Loc. cit.*

³⁰³ *Loc. cit.*

³⁰⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 12 jul. 1979. “Escreve uma carioca”; 16 jul. 1979. “As eletrocartas continuam chovendo”.

³⁰⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 04 jan. 1979. “Mais mão pra cá do que pra lá”.

é até o aeroporto... E gastam rios em telefonemas pros seus rincões a fim de alimentar masoquismo.

Pois esses são os sintomas mais graves. Nos três primeiros meses desmaiam de dor a todo instante, reclamam horrores, são rebatidos, antipatizados, até que um belo dia acabam caindo nas graças de alguma praia local, sacam aqueles pessoinhas, são correspondidos (que aqui há sempre muita correspondência), começam a voltear pelas ruas, afinal, o que é que há de se fazer?, é verão. Até que vão passar as festas finais junto aos seus nas cidades de origem.

Pois não agüentam uma hora além do natal... o que é que há? “Ah, é essa falta de mar”, se desculpa diante dos amigos. “E aquela paz que não se encontra em lugar algum”. E vem correndo pra continuar curtindo esta Ilha arrodada de mel por todos os lados – menos dois que nos prendem ao continente e que mais fazem entrar do que sair...³⁰⁶

Esta interpretação era fruto da observação e não apenas da imaginação do colunista. Em notas do primeiro ano da presença dos “transferidos” para Florianópolis, Beto já detectava a melancolia que se abatia sobre os recém-chegados.³⁰⁷ Também registrava a “revoada dos eletrosuis”, que aproveitavam os feriados para retornarem aos seus pontos de origem – “ávidos por respingos de civilização” –, recomendando ainda que aproveitassem para ir “a cinemas, bares, teatros, boates que aqui não tem disso não...”.³⁰⁸

Em 1979 a maioria dos que resistiram aos primeiros meses na Ilha já havia se habituado ao ritmo da nova cidade. Como se vê, os funcionários da empresa naquele momento já não eram os únicos “invasores”, muito menos os mais indesejáveis. Santa Catarina estaria se tornando um “verdadeiro paraíso pras pessoas provenientes dos mais diversos pontos, e que aqui ocupam altos cargos, num verdadeiro desprestígio ao grilado pessoal local, que, não sabe porquê, é preterido em favor de pessoas que só agora estão sacando da nossa pobre realidade [...]”.³⁰⁹ Na comparação com estas pessoas, os eletrosuis apresentavam outra vantagem: ao contrário dos “de fora” que chegavam “a fim de ficar, desafiar e desempenhar em detrimento ao local”, os eletrosuis já vieram empregados, isto é “trouxeram seu serviço”.

Enquanto os “de fora” causavam problema por tomarem os empregos dos catarinenses – inclusive nos cargos públicos de livre nomeação pelo governador³¹⁰ – com os “eletros” o problema era outro:

[...], se é que ainda há problema diante das ameaças “dos outros”, [o problema com os eletros] é aquela impávia [empáfia] de alguns, aquele pretensio ar de superioridade diante

³⁰⁶ *Loc. cit.*

³⁰⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 10 fev. 1976. “De não ter o que fazer”; 16 mar. 1976. “Os eletrosuis ainda não tiveram oportunidade de conhecer o comércio da ilha. Por que?”; 19 ago. 1976. “Queixas”.

³⁰⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 10 abr. 1976. “Revoada dos eletrosuis”.

³⁰⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 02 set. 1978. “Preferência nacional”.

³¹⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 07 jun. 1979.

das coisas e pessoas locais, a tal da injustiçada comparação que tentam fazer entre as transas cariocas e as nossas, coitadas.

O que, nesta altura da xenofobia, não é nem mais motivo pra grilos – e sim, deixar pra lá, o que é que tem, eu não tenho nada pra fazer, você também...³¹¹

Foi assim que a implicância com os “eletrosuis” esmaeceu – ao menos naquele fim de década. A cidade, consolidada como destino turístico, a cada ano atraía mais visitantes. Com destaque para os “hermanos” argentinos, que chegavam atraídos pela beleza natural e pela favorável taxa de câmbio, fruto da crise financeira pela qual passávamos e que deixava os preços no Brasil atrativos para os vizinhos do sul.

INVASÃO ARGENTINA.

Esta invasão não restringe-se, apenas, aos simples turistas que vem, vêm e voltam, mas a pretensão da instalação de colônia portenha em terras de tansos pescadores, que estariam sendo ultrapassados diante da conversa de certas pessoas, algumas riquíssimas, outras apenas espertas, maioria investidores que resolveram trocar de país.

Não estou me referindo, por favor, àqueles simpáticos e falantes argentinos que há muito vêm passando verões entre nós, pessoas altamente civilizadas e de altas culturas, cujo contato só temos a ganhar. Mas a um outro tipo de gente, personas non gratas por onde quer que tenham passado, inclusive no seu próprio país. Aliás, um correto argentino já advertiu sobre certas pessoas que estão vindo pra cá e que nem lá mais tem vez...³¹²

Antigamente é que era bom: argentino mesmo só quando tinha circo na circo na cidade. Hoje até parece que tem circo o ano inteiro...³¹³

O colunista mantinha constante campanha em prol de um turismo na cidade. Em diversas oportunidades cobrou das autoridades competentes o investimento no mínimo de estrutura necessária a uma cidade turística³¹⁴ e, dos comerciantes, parcimônia ao explorar o turista com preços abusivos.³¹⁵ Defendia a criação de outros atrativos para cidade, “além da natural praia”³¹⁶ e trabalhava neste sentido, vide as promoções culturais e a campanha pela profissionalização da Diretoria Municipal de Turismo.

Com todos estes melhoramentos, a cidade atrairia visitantes de alto nível, não apenas os que, na opinião de Beto, vinham prá cá, traziam problemas e gastavam pouco, não compensando

³¹¹ STODIECK, Beto. **OE**, 15 set. 1978. “Uma trégua pros eletrosuis”.

³¹² STODIECK, Beto. **OE**, 18 fev. 1978. “Quando a quantidade prejudica a qualidade”.

³¹³ STODIECK, Beto. **OE**, 18 set. 1979.

³¹⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 02 fev. 1978. “Santa Catarina: Miss Turismo do Brasil. E daí?”; 12 set. 1978. “Turismo interno interno demais”; 20 dez. 1979. “Uma Ilha sem mapa não é Ilha que se preze”;

³¹⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 13 dez. 1979. “O estraga-bofe da Lagoa”

³¹⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 17 jan. 1979. “Enquanto isso por aqui...”

as despesas que causavam ao município. Era de outro tipo o “turismo internacional” desejado:

Segundo otimistas previsões provenientes de órgãos turísticos locais, já na década de 80 a Ilha de Santa Catarina estaria em quarto lugar entre os locais brasileiros mais procurados pelo turista internacional [...]. || Agora, é bom recordar que argentinos, uruguaios e paraguaios, por vizinhos que sejam, também são considerados internacionais...³¹⁷

O verão de 1977/78 pareceu ser um momento de virada no volume de turistas na capital. “Florianópolis, nessas férias de verão que acabamos de passar, recebeu gente de tudo quanto é tipo de procedência, é capaz, até, de ter hospedado seres extra terrenos sem sequer termos sido apresentados, camuflados de argentinos. Afinal, eles não estão em toda parte?”, escreveu Stodieck, indignado frente ao grande volume de visitantes – “perto de 300 mil pessoas” – que pouco deixaram em termos financeiros: “a cidade não ficou mais rica, talvez tenha ficado mais pobre, mais poluída”.³¹⁸

Visando controlar a entrada de indesejáveis turistas, o fechamento das pontes continuava uma proposta recorrente nas colunas de Stodieck. A cobrança de pedágio nas cabeceiras continentais era sugerida como forma de ganhar dinheiro “em cima dessa gente que pouco consome”.³¹⁹ Uma idéia polêmica, claro. Mas cuja validade teria se confirmado quando, pouco depois, o governo federal divulgou medida para que argentinos, uruguaios, paraguaios e chilenos só entrassem no país portando a passagem de volta e, pelo menos, 5 mil cruzeiros para as despesas. “Essa medida”, comemorou o colunista, “nada mais é do que a confirmação e regulamentação de tudo aquilo que já foi dito sobre o assunto aqui na coluna e que algumas pessoas, talvez interessadas e interesseiras, tanto criticaram. Parabéns pois, pra nosotros...”³²⁰.

O verão de 1979 não foi diferente, os argentinos vieram “com tudo”:

Não há beira de calçada local que eles não estejam estacionados, saltando, assaltando o nativo com perguntas que nós perfeitamente entendemos mas que eles, num ataque de total incompreensão, não percebem bulhufas do nosso português – até que nos desdobramos em línguas e explicamos da melhor maneira possível. Ora, por favor, façam um esforçinho, não custa nada, e sejam que nem nós em Buenos Aires, desenvolvendo o tão (de) cantado portuñol.

Eles são reconhecidos à distância: como estão em férias (ou fugindo das tropas que estão sendo mandadas pra fronteira sul com o Chile), despiram-se de suas gravatas e paletós sempre usados em suas cidades, vestiram largas bermudas, indefectíveis mocacins (há quem diga que pra reconhecer um portenho basta olhar pros pés), cabelos penteadíssimos à gomalina,, curtos, que lá cabelo longo é considerado falta de educação.

³¹⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 08 out. 1978.

³¹⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 09 mar. 1978. “Um espetáculo beneficente...”.

³¹⁹ *Loc. cit.*

³²⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 20 abr. 1978. “... e eu não disse!?”.

Já as mulheres, muitas tem mechas nos longos cabelos em ondase, sobre saltíssimos, shortíssimos com metade de suas abundantes papadas a mostra diante dos extasiados olhares do Senadinho do Ponto Chique que não tem o que fazer a não ser comentar o que acabou de rebolar. E a maioria acha tudo “caríssimo”. (Há os ricos é claro, mas esses nem aparecem). Aliás, assim como lá éramos conhecidos como “los baratíssimos”, (nos bons tempos do cruzeiro alto), a recíproca aqui não é verdadeira, é absoluta e inversamente proporcional e a tudo especulam porém nada compram sob a justificativa de ser “muy caro”...

Outro dia numa feira, dois deles discutiam as berros por causa do preço do abacaxi, a 10 cruzeiros a unidade: “oh no, es muy carro” [sic]. | Nas lojas, entram, fazem descer prateleiras, experimentam tudo, não compram nada: “es caríssimo!”: pra ódio das balconistas que tem de repor tudo de volta aos seus lugares.

Restaurantes então, mal passam pela frente: preferem as baratas lanchonetes, já que os lanches que trouxeram da Argentina acabaram no meio do caminho, só lhes resta a Coca-Cola: e aí, ao final do verão, um balanço: o que tem de derrame de garrafas de refrigerante com rótulo em castelhano, não dá pra contar. | Só não trazem mesmo a gasolina, o que seria demais – no entanto se pudessem, não se fariam de rogados.³²¹

A imagem desenhada dos vizinhos argentinos nem sempre correspondia à realidade. Tanto que alguns dias após este retrato, o colunista fez um “mea culpa” diante de informações “provenientes de especialistas em assuntos argentinos”, reconhecendo alguns exageros. Quanto ao consumo, a verdade era que, por conta do câmbio favorável, os argentinos naquela temporada estavam consumindo muito nos estabelecimentos locais – bares, restaurantes e supermercados. Em relação ao comportamento, reconhecia que os brasileiros muito importunaram em Buenos Aires e que “a coisa” apenas teria se invertido. Feitas algumas correções Beto esperava ter se desculpado diante dos milhares de turistas argentinos – “que estão se deliciando com esta Ilha que um dia, não muito distante, também nos deliciou”.³²²

No verão seguinte, a idéia de que a “invasão argentina” seria o outro lado da moeda foi desenvolvida:

Se antes, há alguns anos era o brasileiro que ia a Argentina com ares de dono, com o cruzeiro tudo comprando e os argentinos humildemente vendendo; falando aos berros bem de acordo com a reconhecida má educação nacional e mexendo em tudo o que encontram pelas lojas e magazines (não se contentando em ver apenas com olhos) e tendo problemas na alfândega, de volta tal a quantidade de muamba que, em alguns casos pagava a viagem... hoje só mesmo não está acontecendo o inverso porque os argentinos, verdade seja reconhecida, são bem mais civilizados – logo mais educados que a maioria brasileira que não se comporta quando fora de casa. (Aliás, imaginem em casa...). | No entanto, a invasão portenha é talvez até mais numerosa, às enfileiradas e silenciosas caravanas que vão invadindo ruas, desrespeitando sinaléticas e preferências que lá, de maneira geral, não tem disso não. [...] ³²³

Em 1980 a presença argentina na Ilha era fato consumado, restava escrever sobre seus

³²¹ STODIECK, Beto. **OE**, 06 jan. 1979. “Acerca de los porteños que nos cercam”.

³²² STODIECK, Beto. **OE**, 14 jan. 1979. “Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa (acompanhado de três batidinhas no peito)”.

³²³ STODIECK, Beto. **OE**, 05 jan. 1980. “O que está acontecendo é o outro lado da moeda – ou melhor, a outra moeda”.

reflexos e a “outra moeda” era um dos principais. O turista, conforme se reconheceu, colocava uma considerável quantidade de dólares a circular na cidade e este foi o mais comentado resultado de sua presença no último verão da década de 70 do século 20 – previsto na coluna como o “verão dos agiotas”, por conta da ausência de casas de câmbio na cidade:

Se esses tais 500 mil alarmantes argentinos – ou 300 mil ou 100 mil que sejam – que, dizem, virão no verão quiserem mesmo gastar, terão que trazer dólares, aí sim, encontrará quem troque – nos bancos, a preço oficial ou no mercado paralelo, no dito black, 10 cruzeiros mais caro, a 40 cruzeiros, por aí. | Estão vendo vocês pois, que serão os agiotas que mais lucrarão neste verão. ³²⁴

Los hermanos causavam confusão, o que era ótimo para o colunista que, com eles, arrumava deliciosas notas, onde narrava argentinos em situações das mais insólitas. ³²⁵ Os problemas e gafes portenhos, contudo, eram compensados com os “dólares salvadores” que contribuía na economia local. Esta ajuda era motivo para que Beto saísse em defesa dos visitantes, diante da crítica a invasão emitida pelo próprio prefeito Francisco Cordeiro:

Muito se discute acerca dos portenhos que estariam nos invadindo – com alguns a favor outros contra a maioria sem opinião própria (como sempre). No entanto, feita a análise econômica da coisa, chega-se a conclusão, óbvia por sinal, de que estamos vivendo época absolutamente benéfica pra todos – quer queira o prefeito Cordeiro ou não, que ainda ontem declarou a um jornal local que “os argentinos chegaram a Florianópolis pra bagunçar o coreto... ³²⁶

Para concluir este tópico dedicado à relação de Beto Stodieck com aqueles que ele considerava como invasores da Ilha, nada melhor do que sentir a doce vingança do nativo representada pelo clima nem sempre agradável para “os de fora”:

Pois é, não somos nós quem sofremos grande parte do ano com as agruras do temperamental tempo que vive a desabar sobre nossas cabeças? o vento sul, o nordestão, as temporadas de chuvas e lestadas enfim.

E agora, quando chega a boa época de aproveitar as delícias do verão, eis que temos que nos espremer pra dar espaços nas praias e verdes, nas nossas casas, dividir o nosso canto com que de fora vem aqui se enxertando como se fossem os absolutos donos do pedaço, sem sequer pedir licença nem pagar entrada nem nada. E o que é pior, vêm dando de dedo com se fôssemos sub-lugar.

Está certo isso? Ou vocês acham que se trata de egoísmo de nossa parte e que tudo bem, que se cheguem e façam o que bem entenderem? Pois sim. Então que venham também quando o inverno pior se fizer.

Aí sim, quero ver o tal amor que dizem sentir pela Ilha, tché! ³²⁷

³²⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 02 nov. 1979. “O verão dos agiotas”.

³²⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 10 jan. 1980. “Certo tango em Florianópolis”; 15 jan. 1980. “Galanteios à argentina”; 23 jan. 1980. “La bananita de los porteños”;

³²⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 25 jan. 1980. “Esses argentinos maravilhosos e seus dólares salvadores”.

³²⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 08 nov. 1979. “Inverno pra vocês, ô!”

3. “À SOMBRA DO BRILHO”.³²⁸

Amigo carioca, em férias ilhoa, agora em contato constante da coluna quis saber porque é que parte dela não é dedicada a gracejos com o que há de mais engraçado no soçaito ilhéu, a exemplo do que Daniel Mas e Nina Chaves fizeram uma época.

Perguntei eu: onde é que Daniel e Nina estão hoje? Enquanto aquele se dedica a editar *Vogue Homem*, está só pode dar uma de entrevistadora da *Interview* brasileira – ambos impedidos de escrever em jornais diários...

Esta simples resposta basta, pois estão a ver que se no Rio aconteceu com os jornalistas o que aconteceu, aqui, nem se fala onde as pessoas, se não são amigas, parentes quando não são afins.

E, de mais a mais, digam-me lá, existem por acaso aqui na Ilha, ou mesmo no continente contíguo, alguma Odile Rubirosa que se preze ao ponto de se deixar fotografar em curvas e charmes? Ou uma veneranda Josefina Jordan que receba todas as semanas para deliciosos quitutes regados a Chateau Latitte Rothschild 1973? Ou uma Márcia Kubitschek que tenha coragem de se assumir: “namoro um bailarino, e daí?”

É que, por forças das circunstâncias, dos preconceitos e da grana (e do medo, por que não?), Florianópolis faz-se discreta, na medida certa, com um ou outro excesso, é claro, nem todos são de ferro, mas isso dica por conta das internas, que aí de quem se atrever a comentar, o que dizer escrever. Ou melhor, comentar, se não é permitido ao menos não há como controlar, por sinal comentam até demais, às raias do invento. Agora, escrever é que são elas, principalmente para o leitor que tem por hábito incluir na sua leitura diária aquilo que sequer foi escrito...

E é por isso que, na falta de maiores brilhos, a coluna se dedica, em parte, a sombra das administrações.³²⁹

Outra pauta permanente para Beto Stodieck foi o desempenho dos prefeitos de Florianópolis. Num período em que o espaço para a crítica aos governantes era reduzido, a democracia afrontada e a liberdade da imprensa cerceada, sua coluna assumiu o papel de *ombudsman* da gestão municipal. Esta face da coluna *Beto Stodieck* posicionava o jornalista também como um forte agente no campo político, conferindo-lhe poder e, também, trazendo problemas.

Por força do *metiér*, Beto tentava manter a postura de neutralidade. Comentando sua posição política – “cômoda e profissional” – assume o posto de observador: “estou sempre em cima do muro, sentado em camarote. Pra ficar de olhos e ouvidos em ambos os terrenos pra então, depois, contar”.³³⁰ Contudo, o “terreno” da situação era invariavelmente mais visado e, n uma época em que alternância no poder não passava de troca entre indicados do mesmo grupo – inclusive municipalmente, haja vista que a lei garantia ao governador do Estado o direito de indicar o prefeito da capital – os representantes ligados ao regime eram personagens freqüentes. Em consequência, se tomarmos como certas suas declarações quanto à perseguição sofrida, os comentários nesta seara do “social” certamente foram os que lhe causaram maiores problemas.

³²⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 12 jan. 1978.

³²⁹ *Loc. cit.*

³³⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 19 out. 1979.

A geladeira, contudo, em momento algum da década de 70 chegou a lhe esfriar o espírito crítico. Pelo contrário, aos poucos e aproveitando o afrouxamento da censura, no final da década Beto entrava mais fundo nos assuntos políticos, principalmente ao tratar do processo de abertura após o período de maior repressão da ditadura, quando da vigência do AI-5. Não deixando de comentar no varejo os problemas urbanos – problemas nas ruas, violência urbana, trânsito, lâmpadas apagadas em ambas as pontes... – focava no atacado da gestão pública.

Sua crítica passou a centrar no que, para ele, era o eixo dos demais problemas da cidade: a impossibilidade dos moradores elegerem seu prefeito e a conseqüente sucessão de maus administradores à frente do paço municipal. É importante voltar os olhos para o início da década e perceber que este assunto, ainda que de maneira mais amena, foi um dos temas transversais das crônicas ligeiras de Stodieck.

Desde julho de 1971, até a “(re)estréia” em 1977, cinco prefeitos conviveram com críticas, comentários e sugestões diárias. Quando começou a circular a coluna, o prefeito era o coronel Ary de Oliveira – escolhido por Ivo Silveira e confirmado no cargo por Colombo Salles. Em novembro de 73, Oliveira devolveu o cargo ao governador, deixando vaga a cadeira. Do seu mandato, Beto escreveu:

[...] Não foram três anos calmos para Florianópolis. Nesse tempo, a cidade explodiu, os edifícios subiram e se atravancaram pelas ruas estreitas, o aterro encheu de areia a paisagem da baía sul e o Plano-Diretor da cidade continua trancado a sete chaves nas gavetas da Câmara Municipal. Muita coisa mudou. | [...] |

Eu no meu cantinho de jornal, acompanhei a administração da cidade atentamente. Como aliás faço com tudo o que se refira a Florianópolis. E, evidentemente, muitas vezes critiquei atos e não atos que julgava inadequados e procurei chamar a atenção da Prefeitura para problemas e probleminhas que diminuíam a qualidade da vida florianopolitana. De outro lado, nunca deixei de elogiar francamente aquilo que achei bom para a cidade. Distanciamento. A imprensa está aí exatamente pra isso.³³¹

Sendo aquela a primeira sucessão municipal acompanhada pelo colunista e mesmo com clima de abertura estando fora do horizonte, Beto não deixava de “dar pitaco” na escolha do novo prefeito, que deveria ser feita pelo governador. Mostrando-se atento ao momento vivido pela cidade e aparentemente pressentindo o que viria, concluiu a nota acima:

As especulações vão começar; os candidatos, não candidatos e anti-candidatos vão aparecer e desaparecer aos montes. E eu só espero que na escolha do sucessor do Coronel Ary de Oliveira na Prefeitura, o Governador Colombo Salles veja com bons olhos a cidade, seus habitantes e seus problemas. Florianópolis vai viver nos próximos tempos, uma fase dramática de sua existência e a [ilegível] precisam se pôr frias e a pensar.³³²

³³¹ STODIECK, Beto. **OE**, 11 nov. 1973. “Florianópolis ah!... Florianópolis!!! Ary de Oliveira deixa a Prefeitura”.

³³² *Loc. cit.*

A escolha do novo prefeito não demorou. Ainda em novembro de 1973, Nilton Severo da Costa – um jovem, com 30 anos então – assumiu a função e contou com palavras de confiança do jornalista, que o defendeu da reação “da ala conservadora da rua dos Aflitos e de outras menos votadas ruas e ruelas”, mandando o recado:

Mas qualé? Quem queriam que fosse o novo Prefeito florianopolitano? Com toda certeza alguém que ficasse de braços cruzados a espera da providencial ajuda estadual. É claro. Alguém que não tivesse a fibra já demonstrada à frente do Instituto Estadual de Educação. [...] | Por que não esperar prá ver, ao invés de falar sem saber? Por que não trabalhar ao invés de criticar, comodamente sentado à frente do Paço Municipal, sob a copada e sempre na escuta figueira, em frente ao Vic’s e Ponto Chiques da vida?

333

Porém, garantindo a piada, o colunista não deixou de registrar de maneira irônica a “elegância” do prefeito, que trajava ternos com grandes lapelas, cuja imaginação surrealista da Felipa, narrada por Beto, chegou a imaginar alçando vôo: “Na rua dos aflitos só se aguarda uma insólita situação (como todas as situações aguardadas pelo assíduos freqüentadores da rua): que o jovem e elegante Prefeito, em dia de forte vento sul, passe, voando impulsionado pelas duas imensas lapelas. Seria o chamado ‘vôo à lapela’...”³³⁴ Foi nesta gestão, a princípio merecedora do apoio de Beto Stodieck, que ocorreu a explosão da cidade. Conseqüentemente, aquele foi um dos períodos de maior conflito entre o colunista e a municipalidade.

Com o fim do mandato do governador Colombo Salles, coroado com a inauguração da ponte homônima, a cadeira de prefeito da capital catarinense vagou, sendo ocupada temporariamente, em março de 1975, pelo vereador Waldemar da Silva Filho, “o popular Caruso”. Era notório que seria um mandato tampão, mas havia esperança de que não fosse tão curto.³³⁵ Esperança vã: o mandato de Caruso foi outro dos hiatos administrativo aos quais a capital catarinense ficou relegada naqueles anos.

A instabilidade, a falta de continuidade e de planejamento de longo prazo eram alvos da crítica do prefeito Caruso. Em conversa com Beto Stodieck, o carismático vereador do Ribeirão da Ilha – agora prefeito – fez um apelo à “classe política catarinense”, pedindo solução para o caos no poder executivo da cidade: “A cidade está precisando é de pressa: compasso de espera não é possível.” Suas palavras motivaram o seguinte comentário:

Realmente: estamos em 1975, o que não é novidade. Daqui a pouco será 1980 e questões florianopolitanas estão sendo solucionadas como se estivéssemos nos anos 60 que já era – e há muito. Acordem, please. A nossa cidade está precisando de ação. A

³³³ STODIECK, Beto. **OE**, 24 nov. 1973. “Aflitas críticas ao jovem Prefeito”.

³³⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 01 dez. 1973. “Nunca jamais se viu um Prefeito tão elegante assim”.

³³⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 15 mar. 1975. “De passo em passo Caruso continua no Paço”.

cada dia que passa ela está maior, com maior número de habitantes e de carros – paralelamente, mais confusa, congestionada, desordenada, uma loucura. E não será neste provisório período, com o nosso Caruso não sabendo por quanto tempo permanecerá (se 3, 30 ou 300 dias), que as coisas administrativamente falando, poderão acontecer.

O Prefeito em passat não tem condições de formar a sua equipe, já que nada é definitivo, tudo é provisório, com restos da administração passada e com um primeiro escalão (de confiança do Prefeito Caruso) não podendo arregaçar as mangas como devem ser arregaçadas. Conseqüentemente, a cidade está sofrendo, se não parada, ao menos aloprada. Não está havendo continuidade. E nem poderia haver. Entendo perfeitamente o angustiante pedido de Caruso à classe política de Santa Catarina para uma solução a este estado da coisa. Assim como está, cá prá nós, não dá.³³⁶

Saiu Caruso. Em junho de 1975, após ter seu nome aprovado pela Assembléia Legislativa, entra Dib Cherem, que abandonaria em agosto. Outro curto mandato, seguido pela sugestão de Douglas Macedo de Mesquita, então presidente da TELESC, e Esperidião Amin Filho, o “Dão”; sendo confirmada a escolha deste último.

Florianópolis ganhava mais um jovem prefeito, com 27 anos na oportunidade. E sob o perscrutador olhar “stodieckiano”, a princípio – e como de praxe – o novo prefeito foi recebido com um misto de expectativa e euforia. Esperidião Amin concluiria a metamorfose da cidade executando algumas obras que mereceram visibilidade na coluna – tais como o calçadão da Felipe Schmidt, o asfaltamento da Mauro Ramos e a conclusão da Via de Contorno Norte. No início daquela gestão a questão ambiental ganhou espaço nas políticas públicas e a destruição do patrimônio arquitetônico começou a reduzir a velocidade – também em decorrência da crise econômica que levou ao esfriamento da construção civil, é bem verdade.

Acompanhava a satisfação com tais mudanças de atitude a promessa de mais novidades. 1976 começou com Beto relatando a conversa com o “Dão”, que dava publicidade de seus grandes projetos. Na ocasião, o prefeito afirmava que, até o final do ano, duas novas denominações estariam “incorporadas ao dia-a-dia do florianopolitano”: Via de contorno Norte e Via Expressa Sul. Beto explicava:

A primeira, outra não é: a avenida Beira-Mar Norte. Isso é, a Beira-Mar faz parte dela já que a via toda em sim será bem mais longa (9,6 km) e irá desde o sistema viário da ponte Colombo Salles até a Universidade Federal, na Trindade, com derivações para Canasvieiras e Lagoa da Conceição. E terá uma pista a mais, além das duas que já conhecemos e que formam a dita Beira-Mar. [...] A outra a Via Expressa Sul, ainda não te, a sua extensão definida, pois não sabem se atravessará túnel ou continuará aterro afora [s/z]. [...]

Essas duas vias acabarão se encontrando lá pela altura do Pantanal, proximidades da Universidade, formando aquilo que se chama “anel viário”. Com isso, o Morro da Cruz

³³⁶ STODIECK, Beto. OE, 15 mar.1975. “Estive com Caruso e, entre outras coisas, o que conversamos?”

se sentirá deslocado: de entrave da expansão territorial florianopolitana, passará a ser centro. [...] ³³⁷

Os planos eram ambiciosos e necessitavam de ações preliminares para se concretizarem. Por isso, no mês de maio de 1976, Amin sancionou o tão esperado Plano Diretor da cidade ³³⁸ – sob as críticas dos opositores, do MDB, que viam no ato simples manobra eleitoreira. ³³⁹ O documento continha as principais metas de Esperidião. Algumas delas só viriam a se concretizar na virada do século – o túnel sob o morro do Antão e a Via Expressa Sul, por exemplo.

Por sua vez, o colunista se mostrava simpático à situação e transparecia o contágio pela euforia que o novo chefe do executivo conseguia incutir na cidade – a qual, na expressão do jornalista, rasgava-se em elogios ao prefeito:

A Ilha de Santa Catarina está orgulhosa do prefeito que tem: recebeu, encantada, a notícia de que a lagoa do Peri, ao Sul, e mais 45 milhões de metros quadrados de área verdíssima e, definitivamente intocáveis, serão tombadas, graças a interferência do prefeito Dão. Conseqüentemente ganharemos um parque florestal como poucos.

Aliás, é incrível, mas não há um dia em que o nosso prefeito não dê uma que não faça o ilhéu escancarar a sua boca de felicidade. É uma atrás da outra. Esperidião Amin Filho é, exatamente, a pessoa que a cidade estava precisando. Ou agora ou nunca. Graças a Deus, e ao Governador Konder Reis que o nomeou, Florianópolis, finalmente, está em boas mãos. E não será surpresa para esta coluna se Dão vier a se transformar no Jaime Lerner da segunda metade dos anos 70. Escutem bem o que a coluna está dizendo, pois é de prefeitos ecológicos que o Brasil está precisando. ³⁴⁰

Desta maneira, contando inclusive com a boa vontade de Stodieck, Esperidião construía também seu nome junto à juventude florianopolitana. ³⁴¹

Mas a situação não permaneceu rósea por muito tempo. Logo que as primeiras ações da administração municipal começaram a lhe desagradar, Beto não deixou de apontar erros. Além das pequenas e comuns chamadas cotidianas, o primeiro grande ponto de discórdia foi a obra para o calçadão da Felipe Schmidt. No início, conforme dito no capítulo anterior, a rua foi

³³⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 11 jan. 1976. “Estive com o Prefeito Dão e ele me contou que...”

³³⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 28 mai. 1976.

³³⁹ Devido ao elevado valor da dívida pública do município, o vereador Pedro Medeiros não acreditava que a prefeitura pudesse executar as obras previstas na legislação – que incluía as tais vias divulgadas em janeiro. “E como todo mundo sabe, as vias expressas são as obras mais importantes constantes do Plano”, comentava. [**OE**, 08 mai. 1976. “As modificações que o PD introduzirá”. p.16.]

³⁴⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 19 mai. 1976. “Rasgando elogios”.

³⁴¹ Atento a este filão e atendendo os apelos do esporte que então despontava na Ilha, o prefeito deu apoio à sua prática do surf e outras iniciativas de jovens florianopolitanos. Como resultado, em 1976, foi um dos homenageados com o troféu de “Destaque do Ano” – promoção da dupla Cacau Menezes e Ricardinho Machado. Não participou da cerimônia de entrega do troféu, pois viajara para a casa da noiva, Ângela, em Indaial – segundo nota em: **OE**, 05 jan. 1977. Em 1978, a dupla Cacau e Ricardinho voltaria a homenageá-lo “pelo incentivo que tem a prática do parafinado esporte”. [**OE**, 16 jun. 1978.]

simplesmente fechada ao tráfego, num ensaio do que seria o *boulevard*.³⁴² Alguns grandes vasos foram colocados na via, objetivando dificultar a circulação de carros. A população, contudo, teria ficado “sentida” com o prefeito, por ver na atitude um teste à civilidade do florianopolitano. Sentimento que, cumprindo sua auto-atribuída função de *vox populi*, Beto registrou.³⁴³

No início de 1977 as críticas ao prefeito, por conta do calçadão, tornaram-se mais incisivas. O fato gerador destes comentários negativos foi a decisão de executar as obras em pleno verão, durante o período de festas e do carnaval. No início foram notas curtas, dando conta do incômodo gerado pelo fechamento da “Felipa” e dos comentários que circulavam sobre o assunto.³⁴⁴ Depois, o problema mereceu maior destaque. Assim, na penúltima coluna de 1977, antes do fatídico “gancho” de nove meses, lia-se:

Calça... | Muitos, inclusive pessoas ligadas ao Prefeito e a Prefeitura, só agora é que sacaram a mancada que está sendo a obra do calça-Dão em pleno verão, véspera do Carnaval. [...] E tudo por causa das obras do calça-Dão que só fizeram transformar aquele pedaço num enorme e empoeirado (ou enlameado) – pós, só de arroz e lama, só lamé... – buraco, buraco esse que, absolutamente, não combina com esta animada época do ano. [...]

... Dão! | Provavelmente o Prefeito Dão tem os seus motivos pra ter mandado executar a obra do calça-Dão em época tão animada. [...] Caso contrário não teríamos esse disparate [*sic*] que provoca desagradáveis comentários da e na geral (e não só). O bom senso que lhe é peculiar, caso o Dão tivesse assegurada sua presença a frente dos destinos da Municipalidade etcetera e tal (uma pena que ele não seja eleito pelo povo e sim nomeado), a coluna tem certeza, não permitiria tamanho crime contra a nossa mais reboletiva das festas. Não há outra explicação. Ou há? ³⁴⁵

Como se pode notar, mesmo na crítica ainda havia boa vontade em relação ao prefeito. Contudo, a partir do retorno às atividades, em outubro daquele ano, as coisas mudaram. A celeridade em detrimento da qualidade das obras virava alvo de constantes notas. Como a oposição político-partidária, Beto passa a ver nisso nada mais do que maquiagem visando às eleições: “Quando vejo esses súbitos progressos (com sabor de **polgressos**) pré-eleitorais – essas obras sem maiores planejamentos – é que me vem a cabeça aquele pensamento do Hugh Haffner: ‘a salvação do terceiro mundo está na eficiência dos seus governantes?’...”³⁴⁶

A avalanche de ações que a prefeitura executava ou prometia executar era tal que o humor das ruas teria encontrado um apelido para o ex-prefeito, logo divulgado pelo irônico colunista: “Sabem como é que o ilhéu apelidou o seu Prefeito Dão? Falcon, o boneco da Estrela

³⁴² STODIECK, Beto. **OE**, 23 out. 1976.

³⁴³ STODIECK, Beto. **OE**, 27 out. 1976. “As petúnias do Prefeito”.

³⁴⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 11 jan. 1977; **OE**, 14 jan. 1977. “Por conta do (des)calçadão”.

³⁴⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 30 jan. de 1977.

³⁴⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 23 jun. 1978.

que faz tudo...”.³⁴⁷

O asfaltamento da Avenida Mauro Ramos recebeu a principal crítica desta espécie. Por conta dele o colunista comparava Esperidião Amin a Osmar Cunha, cuja administração foi marcada pelo fracassado asfaltamento de “volta ao Morro da Cruz” – obra mal planejada, não concluída e pela qual fora massacrado pela opinião pública.

Dias após ter reclamado da qualidade do asfalto que a prefeitura estava utilizando em suas obras,³⁴⁸ o colunista lembrava a população de que aquela não era “a primeira tentativa de asfaltar Florianópolis”:

[...] há coisa de 20 anos o então prefeito Osmar Cunha asfaltou, sob a emoção de toda a cidade, a volta do Morro da Cruz. Asfalto a frio em cima da terra – o de agora é igualmente a frio só que em cima de paralelepípedos. | Enquanto aquele durou uma, duas semanas, o suficiente para a realização de prova ciclística e passeios em carrinhos de cavalo de saudosa memória, o atual, é claro, não se sabe quanto tempo durará.

A população em ambas as vezes demonstrou orgulho (“afinal não será mais preciso ir a Curitiba pra deslizar sobre asfalto”...) . Sendo que à primeira, seguiu-se decepção e quanto a esta, bem, aguardemos, por enquanto, a sua execução. | A decepção você sabem, quase sempre vem com o tempo...³⁴⁹

O assunto começou aí e se estendeu por todo o ano. Para reforçar a crítica, a memória da fracassada empreitada de Osmar Cunha era retomada como exemplo.³⁵⁰

Estes dois exemplos – o calçamento e o asfaltamento – servem para mostrar que, até então, a relação do colunista Beto Stodieck com os prefeitos da capital seguia um padrão: início eufórico seguido de críticas inevitáveis. Assim, volta-se ao ponto inicial deste tópico, quando Beto aumenta o tom de suas pequenas crônicas da política local – e, agora, nacional.

Em setembro de 1978, narra Beto, Esperidião “sumiu do mapa da Ilha depois de ter passado o abacaxi municipal ao seu patrício Nagib Jabor, entregando-se em desenfreada campanha eleitoreira pelo interior do Estado”.³⁵¹ Aos olhos dos críticos, Esperidião confirmava a intenção de usar a cadeira de prefeito como trampolim para vãos mais altos na política estadual.

Nagib Jabor, presidente da Câmara Municipal, assumiu em decorrência do afastamento de Amin. Aproximando-se o fim de mais este mandato tampão, Beto questionava se o novo prefeito que assumiria em 31 de janeiro de 1979 – o quinto da cidade em quatro anos – seria o último dos

³⁴⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 19 jul. 1978.

³⁴⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 14 jan. 1978.

³⁴⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 19 jan. 1978. “A decepção tarda mas não falha”.

³⁵⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 03 ago. 1978. “E o que é que o Osmar Cunha tem a ver com o Dão?”

³⁵¹ STODIECK, Beto. **OE**, 08 set. 1978.

“biônicos”. Voltando a criticar a instabilidade na administração da cidade concluía taxativo: “A razão dessa multiplicidade de prefeitos é simples: é que o povo inexplicavelmente, não escolhe os administradores de suas capitais.”³⁵²

Radicalizando sua posição, comentava que a cidade estaria em melhor situação caso deixasse de ser a capital do Estado, já que pouca coisa era decidida pelos moradores e os postos de decisão eram geralmente ocupados pelos “de fora”. Perguntava ele: “De que adianta, por exemplo, morarmos numa cidade que não pode nem escolher o seu prefeito?”³⁵³

Em janeiro de 79, às vésperas da substituição e frustrada a intenção de eleger pelo voto um novo prefeito, Beto entra em campanha para, no mínimo, listar qualidades do futuro indicado. Para tanto, monta sua “Receita de Prefeito” – que “antes de mais nada” deveria ser nascido em Florianópolis: “[...] já que trata-se de uma transa absolutamente doméstica– é condição sine qua non que tenha amor semelhante ao de filho à mãe com vistas a esta desmamada terra”.³⁵⁴ E continuava a relação de qualidades:

Que seja capaz e criativo. Capaz, é claro: criativo pra fazer jus a bela cidade carente de maiores imaginações. E que não seja embromador... E que tenha saúde: não é de se admitir um prefeito local com úlcera, por exemplo. (Se bem que, ao largo de quatro anos provavelmente estará sendo vítima da própria...)

É indispensável que o homem tenha senso de humor a fim de enfrentar brincadeirinhas tão o gosto de todos os ilhéus e das quais a coluna é irrecuperável porta-voz. E que também seja cínico: pra resistir às coisas de impossível realização dado o minguado orçamento, com a cara de pau mais santa da terra. | E que tenha charme e elegância: que não use ternos listrados com lapelas ao vento, boca larga e paletó curto, daqueles dispensáveis tirá-lo ao adentrar banheiro...

O futuro prefeito tem de se dar perfeitamente bem com o Governador pra que transforme essa amizade em dinheiro: se não vocês já viram, não?, as beneficiadas serão Itajaí, Blumenau e Joinville. Itajaí por óbvias razões: as outras duas a fim de que sejam mais contempladas do que as atuais emedebísticas administrações podem lhes oferecer, conquistando-as por isso nas próximas eleições municipais.

E, por favor, que tenha primeira dama – porque já estamos fartos de não tê-las. E, vocês sabem, Florianópolis adora uma prefeita: e nós que há anos não temos sequer uma governatriz...

É imprescindível que seja bem assessorado: se bem que se ele tiver os atributos acima (ser capaz, criativo, essas coisas), é claro que saberá escolher aqueles que o acompanhará (*sic*). E que não seja compromissado (o que é praticamente impossível) e que realmente goste de desempenhar.

É importante que curta uma cachacinha – pois muito terá que bebê-la em torno de balcões com o pessoal da periferia que adora uma média. E, finalmente, que conquiste sem promessas, a danada imprensa delatora. Ah, é mesmo, esse homem deverá ser daqueles que esquentam cadeira: afinal, em dez anos tivemos onze prefeitos...

³⁵² STODIECK, Beto. **OE**, 07 out. 1978. “O último será o quinto?”.

³⁵³ STODIECK, Beto. **OE**, 16 jan. 1979. “Sonho de uma noite de verão”.

³⁵⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 10 jan. 1979. “Receita de Prefeito”.

No mais, não se assustem com tantos atributos assim: afinal, esse homem existe.³⁵⁵

Mais tarde, retomou o assunto e após repetir o corolário de qualidades, acrescentando outras mais, deu dicas sobre quem seria este “candidato da coluna”. Sem dar o nome do indicado – “a fim de não queimá-lo” –, Beto se restringia a dar a dica: “o seu primeiro nome é o mesmo de uma grande fábrica americana de aviões; já o seu sobrenome identifica templo mulçumano... | Alô alô quem é?”³⁵⁶

Não tendo surtido efeito a campanha, o escolhido, Francisco Cordeiro, do início ao fim do mandato esteve sob o “fogo” das palavras de Stodieck. Em sua primeira aparição na coluna, o “Prefeito Cordeiro” foi classificado como “o mais ilustre desconhecido da cidade”: “É incrível, mas praticamente ninguém o conhece – e olha que é difícil deixar de conhecer, nem que seja de vista, alguém em Florianópolis”.³⁵⁷

Se até o final de 1977, a grande maioria das notas dirigidas à administração municipal centrava em assuntos paroquiais, no dia-a-dia da cidade – buracos nas ruas, trânsito, limpeza urbana, atendimento ao cidadão, iluminação pública, entre outros problemas comuns –, depois de 1978 o colunista entra no cerne da questão política local, até então apontado tangencialmente. Para Beto Stodieck faltava qualificação ao prefeito Cordeiro, que teria sido escolhido pelo mesmo grupo do Esperidião como forma de evitar um novo prefeito que lhe fizesse sombra. O problema, por conclusão, era o mecanismo de escolha.

Beto considerava o novo prefeito desprovido de personalidade própria; era o “Dão” quem continuava dando as cartas. Após ser eleito Deputado, Esperidião logo deixou as funções legislativas e assumiu a Secretaria dos Transportes do governo do Estado. Mudança que não foi exclusividade do ex-prefeito e que foi indiretamente tratada na coluna como traição ao eleitorado catarinense – que se sentiu “ludibriado”.³⁵⁸

Antes, em fevereiro de 1979, as trocas e a movimentação política por trás delas foram comentadas pelo colunista, que cobrou do ex-prefeito – “fervoroso ilhéu” – aplicasse em Florianópolis um duplo impulso, “pra justificar esses quatro anos que praticamente beneficiado [sic] algum recebeu, por misteriosos desgostos alheios a vontade de todos”.³⁵⁹ Deste jeito,

³⁵⁵ *Loc. cit.*

³⁵⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 21 jan. 1979. “Falando sério”. [pelas “dicas” supomos que o candidato era o ex-presidente da CELESC **Douglas de Mesquita**, que havia sido cotado para o cargo quando Amim foi o escolhido]

³⁵⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 01 fev. 1979.

³⁵⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 20 fev. 1979.

³⁵⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 11 fev. 1979.

ignorando o prefeito Cordeiro – mero discípulo na opinião do colunista³⁶⁰ – colocava Amin na função de “Prefeitão”, ou se referia aos dois como “prefeitos” da cidade³⁶¹. O jogo de palavras do colunista, na nota que segue, pode resumir esta opinião: “Cordeiro de Dão que prometeis tirar os buracos da cidade, tende piedade de nós... E dos nossos carros também.”³⁶²

Tal imagem tinha fundamento. Em princípio, Francisco Cordeiro manteve a maioria dos auxiliares do antecessor.³⁶³ Um dos que seriam substituídos, entretanto, chamava a atenção e despertava o interesse do colunista: Airton Oliveira, da *Diretur* – órgão municipal responsável pelo turismo. Sendo o turismo assunto dos mais abordados pelo colunista – por conseqüência, o titular da pasta alvo de críticas – nova campanha “eleitoral” foi aberta, meses mais tarde. Para ocupar o lugar, o candidato de Beto Stodieck era Luiz Paulo Peixoto que, com ele e Ana Raposo de Oliveira, foi um dos comandantes do Studio A/2. Depois do fechamento daquele escritório de artes, Peixoto continuou promovendo exposições e agitando o cenário cultural da cidade e naquele momento era o *marchand* de maior evidência na cidade.

Coincidentemente, o colunista promoveu um breve armistício com a prefeitura no mesmo mês em que lançou Peixoto para a *Diretur*. No início do mês de maio de 1979, abriu espaço pra registrar seu contentamento com o desempenho de Chico Cordeiro:

Sem planejar obras calçadônicas, o rapaz está utilizando única e exclusivamente recursos naturais, isto é, somente daqueles palpáveis, decorrentes da arrecadação municipal, recusando tudo daquilo antes considerado mirabolante.

Apesar da sua escolha não ter sido diretamente, aqui continua a coluna dispensando votos de confiança.³⁶⁴

No dia 25 de maio, publicou a foto do promotor cultural, que traz na legenda a propaganda: “Pra diretor da *Diretur*, votem no Luiz Paulo Peixoto – que tudo fará, dado a sua incrível capacidade de trabalho (mais o seu inconfundível talento) pra realçar os reais cantos e encantos desta Ilha maravilha.”

Interessante notar que, ao falar sobre “obras calçadônicas”, o elogio carregava uma alfinetada – na óbvia referência ao calçadão da Felipe Schmidt. Enquanto o prefeito atual ganhava votos de confiança, os equívocos do antecessor eram lembrados. Como que justificando a mudança de postura em relação ao antigo prefeito, antes tão elogiado, Beto

³⁶⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 16 fev. 1979. “À moda do super Dão”.

³⁶¹ STODIECK, Beto. **OE**, 19 jun. 1979.

³⁶² STODIECK, Beto. **OE**, 20 jun. 1979.

³⁶³ STODIECK, Beto. **OE**, 18 fev. 1979.

³⁶⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 08 mai. 1979.

escreveu acerca de conversa travada “entre pessoas esclarecidas”, tendo como assunto o político local. A conclusão a que chegaram era de que Esperidião perdera o carisma:

Enquanto uns comentavam a favor do homem, outros, desde o início, mostravam-se contra, achando que não deveria ter feito o que fez: batalhando a quantidade de votos que conseguiu pra se eleger deputado federal quando, ele e apenas mais alguns, fora as especulações, sabiam que não assumiria as suas funções na Câmara dos Deputados, em Brasília.

E que tudo não passava de um forte nome que nada mais fazia a não ser conquistar votos pra Arena que não ia lá essas coisas em popularidade. Menos ele (e mais outros que depois tiveram seus nomes consolidados nas urnas) que soube fazer, através de uma ilusória prefeitura de Florianópolis, e de um programa de televisão semanal, imagem bastante positiva junto às 70 mil pessoas que lhe dedicaram votos – sendo 40 mil só da capital.

Em troca de tantos votos a favor do seu partido, um presente que ele imaginava de mão cheia: uma secretaria de estado forte o suficiente pra levá-lo, em caso de eleições diretas em 82, à governança de Santa Catarina – seu sonho maior no momento. | Pois bem, dito e feito: o homem foi eleito, esteve em Brasília por uma semana aonde [sic] assumiu ao cargo, retornou rapidamente a tempo de, finalmente, abiscoitar a sua secretaria, a de transportes e obras que, ele mesmo diz, jaz sem grana pra levar adiante o seu intento, isto é, fazer a média necessária que o faça chegar ao governo.

Convenhamos que ele deve estar arrependido – antes estivesse em Brasília, deve estar pensando com os seus botões. Ao menos lá teria condições de se sobressair, de falar, berrar se necessário – e, por que não?, virar até figura nacional: com a imagem fácil que tem. Afinal, ouve-se mais um deputado federal do que um simples secretário de estado, principalmente quando é de um estado tão sem expressão que nem o nosso.

E depois, por causa dessa troca de interesse transada pelas internas, o Dão fez com que muitos que votaram nele conscientemente, se decepcionassem a um ponto tal que, em caso de eleições hoje, não gastariam os votos que depositaram a seu favor. Foi aí que todos os que participavam do papo, uníssonos, concordaram que ele jamais deveria ter feito o que fez – e que, saquem bem, por estar atrelado a um sistema numas castrador, perdeu até o seu tão decantado e televisado carisma. Que pena! tão jovem.³⁶⁵

O futuro mostraria que o abalo na imagem do Secretário não fora tão grande quanto previa – ou desejava – Beto Stodieck. Afinal, não dá para acertar todas.

Dos candidatos “da coluna”, Beto não emplacou um. A campanha pela Diretur, ao fim, foi outra tentativa frustrada de influir diretamente nos rumos da gestão municipal: após prolongar por meses a escolha do responsável pelo turismo da capital, Chico Cordeiro manteve Airton Oliveira no cargo. A decisão deixou descontente não apenas o colunista, segundo ele: “Depois que a cidade soube que o Cordeiro não tinha o Peixoto como o seu candidato à diretur, muitos ameaçaram dar, é só encontrar, um peteleco no quengo do prefeito...”³⁶⁶

Na ocasião da confirmação de sua recondução ao cargo, em entrevista ao *Jornal do Almoço*, o diretor atacou Stodieck dizendo: “para o Beto, criticar é uma constante”. Ataque prontamente respondido n’*O Estado*:

³⁶⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 06 jun. 1979. “Acerca do Dão (o homem que perdeu o carisma).”

³⁶⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 02 nov. 1979.

Lamentavelmente a coluna é obrigada a responder que o diretor não foi feliz ao empregar a palavra “criticar”, pois no caso cá, a expressão certa seria alertar, chamar a atenção, isto é, ajudar.

Afinal, o amor que ele diz ter por Florianópolis também existe no coração da coluna – que já deu provas mais do que suficientes disse. E quem ama, toma conhecimento das coisas, se interessa inclusive pelo mal causado contra a nossa cidade – e, mais do que depressa, trata de avisar pras que não continuem persistindo no erro, na mesma tecla...

E depois, se ele realmente ama Florianópolis como disse repetidas vezes, e está convicto que há necessidade de renovação, está agindo incoerentemente aceitando em continuar sentado sobre sua antiga poltrona por mais convidado fosse... | O que não foi bem assim, tou [sic] sabendo...³⁶⁷

Francisco de Assis Cordeiro ficou marcado, nas palavras de Beto Stodieck, como o pior prefeito daqueles anos setenta. Em janeiro de 1980 escreveu a nota, cheia de críticas à administração e não isentando de responsabilidade Esperidião Amim. Para ele, a cidade entrara na década de 80 “sob o sino da mediocridade, da pobreza de espírito e conseqüente imaginação, entregue a uma burrice administrativa (salvo, sempre salvo, honrosas exceções) sem par na moderna história local”. A gestão da cidade exigia mais talento diante das mudanças pelas quais passou:

Florianópolis exige atenção 48 horas por dia – é uma cidade que está pulsando metrópole, com problemas avassaladores e no entanto temos quem ao seu comando? Nada além do que uma pessoa subitamente raivosa que, antes mesmo de atacada, já lá vem com quatro, cinco pedras na mão como que querendo se defender de terrível fantasma por conta de suas modestas origens – que, é importante dizer, não tenho nada com isso, pelo contrário, até glorífico.

Mas que, dado a um probleminha psicológico qualquer, talvez até inconsciente, deixa transparecer não apenas na sua voz sotaqueando ‘trás os morros como também em ações: a sensação é de que como não é um dos “grandes” a comandar os destinos da cidade, o homem rapidamente reage, garantindo com unhas, dentes e miados, cargo imposto por um outro que não admite sombra... (caso contrário teria colocado alguém com mais brilhos). E aí o problema básico: não temos ninguém realmente talentoso a nos administrar – por mais que merecêssemos.

Ou será que a figura está presa a um cor-Dão umbilical que não consegue se desligar? E nesse rolo todo quem acaba perdendo naturalmente que é Florianópolis que não se pode dar ao luxo de continuar provinciana...³⁶⁸

No âmbito político a influencia de Beto Stodieck ficou restrita à capacidade, própria do campo jornalístico, de criar e reforçar representações que atuam na posição ocupada por outros atores, nos variados campos do espaço social. Na prática, seu esforço para que esta capacidade fosse transformada em poder “real” – na escolha do prefeito ou de um secretário, por exemplo – mostram os limites que o regime político impunha à ação da opinião pública.

³⁶⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 22 nov. 1979. “A volta de quem não foi”.

³⁶⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 05 jan. 1980. “Ciscando pra trás”.

O cronista, contudo, tinha outra espécie de poder, conquistado por sua atuação no espaço social e emanado das ruas, que é exemplificado nesta nota:

Se aproximou uma elegante senhora e soltou:

– sou tua eleitora.

– mas minha senhora, não sou candidato a nada, meu negócio é cutucada...

– ah não: não perco um dia da tua coluna.

Taí uma pessoa que me elege a cada dia.³⁶⁹

Com a abertura política surgindo no horizonte e eleições diretas para os mais diversos níveis da administração pública tornando-se críveis, a opinião pública – que diariamente “reelegia” o cronista – passa a ter mais valor. Isso porque, quando a escolha do governante não é feita de forma técnica e autocrática, a imagem pública é um ativo que o agente político não pode dar-se ao luxo de ver desvalorizado. Sendo assim, um jornalista crítico como Beto, que já incomodava muita gente, começava a incomodar muito mais.

“CENSURA LIVRE? SÓ NAS SESSÕES DA TARDE DO CINE CECOMTUR...”

A curta insinuação acima, destacada em moldura na coluna de 06 de agosto de 1978, parece responder à questão posta por Beto num cantinho de outra coluna dois meses antes: “Sim, e agora que não existe mais prévia censura no Brasil, posso falar?”³⁷⁰. Ambas mostram a desconfiança, em relação à boa vontade dos censores, de quem sofreu represálias por tocar em assuntos incômodos. Ainda em agosto, o leitor era alertado que “[a]bertura, por enquanto, só em campanha eleitoreira...”³⁷¹; e que, até mesmo a liberação de filmes antes censurados seria estratégia para conquistar a confiança da intelectualidade – “Afinal, vocês sabem, leva de filme censurada e gratuita publicidade veiculada...”³⁷². No início de setembro desafiava: “só quero ver depois de 15 de novembro [data das eleições] – ou 15 de março [data da posse dos eleitos] – se continua esse estado de euforia...”³⁷³; reiterando assim que o fim da censura à imprensa poderia nem ser “fim de coisa alguma”, mas parte da campanha eleitoral do partido do governo,

³⁶⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 11 jul. 1979.

³⁷⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 13 jun. 1978.

³⁷¹ STODIECK, Beto. **OE**, 18 ago. 1978.

³⁷² STODIECK, Beto. **OE**, 27 ago. 1978. “Abaixo a censura, viva a campanha”.

³⁷³ STODIECK, Beto. **OE**, 01 set. 1978. “O sol que a peneira tapava”.

Mesmo com tanta descrença, não foi necessário esperar tanto para a euforia contaminar também a coluna. O fim do Ato Institucional nº5 mereceu destaque:

Numa fatídica sexta-feira 13 de dezembro de 1968 o AI-5 desabou sobre o Brasil. | Hoje, radiante sexta-feira 13 de outubro, o Senador Petrônio Portela promulga, solenemente, as reformas políticas que entrarão em vigor no primeiro dia do ano novo. Em outras palavras, é o fim do AI-5. | Graças a Geisel e a seu amigo Golbery.

Com o extermínio do tal Ato Institucional, poucos sabem, voltará o habeas corpus aos crimes políticos; o Presidente da República não mais poderá cassar mandatos nem decretar o recesso do Congresso; voltarão as garantias da magistratura; ficará abolida a censura à imprensa (o que, a bem da verdade, há mais de ano que podemos falar sem medo), entre outras coisas mais. | Se as coisas continuarem assim e se todos tivermos juízo, até que enfim acabaremos caindo numa democracia.³⁷⁴

E Beto Stodieck, que escrevera notas de desconfiança sobre a tal “abertura”, passou a jogar ânimo “na geral” e se demonstrar otimista com as mudanças:

Muitos estão alardeando aos quatro ventos da nação que a situação brasileira ‘tá preta, que vai acontecer isso, aquilo, que o General Figueiredo não emplaca e não se sabe mais o que. | Que nada! Vocês então não queriam a tal da democracia? Pois democracia, numas, é isto aí.

Tá todo mundo falando, acusando, se defendendo, ameaçando processar, a descompromissada imprensa dos grandes centros publicando o que até bem pouco só chegava à censura... | E esse temor todo é justamente proveniente, podem crer, da falta de costume, é consequência dos últimos 14 anos que acabamos de passar...³⁷⁵

O afrouxamento gradual da repressão imposta pela ditadura durante a vigência do AI-5 permitiu a elevação no tom das críticas expressas pelo jornalista. Permitiu ainda ao leitor, principalmente aquele que não conhecia ou convivía com o autor, tomar conhecimento dos reais motivos para os períodos em que as notas de Beto deixaram de sair – “dois períodos de nove meses pra ter crianças, ou melhor, pra se recuperar de notas que alguns acharam que não deveriam ter sido ditas”³⁷⁶. Uma censura com critérios muito locais, conforme destacava ressentido e preocupado o colunista:

Sim, e agora que, dizem, acabou a censura brasileira, pode-se dizer, aqui no nosso Estado, tudo aquilo que tanto sabemos, pensamos e concluímos? | É difícil sim – é temerário negar: afinal, de lá pra cá ainda não tentamos, por estarmos em período de trégua, pegar no pé de alguém que esteja caminhando em sentido contrário. E depois, a gente nunca sabe qual será a reação ao amanhecer... A situação por estas bandas ainda é meio imprevisível. | Afinal, a censura se foi, foi pro Brasil, e não pra Santa Catarina – como vocês estão cansados de saber, Santa Catarina quase sempre esteve a parte das decisões – e consequências – nacionais...

Engraçado estado, esse nosso: na época do governo Colombo Salles, quando o Brasil vivia momentos de absoluto mudismo, com o Estadão dos Mesquitas publicando poemas de Camões no lugar de censuradas notícias, aqui, vivia-se e escrevia-se em total

³⁷⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 13 out. 1978. “É o fim da contra dança”.

³⁷⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 14 out. 1978.

³⁷⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 23 fev. 1979. “Incompreendidos todos somos”.

liberalidades em torno de assuntos estaduais. | A partir de 1975, enquanto a censura nacional aos órgãos de imprensa aos poucos era suspensa e ao mesmo tempo em que começava o processo de lenta, gradual e segura distensão [sic] política do Presidente Geisel, aqui acontecia exatamente o inverso: as notícias passaram a ser rigorosamente controladas por óbvios motivos, compromissos assumidos, mais o indispensável etcetera e tal. Era o danado do medo de ser passado pra trás...³⁷⁷

Um depoimento direto sobre aqueles momentos de pressão foi concedido por Beto Stodieck em entrevista ao *Jornal da Semana*, da semana de 27 de outubro a 03 de novembro de 1979. Entrevistado, o “colunista da cidade” volta a comentar sobre a liberdade da imprensa no governo Colombo Salles e a perseguição sofrida no governo Konder Reis, dando detalhes sobre os motivos que o levaram, em duas oportunidades, a ser cortado do jornal. Abaixo, o trecho da reportagem onde este assunto é levantado:

JS – Já te disseram que nos últimos meses as críticas costumeiras ao Governo do Estado caíram bastante?

Beto – Ah, sim. Eu notei. E estou, inclusive, preocupado com isso. O fato tem sua razão... Vale historiar, a propósito, que à época do Governo Colombo Salles, quando a imprensa nacional vivia seu período de mais negra censura, aqui em Santa Catarina podia-se dizer o que bem se entendia. Numas era até norma... Passaram-se os anos, mudou o governo, entrou Konder Reis. Ele estava há um mês no governo e eu recebi a primeira censura. Foram nove meses de censura e quatro meses de Europa... Bem distante. A segunda censura veio um ano e pouco depois que voltei ao jornal. Foi provocada por uma nota envolvendo figuras do Governo Estadual, ligadas ao atual governador, na época presidente do BESC. Durante todo o Governo Konder Reis não faltaram ameaças mais ou menos veladas e pressões contra a direção do jornal, que as acatava a ponto de ocorrer essa segunda suspensão. Gato escaldado não entra em água fria, vocês sabem...

JS – Mas o que há, na verdade, de censura direta?

Beto – Reconheço que não tenho criticado – como deveria – o Governo Estadual, mas isso independe da minha vontade. Vocês não se esqueçam que a censura policial acabou, mas permanece, talvez com força até maior, a censura dos órgãos de imprensa. E isso não é só aqui. É nacional. O “Jornal do Brasil” tem este problema, a Rede Globo, também. Afinal, as empresas têm interesses econômicos e políticos a preservar. [...]

JS – Houve coincidência. Então, por que é que baixou o espírito crítico da coluna?

Beto – É exatamente por isso que falei. Eu estou com receio, apesar da abertura. Já disse outro dia numa entrevista que a censura à imprensa realmente caiu. Agora, existe a censura da empresa em que se trabalha. É outra coisa. O próprio presidente Figueiredo já falou sobre isso. [...]

JS – Como é que você baliza a auto-censura? Há uma lista de temas e pessoas censuradas?

Beto – Não. Eu censuro a linguagem, mudo.

JS – Como é que se fazia a censura? Era prévia ou a posteriori?

Beto – Eu sempre constatava a censura com surpresa. No dia seguinte ia ler a coluna e onde está a nota? A nota não estava lá. Eu perguntava: onde é que está a nota? Ninguém sabia. A nota chegava a desaparecer. Simplesmente sumia.

³⁷⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 28 abr. 1979. “Por conta da (des) censura estadual”.

JS – Quem é que exercia o papel de censor no jornal?

Beto – Muita gente, agora, até o diagramador... (risos)

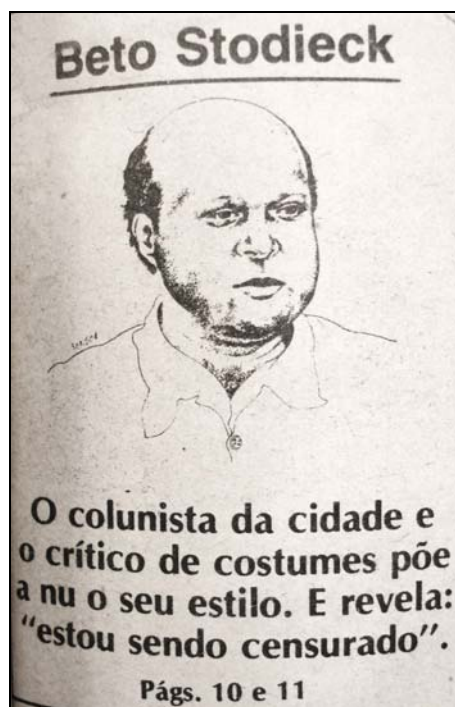


Figura 10 – Beto Stodieck

Fonte: *Jornal da Semana*, 27 out. a 03 nov. 1979. Capa.

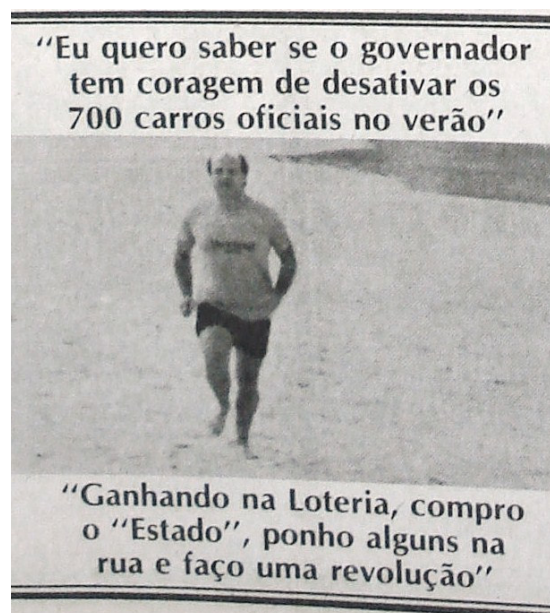


Figura 11 – Beto Stodieck

Fonte: *Jornal da Semana*, 27 out. a 03 nov. 1979. p.10.

Interessante que, tendo a visão do conjunto da obra, é possível perceber que as duas suspensões foram precedidas por notas onde, de maneira implícita, Beto dava sinas da pressão. À primeira, por exemplo, antecedeu um “editorial” que explicitava a angústia do jornalista:

Há dias, na vida da gente, que não deveríamos sequer sair da cama, nem mesmo acordar – o que dizer então de trabalhar? Mas acontece que temos o dia a dia pela frente, se não desempenharmos, automaticamente perdemos a seqüência. E depois, voltar atrás quem há de. Principalmente pra quem assina uma coluna diária – muito lida, diga-se de passagem. E uma coluna diária é uma coluna diária que é uma coluna diária, já dizia Gertrudes Stein. Logo, é um compromisso com o leitor que é a peça fundamental de um jornal. Mas escrevê-la, todos os dias em Flops, é uma transa muito séria. Acontecem por aqui coisas suficientemente interessantes, dessas que mereçam registro diário? Apesar da Ilha ser dos casos raros, é provável que não. Nem tudo que é noticiado pelaí é de interesse geral. Muitas vezes, o simples registro interessa, apenas, ao registrado, às vezes, a ninguém... E quando é que uma nota é de interesse de todos? São coisas que, ao longo dos anos, o jornalista vai – ou não – aprimorando, vai sacando ou não, conhecendo o público a que se destina essa ou aquela notícia.

Minha coluna, normalmente é feita de comentários a respeito de um fato de interesse geral, outras vezes de notícias. Notícia é o que o povo comenta – ou quer (e precisa) saber. | Não adianta ficar inventando estorinhas pra encobrir informações. Se na Felipa, o autêntico centro nervoso da opinião pública catarinense comenta-se esse ou aquele fato, a coisa, automaticamente, passa a ser notícia. Se não se comenta, se ficar restrito a intimidades, não poderá ter vez na coluna – ou qualquer outro local do jornal (se bem que prefiro me restringir à coluna – pelo resto não respondo). É claro. Eu só escrevo aquilo que o povo quer saber. Eu falo com, por e pelo povo (oh demagogia!). E se alguém achar que isso é baixar o nível da imprensa, respondo: se o público lê, comenta, discorda ou não, está cumprida a função do jornalista, que é a de

INFORMAR. Abre parêntesis pra quem não sabe: a notícia é anterior ao jornalismo – aliás, foi por causa dela que este foi criado. Fecha. Agradar a todos sempre, é impossível. Algumas vezes, vamos ver. Ou ler.

Aliás, Adorava dizer o recentemente falecido Rei Faíçal: “Alá fez o homem com duas orelhas e uma língua”. Completo eu, jornalista que sou: e com cinco dedos em cada uma das mãos...³⁷⁸

Dois dias depois destas notas, *Beto Stodieck* deixou de ocupar seu espaço n’*O Estado*. Seus leitores ficaram órfãos por um período e nós, pesquisadores, deixamos de ter seus comentários num ano crucial das transformações da cidade.

No primeiro dia de 1976 o jornalista retorna ao seu lugar. Como uma mola que se expande após a compressão, ocupa em dois dias seguidos o total de quatro páginas para narrar os principais fatos do ano anterior. Uma espécie de coluna com as notas do ano. A retrospectiva abria com a previsão do tempo para o ano que terminara:

1975, último ano do terceiro quarto do século XX, iniciou-se instável, com chuvas e trovoadas. Era o que declarava a previsão do professor A. Seixas Netto. A média: 28,7 graus, baixando para 18 graus ao anoitecer. Tinha início o mais chuvoso ano dos últimos tempos.

CHUVOSO E PEDREGOSO. CHUVOSO PARA TODOS, PEDREGOSO PARA ALGUNS.³⁷⁹

Referência ao motivo do afastamento não havia, apenas alguma indicações como a citada acima, de mágoa e tristeza pelo tempo parado. No epílogo da retrospectiva, conclui resignado que aquele não fora nada fácil, que de tudo acontecera: “Aliás, em todos os anos acontece de tudo. Só que não é sempre que a gente resolve sentar diante de uma máquina para tentar registrar o que aconteceu. Acontece que eu estava com fome, se é que posso usar essa expressão. Afinal, quase um ano...”³⁸⁰

A perseguição, certamente era efeito do espaço que o colunista havia conquistado naquela altura. Em 1976, Beto Stodieck não era somente outro entre os vários colaboradores do jornal *O Estado*. Sua posição estava firmemente consolidada, seu nome conhecido e seus comentários conseguiam ampla repercussão – a ponto, de incomodar muita gente. Beto era “o” colunista. Não sendo à toa que Marquinhos Carvalho o escolheu para ponto de apoio da letra de um samba, onde os demais colunistas sociais em evidência no período são nominados, inclusive o ascendente Cacau Menezes:

³⁷⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 28 fev. 1975. “Um pequeno editorial”.

³⁷⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 01 jan. 1976. “1975. Um ano a mais, um ano a menos. Um ano mais ou menos. Parte I”

³⁸⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 03 jan. 1976. “1975. Um ano a mais, um ano a menos. Um ano mais ou menos. Parte II”

Apesar de ainda faltar cinco meses pro carnaval, e o Marquinhos Carvalho, vocês conhecem, double de ator com compositor, já tratou de lançar sua música que é pra ver se, até o festival de músicas que antecede o carnaval, o povo já pegou e cantarolou.

E qual não foi a surpresa desta coluna quando tomou conhecimento da letra que será defendida pela máscula voz do Décinho Bortoluzzi. A começar pelo próprio nome: “Beto Stodieck”... Ei-la:

I	“Beto Stodieck... Beto Stodieck...”	Que mande o meu... Convite do Municipal...
	Por favor me indique... Por favor me indique... Na coluna do jornal...	V
		Quero desfilar na passarela... Mas que legal... Mas que legal... Ser aplaudido por ela...
II	Não me leve a mal... Hoje é carnaval... Quero também ser gente bem... sair na coluna social...	VI
		E o Esperidião Que vou pular no calçadão... Que sensação... Que sensação... E para que tudo termine chocante e radical... Mande o meu abraço pro Cacau...
III	Beto Stodieck... Por favor publique: Dizendo ao “sêo” Zuri... Que qualquer dia estou acontecendo por aí...	VII
		Beto Stodieck... Beto Stodieck... Por favor me indique... Por favor me indique...” ³⁸¹
IV	E ao Celso Pamplona: Que finalmente saí da lona... Ao Lázaro Bartolomeu:	

Beto puxava o bloco.

Contudo, no dia 01 de fevereiro de 1977 a coluna entrou, nova e abruptamente, em recesso, retornando somente no dia 15 de outubro seguinte. Após nove meses, portanto – “o tempo suficiente pra ter uma criança...”, como Beto destacou magoado, um ano depois.³⁸² Em suas últimas notas antes deste afastamento, a escrita ferina do colunista apontava abusos e levantava assuntos incômodos aos mandatários políticos locais. Numa, criticava o uso indiscriminado e irregular de carros oficiais, alertando para os enormes gastos com combustível – num tempo em que o preço da gasolina disparava –estocava:

Pra que mais de mil carros para um Estado que não pode dar abono de Natal e nem conceder irrisório aumento de 15 por cento para o funcionalismo público?

Para resposta basta recorrer ao bom senso administrativo, vendendo os carros supérfluos que fazem as voltas para os familiares dos que gozam do privilégio dos

³⁸¹ STODIECK, Beto. **OE**, 06 out. 1976. “Vamos estodicar”.

³⁸² STODIECK, Beto. **OE**, 02 fev. 1978. “Hoje, 2 de fevereiro, é uma data que a coluna gostaria de relembrar: está fazendo exatamente um ano que ela entrou em recesso permanecendo conseqüentes nove meses na inatividade – o tempo suficiente pra ter uma criança...”.

chapas brancas e não permitindo a compra de novos automóveis até que o país e o mundo superem a crise porque estamos passando.³⁸³

Mais ácido, porém, foi o comentário sobre um “escândalo impedido de acontecer”, onde Beto jogava para o ar, para quem desejasse pegar, um boato sobre a sugestão dada pelos “superiores” do colunista Zózimo, do *Jornal do Brasil*, para que não publicasse “nota que dava conta de altas zorras (conseqüências de pilequinhos daqueles) promovidas por conhecidas figuras da vida catarinense, muito em voga hoje em dia, acompanhadas por mulheres que não eram as suas no night-club Regines’s”, no Rio de Janeiro. Prá aguçar a conversa, o colunista provocava: “Adivinhem quem eram... Não é difícil. Chutem. Acertaram?”. Dá pra imaginar o murmurinho na Felipa causado por uma nota como essa, enquanto *O Estado* sobre o balcão do Ponto Chic passava de mão em mão e a pergunta – “quem é?” – de boca em boca. Quanto mais pelo detalhe do valor da conta, que “ultrapassou os Cr\$ 70 mil” e, importante, foi dividida por quatro – “Ou será que só um pagou a conta?”.³⁸⁴

Como ficaria claro posteriormente na entrevista ao *Jornal da Semana*, a cabeça do colunista foi pedida aos diretores d’*O Estado*. Estas duas notas citadas não foram as únicas a incomodar figuras proeminentes, mas devem ter servido como a gota d’água que levou Beto a silenciar.

Novo retorno às páginas d’*O Estado*. Nenhum comentário direto ao ostracismo, apenas algumas piscada de olho. Como se o tempo fosse um pequeno lapso, a chamada da primeira nota da volta tenta emendar com a última antes da partida: “E como eu ia dizendo ainda ontem, há nove meses, o negócio é chamar o Zé”. Em caixa alta no pé desta mesma coluna um trecho de uma música do Gil: “O tempo que você perdeu, perdeu. Não volta mais”.³⁸⁵ Outra piscadinha. No dia posterior está a única manifestação quanto a um fato passado que Beto deixou de comentar por conta do afastamento – uma nota sobre o calçadão da Felipe Schmidt, citada anteriormente (*vide* nota 226, p. 92) – e mais um sinalzinho em caixa alta: “Cada (re)volta é sempre uma estréia”.³⁸⁶

Depois destes afastamentos, algumas vezes apareceram mensagens de desconfiança em relação aos limites da liberdade que lhe era dada para escrever o que desejasse. Beto parecia estar mais contido, medindo melhor seus ataques para evitar ser colocado para fora do ringue; ou, dançando conforme a música, para seguir uma metáfora por ele utilizada – “Dançar conforme a

³⁸³ STODIECK, Beto. **OE**, 01 fev. 1977. “Uma nota que não é uma nota, mas um editorial”.

³⁸⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 01 fev. 1977. “Um escândalo impedido de acontecer”.

³⁸⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 15 out. 1977.

³⁸⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 16 out. 1977.

música? Já recusei – e me estrepei...”³⁸⁷ Neste clima de apreensão, a pergunta que não calava era: “Sim, e agora que não existe mais prévia censura no Brasil, posso falar?”³⁸⁸

A contenção das críticas e boatos, por vezes, resultava em falta de assunto, que acabava nos típicos desabafos. Como este:

Feliz daquele que não tem que escrever todos os dias. Vocês não sabem o saco que é ter de contentar diariamente, milhares de leitores, sempre ávidos por fofocas, de preferência as mais picantes, bem daquelas que fazem a delícia de todos – menos, naturalmente, do atingido (mesmo quando não há atingido algum sempre acaba aparecendo vítimas dizendo-se injustiçadas – tal a carapuça.

Hoje, por exemplo, pintou falta de assunto. Vocês sabem, final de semana, a cabeça atolada de coisinhas, as mais variadas, probleminhas daqui, grilos dacolá... E depois, não é tudo que se pensa, que se quer, que se pode dizer. Naturalmente que a imprensa, graças ao estadista Geisel, está mais aberta, dizendo coisas que até bem pouco nem ousávamos pensar. Principalmente a grande imprensa – a pequena, te contei?, está presa a isto ou aquele e o negócio é se contentar com algum Cristo que tenha o consenso da maioria.

E é por isso que jornalistas, volta e meia, teclam neste ou naquele personagem, coitado, ou num outro assunto, até provocar uma auto-censura de tão insistente que se acaba tornando.

Quanto a outros, não se pode abrir a boca nem para elogiar. É difícil, sabiam? Principalmente pros jornalistas que não têm vínculo como [sic] ninguém, nem coisa alguma. Aliás, é incrível o modo que certas pessoas têm da liberdade... dos outros.

Hoje, por exemplo, não sabia o que escrever pra vocês. Acabei de reler essa baboseira toda aí e cheguei a conclusão de que já havia escrito alguma coisa – o suficiente pra encher essas obrigatórias linhas de sempre.³⁸⁹

Assim, nestes anos a crise econômica e a pressão pelo retorno da democracia ocuparam muitas linhas no espaço do jornal que Beto preenchia diariamente. Ler tais notas, acompanhando o endurecimento das palavras, nos remete ao clima de insatisfação e verdadeira revolta que atingia a população quando da visita do Presidente Figueiredo em novembro de 1979, que foi imortalizada pela manifestação conhecida por “Novembrada”, conforme trataremos a seguir.

³⁸⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 26 abr. 1978.

³⁸⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 13 jun. 1978.

³⁸⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 13 abr. 1978. “Como quem não quer dizer coisa com coisa”.

A CRISE NÃO BORBULHA EM CHAMPÃ.

Até há algum tempo a gente espiava pra coluna aí ao lado [Zury Machado] e, embevecido, deparava com ricas, esfuziantes e borbulhantes festas que ao paravam de acontecer e dançar. Era o fulano que recebia em homenagem ao sicrano que convidava o beltrano pra não ser esquecido num futuro qualquer...

Era a madame vestindo-se nos costureiros da moda que era pra concorrer com aquela senhora que trouxe roupinha de grife parisiense, só pra competir naquela festa da semana que vem.

Eram os cabeleireiros maquiando, os maquiadores penteando, os salões apinhados, todas se refazendo por coquetel do entardecer; era aquele reboliço em torno da fulana e seu último marido, em rápida passagem pelos salões da cidade. Haja cara, máscara – e coragem...

Os buffets faturavam, a costureira faturava, o maquiador faturava, o florista faturava: todos saiam ganhando com a conseqüente notícia publicada uma semana depois da festa acontecer...

Aqueles alegres tempos já eram – e não prometem voltar jamais – não sei quem está a espera do renascimento. A crise chegou, a dívida avolumou... Hoje é considerado uma aberração receber da maneira que recebiam, é despropositual [sic] qualquer ostentação – mesmo porque o período fausto já era e a pobreza está sendo.

E com ela, uma série de problemas sociais que começa exatamente onde acaba a ativação de pessoas especializadas em supérfluo.

Há bens que vem pra males.³⁹⁰

A “crise” foi outro assunto das crônicas de Stodieck cuja recorrência incomodava os políticos da situação. Sob o título ‘*crise*’ reunimos notas que tratam de assuntos diversos ligados ao fim do chamado “milagre econômico” e à crise do petróleo – que marcaram a economia nacional no fim da década. Os principais temas eram: o aumento do preço e a escassez da gasolina; a inflação nos preços dos produtos alimentícios; e a queda no poder aquisitivo da população em geral e da classe média em especial.

Também notada na diminuição de comentários sobre a febre da construção civil, que – conforme vimos no capítulo anterior – acometeu a cidade na primeira metade dos anos setenta, mesmo a crise tinha seu lado positivo. Ao menos para Beto que, feliz pela pausa na verticalização da cidade, percebida por quem circulasse pela Avenida Beira-Mar – “reparem bem, há horas que não é lançado nenhum prédio por aquelas paragens” –, constatava: “Há crises que vem pra bem...”³⁹¹

Em outros setores, porém, o efeito da crise não lhe agradava. Nas artes plásticas, por exemplo, a ausência da movimentação cultural que havia marcado a atuação do colunista anos anteriores era um dos reflexos menos evidentes ao grande público. Ainda assim, mereceu uma

³⁹⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 06 ago. 1978. “A crise não borbulha em champã”.

³⁹¹ STODIECK, Beto. **OE**, 28 out. 1977.

chamada de atenção na coluna. Neste caso, Beto não aceitava que a os artistas atribuíssem a responsabilidade aos problemas financeiros. Cobrando a volta das exposições, o investimento em novos talentos e a presença de colecionadores e compradores eventuais, sentenciava:

A desculpa é posta em cima da crise financeira, bode expiatório de toda da situação – como se os artistas só trabalhassem, só criassem, em função da sua sobrevivência, com se dar asas as férteis imaginações não fosse mais importante que míseros cinco mil cruzeiros que hoje podem enfeitar uma parede mas não encher barriga de ninguém.

Aliás, foi em época de crise que surgiram alguns dos mais importantes e belos desempenhos de plásticos de todas as épocas. A picassiana *Guernica*, exemplificando aos extremos, está lá, no Museu de Arte Moderna de New York, e não nos deixa mentir.³⁹²

Indiscriminadamente, a recessão atingia a mesa do pobre e as paredes da classe média; desarrumava a cadeia produtiva do glamour e, por conseqüência, diminuía o fornecimento de matéria prima aos colunistas sociais. Felizmente para Beto Stodieck, seus insumos eram mais abundantes, ainda que menos nobres. A nota que abre este tópico – “*A crise não borbulha em champã*” – trata justamente desta mudança no comportamento e no espaço do “soçaito ilhéu”. Escrita em agosto de 1978, parece continuar em outro comentário, publicado em setembro do ano seguinte e transcrito abaixo. Nos meses que separam as duas notas, a sensação de crise, transformada em texto, não mudou muito:

Gente, saudosa, perguntando pelas altas festas aqui publicadas, por aí desenroladas, e que faziam, há algum farto tempo, matar de inveja os que nelas não compareciam e no dia seguinte era citadas gozadamente.

É que as festas acabaram, o que fazer? Os tempos são bem outros, pra pior, todos sabemos e sofremos, e receber hoje em dia tornou-se não só um ato de bravura como agressivo diante da plebe cada vez mais esfomeada.

E depois, parece, as pessoas que recebiam – ou espalhafatosamente compareciam – tomaram consciência de ridículo que se expunham – não só por conta da coluna, como, principalmente, diante de todos, próprios convidados, que dali saíam falando horrores: ou do ilusório fausto apresentado ou de maneira pouco elegante que certas hostes nada perfeitas se esforçavam em receber.³⁹³

Os problemas econômicos atingiam assim outra característica da cidade que, na visão literária da cidade expressa pela coluna, é sintetizada na frase “é tudo mentira” – muito bem utilizada por Bea Porto e Fernanda Lago como título do seu livro.

³⁹² STODIECK, Beto. **OE**, 15 jun. 1978. “Vão trabalhar!”.

³⁹³ STODIECK, Beto. **OE**, 27 set. 1979.

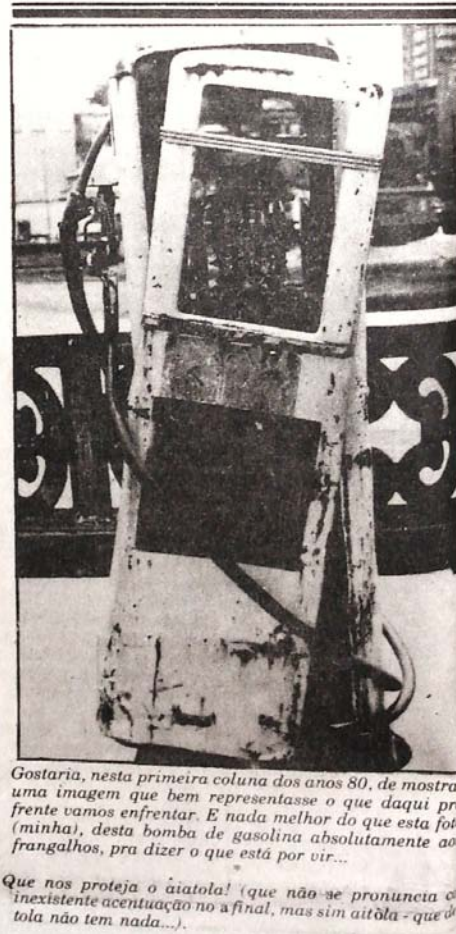


Figura 12 – Retrato da crise.

Fonte: STODIECK, Beto. **OE**, 03 jan. 1980.

A Florianópolis de Beto Stodieck vivia de aparências. A mudança de atitude, com fim da ostentação combatida desde as primeiras colunas, aconteceu meramente por força das circunstâncias. Para ele, antes mesmo do fim do milagre, o “fausto” da maior parte da elite colunável da capital catarinense não passava de ilusão, que alimentava a imagem do florianopolitano “enganador” e “caloteiro” – uma das mais frequentes em seus textos, como se lê aqui:

Realmente é impossível imaginar como é que 80 (ou mais) por cento dos florianopolitanos conseguem viver dias que nesses caros galopeiam [sic].

Além de ganhar absolutamente abaixo do real necessário, o local gasta bem acima de suas necessidades – como? É um desses insolúveis mistérios que foge a qualquer percepção. | E pra desbalancear tudo, moramos, podem crer, numa das cidades mais caras do país. | Em suma, vivemos ficticiamente... Aliás, nós nem vivemos: nós nem estamos aí... É tudo mentira.³⁹⁴

³⁹⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 07 jul. 1979.

Não se preocupem com a crise financeira que está se abatendo sobre Florianópolis que ela, a cidade, não há de despencar: a corrente pra trás é tão grande, com todos se encostando uns nos outros, que a solidez torna-se impenetrável...³⁹⁵

Vejam se não parece filosofia ilhoa: as velhas dívidas a gente esquece; as novas deixa-se envelhecer...³⁹⁶

Justificando a pretensão de fazer uma coluna “social-lógica”, o jornalista chegou a criar uma categoria especial para encaixar esta população na pirâmide de classes da cidade – a “classe falsa”:

De repente, uma incógnita: a que classe pertencem essas empoadas pessoas, talvez metade da cidade, que nasceram na média, vivem com o bolso na baixa e, no entanto, tem aparência da mais alta das classes? Será que estarei indo longe demais classificando-as numa nova e desconhecida fase da vida que bem poderia ser chamada classe falsa? aquela que vive ficticiamente... Por que não? [...]

Mas, baseado que em Florianópolis quase tudo é irreal, da súbita valorização dos imóveis e conseqüentes impostos territoriais, prediais, ao caráter de muitos que aí estão, passando pelas estórias que linguam de boca em boca, não é de se espantar com essa falsidade toda que não é de hoje (já é tradição assimilada, inclusive pelos muitos que chegam pra ficar), se espalhando pelos mais diversos pontos da cidade, da Beira-Mar e Itaguaçu aos morros e Coloninha – haja vista que nem favelas temos...

Florianópolis, podem crer, é uma cidade pobre, ricos, aqui, se contam nos dedos (inclusive, não é exagero, nos dos pés) – o resto ou é remediado ou irremediável...³⁹⁷

Mesmo diante dos problemas financeiros generalizados, os “irremediáveis” mantinham o comércio da cidade – aparentemente – aquecido. Beto nota certo detalhe do cotidiano que impediria lamúrias sobre a crise. Escrevia ele:

Ai de quem falar em crise hoje em dia: está no mínimo dizendo besteira. | Ou é porque ainda não notou o que acontece na esquina das ruas Deodoro com Tenente Silveira por volta das sete da noite. E isso durante o ano inteiro e não apenas nesta época natalina: o calçadão repleto de móveis, mais parecendo inusitada loja ao ar livre, com enormes caminhões abocanhando tudo o que vier e der.

É isso aí: a enorme quantidade que aquelas lojas de móveis pelas imediações vendem em mercadorias que incluem caros eletrodomésticos faz com que muitos sejam impedidos de sequer balbuciar em crise. | Porém, uma coisa deve ser esclarecida: todos, ou quase todos, só compram a base de prestações – sem no entanto saber se vão poder ou não pagar... E o pior é que muitos sabem que não poderão cumprir com os seus compromissos ao final de cada mês. | Comprar é fácil, é só, chegar, escolher e levar – pagar é que são elas...³⁹⁸

Neste deboche, temos contato com um insólito idílio florianopolitano, que parecia estar prestes a terminar. Ainda que Santa Catarina fosse um dos poucos lugares do mundo a sobreviver diante de uma imaginada catástrofe final – “que se avizinha sob forma de apocalipse” – conforme

³⁹⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 15 jun. 1978.

³⁹⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 21 jun. 1978.

³⁹⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 07 abr. 1978. “A classe falsa vive no Paraíso”.

³⁹⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 09 dez. 1978. “Falsa crise ao alcance de todos”.

exagerava o colunista, sua capital poderia entrar em maus lençóis e ver o sonho acabar:

Florianópolis é que poderá sofrer com a crise mundial – afinal, sempre viveu daquilo que não tem (sempre gastando mais do que na realidade ganha); e na hora que o dinheiro faltar – e conseqüentemente perder o crédito nos bancos aonde temos por hábito (por vício) empinar altas pandorgas, a coisa pode empretecer. [...]

E assim sendo, só teremos que nos adaptar aos novos tempos, sermos menos perdulários e mais simples, não esnobarmos tanto com o que nunca tivemos. No princípio vai ser difícil, sei disso, mas, o que fazer? Afinal, não mais poderemos viver artificialmente quando a realidade chegar, quando o sonho acabar.³⁹⁹

A realidade sentia-se nos mercados e nas bombas de gasolina. Reclamações sobre o aumento de preços em 1979 foram várias. Todas, de certa maneira, indicavam a política econômica nacional como responsável pela situação. Aparentemente mais confortável para “cutucar” após a volta da indispensável liberdade de imprensa, Beto adornava seus comentários com reflexões dignas da seção de economia do jornal:

Não se deve mais se espantar com os preços das coisas – quando o governo federal, por trás de congelada máscara, é o próprio a incentivar essa loucura.

Com o dólar a 25 cruzeiros e 65 centavos (acabando de sofrer o seu oitavo aumento este ano) e a gasolina a 10 cruzeiros e 20 centavos (chegando, com certeza, aos 20 cruzeiros até o final do ano), não há quem tenha condições de reclamar se o quilo do feijão está a 15, 16 cruzeiros o quilo, conforme o local da compra.

Isso sem falar que o camarão, justo na sua terra, está a 150 cruzeiros, se não mais, o simples quilo que ainda continua, ao menos por hora, com as suas mil gramas de centro... (Aliás, taí uma coisa que não aumenta as gramas do quilo – pelo contrário: às vezes diminui...) ⁴⁰⁰

Mas o forte de sua escrita era o olhar sobre as coisas miúdas. Assim, da macroeconomia Beto ia direto aos reflexos domésticos do aumento de preços, nos oferecendo uma de suas pequenas crônicas onde a ficção é utilizada para melhor fixar a mensagem:

Família grande, reunida a mesa pro jantar, babava, ao seu final, com os olhos pregados num parco, porém suculento bife, que jazia sobrando no fundo de uma travessa. Foi quando então a luz se desfez, tornando o ambiente numa única escuridão.

Foi só o tempo de ser fazer o breu pra então ecoar por toda a sala de jantar, um lascinante [sic] grito de dor. O que foi?

Nisso volta a luz. E todos estão puderam sacar o porquê de tanta dor: com a mão em cima do desejado bife, um dos filhos tinha a própria absolutamente espetada pelos garfos de todos os demais... ⁴⁰¹

A ‘fome’ era expressão freqüente ao tratar dos temas da crise. O leitor poderia então se divertir com a seguinte cena imaginada por Beto:

O preço dos gêneros alimentícios está a uma altitude tal que não causará surpresa alguma (já que em sociedade tudo se sabe – porém nada se comenta dada a falta de

³⁹⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 31 jul. 1979. “O melhor lugar do mundo é aqui e pra sempre”.

⁴⁰⁰ STODIECK, Beto. **OE**, 31 mai. 1979.

⁴⁰¹ STODIECK, Beto. **OE**, 10 jul. 1979.

assunto) se, daqui a pouco, em alguma coluna social nada democrática, sair nota mais ou menos assim.

Dois pontos: “foram vistos circulando pelo supermercado Riachuelo (afinal não é o mais chique da city?), empurrando carrinho zerinho zerinho o elegante casal de nossa sociedade, Stramos Kom Icterícia. A bordo, um quilo de feijão, outro tanto de arroz, dois sacos de batata (das inglesas – mas nem por isso, oh lástima, importadas), 700 gramas de carne de primeira (um luxo!), azeite (dos nacionais que os tempos são outros), uma garrafa de pinga e outros produtos que ficam na geladeira”.

No entanto, o detalhe digno de registro é que o casal, ao passar pela caixa registradora, “fizeram” pagamento à vista...⁴⁰²

Relatando ora o que via, ora o que inventava, Beto contribuía em doses homeopáticas com o clima geral de insatisfação que culminou na grande manifestação ocorrida na capital catarinense em 1979, contrariando a alienação e o *laissez-faire* que pareciam definir a cidade.

A manifestação popular promovida em suas ruas e que ajudou a trazer à realidade o regime militar ficou conhecida “Novembrada”. Como pano de fundo do evento, a crise e a dificuldade de colocar alimento na mesa. A coluna, haja vista o eco e o alcance de suas opiniões, comprovado pelo incômodo causado, entre outras coisas, colaborou com o clima que antecedeu a visita do presidente João Batista Figueiredo.

Os escritos de Beto eram apenas um ponto – influente, é verdade, mas um ponto – no tecido de descontentamento preparado para a recepção do Presidente Figueiredo, em novembro de 1979. A abertura política era ofuscada pela “apertura” na qual a população se encontrava. A crise era assunto mais interessante. Ainda assim, Beto conseguia colocá-las lado ao lado em algumas notas – como quando, tocando no assunto das greves, lembrava que “[m]aioria brasileira há muito que já vem fazendo determinada e necessária greve – mesmo na época em que greve era transa ilegal. A greve da fome...”⁴⁰³ Mas, naquele mês de novembro, uma parte dos florianopolitanos resolveu exigir – não em greve, mas na ação – “arroz, feijão, saúde, educação”.

O colunista estava lá para registrar.

⁴⁰² STODIECK, Beto. **OE**, 25 ago. 1978.

⁴⁰³ STODIECK, Beto. **OE**, 09 ago. 1979.

HOMENAGEM DO “CRIOULO DOIDO”.

Só pode ser inabilidade e/ou falta de informação histórica do ministro Said Fahrat, essa de pretender colocar sob a figueira da praça XV placa homenageando Floriano Peixoto, quando da visita do presidente Figueiredo a Florianópolis ao final de novembro. (Provavelmente pensando, na melhor das intenções, de que, assim agindo, estaria preiteando ilustre filho da terra).

Floriano, vocês sabem, além de jamais ter pisado na Ilha, mandou fuzilar, amarrados a uma árvore ainda hoje de pé lá em Anhato-mirin, algumas das mais representativas figuras de Desterro e que tinham se rebelado contra a república recém imposta.

E pra “venerar” essa matança toda é que alguns impensados ilhéus de então resolveram mudar o nome da cidade... (Como bem vêem, desde aquela época e o puxasaquismo já apitava).

E agora homenageá-lo novamente? É muita falta de comunicação do “sêo” ministro das comunicações, hem? ⁴⁰⁴

Nada é tão ruim que não possa piorar. Além da alta dos preços, da inflação, da crise do petróleo, da impossibilidade de eleger o prefeito da capital, das infelizes declarações de João Batista Figueiredo e de tudo o mais que concorria para o insucesso da visita presidencial, as “homenagens” programadas para o evento davam um tempero adicional à situação. Caso acompanhasse a coluna *Beto Stodieck*, Figueiredo teria evitado alguns problemas. Em primeiro lugar porque saberia que sua imagem, na esteira do fim do milagre econômico, estava um tanto chamuscada. Depois, saberia que a placa em homenagem a Floriano Peixoto não coadunava com o sentimento da população florianopolitana. Finalmente, evitaria maiores constrangimentos, declinando da homenagem que ele próprio receberia no Senadinho do Ponto Chic:

Como é que o presidente João Figueiredo poderá receber, segundo o pretendido, o título de “amigo do senadinho” da Felipe Schmidt? se ele sequer sabe que senadinho é esse (mal sabe acerca do senado federal...), nem quem por lá esteja senadando e dizendo-se “amigo” – desses que malham, como malham!, pelas internas e se abrem em sorrisos pelas externas... | Na realidade, tudo não passa de falsidade... de ambos os lados. ⁴⁰⁵

Nem todos estavam prontos para o teatro. E quando, no dia 23 de novembro, motosserras da Prefeitura derrubaram uma “bela e antiga árvore da praça XV”, a fim de abrir espaço para o palanque da comitiva presidencial, quem passava sentia-se atingido e, disse Beto, as pessoas “escandalizadas, reclamavam”. Porém, “tinham suas bocas tapadas com presenteadas toras ‘que podem ser usadas, por exemplo’, sugeriam os trucidadores [*sic*], ‘como banquinhos pros seus jardins?... Eta deboche!’”. ⁴⁰⁶

⁴⁰⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 15 nov. 1979.

⁴⁰⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 23 nov. 1979.

⁴⁰⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 24 nov. 1979.

Outro deboche, amplificado na coluna, veio do próprio presidente que, dias antes da passagem por Florianópolis, ao ser questionado “se não o preocupava o escandaloso aumento da gasolina”, respondeu: não. O que deu margem ao seguinte comentário de Beto: “É claro que o presidente não tem como se preocupar com o aumento da gasolina – e nem teria porquê. Afinal, pra quem só se locomove em automóveis e Boing 737 oficiais – mais a cavalo igualmente oficial... Aliás, se duvidar, o presidente não paga nem o milho do cavalo que trota...”⁴⁰⁷

Até o amigo cantor Luiz Henrique Rosa caiu na patrulha. Por compor uma música em homenagem à visita, o cantor recebeu diretamente de um freqüentador do bar “Cabana da Ilha”, um pedido constrangedor. Contou Beto que:

Na quinta, quando de uma daquelas semanais e movimentadas noitadas da Cabana da Ilha, lá pelas tantas da cantoria, batucada e conseqüente danças, um freqüentador qualquer levantou-se da sua mesa, subiu ao palco, pegou o microfone e lascou um pedido ao Luiz Henrique, cantor ali igualmente presente.

O pedido, sob forma de protesto, era de que o compositor por favor, em bom nome da Ilha, rasgasse a música que fez e canta em homenagem a visita que o presidente João Fahrat [s/z] a Florianópolis.

No que não houve qualquer reação por parte do atônito autor. Então vocês acham que o Luiz é tanso?!⁴⁰⁸

Esse era o clima; a tragédia – do ponto de vista governista – estava mais que anunciada. Não apenas pelos indícios de que a recepção seria mais acalorada do que calorosa; mas pelo aviso direto das manifestações que aconteceriam: “Tou sabendo que amanhã quando da badalada visita presidencial, negras faixas comporão paisagem juntamente com aquelas destinadas a efusivas saudações. | Faixas negras essas que memorizarão a enlutada e triste situação que vimos [s/z] penando.”⁴⁰⁹

Os fatos do dia 30 de novembro de 1979 são conhecidos. Ao chegar à cidade, o último presidente-general foi recebido com manifestações de rua, que acompanharam o trajeto da comitiva desde o aeroporto e culminaram com a reunião de mais de três mil pessoas em frente ao palácio Cruz e Souza – sede do governo estadual, onde o presidente se encontrou com o então governador Jorge Bornhausen. Ao aparecer na sacada, ouvindo as palavras de ordem que vinham da multidão, Figueiredo fez um sinal que muitos entenderam como um gesto obsceno, de provocação. Em resposta, alguém da audiência proferiu o clássico xingamento colocando em dúvida a honra da mãe do presidente, que não se conteve e desceu até os manifestantes para

⁴⁰⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 28 nov. 1979.

⁴⁰⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 24 nov. 1979.

⁴⁰⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 29 nov. 1979.

afirmar: “Minha mãe não está em pauta”. Depois disso, o presidente caminhou do palácio ao Ponto Chic, na Felipe Schmidt, onde recebeu o diploma de Senador. Outra vez a confusão se instaurou, ao ponto de ser necessária a intervenção da Polícia Militar. O saldo do evento foi a prisão de sete estudantes acusados de organizar a manifestação e a desmoralização do regime militar que começava a agonizar em meio à crise econômica e às pressões políticas.⁴¹⁰

O assunto apareceu na coluna alguns dias após o acontecido. Beto reforçava a opinião de que a manifestação fora uma “explosão espontânea”. Tal postura, além de mostrar a visão dos que acompanharam o movimento naqueles dias, contribuía para a defesa dos estudantes detidos por conta do episódio. Na mesma nota o colunista apontava o risco da partidização e criticava aqueles que tentavam apropriar-se dos dividendos políticos da revolta – “pessoas que nem sequer, naquele histórico momento, lá estavam (talvez nem em Florianópolis)”. Estocando o outro lado do muro, concluía: “É a esquerda brasileira mais uma vez cumprindo a sua irresistível e já cinquentenária vocação de fornecer à extrema direita subsídios e motivos pras suas eternas pretensões ditatoriais... É a constante provocação do rato contra o gato – e vice-versa...”⁴¹¹

Beto deixou transparecer naquele dia o contentamento com “os últimos acontecimentos”, que fizeram a cidade “debutar nas primeiras páginas e capas nacionais”. Mas mantinha o pé o chão e fechava a coluna – quase toda dedicada à Novembrada – dizendo: “No entanto, infelizmente como sempre, depois da festa, a ressaca... a rebordosa. E depois da abertura, o buraco da fechadura...”⁴¹²

O fechamento configurou-se na prisão dos identificados como líderes do movimento. As colunas dos dias 06 e 07 de dezembro foram praticamente dedicadas ao comentário sobre as manifestações de solidariedade aos estudantes presos.

No meio da confusão, mesmo diante da repressão e da seriedade das movimentações, o colunista não perdia o humor e encontrava espaço para rir dos outros e de si mesmo. Nem o suposto líder do movimento que desencadeou a “Novembrada” – Adolfo Dias, o presidente do DCE – escapou de uma piadinha: “Antes de ser um líder estudantil, Adolfo Dias é, desde que recebeu o seu nome acoplado ao sobrenome, um cacófato...”⁴¹³

Situação engraçada mesmo passou o colunista ao tentar registrar o ato de apoio aos

⁴¹⁰ Os episódios foram retratados no filme “Novembrada” (1998), do diretor Eduardo Paredes.

⁴¹¹ STODIECK, Beto. **OE**, 05 dez. 1979.

⁴¹² *Loc. cit.*

⁴¹³ STODIECK, Beto. **OE**, 07 dez. 1979.

estudantes detidos. No dia 04 de dezembro de 79, conta Beto:

Estava no auge do ouriço de terça-feira, plena praça XV esquina da Felipe Schmidt, com o Beto Stodieck de Pentax em punho tentando documentar tudo o que se passava, não perdendo tim-tim por tim-tim curioso que não consegue deixar de ser, quando, daqui a pouco, uma mulher, dessas bem açorianas, magra e pintada com ares de galinha garnisé, já sobre a coroa e sem papas na língua, tenta porque tenta atravessar o cerco policial em direção só lá ela sabia pra onde.

E como a coisa evoluía pruma insólita discussão, com ela dando de dedo na baioneta a sua frente, simplesmente o colunista desviou pentax e lascou um foco na cara da mulher. Pra que? A louca virou fera, avançou pra cima do próprio, deu-lhe um safanão sobre a máquina que acabou atingindo a sua sobrançelha... Como ela mais exaltava-se em gestos e palavreados (“és repórter, né? tá se vendo, bem alimentado”...), o Beto tratou de sair dali rapidamente e se acomodar noutro ponto a fim de evitar escândalo.

E já lá noutro canto estava quando, nem passados dois minutos, ouve-se a já conhecida e estridente voz da mulher aos vitoriosos berros de “bati num repórter”. No que rapidamente foi contestada pelo Stodieck (que ela imaginava longe dali) dando-lhe de dedo dizendo ser mentira.

A mulher rapidamente revidou com uma sombrinhada às suas costas, ato seguinte correndo atrás do colunista praça XV abaixo, sob vaia da geral que não parava de rir... Que vergonha, meu Deus!⁴¹⁴

Estas notas engraçadas não o desviavam dos assuntos mais sérios, que com elas se mesclavam. Utilizando o farto policiamento deslocado para acompanhar o desenrolar das passeatas, Beto aproveitava para chamar a atenção para os problemas de segurança pública. Afinal, diante da quantidade de policiais enviados para acompanhar uma manifestação pacífica no centro da cidade, ficava claro que o problema da segurança pública municipal não era de efetivo disponível para as tão solicitadas rondas:

Que policiamento existe, temos mais do que certeza – e bem armado, diga-se de passagem. | Falta agora que os nossos policiais deixem os quartéis e partam pra rua como manda o figurino. Isto é, nos protegendo contra esse constante estado de insegurança que de uns tempos pra cá vem assaltando a nossa privacidade, transformando-nos em descrentes diante de tudo e de muitos...⁴¹⁵

O relato da manifestação também veio acompanhado da responsabilização do “sistema estadual vigente” pelo “espetáculo”, na crônica de Beto Stodieck:

Por ocasião da manifestação estudantil a favor dos seus colegas presos ao entardecer de terça última ao redor da praça XV, com a escadaria da catedral fazendo as vezes de movimentado palco, nada além foi, antes de mais nada, do que a demonstração do perfeito funcionamento dos esquemas de comunicação e segurança do estado de Santa Catarina.

Tudo correu perfeitíssimo. Desde as inúmeras chamadas pelos canais e jornais sob forma de alerta à população, até o desenrolar em si, passando pela liberação do funcionalismo público, o que mais fez encher as ruas centrais da cidade foi uma magnífica demonstração de adestramento e de aparato bélico, de uma força até então não imaginávamos em Florianópolis.

⁴¹⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 06 dez. 1979. “Uma vítima na multidão”.

⁴¹⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 06 dez. 1979.

As baionetas reluziam apesar do chuvisco: os uniformes perfeitamente limpos e passados; elmos, polidos, contra uma provável agressão por parte do povo, o que, afinal, não acabou acontecendo: mas a garbosa cavalaria, de matar de inveja o haras presidencial; sem falar nas manobras em si, estrategicamente a contento e que, em meia hora, limpou a praça XV, enxotando a estudantada em direção a praça da Bandeira onde, enfim, puderam se manifestar livremente.

E ao final, uma feliz constatação: tudo correu bem. Tanto pros estudantes endossados pelo povo que realizaram democrática e pacificamente o seu emocionante protesto quanto pro governo do estado que demonstrou o quão bem equipada e adestrada (apesar da tremedeira da maioria dos “zomi”) está a nossa polícia militar. Policiamento esse que ficou pelo centro até altas horas sob olhares curiosos encostados e conversando às paredes e janelas – já que os manifestantes naquelas alturas tinha se recolhido aos seus papos e repúblicas.

Só mesmo saíram perdendo os travestis que tiveram o seu carrossel em volta da praça impedido de funcionar por toda a noite, provocando por isso verdadeiro desastre econômico...

Agora, brincadeirinha a parte, o risco foi grande: é bom alertar que tais demonstrações de força de ambos os lados, tem que ser realmente muito bem dosadas, sob o risco de efetivamente, acabar acontecendo a síndrome de Florianópolis... E aí bai-bai.

Muitos dos desavisados que não sabiam que a manifestação na escadaria da catedral – ou outro point qualquer pelas proximidades – estava impedida pela secretaria de segurança e informações, ao verem assim, de repente, aquele aparato bélico dispersando estudantada que só gritava “calma, calma”, não tiveram outra justificativa a não ser alegar que, politizada que é, a polícia deve ter entendido “Karl Marx, Karl Marx” e partido pra dissolução, sob justificativa de infiltração... ⁴¹⁶

Uma semana após os “incidentes” de 30 de novembro, Beto apresentou o que ele considerava um “pequeno balanço” de suas conseqüências:

Se até 30 de novembro a nossa cidade não passava de breve hiato entre os dois estados que nos ajudam a formar o sul, hoje, podem crer e doa a quem doer, o esquema é bem outro. Talvez até, e situação que me perdoe, estamos mais respeitadas no contexto nacional. Além do que, o nativo amadureceu, politizou-se e apresentou-se socialmente apesar da característica falta de estrutura de muitos. Enfim, o que fazer? Mas a realidade é que aí estamos, apitando e sendo citados. Isso nos confirma, nos dá certa auto-suficiência em termos de opiniões pública e própria. Foi importante pra nós.

Além disso, não somos mais olhados com o desdém de até então e os políticos que se pretendem enxertar entre nós, terão que pensar duas vezes antes de agir: afinal, verdade seja dita, não mais comeremos gato por lebre...

Tudo isso, pasmem, é decorrência de alguns minutos com sensação de anos, de um dia incrível e muito louco que passou pra história do Brasil.

Alguns deputados, entre outros meninos votados ligados a situação, devem parar de dizer aos canais e jornais que os movimentos decorrentes do histórico 30 de novembro “é coisa de minoria”. | Sob ameaça de serem taxados de mal informados...

Revista de tendenciosa circulação nacional pediu matéria ao seu representante em Santa Catarina acerca dos acontecimentos que colocaram Florianópolis no mapa, determinando que seja “contra os estudantes”...

⁴¹⁶ STODIECK, Beto. OE, 06 dez. 1979. “E o espetáculo continua...”.

O representante, absolutamente favorável a causa, está com o coração partido: entre a ideologia e o emprego...⁴¹⁷

Enfim, até o fim de 1979 a coluna manteve aceso o assunto.⁴¹⁸ Contrariando não apenas os alguns dos protagonistas das memoráveis cenas do dia 30 de novembro, mas também alguns leitores, aos quais Beto respondeu: “Esses leitores infelizmente parecem que não entenderam – ou não querem entender – o grande alcance da questão e inevitável repercussão histórica dos fatos que poderão ocorrer – já estão ocorrendo – em função daquele memorável dia.”⁴¹⁹

⁴¹⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 07 dez. 1979. “Comemorando uma semana”.

⁴¹⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 08 dez. 1979; 11 dez. 1979. “De repente uma nova imagem: Santa Catarina macho às pampas...”; 12 dez. 1979; 20 dez. 1979.

⁴¹⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 21 dez. 1979.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A década terminou com dois fatos tristes para a turma do Beto. O primeiro foi o novo desaparecimento abrupto da coluna, a partir de abril de 1980. O segundo, ainda pior, foi o acidente aéreo ocorrido no dia 12 do mesmo mês que, entre outros, vitimou o jovem Rômulo Coutinho de Azevedo, um dos principais personagens do colunista.

Outra vez, o afastamento foi resultado de retaliação por conta das opiniões do colunista, segundo o depoimento de Ricardinho Machado, que acompanhou o acontecimento. O motivo seria o incêndio do antigo Abrigo de Menores, próximo ao Palácio da Agrônômica e a Ponta do Leal. A área sofreu grande valorização após a conclusão da Beira-Mar Norte e a presença da antiga construção destinada à guarda de menores abandonados era um entrave para sua exploração.

Segundo Ricardinho Machado, Beto escrevera uma nota que incomodou pessoas que estavam no topo do poder político estadual naquele momento. Na pesquisa, algumas notas foram encontradas sobre o Abrigo, mas nenhuma se refere especificamente ao incêndio. O que nos leva a crer que, caso seja verdadeira a declaração, a nota foi censurada antes mesmo de ser publicada – de acordo com a prática recorrente, conforme Beto contou na entrevista ao *Jornal da Semana*.

A morte do professor diletante de História, médico e amigo Rômulo Coutinho mexeu com toda a cidade. O avião, que carregava vários florianopolitanos, ia para São Paulo e caiu pouco depois de levantar vôo, no Bairro Monte Verde, dentro da Ilha. A comoção foi tamanha que o jornal *O Estado* fez circular três edições naquele dia. E nos dias seguintes, cada um dos conhecidos que faleceu na tragédia teve seu nome lembrado nas páginas do periódico. Era, sem dúvida, o epílogo de uma época para Beto, que se mudou para Nova York, onde ficou até 1983 – quando retornou a cidade e lançou o seu *Jornal do Beto*. O que é outra história.

No retorno à superfície, após o mergulho no dia-a-dia da cidade de Florianópolis dos anos setenta, há que se avaliar que espécie de tesouro se encontrou e qual seu valor. Acreditamos ter cumprido a meta de contribuir para “um desenho mais nítido de um período e de uma figura que lhe foi central”,⁴²⁰ conforme o proposto. Cada um dos temas que reunidos, formando um

⁴²⁰ DIMAS, Antônio. **Bilac, o Jornalista**: Ensaios. São Paulo : EDUSP : Imprensa Oficial do Estado, 2006. p. 32.

mosaico da cidade conforme Beto Stodieck a enxergava partir do seu cantinho de página, poderia ser desdobrado em infinitas possibilidades. Contudo, são praticamente dez anos de escrita quase diária, na qual os temas surgiam sem o compromisso com a coerência e coesão de um trabalho acadêmico. Reunir em grandes painéis cada um dos assuntos considerados representativos daqueles anos acabou se revelando o grande desafio deste trabalho – vencido com muitas horas de cadeira e com uma ótima orientação por parte da Professora Sandra Pesavento.

Focalizando um trecho da trajetória de Beto Stodieck descortinamos a formação do espaço social da cidade a partir do ponto de vista deste indivíduo que conseguiu ocupar posição destacada no interior deste mesmo espaço. Assim, percebemos que a visão da cidade por ele representada era produto e, ao mesmo tempo, produtora de todo um imaginário sobre a cidade e seus habitantes.

Na etapa de consolidação, que segundo a divisão aqui proposta vai aproximadamente de 1971 a 1975, o posicionamento de Beto Stodieck no espaço social foi apoiado no tripé: capital social, juventude e crítica. Cada um destes elementos contribuindo para que o colunista assumisse o papel de porta-voz de uma geração. O capital social o levou para o jornal *O Estado*. Afinal, foi por fazer parte – através da herança familiar – da elite cultural florianopolitana, conforme definido na introdução do trabalho, que Beto abriu espaço na imprensa local para um jeito de produzir colunismo que era novidade na cidade.

De posse do seu minifúndio jornalístico, Beto buscou produzir algo que agradasse aos seus primeiros consumidores. Era fundamental saber para quem escrever, visando adequar a linguagem e os temas ao gosto dos que liam. Os apoiadores do colunista nesta etapa de insegurança foram os jovens, com destaque para a turma do Kioski, que lhe forneceu personagens por toda a década. Dessa maneira, a coluna no início era algo novo escrito para gente nova.

Com o tempo e as promoções culturais, Beto tornou-se referência para essa juventude que se manteve fiel leitora, mesmo quando deixou de ser a principal pauta da coluna. Aquilo que nos meios culturais é chamado formação de público, foi exatamente o que Beto fez ao escrever para jovens de 12 a 21 anos que continuariam, por muito tempo, procurando-o ao abrir o jornal.

Mas o colunista perceberia também que o papel de *ombudsman* da administração municipal – conforme definimos no decorrer desta dissertação – gerava grande polêmica, garantia leitores e o tornava peça fundamental no cotidiano do município. Essa ação era consciente e foi incorporada aos conceitos atribuídos à coluna por Beto: “social-lógica”, “social-democrática”,

“de utilidade pública”.

O ápice, em termos de reconhecido, da crescente consolidação de seu papel na cidade, por ironia, nos parece que foi atingido com o primeiro afastamento do colunista, no jornal *O Estado*, por retaliação política. Essa agressão à liberdade de imprensa foi uma instância de consagração, tanto para a população em geral como, principalmente, no interior do campo jornalístico. Beto conquistara sua cicatriz de batalha que o colocava em outro patamar diante dos seus pares – basta ver o tom da entrevista concedida ao *Jornal da Semana* –, evitando o que, ironicamente, considerava um trauma:

O grande trauma da esquerda brasileira no momento é por conta daqueles que não foram torturados – por mais que insistissem e provocassem. | Agora, por exemplo, querendo mostrar serviços sofridos pela nação, não há nem cicatrizes nem neuroses a incluir no currículo de muitos...⁴²¹

Quando retomou seus trabalhos, após o primeiro “gancho”, os perfis morfológico, populacional e identitário da cidade já estavam modificados e Beto era reconhecido como uma das principais vozes a influenciar as representações sobre o urbano na capital catarinense. Enfim, era um formador de opinião, na melhor acepção do termo.

Nesse período, que, a fim de nortear a pesquisa, enquadramos nos anos 1976-80, Beto deixou de lado as *performances* que o ajudaram a tornar-se (re)conhecido pela grande maioria dos moradores de Florianópolis. As atividades típicas da promoção cultural de um colunista – como a lista das mais belas, a promoção de festas ou a escolha dos destaques do ano – continuaram acontecendo pelas mãos de dois jovens que despontaram naquela época e que hoje são dois dos importantes colunistas da cidade, Cacau Menezes e Ricardinho Machado.

A *Coluna do Beto* permaneceu registrando e dando publicidade aos “agitos” destes e de outros jovens, tendo, contudo, a sensibilidade de amadurecer os temas na exata medida do amadurecimento do público. A amargura e o desencanto – com as perseguições, com o “assassinato” da cidade, com a juventude “ajojada” – eram a outra face da maturidade, conforme demonstram certas notas tratando de temas mais sérios. Contudo, o humor – que era uma das marcas da coluna – nunca se perdia completo.

Ao trabalhar sobre os textos de Beto Stodieck, mais do que prender-se simplesmente à forma representacional escrita, lançamos o olhar sobre as práticas sociais, o comportamento, o modo de vida e a cultura urbana da cidade – que o texto escrito registra, mas não esgota. Assim, as crônicas aparecem como um misto de diário pessoal e diário de campo antropológico; dessa

⁴²¹ STODIECK, Beto. *OE*, 22 dez. 1979.

junção estruturamos a dissertação em temas que nos possibilitaram compreender – e, para quem vivenciou, lembrar – o espírito da cidade naqueles anos de intensa movimentação e transformação.

Esta pesquisa contribuí, por fim, com o conhecimento sobre o ‘colunismo’, tão difundido no Brasil e que, segundo o aqui exposto, é fonte de informações tão rica quanto antigas crônicas jornalísticas ou qualquer outro gênero literário considerado “maior”. Registre-se que ao falar, por diversas vezes, do seu próprio ofício, Beto nos ajudou a entender as dificuldades e o mecanismo de funcionamento da prática da escrita do gênero literário que aqui definimos como *crônica social ligeira*.

Desde o princípio monótono e tateante (*ver*: “Cadê assunto?”, p.39) até seus últimos escritos antes do período nova-iorquino, a coluna foi apresentada pelo jornalista como uma máquina com as engrenagens à mostra. A dificuldade em escrever numa cidade onde pouco acontecia e o acontecido nem sempre poderia virar notícia e a notícia nem sempre era publicada; o mecanismo da captação da informação, baseado no ouvido atento aos rumores e fofocas da “Felipa” e arredores; os pedidos de notinhas das “dondocas”; a falta de “informantes”; a preguiça de escrever nos finais de semana; enfim, o dia-a-dia da redação: tudo virava assunto, nada era segredo. Até mesmo seu passeio na ficção, naquele espaço em que o colunismo abandona o limite do real, chegando muito próximo da crônica como a conhecemos no Brasil:

Entre as muitas estorinhas que aqui solto só por soltar, dia desses adorei contar uma a respeito de um cara que anda se desnudando lá pras bandas de Canasvieiras. Estorinha inventada que era pra encher papel. Pois não é que antes d’ontem encontro conhecida figura do nosso mais fino soçaitchi que, entre espantado e intrigado, chegou-me na ponta dos pés e sussurrou: “Como é que sabes que eu ando tomando banho nu em Canasvieiras?”...⁴²²

Essa invencionice foi reconhecida com humor na entrevista concedida ao *Jornal da Semana*, quando reconheceu que, às vezes, as notas eram frutos da imaginação, outras vezes não passavam do “dia-a-dia enfeitado”. Perguntado se com essa prática não perdia credibilidade, respondeu: “Pode ser, mas fica interessante. [...] Tem validade porque causa “frisson” na cidade. Eu sou meio o “Fradinho” do Henfil. | **JS – Mas fofoca não é notícia. Ou é?** | Beto – Acontece que aqui funciona. É típico de Florianópolis”.⁴²³

A fofoca era, afinal, o tempero da coluna. Apesar de constantemente criticado, nas crônicas de Beto o fofoqueiro era uma instituição florianopolitana. E, pouco a pouco, a própria

⁴²² STODIECK, Beto. **OE**, 13 fev. 1975. “... passando por estorinhas da carochinha...”

⁴²³ **Jornal da Semana**, 27 out. a 03 nov. 1979. p.10 e 11. [grifei]

coluna tornou-se outra destas instituições. Ao menos, era dessa maneira que o escritor a considerava quando passou a escrever sobre a coluna como uma terceira pessoa. Não era mais Beto Stodieck – o indivíduo –, quem bisbilhotava, comentava ou mesmo agradecia elogios. Beto Stodieck – a coluna – era um ente autônomo.

Alguns exemplos, entre tantos: “Não é legal ser dedo duro, mas como ela, a coluna, curte o gênero *vox populi*, vai daí que...”⁴²⁴; “Hoje, 2 de fevereiro, é uma data que a coluna gostaria de lembrar”;⁴²⁵ “Ontem esta coluna, apressada, a bordo de uma Fiat, recebeu uma multa de 115 cruzeiros na estrada de Canasvieiras”;⁴²⁶ “A preocupação da coluna agora é saber qual será a próxima moda”⁴²⁷. Causava estranhamento aos leitores essa forma escrever. Beto reconhecia: “[...] a confusão é grande entre a pessoa em si e o colunista: duas pessoas, ou melhor, uma pessoa e uma instituição que volta e meia se chocam...”.⁴²⁸ Essa dupla personalidade foi um traço marcante dos textos de Stodieck, que ganhou força a partir de 1978.

Merece destaque outra posição do colunista no campo jornalístico: a contrariedade à implantação do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina. Sendo um jornalista formado na lide diária, acreditava que esta ainda era a melhor escola. E, além disso, acreditava que não haveria mercado no Estado para tantos profissionais formados:

Florianópolis, a partir do próximo ano, terá o seu curso de jornalismo, via UFSC – no que a coluna, apesar de ser o curso natural da maioria ilhoa já que, vocês sabem, o nativo, por natureza, adora uma novidade, além de ter uma imaginação que voa a mil, ingrediente indispensável a prática do jornalística...

A coluna é contra, primeiro, por ser um curso inútil a quem tem por pretensões trabalhar aqui. O mercado de trabalho é fraco, onde apenas três diários, com sabor de um, atua em toda uma enorme e populosa área. O prometido Zero Hora, edição florianopolitana, por ora, nem notícias – só pra daqui a alguns anos. Se vier.

No momento temos um único canal de televisão. Daqui a pouco teremos mais dois: o que vem do Rio Grande do Sul com o nome de TV Catarinense, e aquele de Criciúma, TV Eldorado, que estará no éter já a partir de outubro deste ano. Duas novas fontes de trabalho sem dúvidas, porém não suficiente – o departamento jornalístico de uma emissora média não ocupa nem sete profissionais.

E quanto a rádios, pergunto, há quanto tempo não aparece uma nova estação em Florianópolis? Como a tendência agora é FM, sem noticiário, pra que jornalistas no seu plantel?

⁴²⁴ STODIECK, Beto. **OE**, 20 out. 1977. “Contando o milagre, não contando as santas”.

⁴²⁵ STODIECK, Beto. **OE**, 02 fev. 1978.

⁴²⁶ STODIECK, Beto. **OE**, 18 jun. 1978. “Deu e ultrapassei, multa levei”.

⁴²⁷ STODIECK, Beto. **OE**, 19 jul. 1978.

⁴²⁸ STODIECK, Beto. **OE**, 14 jan. 1980.

E depois, não se iludam, os órgãos de imprensa pagam, de maneira geral, pessimamente, às raias do escândalo. Se bem que há cargos em repartições públicas a nível de assessor de imprensa – mas, duvido que velhas raposas do jornalismo local abrirão mão a simples e recém formados, idealistas, provenientes de um curso que muitos farão questão de desacreditar.

E, de mais a mais, jornalismo é dom. Assim como artista plástico (que frequênta escola de Belas Artes só pra aprender a misturar tintas e a pintar que nem o professor), o jornalismo se desenvolve a partir da prática diária. Essa de frequêntar escola a fim de aprender normas de bem escrever, é bitolar, é dançar conforme a dança, é papo que, numas, não convence. O curioso aprende a ler e a escrever e pronto: o resto é só saber contar estória...⁴²⁹

Para Beto Stodieck seria mais útil para a sociedade catarinense uma escola de arte – para ativar “a reconhecida sensibilidade local” – ou um curso de Oceanografia. Contudo, ao compartilhar dores e prazeres da profissão com os leitores, ele acabava dando uma aula de jornalismo ou, mais especificamente, de colunismo.

Para finalizar, concluímos que o alcance das crônicas de Stodieck foi proporcional à capacidade do jornalista fazer-se lido por um público variado, somada à influência do jornal *O Estado* – o grande veículo de comunicação da cidade até a instalação da RBS TV em Santa Catarina, quando o jornalismo impresso, diante do telejornal, começou a perder seu brilho e influência.

Como foi demonstrado, não havia tema proibido na *Coluna do Beto* e o fato de que um aparecia ao lado do outro concorria para a circulação de conhecimento e reconhecimento entre os diversos campos do espaço social. A isso, aliava-se ainda a escrita coloquial, próxima do disse-que-disse das ruas da cidade, de onde vinha boa parte do material que dava origem às pequenas crônicas sociais da coluna – que, assim, servia como um verdadeiro amplificador de representações, muitas vezes concorrentes, o que justifica a aparente contradição indicada na introdução deste trabalho.

Tal contradição – aparente, vale destacar – confirma que o mesmo agente pode assumir diferentes papéis, optando, conforme a necessidade, pelas armas simbólicas que lhe sejam favoráveis em cada tomada de posição no espaço social. A leitura do texto de Stodieck nos mostra um indivíduo aberto ao mundo e fechado em sua aldeia, como quase todos nós.

Aliás, no caso em tela, fechado em sua Ilha – que ainda espera o dia em que sairá mar adentro, sem as amarras que o prendem ao continente...

⁴²⁹ STODIECK, Beto. **OE**, 05 jul. 1978. “Está no sangue e não na escola”.

REFERÊNCIAS.

ACERVOS

Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina: Setor “Santa Catarina” – Hemeroteca.
(Florianópolis/BR).

SÍTIOS DA INTERNET

<http://www.teledramaturgia.com.br>

<http://www.marcocezar.com.br>

<http://www.wikipedia.org>

PERIÓDICOS

Jornal de Santa Catarina. Blumenau. jan./dez. 1972. Diário.

Jornal da Semana. Florianópolis. 27 out. a 03 nov. 1979. Semanal

O Estado. Florianópolis. jul. 1971/jan. 1972; out. 1973/abr. 1975; jan. 1976/fev. 1977; out. 1977/abr. 1980. Diário.

Revista Carta Capital. São Paulo. 28 dez. 2005. Semanal.

FILMES

Os embalos de sábado à noite. John Badhan (dir.). Estados Unidos, 1977. (118 min), son., cor. Título original : Saturday Night Fever.

Hair. Milos Forman (dir.). Estados Unidos, 1979. (121 min), son., cor.

Novembrada. Eduardo Paredes (dir.). Brasil, 1998. (9 min), son., cor.

ENTREVISTAS

MACHADO, Carin. Depoimento tomado em 14 de setembro de 2005. Entrevistador: Jefferson Fonseca. Florianópolis. (em caderno de campo).

MACHADO, Ricardinho. Depoimento tomado em 20 de abril de 2006. Entrevistador: Jefferson Fonseca. Florianópolis. (em caderno de campo).

MENEZES, Cacao. Depoimento tomado em 15 de novembro de 2005. Entrevistador: Rafael Dias. Florianópolis. (gravada)

BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, Adalice Maria de. **Mito e Magia na Arte Catarinense**. Florianópolis : Governo do Estado de Santa Catarina, 1979.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral**: Reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. Dissertação (Mestrado em História) – PUCSP, São Paulo, 1986.

BETTI, Emilio. “The epistemological problem of understanding as an aspect of general problem of knowing”. In: SHAPIRO, Gary. SICA, Alan. **Hermeneutics**: question and prospects. Boston: The Univ. of Massachusetts Press, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. “O mercado lingüístico” e “A ‘juventude’ é apenas uma palavra”. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. “A influência do jornalismo”. In: **Sobre a Televisão**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2000.

_____. “Compreender?”. In: **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CANDIDO, Antônio. “A vida ao rés-do-chão”. In: CANDIDO, A. [et al]. **A Crônica** : o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas : Editora do Unicamp; Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CHARTIER, Roger. “Pierre Bourdieu e a história. Debate com José Sérgio Leite Lopes.” In: TOPOI, Rio de Janeiro, mar.2002.

CHEREM, Rosângela M. **Caminhos para muitos possíveis**: Desterro no final do Império. Dissertação (Mestrado em História). USP, 1994.

_____. **Faróis do tempos novo** – política e cultura no amanhecer republicano na capital catarinense. Tese (Doutorado em História). USP, 1999.

- COUTINHO, Afrânio. "Ensaio e Crônica". In: COUTINHO, A. (org.). **A literatura no Brasil**. v.4. Rio de Janeiro : José Olympo; Niterói : UFF, 1986.
- DARTON, Robert. **O grande massacre dos gatos**. Rio de Janeiro : Graal, 1986.
- DILTHEY, Wilhelm. "Awareness, Reality: Time", "The Understanding of other persons and their life-expressions". In: MULLER-WOLLMER, Kurt (org). **The Hermeneutics Reader**. New York: Continuum, 1988.
- DIMAS, Antônio. **Bilac, o Jornalista: Ensaio**. São Paulo : EDUSP : Imprensa Oficial do Estado, 2006.
- FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis**. Florianópolis : Cidade Futura, 2000.
- FAVRE, Pierre. "De la question sociologique des générations et de la difficulté à la résoudre dans le cas de la France". In: FAVRE, Pierre e CRÊTE, Jean. **Génération et Politique**. Paris: Economica et PUL, 1996. p. 313.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. "História e poder local". In: ARANTES, Antônio Augusto (org.). **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense, CONDEPHAAT, 1984.
- FONSECA, Jefferson Rafael da. **"Longe demais das capitais": a tempestade do progresso em Florianópolis, S.C. Monografia (bacharelado em História) – FAED, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.**
- GIDDENS, Anthony. "Hermeneutics and Social Theory". In: **Profiles and Critiques**. London: Mcmillan, 1983.
- GONÇALVES, J. H. Rollo. "Escavando o chão da futilidade: colunas sociais, fontes para o estudo de elites locais". In: **Revista de História Regional**. Vol. 4, n°. 2. Inverno 1999.
- JÜNKES, Lauro. *A Crônica. Ô Catarina*. Florianópolis, julho e agosto de 2001, n°47.
- LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2002.**
- MAY, Patrícia Zumblick Santos. **Redes político-empresariais de Santa Catarina (1961-1970)**. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 1998.
- MEYER, Marlyse. "Voláteis e Versáteis: de Variedade e Folhetins se fez a Crônica". In: CANDIDO, A. [et al]. **A Crônica : o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas : Editora do Unicamp; Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- MICELI, Sérgio. **A noite da madrinha**. São Paulo : Ed. Perspectiva, 1972.
- MULLER-WOLLMER, Kurt (org). "Introduction". In: **The Hermeneutics Reader**. New York: Continuum, 1988.
- NETTO, A. Seixas. *Meteorologia matuta da Ilha de Santa Catarina*. In: **Boletim da Comissão Catarinense de Folclore**. Ano XVIII, n°33, dezembro de 1980.

- NORA, Pierre. “La Génération”. In: NORA, Pierre (org.). **Les Lieux de Mémoire**. V. 2. Paris: Gallimard, 1997.
- ORTNER, Sherry. “Theory in anthropology since the sixties”. In: DIRKS, N. ELLEY, G. e ORTNER, S. (orgs.). **Culture/Power/History: a reader in contemporary social theory**. Princeton: Princeton Univ. Press, 1994.
- PELUSO JUNIOR, Victor Antônio. **Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina**. Florianópolis : Editora da UFSC: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1991.
- PEREIRA, Nereu do Vale. **Desenvolvimento e Modernização: um estudo de modernização em Florianópolis**. Florianópolis : Lunardelli, 1974.
- PESAVENTO, Sandra J. “Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano”. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV, vol. 8, n.16, p.282-284, 1995.
- _____. **O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris**, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre : Ed. da UFRGS, 2002.
- _____. “Crônica: fronteiras da narrativa histórica”. In: **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 8, n. 10, p. 61-80, 2004.
- _____. “Sensibilidades: escrita e leitura da alma”. In: PESAVENTO, S. e LANGUE, Frédérique. **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre : Ed. Da UFRGS, 2007.
- RAMOS, Átila Alcides. **Memória do saneamento desterrense**. Florianópolis : Ed. CASAN, 1986.
- RAMOS, Maria Bernadete. **Teatros da vida, cenários da História: A farra do Boi e outras festas na Ilha de Santa Catarina**. Tese (Doutorado em História) – PUCSP, São Paulo, 1991.
- SACHET, Celestino. “Fundamentos da literatura catarinense”. In: DEPARTAMENTO DE CULTURA DA SEC. **Fundamentos da Cultura Catarinense**. Rio de Janeiro : Editora Laudes, 1970.
- SANT’ANNA, Mara Rúbia. **Aparência e poder: novas sociabilidade urbanas, em Florianópolis, de 1950 a 1970**. Tese (Doutorado em História) – PPGHIST, UFRGS, 2005.
- SAN THIAGO, Acácio Garibaldi. “Do velho baú de reminiscências”. In: JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. **Catarinensismos**. Florianópolis : UDESC/Edeme, 1974.
- SIEBERT, Itamar. **Um biênio de provações e entusiasmos nas origens do jornalismo catarinense (1855-1856): entre a polemica política e o processo civilizador**. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 1995.
- VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis: Memória Urbana**. Florianópolis: Editora da UFSC e Fundação Franklin Cascaes, 1993.
- WEBER, Max; GERTH, Hans Heinrich; MILLS, Charles Wright. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2002.